JORGE DIMITROV

OBRAS ESCOLHIDAS

VOLUME 1

EDITORIAL ESTAMPA

OBRAS ESCOLHIDAS

JORGE DIMITROV

OBRAS ESCOLHIDAS

Volume I

EDITORIAL ESTAMPA

Tradução de *Maria Flor Marques Simões*

Capa de *Soares Rocha*

Distribuidor no Brasil:

Livraria Martins Fontes
Praça da Independência, 12
Santos — S. Paulo

Todos os direitos para esta edição estão reservados
por Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1976

ÍNDICE

Prefácio — O vencedor do fascismo 9
Depois do Primeiro de Maio 29
A necessidade de sindicatos no nosso país e a sua organização 35
O desenvolvimento económico na Bulgária 53
A resolução de Budapeste 63
Quem é contra a unidade? 69
Contra os créditos militares 73
A importância da Segunda Conferência balcânica 83
A favor dos povos pequenos 87
A via justa 91
Não ao indulto, sim à amnistia 95
Prefácio à brochura «Lénine aos operários da Europa e da América» 97
Tarefas dos sindicatos operários 101
O terceiro aniversário da Revolução russa 119
Moscovo ou Amsterdão 123
Um grande passo à frente 127
Os sindicatos e a ditadura do proletariado 131
Alocução em nome do Conselho Internacional das Uniões Sindicais Vermelhas ao IV Congresso dos sindicatos de toda a Rússia 135
O movimento sindical nos Balcãs 139
Nas vésperas da Semana Internacional Sindical Vermelha 145
Em defesa da Rússia Soviética contra o acolhimento dos exércitos de Wrangel na Bulgária 151

A ofensiva capitalista 153
Intervenção por ocasião da X Sessão do Segundo Congresso do Profintern 157
A frente operária única 161
Que via escolher? 167
A frente única e a ofensiva do capital 171
A frente única e a reacção burguesa 177
A frente única e a crise política 181
O medo da frente única do trabalho 185
Frente única ou colaboração de classe 189
Frente única ou especulação política 195
A sua frente 199
O que é que é melhor? 205
Agora ou nunca 211
Carta aberta aos operários e camponeses búlgaros 215
Depois da insurreição 223
Dois apelos lançados às massas trabalhadoras de todo o mundo 229
Às massas trabalhadoras de todo o mundo e aos operários e camponeses dos países balcânicos 233
Quem governa na Bulgária? 237
O que é preciso fazer 241
A frente única 245
Lénine e o movimento operário revolucionário nos Balcãs 249
Uma conferência socialista balcânica 253
O problema búlgaro e o Komintern 259
Notas 269

PREFÁCIO

O VENCEDOR DO FASCISMO

Militante eminente do movimento comunista e operário internacional, revolucionário de têmpera leninista, intrépido combatente contra toda a espécie de tirania e de escravatura, Jorge Dimitrov foi o guia incontestado do Partido Comunista Búlgaro. Os seus apelos ardentes e a sua luta infatigável por uma vida melhor, pela paz e harmonia entre os povos, conferiram ainda mais prestígio à sua atraente personalidade. Durante meio século, militou com uma inesgotável energia para o triunfo dessas ideias, pondo a sua inteligência brilhante e o seu talento original ao serviço da grande causa da libertação dos explorados, dos humilhados, dos oprimidos, trabalhando sem nenhum compromisso para o triunfo da mais profundamente humana e mais progressista democracia, para o triunfo do socialismo e do comunismo. Este operário com rosto de pensador, com um olhar simultaneamente sonhador e perspicaz, deu provas de um realismo revolucionário extraordinário; ao unir no seu espírito o presente e o futuro, o seu nome tornou-se sinónimo de valentia e de ideal progressista, de internacionalismo e de nobreza de alma.

Jorge Dimitrov nasceu na Bulgária, na aldeia de Kovatchevtzi (distrito de Pernik), a 18 de Junho de 1882. Com quinze anos apenas, emprega-se como tipógrafo em Sófia. Adolescente sensível e ávido de se instruir, aprenderá à sua custa o que a exploração capitalista significa; observará como

a personalidade se torna um mero valor bolseiro, facto que o auxiliará a compreender a verdadeira natureza de um regime social absurdo.

Em 1902, Dimitrov adere ao Partido Social-Democrata Búlgaro; por ocasião da cisão, em 1903, junta-se resolutamente à ala revolucionária marxista — os socialistas de esquerda que são chefiados pelo fundador do Partido, Dimitre Blagoëv, o mais notável marxista da sua época nos Balcãs. Em 1909, J. Dimitrov é eleito membro do Comité Central do Partido Social-Democrata (Socialistas de esquerda) — e continuará a sê-lo até à sua morte.

Desde a sua adolescência, Jorge Dimitrov toma uma parte activa nas lutas da classe operária. A sua actividade e os seus dons fazem com que o elejam membro da Direcção Central da União Geral dos Sindicatos Operários, quando da sua fundação em 1904; em 1909, como secretário, chefia o Conselho Central dos Sindicatos Revolucionários na Bulgária. Pela sua actividade revolucionária plena de abnegação, durante as duas primeiras décadas deste século, Jorge Dimitrov granjeou o afecto profundo dos trabalhadores e suscitou o implacável ódio de classe da burguesia. Esta empregou contra ele contínuas chantagens; vai vexá-lo e persegui-lo, prendê-lo e encarcerá-lo sem descanso. Mas isto não perturba nem faz hesitar Dimitrov, que organiza e dirige as mais amplas e as mais prolongadas greves do proletariado búlgaro. Na Assembleia Nacional, para a qual é ininterruptamente eleito de 1913 a 1923, J. Dimitrov defende com um ardor revolucionário apaixonado os interesses da classe operária e das massas trabalhadoras, desmascarando a política de exploração e belicista do palácio e da burguesia reaccionária búlgara. As actividades revolucionárias de Dimitrov contra a guerra imperialista, acarretam-lhe a sua prisão pela clique burguesa monárquica, durante a Primeira Guerra Mundial. Pela sua luta consequente e intrépida, pela sua capacidade para analisar a situação e dela tirar conclusões justas, afirma-se como dirigente perspicaz, disposto a arrastar as massas para o ataque, quando a conjuntura o impõe. Dirige a heróica greve dos ferroviários em 1919-1920 — a primeira batalha de classe durante o período de desenvolvimento revolucionário do pós-guerra na Bulgária. Em 1923, Jorge Dimitrov,

juntamente com Vassil Kolarov, dirige a Insurreição popular antifascista de Setembro — o grande baptismo de fogo do Partido Comunista e das massas trabalhadoras na luta armada contra o fascismo. A Insurreição, apesar do heroísmo de que as massas deram provas e dos êxitos iniciais, é afogada em sangue. J. Dimitrov consegue fazer emigrar os destacamentos que não foram esmagados. Os tribunais fascistas condenaram-no duas vezes à morte por contumácia. A partir de 1923, Dimitrov trabalha no seio do Comité executivo da Internacional Comunista, aí desenvolvendo o seu talento; desempenha, com muita habilidade, tarefas importantes. Em 1933, é preso pela polícia hitleriana em Berlim. Os nazis forjam em relação a ele uma acusação infame segundo a qual teria, pressupostamente, incendiado o Reichstag. No processo de Leipzig, o acusado Jorge Dimitrov transforma-se em acusador terrível do fascismo. A valentia de Dimitrov neste processo, inspirada pelo saber leninista, pelo internacionalismo proletário e por uma extraordinária coragem intelectual, fazem dele o símbolo vivo da luta coroada de êxito contra o fascismo.

Depois do final do processo de Leipzig, que desacreditou moral e politicamente os seus organizadores como inimigos da humanidade, e da libertação do prisioneiro, o governo fascista búlgaro recusou-se a reconhecer Dimitrov como cidadão búlgaro. Então, o governo soviético decretou-o cidadão da União Soviética e Dimitrov dirigiu-se a Moscovo. Imediatamente após ter sido libertado e ter chegado a Moscovo, não foi capaz de se resolver a descansar, embora isso lhe fosse muito necessário e lançou-se, de todo o coração, nas lutas levadas a cabo pelo movimento comunista internacional, estudando e analisando o progresso da unidade operária antifascista.

Em 1935, Jorge Dimitrov apresentou o principal relatório ao VII Congresso do Komintern. Na qualidade de erudito marxista-leninista inteiramente formado, enunciou o programa, a estratégia e a táctica de luta contra o fascismo e a guerra. O VII Congresso foi dominado pela poderosa personalidade de Dimitrov e elegeu-o secretário-geral do Comité Executivo do Komintern. Dimitrov presidiu aos destinos do Komintern até 1943, quando este cessou as suas actividades. Deu provas de uma notável capacidade para encontrar e

formar os quadros dirigentes, fiéis à grande doutrina marxista-leninista, ao princípio do internacionalismo proletário — combatentes revolucionários audaciosos, lutando pela salvaguarda dos interesses das massas populares nos seus próprios países.

Sob a direcção de Jorge Dimitrov, o Partido dos comunistas búlgaros conseguiu ultrapassar o espírito sectário e rearmar-se com as ideias leninistas, sem as quais não teria podido mais tarde chefiar as lutas do povo búlgaro contra o fascismo e o capitalismo.

Em 1941, quando se desencadeou a Segunda Guerra Mundial, o Partido Comunista Búlgaro, sob a direcção de Jorge Dimitrov, adoptou a linha política da insurreição armada, organizando o movimento dos «partisans» e chefiou a luta dos trabalhadores contra os ocupantes fascistas alemães e os seus lacaios búlgaros.

É sob a iniciativa de Jorge Dimitrov que em 1942 foram lançadas as bases da Frente da Pátria Búlgara, à qual, em breve, se reuniram todas as forças revolucionárias, que em Setembro de 1944 levou a cabo a revolução popular.

Dimitrov regressou à sua pátria a 6 de Novembro de 1945. À cabeça do Comité Central do P. C. B. e do Governo da República Popular da Bulgária, com uma energia inesgotável, com uma profunda penetração e perspicácia, com o talento de um grande homem de Estado, Jorge Dimitrov conseguiu fazer com que a Bulgária saísse do isolamento internacional, forjar e cimentar uma sólida união entre os operários e os camponeses — base de granito do poder popular, bem como efectuar com êxito as transformações sociais e económicas radicais, que orientaram definitivamente o país na via do socialismo.

Por isso, a Bulgária deu, pela primeira vez na sua história, provas de uma afeição tão sincera e profunda, de uma fé sem limites a um operário-revolucionário.

Jorge Dimitrov morreu a 2 de Julho de 1949.

Crescido no seio do seu povo, temperado nas lutas de classe do proletariado revolucionário, este grande organizador e ardente tribuno do Partido Comunista Búlgaro, este marxista-leninista tão esclarecido, tornou-se uma das principais

figuras do movimento operário internacional. J. Dimitrov legou-nos, não só o exemplo de dedicação à causa do comunismo que foi a sua vida, mas também uma preciosa herança de obras ideológicas. Estas estão reunidas nos 14 volumes publicados na Bulgária. Não há dúvidas de que o mais precioso destas obras, ainda hoje tem um grande interesse internacional, de que também actualmente pode servir a causa da libertação e da renovação no mundo. A erudição de Dimitrov não é apenas analítica, não é um fim em si, mas sim uma síntese do realismo dialéctico, de audácia criadora, de surpreendente capacidade para analisar os fenómenos sociais tão complexos, com lucidez e perspicácia e, ao fazê-lo, para estimular a evolução para a prática revolucionária, fecundada por um espírito revolucionário.

Estes seis volumes que oferecemos ao leitor contêm o que há de mais precioso na obra de J. Dimitrov. Os episódios reflectidos nas suas obras, frutos de determinadas situações, não têm decerto para o leitor a mesma importância do que a maneira de abordar o seu estudo e as conclusões cheias de ensinamentos daquilo que Dimitrov escreveu de 1903 a 1949. Esta obra contém certos trabalhos mais antigos que reflectem as condições da época e as lutas dos sindicatos pela unidade, contra o oportunismo e o capitalismo que daí provêm. Os artigos contra a guerra imperialista e os responsáveis pela catástrofe nacional não só são inspirados por um patetismo que desmascara todos os culpados, como também encerra conclusões optimistas que indicam a via a seguir para sair do impasse. Os artigos sobre o golpe de Estado fascista de 9 de Junho de 1923 e a Insurreição armada de Setembro, eram a justificação teórica da formação da frente única. Os artigos sobre o movimento revolucionário na Bulgária e nos Balcãs estão impregnados de um poderoso impulso criador revolucionário, de uma rara audácia do pensamento e do internacionalismo proletário. A obra também contém, na ordem cronológica, aquilo que Dimitrov disse em conexão com o processo de Leipzig, incluindo o notável discurso pronunciado perante o tribunal, o seu relatório perante o VII Congresso do Komintern bem como muitos outros discursos, revelando não só o panorama da situação política internacional da época, mas também a grandeza, o sentido profundo e a im-

portância da luta gigantesca das forças revolucionárias, progressistas e democráticas no mundo.

Além disso, a obra inclui trabalhos escritos desde o momento em que a tempestade da Segunda Guerra Mundial apareceu no horizonte até ao período do pós-guerra, quando tarefas eminentemente construtivas se apresentaram à revolução. O relatório ao II Congresso da Frente da Pátria e o relatório da actividade do C. C. do Partido Operário Búlgaro (comunistas) ao V Congresso do Partido são construídos em vários planos; avalia-se a via percorrida e tanto as perspectivas de desenvolvimento ulterior como as vias, as formas e os métodos de trabalho a adoptar, são apresentadas com um relevo surpreendente. Este volume também contém vários artigos e discursos sobre a edificação política, económica e cultural da nova Bulgária, declarações governamentais que constituem outros tantos programas, discursos pronunciados em «meetings» e reuniões, declarações sobre problemas de política estrangeira, etc.

As obras de J. Dimitrov reunidas nestes seis volumes dão um quadro de conjunto do movimento revolucionário na Bulgária, das vitórias e dos recuos temporários da classe operária, da luta persistente contra os oportunistas e os sectários de toda a espécie; contém conclusões e generalizações cheias de ensinamentos, extraídas das lutas do Partido revolucionário do proletariado búlgaro para a libertação social da classe operária e dos camponeses trabalhadores. Nestas obras J. Dimitrov analisou detalhadamente e justificou a táctica da frente única dos trabalhadores em diferentes circunstâncias; denunciou, perante todo o mundo, o rosto sanguinário e a essência de classe do fascismo. Os artigos e as cartas do período da Segunda Guerra Mundial encerram materiais importantes sobre a estratégia e a táctica adoptada na luta de libertação nacional contra o fascismo, sobre o carácter e a organização da Frente da Pátria enquanto união de combate de todas as forças patrióticas progressistas, pela mobilização das massas populares com vistas a apoderarem-se do poder.

J. Dimitrov era um revolucionário cujo destino foi não só dirigir as massas no ataque contra o capitalismo, como também mobilizá-las e organizá-las para construírem e viverem como novos homens, para edificarem as suas relações sem a exploração do homem pelo homem. Por isso, as obras do pós-guerra de Dimitrov estão impregnadas do espírito, das concepções e da prática do Partido Comunista Búlgaro no domínio da criação e da consolidação do novo regime social, para o triunfo da democracia popular, para a consolidação do socialismo nas condições de uma áspera oposição por parte da reacção, pela paz e pela cooperação entre os povos.

Nos artigos e nas declarações deste período, dá-se uma atenção particular aos problemas que dizem respeito ao reforço e ao alargamento a todos os domínios da amizade e da cooperação da Bulgária com a U. R. S. S. e os outros países socialistas, sem as quais o país dificilmente poderia recuperar o seu atraso e assegurar o triunfo do socialismo. J. Dimitrov via na atitude para com a U. R. S. S. o principal critério, que permitia determinar as verdadeiras posições de todo o homem político. Não se trata de um impulso de pensamento sentimental, mas sim da transformação dos princípios e da luta das massas numa regra histórica.

Determinados pensamentos directores afirmam-se, em numerosas obras de Dimitrov, com uma particular nitidez: a imperiosa necessidade de desenvolver e de reforçar os princípios do internacionalismo proletário, da coesão dos Partidos comunistas e operários, da amizade fraterna, da cooperação e da estreita união dos países do campo socialista, da luta sem piedade contra o nacionalismo e o cosmopolitismo. Dimitrov via na unidade do campo socialista e de todo o movimento comunista internacional o penhor da luta vitoriosa contra o sistema capitalista, contra o domínio imperialista e as provocações militares.

Cada linha desta recolha de obras de J. Dimitrov, esse grande militante antifascista e anticapitalista, é um brilhante testemunho do seu internacionalismo consequente, do seu profundo amor pelo seu povo, da sua fidelidade ao marxismo-leninismo.

Sem nos atribuirmos como tarefa, nesta introdução aos seis volumes de obras de J. Dimitrov, a apreciação do conjunto das suas actividades como militante comunista búlgaro e internacional e a sua herança ideológica e política, deseja-

X

ríamos, contudo, sublinhar algumas das particularidades mais características da sua actividade criadora.

Toda a maneira de pensar doutrinária e dogmática, as fórmulas aprendidas de cor e o pensamento enfatuado lhes eram estranhos, enquanto que a sua atitude crítica o impedia de ser altivo e surdo às opiniões dos outros. Não só era um grande militante para a causa da classe operária, possuidor de uma inteligência penetrante e lúcida e de uma considerável experiência, como era, antes de mais, um homem de pensamento audacioso e criador, de ideias muito concretas.

De todos os militantes do Partido dos socialistas de esquerda, J. Dimitrov é aquele que conseguiu ultrapassar completamente e até ao fim uma certa estreiteza de espírito revolucionário do ponto de vista da revolução proletária na época do imperialismo. Não foi portanto por acaso que o rearmamento do Partido dos socialistas de esquerda com o auxílio do leninismo e a transformação do Partido num organizador inspirado e eficiente das massas na luta pelo poder, se realizaram sob a direcção de J. Dimitrov.

Não é por acaso, que é precisamente Dimitrov quem com maior justeza e sob todos os seus aspectos soube tratar, nas vésperas da Insurreição de Setembro de 1923, os problemas da frente única na Bulgária. Nessa época, existia sobre esse problema na imprensa comunista internacional uma confusão bastante grande. Os artigos de J. Dimitrov sobre a frente única, incluídos nesta recolha em seis volumes, dão provas do conhecimento profundo da substância da doutrina leninista sobre a aliança dos operários e dos camponeses, de uma atitude científica na análise das relações sociais e, portanto, de uma capacidade para determinar claramente os objectivos imediatos do Partido na situação concreta na Bulgária, pouco depois do golpe de Estado fascista de Junho de 1923. As ideias tratadas, materializando-se não em postulados de táctica aperfeiçoada no silêncio do gabinete, constituem uma vitória sobre a preguiça de espírito doutrinária, que impedia a união de todas as forças dos trabalhadores das cidades e dos campos, na luta contra a ofensiva do fascismo. A audácia do pensamento acompanha neste caso a audácia no combate. Sem um pensamento audaz, a coragem não passa de um aventureirismo inconsciente.

O relatório de Dimitrov ao VII Congresso do Komintern é um exemplo brilhante de aplicação criadora da doutrina marxista-leninista no exame dos problemas da táctica do movimento operário e comunista internacional. Nesse relatório, o pensamento doutrinal, o dogmatismo, as fórmulas ocas, os estereótipos e os vícios do sectarismo são submetidos a uma crítica impiedosa, enquanto a tarefa de criar uma frente popular e unida é apresentada na base de uma análise obrigatória da situação concreta em cada país, tendo necessariamente em conta as suas particularidades históricas e sociais.

No seu relatório J. Dimitrov assinala que o fascismo é uma arma dos elementos mais reaccionários, mais chauvinistas e mais imperialistas da grande burguesia que, com o auxílio da ditadura fascista, querem vencer as mais agudas contradições internas e internacionais do capitalismo. Prova que «o fascismo é um poder cruel, mas não sólido», que «o fascismo que resulta da decadência do sistema capitalista, actua em última análise como um factor da sua desagregação ulterior». Mas o fascismo só pode ser derrubado pela luta revolucionária.

«A primeira coisa que é necessário fazer, pela qual é necessário começar, é realizar a frente unida, estabelecer em todas as empresas, em todas as secções, em todas as regiões, em todos os países, em todo o mundo, a unidade de acção dos operários. A unidade de acção do proletariado à escala nacional e internacional, eis a poderosa arma que torna a classe operária capaz, não só de se defender com êxito, como também de passar com êxito à contra-ofensiva contra o fascismo, contra o inimigo de classe.»

Como revolucionário ardente, estreitamente ligado às massas trabalhadoras, Dimitrov não se podia resignar à satisfação beata e à passividade dos sectários. A fraseologia revolucionária, que apenas mascara o abandono do trabalho sistemático pela mobilização das massas, é-lhe estranha. Dimitrov ensina-nos que não basta saber o que é necessário fazer, é preciso fazê-lo. Por isso, na conjuntura da ofensiva fascista da burguesia, a criação de uma frente proletária unida se torna mais imperiosa do que nunca.

Dimitrov apela com ardor e paixão para que se aplique a táctica da frente unida de uma maneira nova — mais auda-

ciosa e tenazmente, mais judiciosa e eficazmente. Vê como é que, face ao fascismo em plena ofensiva, se formam nas fileiras dos Partidos sociais-democratas grupos de esquerda de elementos honestos com espírito revolucionário, que rompiam com a política burguesa dos dirigentes reaccionários e trabalhavam por uma frente unida da classe operária. É precisamente neste processo de aquisição do espírito revolucionário pelos operários sociais-democratas que Dimitrov vê reais possibilidades para desenvolver com êxito o movimento a favor de uma frente unida do proletariado. Dimitrov confere uma grande importância à luta pela unidade sindical. E levanta audaciosamente o problema da criação, em determinadas condições, de um Partido de massa unificado da classe operária, como um objectivo afastado do movimento da frente unida proletária. A prática da história confirmou esta dedução. Depois da Segunda Guerra Mundial, realizou-se em todas as democracias populares a unidade política da classe operária para a criação de Partidos operários de massa unificados, sobre a base ideológica do marxismo-leninismo. O Partido Operário Unificado também se tornou a espinha dorsal do poder de Estado da República Democrática Alemã.

A reunião das forças do proletariado, a criação de uma frente unida do proletariado não eram suficientes. Jorge Dimitrov apela para a formação de uma vasta frente popular antifascista na base de uma frente proletária unida. Para realizarem este imperativo, os Partidos comunistas devem unir-se estreitamente com o campesinato trabalhador, com a pequena-burguesia citadina e com os intelectuais, defender resolutamente as justas reivindicações destas camadas da população, fazendo-as ao mesmo tempo participar activamente na luta do proletariado contra a feroz ofensiva da burguesia fascista.

Paralelamente, J. Dimitrov ergue bem alto o estandarte da frente unida anti-imperialista dos povos dos países coloniais e semicoloniais. Aliás, a expansão do movimento de libertação nacional contra os dominadores imperialistas, as suas vitórias durante os anos após a Segunda Guerra Mundial e o desmoronamento do sistema colonial não serão o triunfo da ideia da frente unida anti-imperialista e da sua passagem à prática?

Simultaneamente Dimitrov apela para a formação de uma vasta frente popular em todos os países, contra a ameaça de uma guerra imperialista. A perspicácia de Dimitrov atinge aqui a sua conclusão lógica: não poderia haver constatações fatalistas a respeito de uma guerra imperialista. Embora as guerras sejam o produto do capitalismo, isso não significa no entanto que seja impossível evitar a guerra e salvar a paz. As guerras podem ser evitadas ou adiadas e a paz pode ser salvaguardada, se os trabalhadores de todo o mundo unirem as suas forças numa poderosa frente popular contra o perigo de uma guerra imperialista. Pela sua actividade combativa, são capazes de fazer fracassar os planos imperialistas. Contudo, nas vésperas da Segunda Guerra Mundial, as forças da paz não conseguiram unir-se numa frente popular suficientemente sólida e unida para impedir a guerra.

Nas novas condições, após a Segunda Guerra Mundial, J. Dimitrov continuou a trabalhar sem descanso para o alargamento e a consolidação da frente internacional para a salvaguarda da paz mundial, sobre a qual continua a pesar a monstruosa ameaça das forças imperialistas, encabeçadas pelos Estados Unidos.

O relatório de J. Dimitrov ao VII Congresso do Komintern orientava os quadros dirigentes dos Partidos comunistas para a rejeição do esquematismo e dos estereótipos na aplicação dos princípios marxistas-leninistas à estratégia e à táctica. Os dirigentes são obrigados a ter em conta condições concretas em cada país, a estabelecer um estreito contacto com as massas trabalhadoras, a serem capazes de se orientarem sozinhos em cada conjuntura, a ter a autoridade necessária para dirigir as massas. Todas estas declarações estão impregnadas de um espírito de luta contra o deixa-andar, de um espírito que visa aumentar ao máximo a actividade e a solidariedade dos comunistas.

A linha política do VII Congresso, que marcava uma viragem na política do movimento operário internacional, foi elaborada por J. Dimitrov com a mais activa colaboração dos mais destacados dirigentes dos Partidos comunistas. Esta linha correspondia às novas condições de luta do proletariado; por isso foi adoptada com uma profunda satisfação e aplicada com tenacidade e optimismo.

A necessidade de abordar concretamente de uma maneira criadora a solução dos problemas fundamentais do desenvolvimento social também foi demonstrada por J. Dimitrov por ocasião da análise dos problemas de estratégia e de táctica, das vias, das formas e dos métodos da luta revolucionária pelo poder.

No seu relatório ao VII Congresso do Komintern (1935), J. Dimitrov critica os oportunistas de direita porque «tentam» estabelecer «um estádio democrático intermédio particular entre a ditadura da burguesia e a ditadura do proletariado, criar entre os operários a ilusão de um passeio parlamentar de uma ditadura à outra».

A formulação dada por J. Dimitrov era justa para a sua época. Nesse momento a situação internacional não permitia falar de uma transição pacífica, por via parlamentar, do capitalismo para o socialismo, porque em muitos países o fascismo tinha passado à ofensiva, enquanto que na União Soviética, o único baluarte do comunismo, rebentavam as mais sujas e impetuosas vagas. Tinha chegado o momento de substituir a charrua pelo gládio. O inferno da guerra parecia impor-se para dissipar as ilusões, para que as massas pegassem em armas.

A vitória das forças democráticas na guerra contra a Alemanha hitleriana durante a Segunda Guerra Mundial acarretou, à escala mundial, alterações na relação de forças entre o capitalismo e o socialismo, favoráveis a este. A coligação hitleriana foi esmagada e o imperialismo enfraquecido. A União Soviética transformou-se numa poderosa força material e espiritual. O isolamento foi liquidado de uma vez por todas. A revolução socialista triunfou numa série de países da Europa e da Ásia. Formou-se o campo socialista. Em muitos países, oprimidos pelo imperialismo, o gigantesco movimento de independência e de libertação nacional venceu. Os fundamentos do colonialismo ruíam. A luta pela democracia e pelo socialismo estenderam-se a todos os povos do mundo. O movimento dos povos pela paz tomou uma amplitude sem precedentes. Nesta conjuntura a transição pacífica parlamentar para o socialismo tornou-se uma possibilidade real nos diferentes países. É precisamente desta possibilidade que J. Dimitrov fala na sua conversa com os activistas da União das Juventudes Operárias em 1946.

Jorge Dimitrov declarou nomeadamente:

«O caminho da insurreição armada não é inevitável e necessário; em determinadas condições particulares pode-se chegar ao socialismo sem insurreição armada. Estas condições estão actualmente criadas: pela existência, por um lado, de um grande Estado socialista que possui uma enorme influência política e moral — a União Soviética — e por outro lado pelas transformações democráticas, que ocorrem em vários países e que aplanam a via para o socialismo.»

Na base da concepção de J. Dimitrov segundo o qual é possível utilizar formas pacíficas para passar ao socialismo, está o problema da transformação revolucionária da sociedade, da variedade e da utilidade de todos os meios de uma luta de classe tenaz, cujo objectivo último se resume ao triunfo do socialismo. Por isso, esta concepção não tem nada em comum com as teorias reformistas dos oportunistas, que não tocam na natureza e nas bases do capitalismo. Portanto, ao pôr o problema das vias de transição para a ditadura do proletariado de uma maneira até 1944 e de outra depois desta data, J. Dimitrov tinha em conta condições concretas do momento, partia da concepção segundo a qual cada situação põe os seus próprios problemas, indica as suas próprias vias a seguir. Trata-se de duas formulações para dois períodos históricos diferentes, cada um dos quais corresponde às condições do momento.

Seguindo a mesma lógica, J. Dimitrov analisa, por volta dos anos vinte, o problema da federação balcânica de um modo diferente daquele que utilizará mais tarde. Anteriormente J. Dimitrov defendia o ponto de vista do Partido Comunista Búlgaro segundo o qual a formação de uma federação dos povos balcânicos, que permitisse derrubar o domínio dos grandes proprietários fundiários e da burguesia, constituía a solução mais justa para o problema das nacionalidades nos Balcãs. A palavra de ordem de uma «Federação dos povos balcânicos» foi lançada pelos socialistas de esquerda em 1912. Nesta ocasião, V. I. Lénine considerou-a inteiramente justa. No seu artigo «Um novo capítulo na história mundial» escrevia: «Os operários conscientes dos países balcânicos foram

os primeiros a lançar a palavra de ordem para uma solução democrática consequente do problema das nacionalidades nos Balcãs. Esta palavra de ordem é: a "República federativa balcânica".» (Obras, *tomo 18, p. 340.)*

Mas a palavra de ordem de uma federação balcânica perdeu a sua força ainda antes da Segunda Guerra Mundial quando, em todos os países balcânicos, a luta contra o fascismo passou a estar em primeiro plano. Depois da Segunda Guerra Mundial, a situação nos Balcãs mudou radicalmente. Os povos da Bulgária, da Jugoslávia e da Albânia enveredaram pela via do socialismo. Na Grécia e na Turquia, o capitalismo continuava a dominar. Nesta conjuntura, esta palavra de ordem perdeu a sua razão de ser e é por isso que, no relatório ao II Congresso da Frente da Pátria, em 1948, J. Dimitrov exprimiu a atitude negativa do Partido Comunista Búlgaro em relação à ideia de uma federação balcânica nas novas condições.

O talento de J. Dimitrov para aplicar de uma maneira criadora a doutrina marxista-leninista na análise da situação e para determinar as tarefas práticas, manifestou-se claramente por ocasião da solução dos problemas fundamentais da tomada do poder e da transição do capitalismo para o socialismo na Bulgária.

Jorge Dimitrov esforçou-se sempre por apreender as particularidades de cada etapa do desenvolvimento social e político na Bulgária e por indicar as tarefas essenciais do Partido em função desse desenvolvimento. Possuía o talento de, em cada situação concreta, encontrar a malha que devia ser agarrada para resolver judiciosamente os problemas chegados à maturidade, estimulando continuamente o espírito de iniciativa e a energia das mais vastas camadas das massas trabalhadoras. Evitou sempre queimar etapas e lutou impiedosamente contra aqueles a quem a árvore isolada impede de ver a floresta ou vice-versa.

Jorge Dimitrov deu o exemplo de que um dirigente do Partido só pode ser um verdadeiro marxista-leninista, um verdadeiro dirigente do povo, se for capaz de orientar o pensamento colectivo do Partido para descobrir o que é particular e específico a uma nação. Ora, isso só é possível abordando concretamente a tarefa internacional comum — a de tomar o poder à burguesia e de estabelecer a ditadura do proletariado. A dedicação ao comunismo obriga o revolucionário profissional a ter em conta tanto as tarefas de princípio fundamentais da luta contra o oportunismo de direita e de esquerda, como as particularidades concretas, que esta luta tem inevitavelmente que ter em conta em cada país, em função das condições históricas, nacionais, sociais, culturais particulares. O espírito crítico de Jorge Dimitrov educou muitos militantes na Bulgária e permitiu ao Partido Comunista Búlgaro analisar com coragem e justeza a sua própria experiência e muito especialmente as lições das graves derrotas em 1923.

Por isso, mais tarde, o Partido conseguiu transformar o erro em vitória, o direito — na verdade, para apreender a essência dos problemas que levantavam perante os trabalhadores que aspiravam à unidade. Nas condições de uma das mais cruéis lutas de classe e sob o terror fascista, aproveitando-se das mais pequenas possibilidades de actuar legalmente, o Partido Comunista Búlgaro soube encontrar uma solução e as vias apropriadas para o problema que consistia em derrubar o domínio burguês e em estabelecer o poder do proletariado. Na ocorrência, as condições nacionais específicas exigiam a formação de uma vasta frente popular democrática antifascista, a Frente da Pátria, dirigida pelo Partido Comunista. A base desta organização era constituída pela aliança de combate da classe operária e do campesinato trabalhador.

No seu discurso na Conferência Regional do Partido em Sófia em 1946, Jorge Dimitrov declarava: «Todos os povos passarão ao socialismo, não por uma via idêntica, estereotipada, não precisamente pela via soviética, mas pela sua própria via, de acordo com as suas condições históricas, nacionais, sociais, culturais e outras.»

Por outro lado, no relatório ao V Congresso do Partido diz-se:

«Nunca perdemos de vista a perspectiva geral da nossa evolução para o socialismo. Tivemos sempre claramente consciência de que a supressão do fascismo, a realização de toda uma série de reformas, já indicadas no programa da Frente da Pátria de 17 de Julho de 1942, estão indissoluvelmente

ligadas ao nosso fim último: o socialismo e o comunismo. Já por mais de uma vez sublinhámos que do ponto de vista do nosso Partido, enquanto vanguarda da classe operária, a realização até ao fim do programa da Frente da Pátria equivale à criação de condições indispensáveis ao nosso povo para avançar para o socialismo. Sublinhamos sempre que não há nenhuma contradição entre a nossa política da Frente da Pátria e a luta tendente à união de todas as forças democráticas e progressistas na Frente, para a realização do seu programa, por um lado, e a luta pelo socialismo, por outro.»

No relatório de actividade, apresentado ao V Congresso do Partido Operário Búlgaro (comunistas), Jorge Dimitrov explicou detalhadamente as condições de formação e o carácter da democracia popular. Formulou a natureza do Estado durante o período transitório das democracias populares enquanto forma política da dominação da classe operária, aliada ao campesinato trabalhador, enquanto instrumento para a edificação do socialismo.

Com base no desenvolvimento de uma série de países na Europa, desligados do sistema capitalista, J. Dimitrov provou que o regime de democracia popular criado nesses países, graças à existência da União Soviética e do seu auxílio, desempenhava com êxito as funções de ditadura do proletariado. Viu na democracia popular, enquanto forma particular da ditadura do proletariado, as funções do Estado popular, do trabalho, da honra e da razão.

As conclusões e as formulações teóricas, feitas por J. Dimitrov, contribuíram para descobrir, apesar da incrível complexidade de certos conflitos, o momento e as formas de actividade mais oportunas, para resolver os problemas chegados à maturidade. Por isso, quando os exércitos de libertação soviéticos, que perseguiam os hitlerianos, penetraram na Bulgária, a revolução popular já estava no auge. A luta nacional de classes tinha a sua forma de organização e as suas forças armadas, que facilitaram o aparecimento da nova vida; por isso, a 9 de Setembro de 1944 a ditadura fascista foi varrida por uma poderosa insurreição armada. Pela primeira vez na história da Bulgária, era formado um governo popular, o da Frente da Pátria.

O Partido Comunista tinha profundas raízes no povo. Nos comités da Frente da Pátria, nas cidades e nos campos, os comunistas tinham a maior autoridade. O Partido tinha deste modo assegurado um papel dirigente em todos os domínios da vida social e política, incluindo no governo, onde os comunistas nessa ocasião apenas constituíam uma minoria.

Esse papel dirigente sobressaía sobretudo nas medidas de ordem prática tomadas para o desenvolvimento da Bulgária na via do socialismo. A experiência histórica mostra que para liquidar totalmente o fascismo, assegurar os direitos democráticos aos trabalhadores, salvaguardar a independência do país, abrir as mais vastas perspectivas ao seu desenvolvimento nacional e social, é necessário em primeiro lugar acabar com o capitalismo, arrancar aos exploradores a sua omnipotência política e económica.

A grande viragem não é um curto instante, mas começa por preparativos cuidadosos. Depois do êxito da insurreição, foi necessário preparar durante três anos todas as condições para dar o golpe final no capitalismo, para passar directamente à edificação do socialismo. Jorge Dimitrov lutou com convicção e paixão contra todos aqueles que não queriam esperar e que estavam dispostos a apressarem-se. Assinalava que a insurreição contra a ditadura fascista na Bulgária tinha eclodido numa ocasião em que a guerra contra a Alemanha hitleriana ainda continuava. Terminar vitoriosamente essa guerra ultrapassava tudo nesse momento. Não se deviam tomar outras medidas que tivessem prejudicado essa finalidade. Toda a atenção e todos os esforços estavam orientados no sentido de realizar as seguintes tarefas de importância vital: primeiro — a participação da Bulgária com todas as suas forças na guerra ao lado dos povos amantes da liberdade, contra a Alemanha hitleriana sob a direcção da U. R. S. S., para que o nosso país possa deste modo dar o seu contributo à luta pela libertação dos Balcãs dos invasores nazis e uma vitória decisiva sobre estes últimos; segundo — reduzir a nada os esforços conjugados da reacção interna e internacional, que aspira a fazer voltar atrás a roda da história e restaurar a ditadura burguesa na Bulgária; terceiro — fazer um tratado de paz justo, que assegure a independência nacional, a integridade territorial e a soberania do país.

A linha política seguida por J. Dimitrov, que visava reunir todas as forças patrióticas democráticas em torno do Partido Comunista, em nome de uma vitória total sobre o fascismo e a reacção, foi de uma extraordinária flexibilidade, de uma audácia criadora e ao mesmo tempo fiel aos princípios. Uma política perspicaz dá provas do seu carácter científico, enquanto que a sua realização constitui uma certeza de sucesso para as tarefas futuras. Permanecendo à frente do exército sempre crescente da Frente da Pátria, em todas as etapas sucessivas do desenvolvimento social, o Partido Comunista deve utilizar as forças e as possibilidades dos diferentes elementos e destacamentos desse exército, no interesse da evolução constante do país na via do socialismo. É claro que se podem destacar tropas e elementos isolados, em função das tarefas fixadas; contudo, durante o processo do trabalho e da luta em comum, as diferentes camadas do imenso exército político da Frente da Pátria aproximar-se-ão; reforçarão a sua actividade conjunta para a edificação da nova sociedade. A experiência do desenvolvimento da democracia popular búlgara em matéria de construção do socialismo durante as duas décadas que passaram confirmaram brilhantemente a vitalidade da táctica seguida pela Frente da Pátria, elaborada por J. Dimitrov. Não só era uma táctica prudente e criadora, como também um verdadeiro humanismo, uma táctica de aplicação judiciosa dos princípios do marxismo--leninismo às condições da Bulgária que teve como consequência a consolidação em todos os domínios das posições e do papel dirigente da classe operária no Estado, a total vitória do povo sobre a reacção e a criação de todas as premissas para a passagem definitiva à edificação do socialismo.

Um traço característico da aplicação criadora dos princípios leninistas às transformações revolucionárias, e da utilização criadora da experiência soviética, é fornecida pela atitude de Jorge Dimitrov em relação à via a seguir na reorganização socialista da agricultura búlgara.

O contributo de Dimitrov para a reorganização socialista da aldeia búlgara é imenso, porque descobriu uma nova fórmula, até então desconhecida do socialismo — as fazendas cooperativas, que constituíam a forma mais apropriada na Bulgária à psicologia do camponês e à história da agricultura no país.

As fazendas cooperativas nasceram e desenvolveram-se nas condições da propriedade privada da terra. É inconcebível concluir a edificação do socialismo no campo sem a nacionalização da terra. Jorge Dimitrov formulou e participou a possibilidade de uma nacionalização de facto da terra, resultante da entrada voluntária dos camponeses pobres e médios nas fazendas cooperativas, da expansão das estações das máquinas e dos tractores como ponto de partida da monocultura, da proibição de arrendar as terras aráveis, limitando e proibindo a compra e a venda dessas terras, diminuindo, e depois abolindo, por decisão dos cooperadores, logo que as condições o permitissem, a renda prevista para os proprietários das terras. Pela aplicação dessa política, o problema da nacionalização da terra na Bulgária estava praticamente resolvido, porque toda a terra arável era cedida em usufruto para sempre aos camponeses trabalhadores. Eis por que motivo não seria exagerado afirmar que Jorge Dimitrov realizou de facto a fusão de toda a nossa terra natal ao inaugurar um novo princípio social.

Jorge Dimitrov foi um grande patriota búlgaro e, portanto, um internacionalista consequente até ao fim. Em toda a sua actividade, nunca opôs o patriotismo ao internacionalismo, nem o internacionalismo ao patriotismo. Estava profundamente convencido de que a força do revolucionário proletário, como de todo o militante progressista, reside na união harmoniosa do patriotismo e do internacionalismo. Dimitrov ensinava os comunistas a lutar com abnegação pela independência nacional e a liberdade da pátria contra os dominadores fascistas.

«Nós, os comunistas — declara J. Dimitrov — somos por princípio adversários irredutíveis do nacionalismo burguês sob todas as suas formas. Mas não somos partidários do niilismo nacional e nunca devemos agir como tal.» Pelo contrário, «é indispensável — prossegue — mostrar ao mesmo tempo pela própria luta da classe operária e pelas acções do Partido Comunista, que o proletariado, ao insurgir-se contra toda a espécie de escravatura e de opressão nacional é o único ver-

dadeiro combatente pela liberdade nacional e pela independência do povo».

O internacionalismo proletário não só não está em contradição com a luta dos trabalhadores pela liberdade nacional, social e cultural em cada país, mas também assegura, graças à solidariedade proletária internacional, a unidade de combate, o apoio necessário ao desenvolvimento vitorioso dessa luta.

Toda a vida de Jorge Dimitrov tinha sido devotada à nobre luta cheia de abnegação pela libertação dos trabalhadores em todos os países da sangrenta opressão e do jugo bárbaro do capitalismo e do imperialismo. A sua imensa energia e o seu coração ardente, bem como as suas múltiplas actividades foram sempre orientadas para o triunfo da causa dos operários, de todos os trabalhadores e oprimidos no mundo.

A sua profissão de fé perante o tribunal fascista em 1933 não será esquecida:

«A roda da história gira, avança...

E a essa roda, não a conseguirão parar nem com medidas de exterminação, nem com condenações a trabalhos forçados, nem com execuções. Ela gira e continuará a girar até à vitória definitiva do comunismo!»

Por isso, é com justiça que a classe operária internacional e os homens progressistas de todo o mundo apreciaram muito e continuam a apreciar o contributo histórico de Jorge Dimitrov para essa obra grandiosa que é a luta pelo futuro comunista da humanidade.

Embora já não esteja entre nós, os trabalhadores de todas as regiões do nosso país continuam a pronunciar o seu nome com respeito e afecto. Canções e lendas perpetuam a sua memória. Não é de modo algum um ídolo, mas um homem que soube exprimir as aspirações das gentes simples com um vigor e uma fé extraordinárias.

O progresso inevitável da História confunde-se com o seu pensamento sempre vivo e com a sua obra e realça-os; por isso o caminho que levará o povo até ele nunca estará coberto de espinhos.

SPASS RUSSINOV

DEPOIS DO PRIMEIRO DE MAIO

Este ano, a festa do trabalho foi celebrada de um modo particularmente imponente em todas as grandes cidades búlgaras. O abandono em massa das oficinas e das fábricas, a interrupção da publicação da imprensa diária e de uma série de actividades produtivas, a participação nas manifestações do 1.° de Maio de uma parte considerável dos operários que ainda ontem eram indiferentes às lutas dos seus camaradas organizados — tudo isso confere ao 1.° de Maio deste ano um carácter de demonstração e de agitação sem precedentes.

Nesta jornada grandiosa pela sua importância histórica e política, não só tivemos a feliz oportunidade de manifestar com o proletariado de todo o mundo a nossa solidariedade de classe e as nossas reivindicações proletárias, de nos manifestarmos contra o regime capitalista vigente, mas também de contar as nossas fileiras, de avaliar as nossas forças, de nos darmos conta do caminho percorrido, para nos convencermos de modo ainda mais firme de que o movimento operário socialista na Bulgária, apesar de todas as hesitações e desmoronamento internos, se desenvolve normalmente e avança regularmente.

Graças à agitação e à propaganda, constante e energicamente conduzidas entre os operários durante o ano que decorreu desde o último 1.° de Maio, em todos os centros proletários mais importantes, tal como Sófia, Plovdiv, Roussé, Slivene, Plevene, etc., as nossas organizações do Partido e dos sindicatos podem apresentar sucessos apreciáveis, não só no

que diz respeito à sua actividade no domínio cultural e da organização, como nas suas lutas que procuram melhorar as condições de trabalho e aplanar o caminho ao movimento operário, livrá-lo das influências estranhas e dos obstáculos que a burguesia se esforça sistematicamente por criar. Sob a influência das organizações operárias socialistas, as greves frequentes que, no início, não passavam da expressão espontânea do descontentamento efervescente dos operários contra a exploração sem limites, adquirem cada vez mais, nestes últimos tempos, o carácter de uma luta organizada com o objectivo de melhorar as condições de trabalho dos operários e tornam-se uma boa escola para a sua educação de classe. Embora os seus resultados práticos sejam muito limitados, a sua utilidade no plano da organização e da educação de operários é incalculável. Ora, o número de operários que tomam conscientemente parte nas lutas políticas sob a bandeira do nosso Partido, aumenta incessantemente. A manifestação de Dezembro contra a lei sobre o artesanato e as reuniões operárias de protesto que se realizaram em todo o país a 19 de Fevereiro para a aplicação, a extensão e a alteração da lei sobre o trabalho das mulheres e das crianças, constituem uma prova manifesta da crescente consciência política dos operários. Logo após o 1.° de Maio isto pôde ser igualmente verificado com a luta dos tipógrafos de Sófia contra a imprensa governamental personificada pelo *Vetchrna Pochta* de Changov, o seu mais típico representante.

Quando assinalamos estes êxitos, não devemos esquecer que, embora aquilo que foi feito e realizado pelas nossas organizações não possa ser menosprezado, continua a ser muito insuficiente. Ainda há muito a fazer para atingir o grau de força, de consciência e de disciplina, indispensáveis para poder conduzir vitoriosamente as próximas lutas operárias.

A percentagem de operários sindicalizados ainda é muito fraca entre nós. Centenas de operários e operárias continuam totalmente afastados da influência da agitação socialista, ignorando ainda a ideia de se organizarem e de luta organizada. O número de operários *de fábrica* que estão sindicalizados é insignificante. Nos nossos sindicatos só há *algumas operárias*. Independentemente daquilo que acabamos de dizer, há

sindicatos, sobretudo em Sófia e em Varna, que constituem uniões de um tipo particular e se acham não sob a direcção do Partido Operário Social-Democrata, mas de uma fracção da pequena burguesia. Um grande número dos nossos sindicatos são fracos do ponto de vista da organização e das finanças, em consequência do que só irregularmente e de modo restrito cumprem as suas funções sindicais. Outros acabaram de se consolidar e ainda não estão seguros. Em certas organizações do Partido, o elemento proletário está pouco representado. Faz-se sentir uma grande penúria de operários altamente conscientes — agitadores e propagandistas. Em certas cidades, a educação socialista dos operários não é de modo algum sistemática e chega mesmo a ser negligenciada. A nossa imprensa não tem uma difusão suficiente, por isso a sua influência nas massas operárias é limitada. Há mesmo operários organizados (em certos sindicatos o seu número não é de desprezar) que não recebem o órgão da sua união, o *Rabotnitcheski vestnik*, enquanto que uma grande parte dos operários sindicalizados não assinam o *Novo Vreme*.

Além disso, as condições em que os operários búlgaros trabalham e vivem, são de uma grande miséria. O dia de trabalho excessivamente longo, os salários baixos, as condições insalubres nas oficinas e nas fábricas, o trabalho de noite e nos dias feriados, o recurso ao trabalho das mulheres e das crianças em grande escala, o desemprego frequente, a ausência de qualquer espécie de restrição legislativa séria à exploração — tudo isso não permite que as largas camadas operárias tenham uma existência decente, lança-as na degenerescência e levanta obstáculos à sua elevação, à sua organização e ao desenvolvimento da sua consciência de classe. É notório que um operário esmagado, enfraquecido por um trabalho diurno e nocturno e por uma alimentação insuficiente, não poderia ser um elemento de valor para a organização operária. Não tem a possibilidade de respirar fundo depois de um trabalho fatigante, de frequentar regularmente reuniões e conversas, de ler, de encontrar livremente camaradas, de prestar uma maior atenção à sua organização e de participar nas suas actividades de organização e culturais. Numerosos sindicatos e sociedades culturais são obrigadas a só raramente convocarem reuniões e conferências visto que a maioria dos seus

membros trabalham 12 a 15, até mesmo 17 horas por dia e não dispõem regularmente da sua folga dos dias feriados. Além disso, a fraqueza financeira dos nossos sindicatos e a sua consolidação muito lenta sob este aspecto são devidos antes de mais aos baixos salários dos operários, que de momento não permitem um aumento considerável das quotizações, absolutamente insuficientes para as necessidades da luta sindical, da agitação e da propaganda sindicais e da entreajuda sindical. Eis as razões pelas quais é de uma *importância vital* para o bom desenvolvimento das organizações operárias obter melhores condições de trabalho, uma verdadeira legislação operária.

Além disso, os movimentos que se manifestam no seio da nossa classe operária, a sua organização e o seu desenvolvimento enquanto força política e social independente, intransigente, chamaram a atenção da burguesia, fizeram-na mobilizar as suas forças e adoptar uma atitude ofensiva em relação ao movimento socialista. A aplicação da lei sobre o artesanato, a criação de um projecto de lei sobre as pessoas jurídicas, a «política social» (1) do actual governo, têm como tarefa desviar o movimento operário do seu fim último e natural — a abolição da actual exploração capitalista — e atribuir-lhe tarefas que não ultrapassam os limites da ordem burguesa vigente. Tal como os capitalistas importam do Ocidente os mais aperfeiçoados meios de produção — última palavra da técnica — assim a burguesia adopta os mais modernos meios de luta contra a democracia social. Todos os organismos e instituições da burguesia se preocupam seriamente com a eliminação desse «perigoso inimigo». A imprensa burguesa, e muito especialmente a de obediência governamental, espalha em larga escala entre os meios operários a desinformação, para os manter na ignorância e na resignação ao actual estado de coisas. O Santo Sínodo traduz e publica em milhares de exemplares pequenas brochuras «científicas» contra o socialismo, distribuídas gratuitamente. Organizam-se «conversas populares» em que, paralelamente a conhecimentos de ordem geral, também há cursos sobre a «inconsequência» e a «utopia» do marxismo. Por outro lado, o órgão governamental *Nov Vek* utiliza todas as ocasiões propícias, para apresentar o seu Partido como defensor e benfeitor dos operários que

incita a abandonarem as organizações socialistas e a inscreverem-se no seu Partido. Os agentes do governo apressaram-se a importar os métodos de Zubatov (2). Formaram uma união dos ferroviários para os desviar da sua própria organização. Por outro lado, o Partido dos radicais-democratas prepara-se para se introduzir entre os operários com a sua demagogia, para os organizar em benefício dos fins que a burguesia pretender atingir, contra a democracia social. Além disso, a União dos Industriais (3) já não se contenta com diligências destinadas a favorecer este ou aquele industrial, mas vai mais longe, quer defender a classe capitalista contra a ofensiva do movimento socialista. Declara-se resolutamente contra a aplicação da lei sobre o trabalho das mulheres e das crianças e reclama insistentemente a proibição por via legislativa das greves. A União dos Artesãos (4) também não fica de braços cruzados. Também dirige os seus dardos contra os operários, procurando por todos os meios possíveis submetê-los à influência das organizações artesanais e impedi-los de se organizarem no seio dos sindicatos socialistas.

É portanto evidente que nos achamos nas vésperas de lutas sindicais e políticas bastante vastas e violentas, tanto para melhorar a situação dos operários como para aplanar o caminho ao movimento operário e repelir os assaltos reaccionários da burguesia; estas lutas exigem organizações muito mais poderosas do que aquelas de que a classe operária dispõe actualmente no nosso país.

Eis porque é que, depois da celebração da festa socialista internacional, encorajados pelos êxitos registados até ao presente, as organizações do Partido e dos sindicatos devem continuar o seu trabalho para a organização e a educação socialista dos operários com uma energia redobrada e até mesmo triplicada, dedicando sobretudo a sua atenção a atrair os operários e as operárias das fábricas, sejam quais forem as dificuldades encontradas. Todas as forças de que as organizações dispõem devem entrar em acção e ser judiciosamente utilizadas para uma actividade socialista em todos os domínios.

O 1.° de Maio tem uma grande importância do ponto de vista da agitação. Os preparativos para a sua celebração, as reuniões na véspera do 1.° de Maio, as conferências, os manifestos e sobretudo a manifestação do próprio dia movimen-

taram de maneira invulgar vastas massas operárias e suscitaram entre elas um certo interesse em relação ao movimento, às lutas e às reivindicações dos operários organizados. Agora, os operários organizados dispõem de uma rara ocasião para conseguirem novos operários para as suas fileiras. Não só devem reforçar, como também organizar mais judiciosamente a sua propaganda, velando para que o seu conteúdo seja puramente socialista. As organizações do Partido, os sindicatos e as sociedades culturais devem convocar regularmente reuniões e organizar debates, enquanto que os propagandistas operários se devem lançar com particular aplicação entre os operários e aproveitarem-se da efervescência que se seguiu ao 1.° de Maio, para reforçar as organizações operárias. O trabalho contínuo, diário, para o reforço ideológico e de organização dos sindicatos, com vistas a atrair novos combatentes para as suas fileiras, para a solução fecunda de todos os conflitos entre o trabalho e o capital, deve ser levada a cabo com o maior ardor. O momento presente exige que todos os militantes operários, todos os camaradas do Partido e dos sindicatos, ponham ao serviço do proletariado o máximo das suas forças, dos seus meios e das suas capacidades.

Nas lutas contra a ignorância e as influências burguesas, pela união dos operários sob a bandeira da democracia social, contra os capitalistas e o Estado, pelo melhoramento das condições de trabalho e a reivindicação vitoriosa de uma legislação operária, contra todos os organismos da burguesia e para abrir o caminho ao movimento operário, as organizações socialistas operárias englobarão uma fracção sempre crescente da classe operária, tornando-se um factor sempre mais forte, mais poderoso, avançarão de vitória em vitória e aproximar-se-ão cada vez mais rapidamente do grandioso ideal do proletariado — a libertação da humanidade da actual escravidão económica, política e espiritual.

Novo Vreme
N.° 5, de Maio de 1906
Assinado: J. D.

Tradução do texto de:
J. Dimitrov. *Obras*, t. I.
Edições do P. C. B.
1951, pp. 11-18.

A NECESSIDADE DE SINDICATOS NO NOSSO PAÍS E A SUA ORGANIZAÇÃO

I

Não é pela primeira vez que é levantado o problema da criação entre nós de sindicatos. Já em 1894, foi criado em Sófia, como resultado dos esforços do Partido Social-Democrata, visando organizar os tipógrafos em efervescência, um sindicato central dos tipógrafos, com secções na província. Contudo, depois da greve geral dos tipógrafos de Sófia e das greves de Roussé e Varna, esse sindicato que acabava de ser criado, *desmoronou-se*. As suas raízes ainda frágeis foram destruídas pela espontaneidade do movimento dos tipógrafos. Por volta de 1900, quando o sindicato dos tipógrafos foi renovado e se formaram em Sófia muitas outras organizações sindicais, o problema da sua unificação em uniões sindicais com os sindicatos existentes na província voltou a ser levantado. Pensava-se então que era conveniente formar antes de mais vários sindicatos, para que do seu seio pudesse nascer a União sindical geral, tal como ocorreu nos países mais avançados do Ocidente. Fizeram-se tentativas para formar em primeiro lugar um sindicato dos tipógrafos, que serviria de modelo aos sindicatos de ferrageiros, de carpinteiros, de alfaiates, etc. Contudo estas tentativas encontraram obstáculos intransponíveis no fraco desenvolvimento da produção capitalista. Os pequenos grupos sindicais, dispersos pelos quatro cantos do país, tendo exclusivamente o carácter de círculos culturais, não sentiam directamente e em força suficiente a necessidade de se unirem numa base profissional. Os próprios

sindicatos de Sófia, que deviam servir de base às uniões sindicais, achavam-se num período inicial de consolidação; eram fracos, a sua existência incerta e problemática. A organização sindical só englobava, com praticamente apenas uma pequena excepção, artesãos. A luta sindical estava no seu início. O Partido Operário Social-Democrata, quase inteiramente dedicado, em consequência das condições pequeno-burguesas que predominavam no nosso país, à agitação entre a pequena-burguesia da época, apenas começava a prestar uma maior e mais séria atenção às necessidades do mundo operário. Por outro lado, a luta decisiva contra a influência burguesa dos «obchtodeltsi» nas fileiras do Partido e a cisão que ocorreu em 1903 no Partido e nos sindicatos (5), remeteu de certo modo para segundo plano o problema da união dos sindicatos ou numa União sindical ou numa União sindical geral.

A experiência mostra claramente que, nas condições então existentes no seio do movimento sindical, teria sido impossível formar uniões sindicais separadas. A única forma de organização com vistas à união dos sindicatos num todo era a *União sindical geral.* E quando depois da nossa cisão com os «obchtodeltsi», a escalada do movimento operário impôs a união dos sindicatos, lançaram-se em 1904 as bases da União sindical geral. Do mesmo modo, na maioria das cidades, atendendo à impossibilidade de formar sindicatos à parte, formaram-se sindicatos mistos que se apresentam como uma forma transitória na organização sindical dos operários.

Uma vez que, pela força das circunstâncias, a União sindical geral tinha precedido a formação de uniões sindicais, devia encarregar-se de uma série de funções que lhes competiam. Mas, assim como os sindicatos mistos não podem, por causa da sua composição desarmónica, desempenhar as funções de uma organização sindical, a União geral, embora exercendo um papel muito importante na organização e na união do movimento sindical entre nós e no reforço das lutas de classes em geral, não poderia realizar com êxito e na totalidade, o trabalho das diversas uniões sindicais. Quanto mais depressa estas se formarem e assumirem as suas funções, delas libertando a União, tanto melhor essas funções serão desempenhadas e tanto melhor a União se poderá dedicar à sua tarefa especial — a de ser *o organizador e o dirigente geral*

do movimento sindical, propagando assim a ideia de organização entre muitos milhares de operários de fábrica que, na sua esmagadora maioria, ainda não estão organizados — e atraindo-os para as suas fileiras.

O ano passado, no Congresso Sindical, voltou-se a levantar o problema das uniões sindicais. Sem se ocupar do problema detalhadamente, o Congresso admitiu em princípio *a necessidade e a possibilidade* dessas uniões nas novas condições existentes entre nós e recomendou aos sindicatos que o *podiam* fazer, que procedessem à formação de uniões sindicais. Para esse efeito, o Comité Sindical elaborou, durante o ano, projectos de estatutos especiais para as uniões. Os sindicatos dos tipógrafos de Sófia, depois de um estudo aprofundado do problema, de acordo com os grupos de tipógrafos existentes, secções dos sindicatos mistos na província, já está a lançar as bases da *união dos tipógrafos.* Depois de tudo isto, este ano o IV Congresso dos Sindicatos ocupar-se-á muito especialmente do problema da formação de uniões sindicais e deverá apresentar as directivas a este respeito estabelecidas para os sindicatos.

É evidente que este problema é agora levantado em condições totalmente diferentes das que existiam há alguns anos. Com o desenvolvimento da produção capitalista e a transformação de determinadas produções artesanais numa forma mais ou menos capitalista, o número de fábricas aumentou consideravelmente, abriram-se grandes oficinas com um número muito maior de operários. A passagem contínua de operários de uma cidade para outra, de um domínio da produção para outro, mostrou com uma extraordinária clareza até que ponto os interesses dos operários da capital e os daqueles que trabalham na província estão estreitamente ligados. O movimento operário em geral e o movimento sindical em particular adquirem um carácter de massa cada vez mais pronunciado. A luta é levada a cabo não só contra este ou aquele patrão, mas também contra as suas organizações — as uniões artesanais e industriais. Estas últimas contam com o apoio do Estado e de todos os seus órgãos — a polícia, o exército, as câmaras de comércio e da indústria, etc. Isto é demonstrado por um grande número de greves, nomeadamente a dos *mineiros de Pernik* (6) *e a greve geral dos ferroviários* (7). As diversas gre-

ves desenvolvem-se até atingirem o estádio das lutas pelas tarifas. Já existe um poderoso movimento entre os operários dos tabacos, dos têxteis e de outros operários de fábrica. Para se opor ao movimento grevista, para além de todas as outras medidas, os patrões, independentemente da sua filiação nos diversos partidos políticos, formaram um *bloco comum contra as greves operárias* (*), que de futuro teremos de combater.

Por outro lado, a organização sindical dos operários sob a bandeira da nossa união progrediu muito. O número dos sindicatos *profissionais* aumenta mais rapidamente do que o dos sindicatos *mistos*. A maior parte dos primeiros já estão firmemente estabelecidos. Transformam-se rapidamente de organizações sobretudo *culturais* que eram outrora, em *verdadeiros sindicatos*, que trabalham seriamente para obter as alterações necessárias às condições de trabalho e auxiliam a levar a cabo a incessante luta da classe contra o patronato. Neste caso, contudo, chocam com a *impossibilidade* de alargar a sua influência entre os operários da sua profissão e de levar a cabo com êxito a luta contra a exploração desmedida, uma vez que não dispõem de forças e de meios para organizar os operários da sua profissão em todo o país, porque não se transformaram em *uniões sindicais*.

Nestas novas condições, o movimento sindical tem necessidade de uma nova organização. Conservar a situação actual equivaleria a travar de um modo geral o desenvolvimento do movimento operário. E é perfeitamente explicável. A luta pelas greves, para poder contar com êxitos de ordem prática e ideológica, necessita de uma organização, da solidariedade geral dos operários de uma determinada profissão em todo o país, do seu contributo moral e material. No entanto, isto só pode ocorrer a tempo e com êxito, quando os operários de uma *profissão* espalhados pelo país constituem um todo organizado, quando estão unidos e orientam todas as suas forças e todos os seus meios num mesmo sentido. O estudo e a apreciação preliminares para cada greve que se prepara serão então conhecidas com uma maior exactidão e segurança, porque a União, graças às suas estatísticas sobre o estado da produção, sobre o número de operários, organizados e não organizados, etc., e isto não apenas numa região, mas em todo o país, poderá apreciar da melhor forma possível se

é ou não conveniente decretar uma greve. No caso de existência de uniões sindicais, uma grande parte das greves até agora não preparadas, até mesmo irreflectidas, não serão decretadas, e será mais fácil fornecer ao movimento grevista a organização necessária. Por ocasião das greves conduzidas pelas uniões sindicais, os patrões não poderão ter ilusões de que encontrarão na província operários fura-greves, ou não tentarão transferir as suas empresas para outra cidade uma vez que sabem que enfrentam a união dos operários de todo o país (*).

Além disso, uma das mais importantes causas do insucesso de quase todas as greves que se saldaram por um fracasso, consiste na fraca percentagem de operários organizados e na presença de um enorme número de operários não organizados, entre os quais os patrões puderam contratar à vontade os fura-greves. É possível atrair essa massa de operários para as nossas fileiras exercendo sobre eles uma poderosa e constante influência. As uniões sindicais terão a possibilidade de levar a cabo com muito mais êxito do que os sindicatos separados e sobretudo do que os sindicatos mistos uma larga propaganda e agitação socialistas, oral e escrita, entre os operários da sua profissão. A sua força de atracção será maior, porque: 1) englobarão operários de todas as cidades; 2) muitos operários, actualmente membros de grupos culturais, nas cidades onde nem sequer é possível formar sindicatos mistos, bem como operários de diversas fábricas, afastados das cidades, poderão entrar nas uniões, o que aumentará consideravelmente o seu poder financeiro e moral. Temos operários nesta situação em Bourgas, Aitos, Karnobat, Nova Zagora, Harmanli, Tchirpan, Kazanlik, Gorna Oriahovitsa, Gabrovo, Radomir, Samokov, Tran, Breznik, Péchtera, Kotcherinovo, Panagurichte, Tutrakanç Beliovo, Bania-Kostenets, Sestrimo, Dolna Bania, etc. Existem nesses locais operários organizados: mais de 500 a 600 alfaiates, sapateiros, carpinteiros, ferreiros,

(*) Em 1898, por ocasião da greve geral dos tipógrafos em Paris, uma parte dos empresários tipógrafos transferiram as suas tipografias para a província, onde havia operários não organizados e deste modo evitaram dar satisfação às reivindicações dos grevistas.

tipógrafos, etc. que, presentemente não fazem parte de nenhuma organização sindical, e finalmente, 3) as uniões poderão empreender com mais êxito acções concretas em benefício dos operários e atingir com a sua propaganda e agitação mais largas massas de operários não organizados.

Tudo isto muito irá contribuir para atriar para as nossas fileiras a parte sã dos operários «obchtodeltsi» e para os salvar, agora que o Partido dos «obchtodeltsi» se desagrega devido à influência dos radicais-democratas que, depois de adoptarem a teoria e a prática dos «obchtodeltsi», também querem herdar a sua influência entre os operários.

Por outro lado, ao executar todas as funções sindicais (organização e manutenção das greves, auxílio aos desempregados, aos doentes e aos operários obrigados a deslocarem-se, propaganda e agitação, etc.) as uniões poderão lutar melhor do que os sindicatos *isolados*, e com muito mais sucesso, contra o desemprego — esse terrível flagelo para a classe operária. Nascido do próprio carácter da produção capitalista, o desemprego não poderá ser suprimido enquanto a ordem actual das coisas não tiver sido eliminada. Mas a organização operária pode atenuar em larga medida as penosas consequências do desemprego. Obtém-se o resultado desejado através do auxílio aos desempregados e aos operários itinerantes, através da constituição de departamentos destinados a encontrar trabalho e à colecta de dados estatísticos no que diz respeito às condições do mercado da mão-de-obra. Contudo, para realizar esta tarefa com êxito, é necessário dispor de forças centralizadas e dos meios da união sindical.

Por conseguinte, do ponto de vista da organização sindical e da luta sindical, a *necessidade* de criar uniões sindicais é *absolutamente imperiosa.*

Mas não é tudo. Como se sabe, os melhoramentos que nos esforçamos por trazer às condições de trabalho, através da luta sindical, *não são um fim em si,* mas apenas *um meio* para o reforço da luta de classe, permitindo conduzi-la com maior sucesso, com vistas à abolição definitiva da *escravatura dos assalariados.* Só partindo deste ponto de vista justo é que nos damos conta de que o movimento sindical só tem valor na medida em que se verifica ser uma condição auxiliar da luta

de classes libertadora. Ora, os interesses dessa luta exigem não menos imperiosamente a centralização dos sindicatos em uniões sindicais.

A classe operária passa actualmente por um momento importante e decisivo. Encontra-se em condições políticas que a restringem imenso. Ergueu-se contra ela toda a legislação reaccionária. A lei reaccionária sobre o artesanato é uma bagatela em relação às leis muito mais reaccionárias contra as greves, contra a associação dos operários que trabalham para o Estado e contra a imprensa. A burguesia no poder e a que forma a oposição mobilizam-se e unem-se num bloco permanente contra as organizações operárias e as que estas conduzem. A burguesia aprendeu connosco e com as lutas que contra ela levávamos a cabo, a organizar-se, mas agora, auxiliada pelo Estado, aspira a ultrapassar-nos neste aspecto. A burguesia manifesta uma consciência de classe superior àquela de que nós, operários, damos provas. Enquanto uma parte da classe operária está a reboque de demagogos e de políticos pequeno-burgueses bem conhecidos, participando nos blocos e noutras iniciativas da burguesia, esta, *unânime,* forja leis e cadeias contra o nosso movimento de libertação e forma um *bloco contra as greves.*

A fim de restabelecer e salvaguardar os direitos da classe operária, de repelir os golpes que a burguesia nos aplica, a fim de paralisar a sua influência entre os operários e obter melhores condições de vida para o proletariado búlgaro e para que este melhor possa combater, são necessárias organizações sindicais que disponham de meios e de forças centralizadas. Ao bloco da burguesia no poder e da que se encontra na oposição, erguido contra o movimento dos operários conscientes, é conveniente opor o bloco firmemente unido da classe operária sob a bandeira da social-democracia. Uma condição necessária para este fim é a união dos grupos sindicais e dos operários dispersos no país em *uniões sindicais.* As uniões sindicais *estender-se-ão a uma massa operária mais vasta, estenderão e aprofundarão a sua influência sobre ela, tornarão mais consciente e eficaz a sua luta e contribuirão para a sua união sob a bandeira da social-democracia. Deste modo, a luta de classe em geral do proletariado búlgaro terá uma maior coesão e será mais poderosa.*

— E assim — para não nos perdermos em mais detalhes — tanto os interesses da luta sindical como os do movimento de libertação operária no seu conjunto exigem imperiosamente a formação de uniões sindicais que façam parte da União sindical operária geral.

É claro que esta nova organização só se estenderá aos sindicatos já aptos ou em vias disso a transformarem-se em uniões sindicais, como por exemplo os dos *tipógrafos, dos metalúrgicos, dos alfaiates, dos sapateiros, dos marceneiros, dos operários do tabaco, dos têxteis, etc.* Mesmo depois da formação de uniões, um grande número de sindicatos continuarão na sua situação actual, devido à impossibilidade de se transformarem em uniões sindicais. Estes sindicatos agrupar-se-ão progressivamente em uniões, à medida que as condições que o permitem atingirem a maturidade.

Examinaremos na próxima vez qual deve ser a organização das uniões sindicais entre nós.

II

O problema da organização das uniões sindicais está na razão directa dos seus fins, carácter e tarefas.

Como se sabe, as uniões sindicais socialistas, ao contrário das da burguesia, têm como tarefa especial lutar pelo melhoramento da situação dos operários no âmbito da exploração capitalista e dirigir simultaneamente os seus esforços, sob a bandeira da social-democracia — a organização política comum a toda a classe operária — com o fim de conseguir a supressão *radical* da própria exploração. Não podem restringir a sua luta sindical ao terreno em que actualmente combatem, mas ultrapassam as fronteiras da sociedade capitalista, dando-se perfeitamente conta de que enquanto esta existir: 1) não será possível um verdadeiro melhoramento, geral e durável da vida da classe operária e 2) sejam quais forem os melhoramentos e as reformas, os operários continuarão a ser uma classe subordinada e explorada, continuarão a ter a existência mais precária. As reformas que são possíveis sob a ordem capitalista, não são capazes de extirpar a essência do mal que gera: a anarquia da produção, a concorrência, o desemprego, etc.

que fazem sofrer tanto a classe operária como toda a sociedade. Por isso, ao lutar pela restrição da exploração capitalista, as uniões sindicais socialistas participam activamente, com todas as suas forças e meios, na luta geral da classe operária pela *abolição da escravatura do salariato*, pela *liberdade do trabalho*, pelo *triunfo do socialismo.*

Contudo, em oposição aos operários em luta acha-se toda a burguesia com as suas organizações económicas e políticas, o seu Estado e os seus numerosos órgãos. Tudo isto está *estritamente centralizado* e dirigido para uma mesma finalidade: *reforçar o poder económico e político da burguesia e aplicar golpes sucessivos ao movimento de libertação operário, para o impedir de realizar as suas tarefas históricas.* Utilizando, com esta finalidade, o poder político centralizado do Estado, a burguesia prejudica os direitos da classe operária, cria toda uma série de leis restritivas contra o movimento operário e submete as organizações operárias e os próprios operários a perseguições e a exacções, muito especialmente nos momentos decisivos da luta de classes. Paralelamente ao que atrás referimos, a burguesia, utilizando não só a demagogia e os meios da sua ciência falida, como também concessões e reformas mínimas, tenta corromper, desorganizar a classe operária, submetendo à sua influência determinadas camadas e fracções desta última, utilizando-as para os seus fins de conciliábulo e de classe e opondo-as ao movimento operário plenamente consciente do seu dever.

Nesta situação, *a centralização* é uma condição indispensável para que o movimento operário possa assegurar a sua salvaguarda, reforçar-se, desempenhar com êxito as suas tarefas e atingir o seu fim último, ou seja, é necessário que os operários estejam organizados sob uma mesma bandeira, que dirijam os seus esforços num único e mesmo sentido, que levem a cabo uma luta unânime; é necessário que às *forças centralizadas* oponham as forças *ainda mais firmemente centralizadas* da classe operária. Eis o motivo por que o proletariado tendo adquirido uma consciência de classe continua durante toda a sua luta fiel ao princípio da centralização.

Em todos os países onde o movimento sindical se desenvolveu sob a influência da social-democracia como um movimento de classe dos operários, as uniões sindicais constituí-

ram-se segundo *princípios centralistas.* A União centralista engloba operários de todo o país. Possui estatutos comuns, uma caixa comum, uma direcção central comum, etc. Na Alemanha, na Áustria, na Itália e noutros países, as mais poderosas uniões são centralistas. Mesmo na vizinha Sérvia, país que pelas suas condições gerais se assemelha muito à Bulgária, foi adoptado a forma centralizada de organização das uniões sindicais. Por toda a parte a tendência dominante no desenvolvimento do movimento sindical é que, quanto mais consciente este se torna, tanto mais se inspira no espírito socialista, e tanto mais a organização das uniões sindicais adopta princípios centralistas. A experiência histórica do movimento sindical nos outros países mostra que, com uma organização sindical centralista, a luta operária é muito *poderosa,* porque *unida.* O que é facilmente explicável. No seio de uma união centralista de uma determinada profissão, que possua uma organização comum, princípios comuns e uma direcção comum, os operários têm todas as possibilidades de agir rápida e unanimemente, dirigindo a todo o instante os seus esforços para um fim comum. Toda a discordância e toda a divergência de acção das partes componentes, factos que habitualmente beneficiam muito os inimigos da classe operária, estão excluídas das uniões centralistas. Eis por que motivo, quanto mais as forças de que os patrões e as suas organizações, toda a burguesia e o seu Estado dispõem se centralizam na luta contra o movimento operário, tanto mais necessário é que os operários se organizem no seio de uniões centralistas, que unam num *todo* todas as suas forças e que, unidos, dirijam, com a necessária rapidez as suas armas contra os seus poderosos adversários bem organizados, ou seja, o Estado burguês actual e as diversas organizações, cartéis, etc., capitalistas.

Para além das uniões centralistas, existem em certos países *uniões federativas.* Foi sobretudo em França, em consequência de determinadas condições históricas e políticas que esta forma de organização se desenvolveu. A união federativa é constituída por sindicatos independentes, que têm os seus próprios estatutos, direcções e caixas. Aliam-se entre si em condições especiais, determinadas, fora das quais cada sindicato conserva uma autonomia de actividade total. Em qualquer momento, este ou aquele sindicato pode abandonar a federação e até

mesmo declarar-se contra ela. Por este motivo, a união federativa não poderia ser uma organização sólida e permanente como a união centralista. As forças da união federativa são limitadas e dispersas. Não existem nas suas fileiras uma consciência comum, uma disciplina sólida, e não se pode contar com uma unidade de acção segura nos momentos mais decisivos da luta. A forma federativa de organização agrada muito à burguesia. E é facilmente explicável. Se se acompanhar a história dessa forma de organização no movimento sindical, aperceber-nos-emos de que ela foi sempre o fruto, por um lado, da aspiração da burguesia de ter sob a sua égide as organizações operárias e, por outro lado — da inconsciência e do egoísmo dos operários que não se dão conta dos seus interesses de classe comuns e não desejam subordinar os seus interesses pessoais e de grupo aos interesses gerais do mundo *operário.* A ideia da *organização federativa* dos operários tem as mesmas origens que a da *neutralidade dos sindicatos.* A burguesia pode mais facilmente atingir os seus fins hostis aos operários no seio do seu movimento quando este é *neutro* em relação à social-democracia e possui uma *organização federativa,* visto que nesse caso o movimento não pode ser mobilizado como deve e utilizar na luta todas as forças de que a classe operária dispõe e porque a dispersão, a *autonomia* dos diferentes grupos sindicais permite à burguesia enganar os mais fracos de entre eles e opô-los à federação e a qualquer movimento operário de libertação. Por intermédio da forma federativa de organização bem como pela neutralidade dos sindicatos, a burguesia tem como fim transformar *o movimento sindical de um elemento de libertação da classe operária em elemento de reforço da exploração capitalista e da escravatura da classe operária.*

Entre nós, os sindicatos operários não se formaram apenas sob a influência da social-democracia, mas foram em grande medida por ela criados. A burguesia *apenas começa* a reflectir sobre a organização sindical dos operários sob a sua bandeira. Por outro lado, desde a formação dos nossos primeiros sindicatos que se lhes deu um carácter socialista, um carácter de organização de classe, a partir do modelo do movimento sindical socialista nos outros países. *A neutralidade* dos sindicatos pregada por diversas fracções da burguesia sofreu uma

derrota total. Sobretudo actualmente, nas novas condições políticas entre nós, isto é, na presença da política reaccionária consciente e consequente da burguesia em relação ao movimento operário, toda a inconsistência da neutralidade salta aos olhos. O nosso movimento sindical que, até agora, adoptou com êxito as formas de organização e os métodos de luta mais modernos e provados pela prática, cometeria um grande e imperdoável disparate se, nas condições históricas e políticas existentes entre nós, recorresse, para as suas organizações sindicais, a uma forma da organização como a federativa, que impediria directamente o movimento de se desenvolver favoravelmente e de se reforçar rapidamente e o exporia às aspirações anti-operárias da burguesia.

Entre nós a centralização impõe-se ainda mais em consequência da fraqueza do próprio movimento, que tem necessidade muito especialmente de centros poderosos, para que os elementos isolados mais fracos também possam avançar. Edificados segundo princípios centralistas, as nossas uniões sindicais poderão, uma vez que disponham de maiores recursos pecuniários, de mais forças morais e de órgãos qualificados, organizar uma prapaganda e uma agitação fecundas com vistas a elevar a consciência de classe dos seus membros e libertar as massas dos preconceitos e dos erros políticos.

A forma centralista também corresponde inteiramente ao estado da produção entre nós. A maior parte das profissões na província não são capazes de formar sindicatos viáveis, uma vez que o número de operários susceptíveis de serem organizados é insuficiente para esse fim. Ora, a organização federativa, mesmo admitindo que não seja prejudicial, exige como condição preliminar a existência desses sindicatos.

Por conseguinte, é claro que a forma de organização mais apropriada das uniões sindicais entre nós, tendo em conta as condições históricas e políticas no nosso país e a experiência do movimento sindical na Europa Ocidental, é *o centralismo.* Apenas como organizações centralistas as nossas uniões sindicais se desenvolverão judiciosamente e se elevarão ao nível de poderosas organizações sindicais de combate.

Como se procederá na prática à organização das uniões consta nitidamente dos *projectos de estatutos* elaborados pelo comité sindical e enviados a todos os sindicatos filiados, com

vistas a um exame aprofundado sob todos os seus aspectos. Segundo estes estatutos, a união sindical é muito simplesmente um sindicato que engloba os operários de uma profissão não só numa cidade, mas em todo o país. Em todas as cidades que contem pelo menos sete membros, formar-se-ão *grupos locais.* Nos pontos em que há pelo menos quatro membros, *nomear-se-ão pessoas de confiança,* por intermédio das quais os membros estarão em contacto com a direcção central. Nos casos em que há menos de quatro membros, estes inscrever-se-ão directamente na direcção central. Os projectos de estatutos fornecem uma solução mais ou menos feliz para todas as dificuldades referentes à gestão e ao controle da actividade das uniões, da caixa, dos abonos, da luta pelas greves, etc.

Contudo, é no nosso próximo artigo que nos deteremos sobre estes problemas e os obstáculos mais importantes que entravam a formação de uniões sindicais entre nós.

III

Há quem considere *a fraqueza numérica* dos operários organizados das diferentes profissões como o obstáculo mais sério para a formação de uniões sindicais entre nós. Contudo, basta conhecer a situação real das coisas para nos darmos conta de que esta consideração é injustificada. Embora não seja ainda muito grande, o número dos operários organizados no seio da União sindical já é suficiente, no que respeita a certas profissões, para estabelecer as bases de uniões sindicais. Assim, consideram-se actualmente como organizados em sindicatos profissionais ou mistos, bem como em círculos de estudos operários, *cerca de 290 metalúrgicos, 300 operários têxteis, 150 operários dos tabacos, 400 alfaiates, 120 carpinteiros, 390 sapateiros, e 140 tipógrafos.* Estes números ainda podem aumentar consideravelmente, uma vez que só constituem 4 por cento de todos os operários ocupados nas indústrias enumeradas. Independentemente do que acaba de ser exposto, novas categorias de operários põem-se em efervescência e organizam-se. É o que sucede com os canteiros, com os mineiros, com os operários que constroem estradas e cami-

nhos de ferro, etc. A produção capitalista desenvolve-se rapidamente entre nós; concentram-se massas operárias consideráveis nas fábricas e noutras empresas industriais, e criam-se as condições para o desenvolvimento de um movimento sindical de massa. Por outro lado, uma vez liberta das tarefas de que as respectivas uniões sindicais se encarregarão, a União sindical operária poderá consagrar mais tempo e atenção à organização da enorme massa de operários das fábricas, às operárias e às crianças e deste modo preparar as condições para a formação de uniões sindicais, que, por agora, não podem surgir, não propriamente porque o circuito produtivo não conte um número suficiente de operários, mas porque até agora nunca foi levada até eles uma agitação e uma propaganda sistemáticas e planificadas.

O problema da direcção das uniões constitui um obstáculo real à sua formação. Sabemos que nas uniões sindicais o trabalho aumenta e que as tarefas da *direcção central*, enquanto dirigente, organizador, agitador e propagandista, são muito mais numerosas e muito mais difíceis do que as de uma simples direcção. Para a boa execução destas tarefas, são necessários conhecimentos mais profundos e uma experiência mais vasta do que aqueles que possuem a maior parte dos nossos camaradas dos sindicatos. Além disso, são necessários camaradas que convenham às *direcções locais* na província e sobretudo *pessoas de confiança* nos casos em que não podem ser formados *grupos*. Tudo isto constitui, na verdade, um obstáculo sério, mas poderá ser ultrapassado em grande parte desde o início, para em seguida ser totalmente suprimido. Em primeiro lugar, já há um bom número de membros de sindicatos cuja formação melhora rapidamente e que, num futuro próximo, poderão preparar-se de maneira satisfatória para dirigir as uniões como secretários, tesoureiros, caixeiros, etc. Por outro lado, o comité sindical dará o seu apoio total à orientação necessária às direcções centrais. Na província, os grupos e as pessoas de confiança poderão contar com o apoio dos conselheiros operários locais e das direcções dos círculos culturais operários. As actuais secções dos sindicatos mistos, ao transformarem-se em grupos das uniões sindicais, já terão uma experiência adquirida que facilitará muito o seu novo trabalho.

Um outro obstáculo é constituído pela manutenção financeira das uniões. A sua crescente actividade exigirá empregados pagos, secretários, etc., que só poderão dedicar todas as suas forças e capacidades ao desenvolvimento e à consolidação das uniões dedicando-se exclusivamente a esse trabalho. Além disso, é preciso organizar departamentos de desemprego, publicar jornais sindicais, fazer face às despesas para as reuniões anuais, para uma agitação e uma propaganda aumentadas, etc. Tudo isto, claro está, necessitará de recursos consideráveis, de que as uniões sindicais recém-formadas não disporão no início. Contudo, seria um erro pensar que é absolutamente necessário que as uniões deveriam viver, desde o início, com tão grandes recursos. Pelo contrário: temporariamente, não haverá secretários e outros empregados pagos. O trabalho será feito sem remuneração, como sucede actualmente com os sindicatos. Os secretários e os tesoureiros disporão de auxiliares em número suficiente, o trabalho será organizado de uma maneira simplificada e, deste modo, os seus dirigentes desempenharão as suas funções com bastante sucesso, exclusivamente durante as suas horas disponíveis, até que as uniões estejam financeiramente consolidadas. Como medida provisória, poderia formar-se mais tarde em Sófia, qualquer coisa no género de um *secretariado*, a cargo da organização do Partido, das uniões e dos sindicatos formados. Mais precisamente, tratar-se-á de um secretário-tesoureiro remunerado pela organização do Partido em Sófia, que auxiliará no trabalho de secretaria, administrativo e de organização das uniões e dos sindicatos. Quando as uniões aumentarem e se reforçarem, acharão os meios necessários com vistas à manutenção das suas próprias secretarias, secretários, etc. Do mesmo modo, as uniões não começarão, desde o início, a publicar o seu órgão sindical. No início, utilizarão o órgão sindical comum *Rabotnitcheski vestnik*, recorrendo a panfletos e circulares, embora mais tarde, quando a sua situação se tiver consolidado, também venham a ter os seus jornais.

A solução do problema das quotizações não apresenta menos dificuldades. Por ocasião da formação das uniões, haverá um certo aumento das quotizações para os operários da província que, actualmente, só pagam quotizações muito

baixas aos sindicatos mistos e aos sindicatos propriamente ditos. Este aumento, devido aos baixos salários dos operários na maior parte das profissões, constituirá uma dificuldade. Mas também neste caso, o obstáculo pode ser ultrapassado. Estabelecer-se-á uma quotização *média* que, sem ser totalmente negligenciável, não seja um encargo demasiado elevado para os operários na província, cujos salários são baixos. Atendendo a que actualmente existem diferenças consideráveis entre os salários dos operários de uma mesma profissão de uma cidade para outra, poder-se-iam introduzir duas espécies de quotização — *quotização inteira e meia quotização*. Os operários que, por exemplo, recebem um salário inferior a 40 leva pagariam uma *meia* quotização e os que recebem mais — uma *quotização inteira*. Além disso, o aumento do número de membros das uniões aumentará os seus rendimentos, facto que lhes permitirá fazer face às suas obrigações financeiras, mesmo quando as quotizações recebidas não forem elevadas mas *médias*. Por outro lado, o desenvolvimento da produção capitalista, a sua influência sobre o artesanato, bem como a própria luta das uniões, levarão a um nivelamento das condições de trabalho e de existência dos operários de todas as regiões do país e permitirão cada vez mais a todos os membros pagar com uma igual facilidade quotizações iguais.

Também se poderiam citar alguns outros obstáculos de menor importância, que decerto encontraremos na ocasião da formação das uniões sindicais, mas poderão ser ultrapassados ainda mais facilmente e não nos deteremos neles aqui.

As dificuldades atrás apontadas são, de facto, bastante sérias, mas, como o vimos, *inteiramente ultrapassáveis*. Não fornecem a ninguém motivos suficientes para concluir que é impossível formar actualmente entre nós uniões sindicais, ou então, que seria *prematuro* fazê-lo. Nem uma coisa, nem outra. Estes obstáculos só nos mostram que a fundação das uniões será um trabalho árduo, cuja realização bem sucedida exige grandes esforços, atenção e perseverança.

Impõe-se, por conseguinte, que o Congresso sindical que se realizará este ano, ao examinar sob todos os seus aspectos o problema da formação das uniões sindicais entre nós e o carácter da sua organização, forneça directivas aos sindicatos dentro do seguinte espírito: 1) proceder à formação de

uniões sindicais, começando pelas profissões em que as condições atingiram para esse efeito a maturidade exigida, e 2) formar uniões que sejam *centralistas*, de acordo com as condições fundamentais dos *projectos de estatutos* elaborados pelo comité sindical.

O problema das uniões sindicais é de uma importância extremamente grande para a organização do movimento sindical no nosso país e para o seu bom desenvolvimento. Por isso, ao concluirmos as notas sobre este assunto, não o consideramos de modo algum esgotado. É verdade que este importante problema de organização também será esclarecido no congresso e em especial nas *conferências sindicais*; contudo isso será ainda insuficiente. Para explicar bem as coisas a todos os sindicalizados, o exame do problema deverá prosseguir depois do congresso, em reuniões e na imprensa.

É particularmente necessário, quanto a nós, que alguns dos nossos camaradas mais ao corrente, que conhecem melhor e de mais perto os detalhes da história, da organização e das lutas das uniões sindicais nos outros países, forneçam esclarecimentos mais completos.

Uma vez esclarecido e resolvido o problema das uniões sindicais no nosso país, podemos afoitamente passar, paralelamente à fundação da *união dos tipógrafos*, já existente, *sucessivamente à das dos metalúrgicos, dos operários têxteis, do tabaco, dos alfaiates, dos sapateiros, etc.*, profundamente convictos de que este modesto princípio contribuirá poderosamente para a construção do magnífico edifício que é o movimento socialista no nosso país.

Rabotnitcheski vestnik
N.^{os} 84, 85, 86 e 87,
de 23, 27 de Junho,
1 e 4 de Julho de 1907.
Assinado: J. D.

Traduzido do texto de
J. Dimitrov, *Obras*, t. I.
Edições do P. C. B.
1951, pp. 109-130.

O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO NA BULGÁRIA

Depois da libertação do jugo ([9]) político otomano, as portas da Bulgária ficaram abertas de par em par à influência dos Estados europeus capitalistas desenvolvidos. Sob o poderoso efeito desta influência, ocorreu uma profunda modificação na vida de todo o país.

Os modos de produção, velhos e primitivos, os ofícios, outrora florescentes, no tempo dos turcos, mas já caducos, revelam-se impotentes para fazer frente à concorrência da produção moderna, mecanizada, que utiliza importantes capitais — a dos países europeus. Esta produção inundou o nosso mercado interno, pôs em último plano, com uma rapidez assustadora, as mercadorias locais, causou o enfraquecimento e a ruína de toda uma série de produções artesanais. Um outro facto acelerou também este processo, nomeadamente o facto de depois da libertação da Bulgária, muitos ofícios terem sido privados dos escoamentos livres de que dispunham antes da libertação na Ásia Menor e nas outras províncias do Império otomano.

É nestas condições económicas que começa a implantação intensiva e o desenvolvimento do capitalismo na Bulgária. Surgiram fábricas em instalações modernas e outras empresas capitalistas, inicialmente graças a capitais estrangeiros e, com a continuação, também com auxílio de capitais locais. Criaram-se bancos europeus e búlgaros, bem como outros estabelecimentos de crédito. Fundaram-se grandes casas de comér-

cio com sucursais em todas as principais cidades do país. Construíram-se caminhos de ferro e portos. Paralelamente às máquinas aperfeiçoadas e a vapor introduziu-se na indústria a poderosa energia eléctrica. De um modo geral, abriu-se caminho para o desenvolvimento do capitalismo local, nacional, que se intensificou com rapidez depois da crise económica existente em 1901 e do desenvolvimento registado em 1903 e 1904, desenvolvimento esse que, à excepção de algumas pequenas flutuações, ainda hoje continua.

O Estado, decalcado dos Estados capitalistas, com a sua numerosa e onerosa burocracia, com a sua monarquia e o seu militarismo extremamente caro, dos Estados capitalistas, caiu totalmente sobre a influência do capitalismo nascente. Depois de no início ter oscilado entre as antigas formas de produção e a produção capitalista moderna, com a continuação aderiu, cada vez mais consequente e resolutamente, ao capitalismo, centrando os seus esforços no seu desenvolvimento rápido e sem entraves.

Paralelamente à acumulação ilícita, banditesca, de imensos capitais nas mãos de uma minoria de capitalistas autóctones cuja maior parte era ainda recentemente miserável, acumulação essa proveniente do tesouro e dos empréstimos de Estado que asseguram o poder e a espoliação em massa da população, o Estado criou do mesmo modo muitas facilidades e privilégios para os capitalistas. Por outro lado, o campo de aplicação da lei especial de 1895 de estímulo à indústria local foi alargado. Muitos dos novos ramos industriais puderam gozar das suas vantagens e dos seus privilégios. O sistema dos impostos indirectos substituiu o dos impostos directos, e o Estado apropriou-se deste modo de receitas que, acrescentadas aos empréstimos realizados, lhe deram a possibilidade de empreender a construção de uma série de novas vias férreas, de portos, de pontes e de estradas, de, de um modo geral, conceder a maior protecção ao capitalismo.

Segundo o recenseamento efectuado a 31 de Dezembro de 1904 pela Direcção das estatísticas e de acordo com os dados fornecidos a 2 de Julho de 1907 pelo Ministério do Comércio e da Agricultura o número das fábricas protegidas pelo Estado era o seguinte:

Anos	Fábricas
1895/1900	99
1901/1904	166
1905/1907	207

Portanto, em menos de doze anos, o número de fábricas (*) sobre a protecção do Estado aumentou de 198.

A maior parte das indústrias protegidas são grandes fábricas, cinquenta e seis de entre elas dispõem de um capital de 100 a 500 000 leva, e 94 de 500 000 a um milhão e mais.

Escusado será dizer que actualmente o número das empresas protegidas pela lei é muito maior. Depois de 1907, foram construídas muitas fábricas novas, de tecidos de algodão em Varna, fábricas de objectos de ferro em Roussé, fábrica para o tratamento do minério de cobre em Elisseina, fábricas de peles, de calçado, de tecidos, de móveis, etc., em Gabrovo que não estão incluídas no número 207.

Além disso, é necessário ter em conta o facto de que para além das produções encorajadas, há muitas outras empresas industriais que não beneficiam das vantagens da lei sobre o estímulo à indústria local, uma vez que são regidas por leis especiais, como por exemplo: as manufacturas de tabaco, as fábricas de cartuchos, as tipografias e as oficinas de encadernação, os carros eléctricos, os arsenais (militares e ferroviários), as duas minas de Estado, bem como as hulheiras privadas que agora se desenvolvem muito depressa. Actualmente, não há uma estatística industrial exacta, mas pode-se afirmar sem hesitação que hoje o número das empresas industriais já ultrapassa o número de 800 e que aumenta rapidamente, devido ao desenvolvimento industrial do país.

(*) A lei sobre o estímulo à indústria local só protege as empresas industriais que dispõem de um capital de pelo menos 25 000 leva ou que empreguem no mínimo vinte operários e onde se trabalhe com máquinas bem como com outros meios modernos.

A rede ferroviária tornou-se ao mesmo tempo muito mais vasta, facto que sobressai claramente dos seguintes dados:

Anos	Quilómetros
1888	536,905
1895	761,089
1900	1 465,520
1909	1 696,680

Acrescentando-lhes as novas vias férreas Tirnovo — Tsareva Livada — Platchkovitsa, Kustendil — Guechevo e Tchirpan — Plovdiv, a rede ferroviária global já ultrapassa 2000 quilómetros. Além disso, muitas outras linhas de caminho de ferro estão em vias de construção como: Mezdra — Vidine, Tsareva Livada — Gabrovo, Boruchtitsa — Stara Zagora e Devnia — Dobrich. A rede ferroviária estende-se rapidamente e, dentro em breve, quando as linhas consideradas estiverem acabadas, todas as regiões do país que têm importância para a indústria, para o comércio e para a agricultura, estarão ligadas por vias férreas.

As linhas de caminho de ferro em serviço asseguraram os seguintes rendimentos:

1893	3 612 538 leva	1902	7 498 170 leva
1894	3 818 070 leva	1903	8 226 841 leva
1895	4 120 454 leva	1904	10 960 288 leva
1896	4 587 830 leva	1905	11 170 969 leva
1897	4 592 615 leva	1906	11 772 387 leva
1898	5 110 555 leva	1907	14 082 009 leva
1899	5 118 021 leva	1908	15 423 993 leva
1900	6 163 454 leva	1909	17 552 451 leva
1901	7 285 097 leva		

Desde 1903 e até ao presente, o Estado realizou todos os anos um lucro líquido dos caminhos de ferro de 2 a 6 milhões de leva.

Em 1903, havia 7570 quilómetros de estradas nacionais e comunais regularmente mantidas e reparadas (5935 quilómetros de estradas nacionais e 1635 quilómetros de estradas comunais). Durante esse mesmo ano havia 11 729 pontes (8809 mantidas pelo Estado e 2920 pelas Comunas). Duzentos e oito cantões eram encarregados da manutenção das estradas e das pontes. Sempre durante o mesmo ano, eram projectados ou estavam em vias de construção 3148 quilómetros que foram terminados em 1909. As estradas, assim como as pontes e os cantões, são hoje muito mais numerosas.

Os postos de correios que, em 1886, não ultrapassavam os 100, já se ciframem 295 em 1908. Em 1886, só existiam 8 postos de correios auxiliares locais, enquanto que em 1908 existiam 1757. Havia 3834 quilómetros de trajectos postais em 1886 e 23 509 quilómetros em 1908.

Toda a rede telegráfica compreendia 3548 quilómetros em 1886, e 5900 quilómetros em 1908.

Em 1903, as centrais tèlefónicas que entraram nessa ocasião pela primeira vez em serviço eram 4 e dispunham de 565 aparelhos. Em 1908 já se ciframem 21 e contam 2039 aparelhos. Em 1903, havia 135 quilómetros de linhas telefónicas contra 263 em 1908.

Os correios, os telégrafos e os telefones forneceram ao Estado durante os 4 últimos anos as seguintes receitas:

1906	4 300 494 leva
1907	4 745 075 leva
1908	5 140 336 leva
1909	5 510 000 leva

Em 1895, havia no Mar Negro 7 portos búlgaros em actividade. Em 1908, já são oito, dos quais dois modernos (o de Varna e de Bourgas). Em 1895, ancoraram 2733 navios nesses portos (1583 veleiros e 1150 barcos a vapor) contra 5933 (3489 veleiros e 2444 a vapor) em 1908.

Em 1895, havia sobre o Danúbio 8 portos búlgaros contra 9 em 1908. Em 1895 contam-se 4608 chegadas de barcos nesses portos (589 veleiros e 4019 a vapor), contra 9137 (934 veleiros e 8203 a vapor) em 1908.

Os dois principais portos no Mar Negro (Bourgas e Varna) asseguraram de 1903 a 1907 as seguintes receitas:

Anos	Bourgas	Varna	Total
1903	149 571,06	11 974,75	161 545,81
1904	379 679,30	34 431,15	414 110,45
1905	363 703,20	83 075,35	446 778,55
1906	282 515,36	271 842,30	554 357,66
1907	283 903,30	435 815,15	719 718,45

Depois de 1907, as receitas são muito mais importantes.

O progresso capitalista do país também se manifesta na sua política externa que, durante vários anos da Libertação até hoje, se exprime pelo seguinte quadro:

Anos	Importações	Exportações
1879	32 137 800	20 092 854
1885	44 040 214	44 874 751
1890	84 530 497	71 051 123
1895	69 020 295	77 685 546
1900	46 342 100	53 982 629
1905	122 249 938	147 960 688
1909	160 429 624	111 433 683

Importavam-se sobretudo artigos de ferro, maquinarias e diversos outros materiais deste género, indispensáveis à indústria, à construção e à agricultura.

Embora mais lentamente, o capitalismo também penetra na agricultura. A concentração da terra nas mãos de um número de pessoas sempre menor, e a proletarização das massas camponesas é um processo contínuo. Segundo as estatísticas oficiais de 1897, 799 588 exploradores agrícolas possuem 3 977 557,73 ha. Se considerarmos a exploração agrícola de 0,1 a 10 ha como pequena propriedade, a de 10 a 100 ha como propriedade média e a de 100 a 500 ha ou mais como latifúndio, obteremos o seguinte quadro:

698 030	proprietários possuem	1 946 772,04	ha
100 610	proprietários possuem	1 771 025,28	ha
948	proprietários possuem	259 760,41	ha
799 588	proprietários possuem	3 977 557,73	ha

Sobressai do quadro acima citado que mais de 250 000 ha são propriedade de 948 pessoas. Se dividirmos o número total de hectares pelo número de proprietários, obteremos *em média* para cada proprietário da primeira categoria apenas 2,8 ha, da segunda categoria 17,6 ha e da terceira 274 ha.

O quadro seguinte torna ainda mais evidente a tendência para a concentração:

Hectares	Proprietários	Total de ha	Parcelas
De 100 a 200	606	82 600,26	19 001
De 200 a 300	155	37 779,31	5 900
De 300 a 500	100	42 736,12	3 575
500 e mais	87	96 641,42	2 413

Por conseguinte, 87 proprietários possuem mais terras do que os 255 proprietários da segunda bem como da terceira categoria e mais terras do que os 606 proprietários da primeira categoria. Além disso, o número das parcelas diminui na razão da diminuição do número de proprietários e do aumento da superfície possuída, facto que prova que as pequenas parcelas se reagrupam nas grandes explorações.

Facto esse que sobressai ainda mais claramente do quadro que se segue, segundo o qual a propriedade das explorações agrícolas existentes em 1897 está repartida da seguinte maneira:

166 765	explorações possuem	até			0,5	ha
90 508	explorações possuem	de	0,5	a	1	ha
106 373	explorações possuem	de	1	a	2	ha
75 100	explorações possuem	de	2	a	3	ha
60 061	explorações possuem	de	3	a	4	ha
50 222	explorações possuem	de	4	a	5	ha

92 515	explorações possuem	de	5 a	7,5	ha
56 486	explorações possuem	de	7,5 a	10	ha
55 503	explorações possuem	de	10 a	15	ha
22 095	explorações possuem	de	15 a	20	ha
14 911	explorações possuem	de	20 a	30	ha
4 338	explorações possuem	de	30 a	40	ha
1 770	explorações possuem	de	40 a	50	ha
1 993	explorações possuem	de	50 a	100	ha
606	explorações possuem	de	100 a	200	ha
155	explorações possuem	de	200 a	300	ha
100	explorações possuem	de	300 a	500	ha
87	explorações possuem	mais de		500	ha

No total: 799 588 explorações.

Actualmente, a situação também está modificada sob este aspecto, em especial nos distritos de Varna, Bourgas, Lom, etc. Um grande número de explorações estão irremediavelmente votadas à ruína. Segundo dados estatísticos mais recentes, as explorações de menos de 5 ha cifram-se em 792 618! Ora, é notório que em média, são indispensáveis pelo menos 5 ha para a existência de uma exploração.

Claro está que também é necessário considerar que um grande número das explorações agrícolas que figuram nas estatísticas oficiais como *independentes*, só gozam no fundo de uma independência *fictícia*, porque estão de *facto* nas mãos dos usurários ou da Banca Agrícola.

A industrialização rápida acompanha este reagrupamento das terras e a proletarização da população rural.

De 1890 a 1908, importámos máquinas agrícolas como se segue:

Anos	Quantidade (Kg)	Valor
1890	310 404	201 999
1895	309 132	323 551
1900	429 058	428 313
1905	936 548	834 019
1906	1 771 777	1 448 054
1907	2 541 802	2 199 336
1908	1 678 722	1 366 800

As máquinas agrícolas são cada vez mais utilizadas nos últimos anos na cultura da terra.

O modo capitalista de produção e de troca penetra a pouco e pouco em todo o país através de todos os poros da sua vida económica, social e política e cria novas condições, novos grupos e relações de classe, novas lutas e correntes sociais.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. I.
Edições do P. C. B.
1951, pp. 285-293.

A RESOLUÇÃO DE BUDAPESTE

A Conferência internacional sindical de Budapeste ficará memorável para os operários do nosso país, pelo facto de ter, como se sabe, aberto definitivamente o caminho para uma representação *efectiva* do proletariado búlgaro no seio da Internacional sindical e pela sua *fusão completa* com a vida e as lutas dos operários nos outros países.

Durante sete anos, não foi o proletariado búlgaro combatente que esteve representado na Internacional, mas a central de sindicatos *concorrentes* que só existiam parcialmente e que em consequência da sua actividade anti-operária estiveram sempre fora das *vias* do movimento operário internacional. Durante este longo período, os políticos e os oportunistas «obchtodeltsi» (*) abusaram desavergonhadamente do prestígio e dos recursos materiais da Internacional sindical, com interesses e para fins *completamente estranhos* ao proletariado e lançando a *infâmia* sobre a Internacional. Só para algumas greves, caídas sob a sua direcção, subtraíram ao proletariado internacional cerca de 33 000 leva dos quais metade desapareceu sem deixar traços nos bolsos de vários políticos suspeitos.

Além disso, estas greves, para as quais se enviava um auxílio internacional, foram utilizadas pelas políticos «obchtodeltsi» para os seus vis fins políticos e o seu oportunismo

(*) Partidários da acção comum.

grosseiro; foi este, em especial, o caso da greve geral dos ferroviários em 1960 ([10]) e da greve dos ferroviários de Leste em 1908 ([11]).

A primeira greve, como se sabe, tornou-se uma alavanca nas mãos do bloco «patriótico» ([12]) desta época, com o objectivo de derrubar o governo de Stambolov. É claro que o Partido democrata que tomou o poder dela beneficiou à larga; também muitos oportunistas «obchtodeltsi» ganharam com ela, pois obtiveram avultadas prebendas e «missões especiais» sob o auxílio tutelar da «democracia»; os elementos burocráticos instalados nos caminhos de ferro subiram muito de grau — contudo, a massa operária dos ferroviários, que carregou aos ombros um enorme fardo e todos os dissabores da longa luta durante a greve, foi cobardemente *enganada*.

A heróica greve dos ferroviários de Leste foi *vendida* pelos políticos «obchtodeltsi» ao governo democrata, facto que lhe permitiu apoderar-se facilmente da rede de Leste e criar as condições *formais* para proclamar a «independência» ([13]). E no momento em que toda a burguesia, com o seu monarca, doravante ataviado com o título de czar, à cabeça, rejubilavam, em que os vendidos escreviam artigos quilométricos e faziam discursos inflamados, para provar que a penhora sobre os caminhos de ferro do Estado pelo governo se tinha realizado segundo «princípios socialistas» — 400 ferroviários da rede de Leste, com as suas famílias, foram postos na rua, lançados à fome e à miséria!

Perante estes factos vergonhosos, e toda uma série de outros, indiscutivelmente provados, expostos pela nossa delegação à Conferência internacional de Budapeste, esta não podia tomar uma medida mais natural e indispensável do que *expulsar* do seio da Internacional sindical a central sindical dos «obchtodeltsi». A Conferência não teria podido agir de outro modo. Tinha que o fazer. Tratava-se de salvar a honra da Internacional, de pôr fim ao uso abusivo e grosseiro do seu prestígio e dos seus recursos materiais, abusos perpetrados por um bando de políticos sob a cobertura de uma «central sindical»; era necessário que as portas se abrissem à *verdadeira* central sindical do proletariado búlgaro, que se impulsionasse o seu movimento de libertação e se aplicasse um golpe mortal

às tendências *separatistas* para formar e apoiar sindicatos *concorrentes*, com os quais *só* a burguesia búlgara beneficiaria.

Pela honra da Internacional e pela felicidade dos operários búlgaros, a Conferência internacional de Budapeste fez isso — e somos obrigados a sublinhá-lo — por *unanimidade* e sem a *mais pequena hesitação*.

Eis o verdadeiro e profundo sentido da revolução votada em Budapeste sobre o «problema búlgaro». Embora esta resolução esteja impregnada de grande tacto e de cortesia internacional e revista um estilo extremamente amável, continua a ser na *sua essência* marcada pelo facto indiscutível de a central sindical dos «obchtodeltsi» ter sido *expulsa* da Internacional, como *indigna* de figurar nas suas fileiras, e de, deste modo, ter aberto o caminho para a admissão definitiva da nossa união que absolutamente todos os delegados à Conferência, com conhecimento dos assuntos da Bulgária, consideraram como *a única representante do proletariado búlgaro*.

Os esforços vãos dos políticos em torno de «R. B.» e dos super-homens de «Napred» para fornecer uma outra interpretação para a resolução de Budapeste, tendo apenas em conta a sua forma flexível e às observações isoladas da imprensa estrangeira a seu propósito, serão estéreis. Os seus raciocínios actuais, segundo os quais a central dos «obchtodeltsi» não teria sido *expulsa* da Internacional mas apenas *temporariamente afastada*, para que a *união* das *duas* centrais sindicais na Bulgária se possa efectuar mais facilmente, só podem servir de consolação ao pequeno número de ingénuos incorrigíveis dos sindicatos concorrentes. Não poderia contudo enganar nenhum operário sério, porque, na verdade, o assunto está absolutamente claro.

Também não é necessária muita inteligência para compreender que se a Conferência encarasse a situação na Bulgária do mesmo modo como o fazem os nossos políticos e super-homens, se desejasse semelhante «união», pela qual choramingam sem cessar, não havia *absolutamente nenhuma* necessidade de «afastar» a central sindical dos «obchtodeltsi» da Internacional. Pelo contrário; uma tal «união» teria muito mais possibilidades, se a central dos «obchodeltsi» tivesse continuado no seio da Internacional e a Conferência nos tivesse dito: querem ter acesso à Internacional sindical — muito bem! Nenhuma objecção. Realizem a união com a cen-

tral sindical da Bulgária, filiada já há 7 anos e, por isso mesmo, também estareis no seio da Internacional. Se não desejarem fazê-lo, então continuarão fora da família internacional do proletariado!

Sabe-se que foi precisamente assim que a Conferência agiu no que respeita à América. À *nova* central sindical americana declarou-se sem rodeios e categoricamente, *que se desejava estar no seio da Internacional, era necessário que se unisse à antiga central americana* (14) (a assim denominada Federação do trabalho de Gompers) que, depois da Conferência de Paris (15) (1909) faz parte do secretariado da internacional sindical. Porque é que a Conferência de Budapeste não *"afastou também temporariamente"* a antiga central americana, para facilitar e apressar a «união» das duas federações na América?

Os experientes militantes sindicalistas e sociais-democratas que se encontravam em Budapeste não sabiam o que faziam? Embora mil vezes mais modestos do que os fanfarrões em torno de «R. B.» e de «Napred», tinham a inteligência e a competência necessárias para compreender que não havia *absolutamente nenhuma contradição e nenhuma inconsequência* nas suas duas decisões diferentes no que respeita o diferendo na Bulgária e o na América.

Por isso, quando Jouhaux (16), secretário da Confederação francesa do Trabalho (17), que tinha certas simpatias para com a *nova* central americana, depois do voto da resolução sobre o «problema búlgaro», exprimiu o seu pesar de que a Conferência não tivesse a mesma decisão no que dizia respeito ao caso americano, fizeram-lhe tranquilamente notar que existia uma grande diferença entre os dois casos e que era por esse motivo que se tomavam duas decisões completamente diferentes.

E de facto, enquanto a Conferência considerava a *antiga* federação americana como representando *efectivamente* o proletariado americano e que *devia* estar na Internacional, no que diz respeito à união sindical dos «obchtodeltsi» tinha todos os motivos para a considerar como uma central sindical fictícia, que só *envergonha* a Internacional, *abusa* do seu prestígio, *pilha* os seus recursos e, pelas suas relações internacionais, *entrava* a união efectiva do proletariado búlgaro.

Portanto, para facilitar a *unidade* do movimento sindical na América, a Conferência internacional de Budapeste *rejeitou* a nova central americana *deixando* no seio da Internacional a antiga federação. Para obter a mesma unidade na Bulgária, *expulsou* da Internacional a central sindical dos «obchtodeltsi» e *abriu* as suas portas à nossa união sindical.

Podemos hoje constatar com satisfação que a resolução de Budapeste sobre o «problema búlgaro» já dá resultados muito favoráveis para a unidade do proletariado entre nós e para a completa desagregação dos sindicatos *concorrentes* rejeitados pela Internacional.

Falaremos disso no próximo número.

Rabotnicheski vestnik
N.º 60 de 3 de Outubro de 1911.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. I.
Edições do P. C. B.
1951, pp. 481-486.

QUEM É CONTRA A UNIDADE?

Como grupo incomparavelmente mais forte numérica e financeiramente e mesmo sob qualquer outro aspecto, a nossa central sindical tinha absolutamente o direito de insistir irredutivelmente para que fosse reconhecida pela Internacional como representante natural do movimento sindical búlgaro e que fosse precisamente a ele que a Internacional confiasse a tarefa de restabelecer também a *unidade* da organização sindical naquelas profissões em que continua, entre nós, a existir uma certa dispersão das forças operárias. Tanto mais que os representantes dos sindicatos filiados na central dos socialistas de direita, ao reconhecerem *eles próprios* ser uma minoria, ainda por cima afirmaram sempre, tanto no nosso país como perante a Internacional, que, no domínio da luta sindical, defendem os mesmos princípios e tácticas também defendidos pelas uniões sindicais sociais-democratas. Também o declaram solene e categoricamente nas conferências comuns com a participação do camarada K. Leguine ([15]). Nestas condições, nada seria mais natural e normal do que ver a *minoria* unir-se à *maioria,* do que criar organizações sindicais *unidas* e do que pôr fim à cisão sindical e às discórdias fraternas entre operários, para que os operários organizados de *todas* as profissões possam lutar unindo as suas forças contra a exploração capitalista e pela defesa dos seus interesses operários vitais.

Ora, para acelerar e facilitar o processo de restabelecimento da unidade total do movimento sindical entre nós, para criar a base de uma união sindical perfeitamente digna

também para essa *minoria*, sem que esta última, tendo existido durante anos em organizações independentes, se sinta *humilhada* e unida *pela força* à maioria, a nossa central sindical fez uma grande concessão ao aceitar tratar a central sindical dos socialistas de direita como parte contratante igual na ocorrência e já fez a proposta conhecida, segundo a qual os *próprios* operários organizados dos dois lados possam discutir num *congresso comum*, com representação proporcional, e *em conjunto* o meio prático que mais seguramente permita realizar a unidade necessária do movimento sindical, sem expor esse movimento ao perigo de ser desorganizado e transformado em arena de todas as espécies de lutas de conciliábulo e intestinas que também quebrariam a unidade criada. Nesse *congresso puramente operário* depois de uma discussão das mais maduras e completas das condições e das relações *de facto* que presidiram à criação e ao desenvolvimento do movimento sindical búlgaro, os *próprios* operários das organizações das duas centrais sindicais, sem ingerência exterior nem pressões de nenhuma espécie, terão toda a possibilidade de decidir, *da maneira mais judiciosa e útil* para eles e para toda a classe operária, *todos os problemas que dizem respeito ao carácter, à táctica, à forma de organização e à atitude para com os partidos políticos do movimento sindical unido.*

Evidentemente, nesse congresso operário — *tal como sucede em todos os outros congressos operários* — a minoria submeter-se-ia à vontade e às concepções da maioria, mas isto não seria um *acto maioritário* ou de *terror* em relação à minoria; seria uma submissão de livre vontade da parte de todos os operários organizados à vontade proletária manifestada pela unidade da organização sindical, pela supressão das discórdias fraternas entre operários e pela luta unânime contra o inimigo operário comum — *o capitalismo.* As decisões do congresso serão a expressão viva das reivindicações dominantes no seio dos *próprios* operários organizados, das suas ideias e concepções no que respeita às vias que asseguram os melhores êxitos na luta da classe operária contra a exploração e a tirania capitalista.

Tudo isto é de tal modo claro e compreensível para a massa operária organizada dos dois campos operários em discussão entre si, que não há necessidade de explicações detalhadas e de provas. Mais não resta do que passar à sua aplicação prática pelas organizações próximas das duas centrais, com toda a boa vontade proletária indispensável neste caso.

Contudo, somos aqui obrigados a constatar o facto indigno de os chefes da central sindical dos socialistas de direita não só terem rejeitado sem qualquer espécie de discussão e sem a terem compreendido a franca proposta que lhe foi feita pela central sindical social-democrata, como despendem agora todos os seus esforços para afastar os operários, nas suas organizações, das discussões calmas, e recorrem aos velhos meios da intriga, da calúnia e da instigação para cavar ainda mais o abismo que separa os sindicatos sociais-democratas por um lado e as organizações sindicais dos socialistas de direita por outro.

Ainda o camarada Karl Leguine que, em nome de oito milhões de proletários sindicalizados, tinha solenemente proclamado a necessidade urgente da unidade do movimento sindical e da supressão das discórdias fraternas entre operários, não tinha abandonado o território do nosso país, e já os inspiradores da central dos socialistas de direita atacava raivosamente as uniões sindicais sociais-democratas e os seus activistas e representantes, anunciando uma «nova vergonha dos socialistas de esquerda» recomendando aos seus operários uma luta das mais indignas contra os seus irmãos das uniões sindicais sociais-democratas e até mesmo que furassem sistematicamente as nossas greves.

Não há dúvida: tudo isso desmascara com bastante clareza os dirigentes e os inspiradores da central sindical concorrente, que *não desejam a verdadeira e digna união das organizações sindicais e que apenas se inspiram na ideia de salvar o conciliábulo político em crise, em cujas mãos continuam a ser um lamentável instrumento.* Porque é claro como o dia que, se se deixassem os operários das organizações das duas centrais resolver *por si próprios* todos os problemas que dizem respeito à unidade da sua organização e da sua luta, *isso constituiria um golpe mortal vibrado no conciliábulo dos socialistas «obchtodeltsi» e na sua «intelligentsia» venal.*

Contudo, devemos declarar que nenhum operário consciente pode participar nessa luta sórdida e que as nossas uniões sindicais sociais-democratas lhe reservam o seu desprezo. Em contrapartida, trabalharão ainda com mais zelo na aproximação e no entendimento com os operários das organizações filiadas na central dos socialistas de direita e na realização, num futuro imediato, da unidade do movimento sindical.

Os operários não têm motivos para questionarem; devem pôr-se de acordo e unir-se para a luta comum contra o capitalismo.

E unir-se-ão, apesar das provocações criminosas dos vociferadores dos socialistas «obchtodeltsi», porque os próprios operários organizados nos sindicatos concorrentes não podem em nenhum caso colocar mais alto os interesses e os cálculos do conciliábulo dos socialistas de direita do que a necessidade de se unirem e de lutarem juntamente com os seus irmãos das uniões sindicais sociais-democratas pela defesa dos seus interesses de classe e pelo triunfo do socialismo proletário!

Rabotnitcheski vestnik
N.° 280 de 10
de Abril de 1914.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. III.
Edições do P. C. B.
1952, pp. 16-20

CONTRA OS CRÉDITOS MILITARES

Senhores Deputados,

Por ocasião do voto dos anteriores créditos militares, o nosso grupo parlamentar teve a oportunidade de expor e de discutir as razões que o obrigam a votar contra esses créditos. Não pretendo agora expor detalhadamente perante a Câmara essas razões fundamentais e de princípio, uma vez que são conhecidos. Sou, contudo, obrigado em nome do nosso grupo, a chamar a vossa atenção para uma razão importante e especial, que nos leva a revoltarmo-nos contra este novo crédito militar de 6 050 000 leva.

Consideramos que todas as somas agora votadas no capítulo da guerra constituem um meio para a realização entre nós de uma política que facilitaria a divisão e a conquista dos Balcãs — uma política que aqui foi claramente manifestada pela maioria quando da resposta à mensagem do trono, bem como da parte dos grupos parlamentares da oposição, à excepção do nosso. Esta política resumia-se então em duas palavras: a Bulgária não devia em nenhuma circunstância entrar em acordos com os outros Estados balcânicos, uma vez que isto era considerado como impossível, até mesmo utópico nas condições presentes, mas recorrer às conversações com ambos os grupos das grandes potências, para assegurar a sua independência, a sua integridade e realizar eventualmente os seus ideais nacionais. Pois bem, senhores deputados, consideramos que esta política que, com diversas tonalidades, é partilhada tanto pela maioria da Câmara como

os partidos burgueses na oposição, é desastrosa para o nosso país, e que todos os meios que servem semelhante política não podem ser aprovados aqui, no parlamento, em nome das massas populares, em nome da classe operária. Erguemo-nos contra esse crédito militar e pensamos que defendendo os interesses do povo búlgaro e não os de um punhado de senhores privilegiados, que governam e possuem o país, que do ponto de vista dos interesses desse povo, o Parlamento não deveria votar um único cêntimo para fins militares, até ao momento em que o actual governo, ou qualquer outro governo que amanhã viesse a tomar o seu lugar, não adoptasse a única política actualmente salutar de harmonia entre os países balcânicos, de edificação de uma federação balcânica. Ainda hoje pensamos, tal como já aqui o sublinhámos por várias vezes, que a realização desta política é possível...

O Dr. K. Provadaliev: Fala a sério?

J. Dimitrov: ...e ainda hoje, como sempre, apenas recomendamos absolutamente a sério ao Parlamento e ao actual governo essa política de salvação. Eis porque é que neste momento tenho o dever de sublinhar que não podemos votar, que o Parlamento, se não quiser trair os interesses do povo búlgaro, não devia votar nenhuma soma com destino militar, enquanto não tiver adoptado uma política balcânica autónoma, independente e que fosse ao mesmo tempo uma política búlgara.

Em segundo lugar, senhores deputados, permitir-nos-ão que não estejamos de acordo com a necessidade desses créditos militares extraordinários neste momento, visto que uma grande parte desses créditos será utilizada para manter sob as bandeiras os reservistas mobilizados. Porque, apesar da situação em que actualmente se encontram a Bulgária e os Balcãs, estamos convencidos — e dispomos de dados suficientes que decerto também muitos deputados do actual governo conhecem — de que a chamada dos reservistas, a chamada dessas três séries de seis contingentes, não é ditada pela necessidade de salvaguardar a independência do nosso país; isso é simplesmente (se me permitem chamá-lo, assim) um ensaio, uma mobilização parcial, de experiência. Depois da guerra dos Balcãs de 1912-1913, depois das chagas que essa guerra causou, depois do esgotamento de toda a vontade das massas populares para fazer a guerra, é necessário proceder a uma sondagem, é necessário verificar até que ponto essa vontade das massas populares está presentemente regenerada. Até mesmo certas personalidades militares não escondem presentemente que, de facto, a razão essencial da actual chamada desses contingentes é precisamente a de uma sondagem e, por outro lado, a de criar uma certa atmosfera no seio dessas massas que, amanhã, poderiam eventualmente ser chamadas por ocasião de uma mobilização geral. Ora bem, consideramos que a chamada das reservas não se devia realizar, ela é ditada por considerações absolutamente diferentes, e, por conseguinte, a despesa que esta chamada dos reservistas representa é uma despesa que poderia ter sido evitada. Não estamos dispostos a sacrificar um único cêntimo, uma única gota de sangue, que não tenha como fim a garantia da liberdade e da independência da Bulgária, mas sim a sua desgraça. Eis a nossa ideia essencial, a nossa atitude de princípio.

Esse crédito que decerto votarão não é mal acolhido deste lado também. *(Aponta à esquerda.)* As objecções que levantam são de natureza puramente formal, são objecções ao sistema de créditos extra-orçamentais; não são objecções de princípio, porque podereis dizer com razão àqueles que estão à esquerda, que, também eles, gastaram dinheiro para necessidades militares, que isso não foi inventado pelo gabinete liberal, que isso é um sistema antigo que provavelmente continuará, apesar de tudo o que se pode desejar durante anos, ou pelo menos enquanto durar o regime burguês, porque nunca a burguesia que governa a Bulgária terá a audácia, a coragem de se apresentar perante as massas populares e de dizer: «Para o nosso militarismo, para fins militares, temos necessidade de tantos milhões, e prevê-los com exactidão no orçamento, mas escondê-los-á sempre, porque é necessário lançar poeira aos olhos das massas na miséria, as quais, depois de terem lançado uma vista de olhos pelos orçamentos, se se interessassem por isso, constatariam, despesas de 50 milhões de leva, mas fazendo um cálculo exacto, veriam que não são 50, mas 150 a 200 milhões de despesas por ano. Ora bem, senhores deputados, uma vez que nenhuma das duas partes rejeita esse crédito por princípio — ele será votado; mas pergunto o que é que o actual governo, que se apressa a fazer

votar esses créditos extra-orçamentais, o que é que vós, senhores da maioria, pensais fazer, ao legalizar pelo vosso voto diversos empreendimentos do governo, para garantir a existência desses milhares de famílias, cujos chefes são chamados para uma instrução de três semanas? Não ignoram a grande angústia que se apoderou de todo o país por causa da chamada de alguns contingentes das reservas. 90 por cento desses homens são operários, camponeses pobres, agricultores; de um modo geral deixaram a sua família sem um centavo, no momento em que reina a crise social, não têm reservas, não têm dinheiro, não tiveram o que poupar e, por conseguinte, as suas famílias passam fome e suportam o Inverno rigoroso.

O Presidente do Conselho Dr. V. Radoslavov: Quem é que passa fome?

J. Dimitrov: O Estado não faz nada por eles.

O ministro P. Pechev: O Estado faz tudo. Basta de demagogia!

J. Dimitrov: Sr. Ministro! Não fazemos demagogia, dizemos a pura verdade que pode constatar por toda a parte.

O ministro P. Pechev: O nosso Estado não abandonou os seus homens à fome.

J. Dimitrov: Vejamos, se não desejassem que essas famílias do nosso país estivessem na miséria, senhores ministros, teriam feito uma coisa: ainda antes de apresentar este projecto de créditos extra-orçamentais, teriam podido apresentar um projecto de lei aumentando o auxílio a essas famílias na miséria. Não o fizeram e agora diz-me que o Estado fez tudo. O Estado não faz nada neste sentido...

O ministro P. Pechev: Não os abandonará.

J. Dimitrov: ...e diz, que as pessoas não passam fome. Sim, passam fome, senhores!

Da direita e do centro da direita: E-e-e-h! Isso não é verdade.

J. Dimitrov: Estais saciados e mais que saciados e é por isso que não acreditais nos esfomeados. Ora bem, senhores deputados, se o governo não apresenta esse projecto de lei, porque é que o departamento da Câmara não entra em acordo com o governo para pôr na ordem do dia o projecto de lei que o nosso grupo parlamentar já apresentou nesse sentido durante a sessão anterior e que renovamos no início desta

sessão — um projecto de lei respeitante ao auxílio às famílias pobres no caso de mobilização e que poderia ser alargado para auxiliar as famílias operárias na miséria, cujos chefes são chamados para um período de instrução militar de três semanas, que de facto, é uma mobilização parcial. Isso também não foi feito. Finalmente, sabeis que esta crise que hoje reina entre nós, atinge mais pesadamente aqueles que não têm bens — pelo menos isso não será negado por nenhum de vós — pois para os senhores que dispõem de grandes capitais, para aqueles cujo capital rende apesar de tudo, não há crise económica. Esta crise cai sobre os ombros dos que não possuem bens. Pois bens, senhores deputados, muitas empresas industriais já não funcionam, há uma paralisação económica geral, um desemprego de massa — é o que nos poderia dizer o senhor ministro da Indústria e do Trabalho que está na posse de um relatório especial das organizações operárias que tratam do desemprego; actualmente mais de 30 mil pessoas em todo o país não conseguem arranjar trabalho — e isto representa outras tantas familias — mais de 100 mil pessoas que não têm meios de existência, não têm pão, não têm nenhum sustento. Há um projecto de lei para o seu caso, mas esse projecto de lei não é posto na ordem do dia. O governo não faz nada nesse sentido. As pessoas passam fome, enquanto vos preparais para votar de braços abertos novos créditos extraordinários para fins militares. Senhores deputados! Faço questão em revelar esta grande contradição, esta falta de consequência e esta crueldade, que o nosso Estado comete por vosso intermédio, por intermédio do governo e da maioria da Câmara.

S. Kalenderov: Crueldade.

J. Dimitrov: Sim, crueldade sem igual. — Senhores deputados! Há alguns instantes o Sr. Koznitchki, para nos persuadir a votar estes créditos extra-orçamentais, citava-nos o exemplo de outros países que adoptaram esse sistema: a Alemanha, a Áustria, e tantos outros países em guerra. Contudo, a analogia não era correcta, porque estão em guerra, enquanto nós não o estamos.

V. Koznitchki: Também falei daqueles que não estão em guerra — dos países neutros.

J. Dimitrov: Mas para que houvesse analogia, o Sr. Koznitchki deveria dizer-nos o que fizeram pelas massas operárias em dificuldades nos casos em que na verdade votaram créditos extra-orçamentais, impostos pela guerra.

O ministro D. Petkov: Nos casos em que estão em guerra.

J. Dimitrov: Neste caso, vós senhores deputados, não estais dispostos a votar um único cêntimo para a classe operária, para as massas populares em dificuldades, que amanhã ireis chamar para fazer a guerra, não para eles, mas uma vez mais para vós...

A direita e o centro direita: À-a-a-h!

J. Dimitrov: ...por uma política vossa, por ideais nacionais vossos, sob cuja capa dissimulais os vossos próprios interesses, egoístas, capitalistas.

O ministro P. Pechev: Isso é uma insolência!

J. Dimitrov: Permito-me dizer ao Sr. Pechev que longe de ser uma insolência, é a pura verdade.

O ministro P. Pechev: É o cúmulo da insolência! É escandaloso! Não há um presidente para o chamar à ordem? É instigação, demagogia! Não ouse lançar-se em incitações!

V. Kolarov: A fome, a miséria existem.

O ministro P. Pechev: Não faça demagogia sobre um problema de alcance nacional. É vergonhoso e infame!

P. Guenadiev (Para a extrema esquerda): Incitais o povo à revolta.

D. Blagoëv: Sois vós que o revoltais.

O ministro P. Pechev (a J. Dimitrov): Preste atenção ao que diz!

J. Dimitrov: Que o ministro da Instrução pública mantenha a calma.

O ministro P. Pechev: Corrija a sua linguagem!

J. Dimitrov: Senhor ministro! Nós sabemos aquilo que afirmamos.

O ministro P. Pechev: Não sabe o que diz.

J. Dimitrov: Aquilo que afirmamos, podemos prová-lo com documentos.

O ministro P. Pechev: Não sabe as consequências que as suas palavras podem acarretar.

J. Dimitrov: Não nos obrigue a abrir agora os velhos registos.

Da direita: A-a-a-h!

S. Kalenderov: Não sabe o que diz.

O Presidente: Sr. Dimitrov! Fale acerca dos créditos, senão tiro-lhe a palavra.

D. Blagoëv: Não tem o direito, senhor presidente, de lhe impor o tema.

Protestamos contra essa insolência.

P. Guenadiev: Sr. Blagoëv; A chamada dos reservistas é pela nossa Pátria. O senhor, na sua velhice, esquece-o.

D. Blagoëv: O senhor, lá em baixo, cale-se!

O Presidente: Convido o Sr. Dimitrov a voltar ao assunto. A paciência está a esgotar-se. Caso contrário, serei obrigado, segundo a regra, a retirar-lhe a palavra.

J. Dimitrov: Senhores deputados! Se o desejarem e se tiverem paciência, em vez de se enervarem...

S. Kalenderov: Como é possível suportar?

J. Dimitrov: ...mostrar-vos-ei aqui uma dúzia de patriotas que pilharam a Bulgária e por causa dos quais se fez a guerra dos Balcãs. Ei-los *(mostra a direita)* e ei-los *(mostra a esquerda).*

M. Nitchov: Apresente-os, nomeie-os!

J. Dimitrov: Há um inquérito parlamentar que provou muitas coisas e que ainda há-de provar...

M. Nitchov: ...dezenas e centenas de patriotas privilegiados da Bulgária — ali *(mostra a direita)* e ali *(mostra a esquerda).*

Alguém da direita: Aqui não os há.

T. Lukanov: Eis o Sr. J. Dimitrov, grande patriota, não é? Porque é que diz que não os há?

O Presidente: Senhor Dimitrov! Se não falar sobre o seu tema e continuar a irritar os deputados, retiro-lhe a palavra.

J. Dimitrov: Não tem o direito, senhor presidente. Termino.

O Presidente: Não nos vamos ocupar com palavras ocas e com ataques pessoais.

J. Dimitrov: Protesto: o presidente não tem o direito de participar na discussão para decidir de quem são as palavras ocas e de quem são as palavras sensatas.

O Presidente: Retirar-lhe-ei a palavra.

D. Blagoëv: Como é que lhe pode retirar a palavra? É arbitrário!

O Presidente: É acusado de se afastar do tema. Não deve troçar da Assembleia Nacional.

D. Blagoëv: Não lhes convém ouvir a verdade amarga.

O Presidente: Sr. Dimitrov, volte ao tema. Não me force a retirar-lhe a palavra.

J. Dimitrov: O senhor presidente não estaria tão perturbado e não teria feito nenhuma observação, se eu, à semelhança do Sr. Grigor Vassilev, fizesse o elogio do nosso exército búlgaro e pedisse um aumento dos créditos militares. Mas como me apresento como o representante de um Partido que se opõem a esse ponto de vista, para falar contra esses créditos, começais todos a discutir e quereis fazer com que me retirem a palavra. É, da vossa parte, incoerente com as ideias, contrário aos usos parlamentares, vós que vos gabais de parlamentarismo.

Permitam-me que tire conclusões. Queria chamar a vossa atenção, senhores deputados, para o facto de, quando se apressam desta maneira para votarem os créditos extraordinários para fins militares, não fazerem absolutamente nada — é a verdade — para garantir a vida dessas famílias que sofrem e têm uma vida miserável na Bulgária. É o que queria dizer.

S. Kalenderov: E queria fazer inscrever essas somas no capítulo deste crédito extra-orçamental?

J. Dimitrov: Arranjam dinheiro para tantos créditos extra-orçamentais, mas para as reformas sociais só têm palavras.

T. Lukanov: É claro que assim sucederá uma vez que se apresenta um orçamento de 60 milhões de leva e que se pedem créditos militares de 200 milhões de leva.

J. Dimitrov: São votados milhões para créditos militares, mas para a legislação social, para a protecção do trabalho, só resta o que foi dito no discurso do trono e as promessas feitas pelo governo. Vejamos, senhores deputados, estamos aqui para vos dizer que a classe operária, que as massas populares, uma parte das quais elegeu alguns de vós, não podem ser solidárias com semelhante política. E quando o nosso governo proclama que o povo aprova essa política, que pelo seu silêncio, o povo com ela se solidariza, sabei, senhores deputados e governo, que esse povo que sofre e conhece a miséria, que assume a edificação dessa organização militar

para que vos sirvais dele como de um instrumento e não para a defesa da nação...

S. Kalenderov: E porquê?

J. Dimitrov: ...mas, consciente ou inconscientemente, para a perda da liberdade e da independência nacional, que esse povo não é solidário, que se opõe a isso e é em seu nome que protestamos resolutamente contra essa política aqui orientada, política orientada contra a liberdade e independência do país.

Relatórios estenografados
da XVII
Assembleia Nacional
19 de Novembro de 1914,
pp. 483-486.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. III.
Edições do P. C. B.
1952, pp. 297-307.

A IMPORTÂNCIA DA SEGUNDA CONFERÊNCIA BALCÂNICA

DISCURSO PRONUNCIADO NA REUNIÃO PÚBLICA EM SÓFIA, NO DIA 9 DE JULHO DE 1915

A segunda conferência social-democrata balcânica, que se realizou em Bucareste, continuou a obra começada em 1909 pela Primeira conferência social-democrata balcânica, realizada em Belgrado, para o triunfo da República Federativa Balcânica. A Conferência balcânica social-democrata de Belgrado apenas tinha preparado e formulado as posições fundamentais de princípio para a união e a luta comum dos Partidos sociais-democratas nos países balcânicos; tinha deixado a uma segunda conferência o cuidado de organizar na prática essa luta comum.

Mas infelizmente a obra tão bem começada em Belgrado devia ser interrompida por algum tempo devido a acontecimentos ocorridos e à Guerra dos Balcãs.

Actualmente, devemos agradecer em primeiro lugar ao fraterno Partido romeno que tomou a iniciativa de convocar para Bucareste a Segunda conferência social-democrata balcânica e que fez grandes esforços para garantir o seu completo sucesso.

A Conferência de Bucareste apenas esclareceu, aprofundou, consolidou e alargou os fundamentos de princípio preparados pela Conferência de Belgrado. A sua principal tarefa consistiu em estabelecer as formas de organização, os métodos e os meios indispensáveis para a luta da social-democracia balcânica para a realização da República Federativa Balcânica ([19]).

A Segunda conferência social-democrática balcânica decidiu *por absoluta unanimidade* de todos os delegados que os

Partidos operários sociais-democratas e as uniões sindicais dos países balcânicos deviam formar uma *Federação operária social-democrata balcânica* com um secretariado Interbalcânico constituído por dois delegados de cada país, um do Partido, o outro da União sindical bem como de um Comité Executivo eleito pelo Partido Operário social-democrata e pela União geral dos sindicatos operários na Roménia. Em vez dos diferentes Partidos sociais-democratas actuando até ao presente separadamente e com incoerência, criava-se uma social-democracia balcânica única.

O primeiro passo decisivo para a união dos povos balcânicos foi de facto dado pela *união do proletariado socialista* da Roménia, da Sérvia, da Bulgária e da Grécia numa Federação Balcânica social-democrata.

A federação dos Partidos sociais-democratas e das uniões sindicais balcânicas realiza-se não só porque se compreende claramente que fronteiras artificiais separam os povos da península dos Balcãs e que uma única e mesma sorte os une, mas também porque, sem esta organização, é impossível levar a cabo uma luta eficaz pela formação da República Federativa Balcânica na qual todos os povos balcânicos só podem encontrar a sua salvação.

A Federação Balcânica social-democrata actuará com o objectivo de reunir igualmente os partidos sociais-democratas que depois se formarão na Turquia, na Albânia e em Montenegro, desde que aceitem os princípios do socialismo revolucionário internacional; a Federação Balcânica social-democrata observará deste modo o princípio segundo o qual *uma única união sindical e um único Partido social-democrata* de cada país nela poderão participar.

A Federação Balcânica social-democrata será representada no secretariado socialista internacional ([20]) e no congresso internacional por *uma única delegação balcânica* onde estarão representadas em pé de igualdade, as uniões sindicais e os Partidos sociais-democratas federados.

O Comité executivo foi encarregado pela Conferência de começar a publicação de *um boletim balcânico socialista* em francês e em alemão, para explicar ao proletariado internacional a situação nos Balcãs e a luta dirigida por uma República Federativa Balcânica; as uniões sindicais e os

partidos federados são obrigados a prestar assistência através de delegados no seu congresso, de oradores nos seus «meetings», de jornais e de todas as publicações impressas, etc. O Primeiro de Maio foi escolhido como *um dia de manifestação geral* em todos os países a favor da República Federativa Balcânica.

O secretariado interbalcânico redigirá brochuras especiais sobre o problema balcânico e a luta por uma República Federativa Balcânica, *editados em todas as línguas balcânicas.*

Mesmo sem que vos cite outros detalhes das decisões da Conferência (aqueles que por isso se interessam lê-las-ão no *Jornal Operário*), vêem claramente a enorme vantagem para o proletariado balcânico da criação da Federação social-democrata balcânica.

Mas a Conferência de Bucareste também se devia pronunciar sobre a guerra actual e as tarefas da Internacional. Proclamou *por unanimidade* a necessidade de restabelecer imediatamente a Internacional, facto que actualmente só é possível na base do *socialismo revolucionário e do internacionalismo proletário.*

A Conferência exprimiu para este efeito o seu grande desejo de ver os Partidos sociais-democratas dos países beligerantes romper imediatamente com a paz dita «*paz civil*» ([21]) e retomar de novo a luta de classes intransigente.

Ao dirigir as mais cordiais saudações a Rosa Luxemburg ([22]), a Liebknecht ([23]) e a todos os que se mantiveram fiéis aos princípios do socialismo revolucionário internacional, a Conferência sublinha a necessidade imediata de organizar por toda a parte a luta sem tréguas contra *o oportunismo, o social-imperialismo e todos os desvios na Internacional.*

A Conferência de Bucareste terminou com a votação de uma resolução contra as instigações à guerra nos países balcânicos, para salvaguardar a todo o custo *a paz e a neutralidade.*

(Neste ponto, o orador descreve o grandioso «meeting» que tinha precedido a Conferência de Bucareste e a indignação do proletariado de Bucareste em consequência da proibição imposta pelo governo aos delegados de tomar a palavra no «meeting».)

Não há de modo algum necessidade de mostrar detalhadamente a enorme importância *histórica, política*, etc., como o diz o camarada Sideris, a enorme importância *moral* da actividade despendida pela Segunda conferência social-democrata balcânica. Marca para o proletariado balcânico e para os povos da península dos Balcãs, o início de *uma nova e luminosa época.*

Actualmente, depois desta conferência histórica, a nossa tarefa consiste em popularizar nas mais vastas camadas do proletariado búlgaro, no seio das massas populares, a ideia da República Federativa Balcânica, de reunir as massas operárias nas fileiras e sob a bandeira da *Federação Balcânica social-democrata!* Só deste modo constituiremos uma digna secção da Internacional Balcânica. Avançando lado a lado com os nossos irmãos da Roménia, da Sérvia e da Grécia aproximar-nos-emos do dia do triunfo da República Federativa Balcânica que será uma etapa segura que levará à grande revolução proletária social!

Rabotnitcheski vestnik
N.º 77,
de 2 de Julho de 1915.

J. Dimitrov, *Obras*, t. IV.
Edições do P. C. B.
1952, pp. 107-111.

A FAVOR DOS POVOS PEQUENOS

Os imperialistas (24) da Entente proclamaram por todo o mundo que lutavam pelos direitos e liberdades dos povos pequenos. Comparando num discurso os grandes povos com os povos pequenos, Lloyd George exprimiu-se da seguinte maneira: São grandes, de facto, os pinheiros e os carvalhos seculares, mas os frutos mais preciosos, colhê-los-emos nos pequenos Estados; declarou que também os pequenos povos, quando os deixam desenvolver livremente e de acordo com as suas particularidades são tão preciosos e indispensáveis ao progresso da humanidade como os grandes. Asquith (25) afirma ao falar das condições que a paz trará aos povos: «Grandes e pequenos, fortes e fracos, todos terão os mesmos direitos à liberdade e à independência.»

Depois de ter citado estas declarações e outras mais, um diário de Sófia concluiu: «Se de facto, o princípio da igualdade dos povos triunfar e for aplicado depois da conclusão da paz, as consequências para o povo búlgaro serão das mais favoráveis.»

Acaso terá a burguesia da Entente renunciado às suas tradições seculares de opressão e de exploração das centenas de milhares de povos, grandes e pequenos? Nada disso. Muito pelo contrário. A Entente mobilizou as gerações de homens aptos a combater dos povos de todas as cores, por ela oprimidos, para deles fazer carne para canhão, para defender e alargar o domínio dessa mesma burguesia sobre os povos mais pequenos e atrasados no seu desenvolvimento, quando ainda estão bem vivas na nossa memória as perseguições em relação

ao povo irlandês [26] que luta pela liberdade e pela independência.

Provavelmente, a loquacidade da burguesia dirigente da Entente é devida aos êxitos que esta tem obtido durante a actual guerra ao conseguir incluir na sua órbita imperialista uma parte considerável dos pequenos povos europeus.

Desde o início da guerra que provoca o caos, que observamos uma nova tendência na política imperialista da burguesia nos dois campos beligerantes. Ambos se esforçam por dissimular por todos os meios, aos olhos dos seus próprios povos e ainda mais aos dos povos que cobiçam, os fins imperialistas da actual guerra e para facilitar a sua tarefa serviram-se de um novo isco, a aliança com estes últimos.

Recordamos aqui um facto universalmente conhecido, nomeadamente o modo como a Entente, para atrair para o seu circuito colonial os povos que dele não faziam parte, mas que eram e são objecto da sua política imperialista escancarou as portas dos seus cofres aos traidores dispostos a vender os seus povos por ouro. A Sérvia, a Roménia, Portugal, a Grécia, e até mesmo a Bulgária, se o quiserem, e actualmente a Espanha, a Suécia, etc., são provas irrefutáveis disso e sempre sob a forma de aliança. Mas, no duelo actual entre capitalistas à escala mundial, que significa a aliança dos povos pequenos e subdesenvolvidos com os grandes e desenvolvidos povos capitalistas? Sabe-se que a Bélgica, a Sérvia, a Roménia, a Rússia, etc., aceitaram grandes sacrifícios; nos seus reduzidos territórios em cinzas desenrolaram-se e desenrolam-se as mais devastadoras operações militares, enquanto a América, a Inglaterra, etc., se acham a uma respeitável distância das consequências do crime mundial.

Mas esta é apenas uma das faces da moeda. É notório que os armamentos durante a guerra actual assumiam dimensões colossais, inauditas. A maior parte da produção dos países capitalistas dedicou-se ao fornecimento de armamento aos exércitos beligerantes. Centenas de milhões de leva foram diariamente desperdiçados com esse fim pelos Estados em guerra obrigados a recorrer a empréstimos onerosos que se cifravam em milhares de milhões de leva.

Os pequenos povos capitalistas ainda subdesenvolvidos são obrigados a pedir empréstimos e armamentos aos seus

poderosos aliados. Deste modo, estes povos assumiram obrigações superiores às suas forças, enquanto a burguesia das coligações em luta assegura para si durante vários anos uma renda garantida pelos juros dessas dívidas, bem como ganhos sensíveis pelos armamentos, vestuário, alimentos, etc., fornecidos a esses países.

Além disso, o capital dos poderosos aliados também aflui a esses países de uma outra maneira: novos bancos, filiais de bancos, aumentos de capitais dos bancos já existentes, eis os primeiros passos dados nesse campo.

Portanto, podemos desde já estar certos de que isto é o princípio do fim da independência dos novos pequenos que Londres não deixa de adular com cumprimentos, *Lloyd George* não se engana ao declarar que os homens que representa colhem frutos preciosos entre os pequenos povos. Também tem razão ao declarar que esses povos poderão no futuro desenvolver-se livremente, mas evidentemente na medida em que os arbustos se podem desenvolver à sombra dos carvalhos seculares.

Rabotnicheski vestnik
N.° 139, de 25
de Outubro de 1917.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. IV.
Edições do P. C. B.
1952, pp. 435-438.

A VIA JUSTA

A força *colossal* de que o proletariado dispõe em consequência do seu papel *decisivo e insubstituível* na produção contemporânea enquanto criador de todos os bens de que a sociedade beneficia, bem como pelos seus *efectivos* sempre crescentes, é um facto já há muito tempo notório e incontestado.

A incessante concentração da produção, a expansão da técnica moderna e a concorrência capitalista impiedosa, embora destruam, por um lado, as formas e os métodos caducos de produção e espoliem a massa dos pequenos exploradores e produtores agrícolas colocam, por outro lado, o conjunto do processo de produção nas mãos do proletariado. Assim, ao aumentar cada vez mais e ao alargar as suas fileiras, o proletariado devido precisamente ao seu desenvolvimento objectivo, eleva-se à escala da única classe social produtiva, da mais numerosa e poderosa.

Apesar deste facto histórico, durante muitas décadas e até mesmo à actualidade, o proletariado geme sob o jugo do sistema de produção social e capitalista, oprimido, explorado e privado dos seus direitos pelas classes dominantes detentoras dos capitais.

De facto, a própria existência da enorme força espontânea do proletariado, que reside no seu papel económico e na sua superioridade numérica, *não é de modo algum suficiente por si só* para o tornar livre, senhor absoluto do seu destino e digno da grandeza da sua missão histórica.

É indispensável edificar *nesta base objectiva* uma força social e política real do proletariado, para que possa tornar-se uma *classe que combata por si própria*, tal como o tinha dito Marx em 1848, através de *uma luta decisiva pela reorganização da sociedade capitalista*. Já há setenta anos que os grandes criadores do socialismo científico, Marx e Engels, mostraram e esclareceram a partir de uma base científica no seu notável Manifesto Comunista ([27]) esta única via justa da libertação do proletariado — a via da luta de classes do proletariado. Estigmatizando cruelmente os enganadores dirigentes dos operários de então e as diversas espécies de socialistas burgueses e mundanos, Marx e Engels, ao contrário destes últimos, tomaram o nome de *comunistas* e deram ao seu histórico Apelo ao proletariado internacional o nome de Manifesto Comunista.

Hoje, dia em que a festa do Trabalho celebrada no Primeiro de Maio coincide com o septuagésimo aniversário da criação do Manifesto Comunista (1848-1849) e o centenário do nascimento de Marx (1818-1918), sentimos crescerem e espalharem-se por todo o mundo as frases finais do Manifesto Comunista: *Proletários de todos os países, uni-vos!*

É com grande alegria e íntima satisfação que podemos sublinhar que o proletariado *socialista* do nosso país não se afastou da via justa. Nunca traiu a causa da libertação e os ideais do proletariado internacional.

Nunca sacrificou a vantagens efémeras, em troca de um prato de lentilhas, os seus interesses vitais, generosos e permanentes, os seus princípios, o seu programa, o seu futuro.

O Partido Social-Democrata e os sindicatos operários consolidaram-se. Os seus meios de luta aumentaram. Actualmente, apesar de tudo, a difusão do seu jornal triplicou.

A social-democracia desempenhou dignamente o seu dever no parlamento e nas comunas, esforçando-se por melhorar, tanto quanto possível, a situação das massas trabalhadoras e por as preservar, através de leis operárias e de uma série de outras medidas, da degenerescência física e moral.

E é precisamente esta via que, também no futuro, se deve seguir com ainda mais firmeza e resolução.

Já se desenham claramente no horizonte do Primeiro de Maio as perspectivas próximas da nova adesão, ainda mais

poderosa, do proletariado de todo o mundo para a luta de classe contra o capitalismo.

Rabotnicheski vestnik
N.º 273,
de 1 de Maio de 1918.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. V,
Edições do P. C. B.,
1953, pp. 120-122.

NÃO AO INDULTO, SIM À AMNISTIA

O camarada Jorge Dimitrov, deputado social-democrata acaba de enviar da prisão central, ao ministro da Justiça, com cópia para nós, o seguinte protesto telegráfico:

A Comissão especialmente encarregada na prisão central, de estabelecer uma lista dos prisioneiros que merecem ser indultados, reuniu-se aqui e também me teria incluído entre as 200 pessoas designadas. Recebo com indignação esta tentativa para evitar, ou pelo menos retardar, por meio de indultos parciais, a amnistia política e militar geral a favor da qual as massas trabalhadoras de todo o país se manifestaram resolutamente em numerosos «meetings» e reuniões, e que estão dispostas a impor por qualquer preço, amnistia essa que constitui actualmente uma necessidade económica e política urgente. Não ao indulto real discricionário — objecto de um comércio vulgar, extremamente lucrativo, fonte das piores injustiças no que diz respeito à escolha das pessoas agraciadas e que achincalha a dignidade humana e política dos prisioneiros assim libertados! Exige-se ao parlamento que anule as sentenças da justiça militar, examinando e votando no mais curto espaço de tempo o projecto do Partido Social-Democrata para a amnistia dos crimes militares e políticos, para a revisão das sentenças pronunciadas pelos tribunais militares, para os outros crimes e para a redução a metade das penas que os prisioneiros não atingidos pela amnistia cumprem, a grande maioria dos quais se encontra na prisão, como vítimas infelizes da vida contemporânea — pessoas incomparavelmente mais honestas sob todos os aspectos do que milhares de outras que se encontram em liberdade.

Rabotnitcheski vestnik
N.° 143,
de 3 de Dezembro de 1918.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. V,
Edições do P. C. B.
1952, pp. 155-156.

PREFÁCIO À BROCHURA «LÉNINE AOS OPERÁRIOS DA EUROPA E DA AMÉRICA»

(DUAS CARTAS ABERTAS DE LÉNINE AOS OPERÁRIOS AMERICANOS E EUROPEUS)

O nome do guia que goza da mais alta autoridade na República Socialista Soviética Russa, Lénine, adquiriu uma notoriedade mundial. Este nome é hoje pronunciado com apreensão pelos cúmplices do velho regime burguês vacilante de todos os países, mas com admiração e até mesmo com veneração pelo proletariado e por toda a humanidade escravizada. A par de Marx e Engels, os grandes fundadores do socialismo científico e autores do Manifesto Comunista, Lénine imortalizou-se na história do movimento operário de libertação pela obra gigantesca da Revolução socialista russa, pela aplicação na prática dos princípios do Manifesto Comunista, pela criação do Estado proletário dos Sovietes. O seu nome tornou-se um símbolo da revolução operária internacional que, depois de ter triunfado na Rússia, se estendeu à Hungria, abalou a Alemanha e propagou-se sem cessar para submergir todo o mundo capitalista.

É este precisamente o motivo pelo qual tudo o que foi escrito ou dito por Lénine adquire actualmente uma enorme importância para o proletariado em luta de todos os países.

Ocupado numa actividade constante para a edificação da República Socialista Soviética Russa, para o esmagamento da contra-revolução no interior e no exterior e para abrir a via à revolução operária nos outros países, Lénine também encontrou tempo para dirigir duas cartas notáveis — uma aos *operários americanos*, datada de 20 de Agosto de 1918, e a outra aos *operários europeus e americanos*, datada de 21 de Janeiro de 1919.

Retirámos o texto da primeira carta de Lénine do jornal social-democrata americano *Cultura Operária*, onde tinha sido publicada com cortes devidos à censura americana. Falta-lhe, como se pode constatar, as passagens que tratavam da situação na América e das actuais tarefas revolucionárias do proletariado americano.

A segunda carta foi traduzida in extenso directamente do original russo.

Na sua primeira carta, Lénine defende brilhantemente a causa da Revolução socialista russa, da República soviética e da sua política pacífica, bem como da ditadura do proletariado.

Fazendo valer os consideráveis êxitos do proletariado revolucionário dos diferentes países na sua luta pela tomada do poder político, proclama na sua segunda carta a criação de facto da Internacional Comunista e traça, com uma clareza e uma energia que lhe são próprias, as vias e os métodos da Revolução operária mundial.

Nós, os comunistas búlgaros (socialistas de esquerda), podemos constatar com satisfação o nosso total acordo com Lénine, e que os princípios e a táctica da Internacional Comunista são os nossos princípios e a nossa táctica.

O ponto de vista de Lénine em relação à democracia burguesa e ao parlamentarismo é o ponto de vista energicamente defendido pelo nosso Partido, que nunca foi vítima das ilusões parlamentares e se manteve sempre afastado das aberrações e dos preconceitos da democracia burguesa. Ao rejeitar a democracia burguesa e o parlamentarismo, o Partido Comunista Búlgaro prepara o proletariado e as massas trabalhadoras para a revolução que tem como fim a tomada do poder político, através da luta eleitoral e da tribuna parlamentar, sem contar com os outros meios para realizar esta preparação, e isto até ao momento de que Lénine fala na sua segunda carta em que, também no nosso país, o Partido abandonará definitivamente as posições parlamentares para passar ao assalto, com todas as armas, com o objectivo de derrubar o Estado capitalista e de o substituir pelo Estado proletário dos sovietes, de ditadura operária.

As três orientações principais que existem no seio do proletariado em todos os países, tão bem caracterizadas por

Lénine na sua segunda carta, também existem na Bulgária. As duas orientações, a orientação dos sociais-patrioteiros e a dos moderados («kautskistas») são representadas pelo Partido dos socialistas de direita que, com os seus sociais-patrioteiros extremistas (Sakazov, Djidrov, Pastukhov, Sakarov, As. Tzankov, etc.) e com os «kautskistas» moderados (Romanov, Rachenov, etc.), se encontra no campo da contra-revolução burguesa.

O Partido Comunista Búlgaro (socialistas de esquerda) representa a orientação revolucionária. Pela sua essência, pelo seu programa e pelas suas palavras de ordem comunistas, pela sua actividade e pela sua luta revolucionária de massas, o Partido Comunista Búlgaro é entre nós *o único Partido comunista* que sozinho e a justo título constitui a secção búlgara da Internacional Comunista.

Todos compreendem, na situação existente, não só quão inepta, mas também prejudicial e traidora seria a criação fora do Partido Comunista Búlgaro de diversos «grupos comunistas», «organizações» e «pequenos partidos» a favor dos quais se declaram actualmente determinados ambiciosos desenfreados, toda a espécie de super-homens, de individualistas incorrigíveis e até mesmo de depredadores da revolução operária.

Todos os operários, todos os trabalhadores, todos os elementos militantes e revolucionários no nosso país, que realmente assimilam os princípios e a táctica da Internacional Comunista e que, por qualquer motivo se acham fora do Partido Comunista Búlgaro e dos seus sindicatos operários, fora do movimento operário revolucionário, são agora obrigados a ouvir o poderoso apelo de Lénine, a compenetrarem-se profundamente das suas ideias expressas nestas duas cartas, e a unirem-se, sem hesitações, às fileiras do Partido Comunista Búlgaro e dos sindicatos operários a ele ligados, sob a bandeira do comunismo:

Actualmente os contra-revolucionários «de direita» e de «esquerda» organizam-se e reúnem rapidamente as suas forças — uns unidos em torno do novo governo «de esquerda» de Todorov-Pastukhov-Stamboliiski, e os outros em torno dos partidos democráticos e liberais burgueses, com as suas «linhas militares» e os bandos macedónios e de patrioteiros.

É necessário erguer contra a contra-revolução que se organiza o poderoso bloco revolucionário do proletariado búlgaro e das outras massas trabalhadoras, por intermédio do Partido Comunista Búlgaro e das suas organizações sindicais.

A história coloca sem ambiguidades o dilema: com a contra-revolução a favor da perpetuação do capitalismo, ou então com a revolução operária — pela liquidação do capitalismo e, pela ditadura operária — a favor da instauração do socialismo e do triunfo total do comunismo. *Não à via intermédia*!

Todos devem determinar a sua posição! Todos devem cumprir o seu dever!

Não à divisão das forças revolucionárias do proletariado! Não à formação de grupos e de organizações separatistas! Não à especulação com o comunismo e a revolução comunista!

Todos os operários e trabalhadores, dispostos a levar a cabo uma luta decisiva, devem militar pela unidade revolucionária através do seu Partido comunista e das suas organizações profissionais.

É o imperativo supremo do actual momento histórico.

É também neste sentido que devemos procurar o grande alcance prático das suas cartas abertas do grande guia da República Socialista Soviética Russa e da revolução operária mundial, cartas essas que recomendamos calorosamente aos operários búlgaros e a todos os trabalhadores das cidades e dos campos.

Sófia, Maio de 1919.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. V.
Edições do P. C. B.
1952, pp. 228-232.

TAREFAS DOS SINDICATOS OPERÁRIOS

I. *OS SINDICATOS OPERÁRIOS NO PASSADO*

Os sindicatos operários apareceram logo na primeira fase do capitalismo como organizações que procuravam melhorar a situação económica dos operários *no âmbito* do sistema capitalista existente. No início, só se consideravam destinados a levar a cabo uma luta contra os capitalistas pela defesa dos interesses profissionais imediatos dos operários, sem atingir a base da exploração capitalista, e só despendendo os seus esforços para resolver problemas de ordem social e de produção, no âmbito do sistema capitalista.

Liquidar a concorrência entre os operários de uma determinada profissão, limitar-lhe o acesso de novos operários e recorrer à greve em caso de necessidade — eram estes os métodos habituais de que se serviam os antigos sindicatos operários para obter ou um aumento dos salários ou uma redução na duração do trabalho e um melhoramento geral nas condições de trabalho.

Como não apreendiam o elo imediato entre a situação dos operários da produção e a organização política e estatal da sociedade capitalista, estes sindicatos de que as antigas «trade-unions» (*) nos dão um exemplo clássico, fechavam-se na sua estreita concha profissional e evitavam cuidadosamente qualquer participação nas lutas políticas e, de um modo geral, na política do país, ocupando-se exclusivamente dos problemas

(*) Em inglês no original — *(N. do T.)*

que interessavam à sua profissão. Claro está, que isto, com a continuação, não impede a burguesia de utilizar com muita frequência, directa ou indirectamente, os sindicatos para atingir os seus fins políticos.

Apesar deste carácter inocente dos primeiros sindicatos operários, a burguesia e o Estado burguês ergueram-se resolutamente contra eles, tentando destruí-los pela violência, pela repressão e pelas proibições tornadas legais, sentindo instintivamente que poderiam desenvolver-se como organizações de classe perigosas, como organismos da luta de classe do proletariado pela supressão do sistema capitalista.

Contudo, as violências furiosas, as repressões e as proibições exercidas em relação aos sindicatos operários não deram — como era de esperar — os resultados esperados pela burguesia. Nascidos do próprio desenvolvimento do capitalismo, na luta entre o trabalho e o capital, tornados uma necessidade vital para os operários na sua defesa contra a exploração capitalista, os sindicatos operários não podiam de modo algum ser exterminados. As perseguições de que foram objecto agravavam-se cada vez mais e revelavam às massas operárias as contradições existentes na sociedade capitalista. Sem a intervenção dos sindicatos, as greves tornavam-se mais frequentes, espontâneas e violentas, causando desgastes incalculáveis à produção, pondo muitas vezes em perigo a segurança pessoal e material dos capitalistas.

Foi sobretudo isto que obrigou a burguesia a acabar por *se resignar* à existência dos sindicatos operários, tentando *domesticá-los* e transformá-los em organizações que regulassem as relações entre operários e capitalistas e a favor da manutenção de uma paz durável na produção.

Para atingir este fim, a burguesia inglesa, que durante muitos anos foi a senhora incontestada do mercado internacional e que possuía as mais vastas e ricas colónias do mundo, teve todas as possibilidades de conhecer determinadas vantagens de natureza material aos sindicatos operários, de que beneficiaram sobretudo os operários qualificados, a chamada *aristocracia do trabalho*.

Começou deste modo a era dos contratos colectivos assinados entre os sindicatos operários e as organizações dos capitalistas. Ao estabelecerem, com base num acordo mútuo,

as condições e as normas de remuneração e de duração do trabalho, evitavam-se por um longo período *o perigo de greve* para as empresas e produções que os contratos colectivos visavam. Assim se chegou *às* bem conhecidas *escalas salariais*, segundo as quais o montante dos salários operários era fixado em função dos preços médios dos artigos de primeira necessidade, produzidos durante um determinado período, sendo de um modo geral as avaliações feitas de modo a que os salários operários fossem sempre mantidos a um nível, tanto quanto possível, mais baixo do que os outros. Com o fim de empenhar ainda mais os operários e os seus sindicatos na produção capitalista, de a ela os amarrar e de os tornar os mais fervorosos colaboradores dos capitalistas nos seus esforços para alargar e consolidar a produção, de aumentar ao máximo os lucros dos capitalistas, aplicou-se em muitas empresas o sistema de participação dos operários nos lucros, sob a forma de percentagens ou de prémios. Deste modo, os capitalistas asseguravam um máximo de produtividade dos operários. Punham-se ao abrigo das greves, tiravam lucros enormes, enquanto a maior parte das vezes só restava aos operários *a ilusão* de participar dos lucros realizados pela empresa e que, se aquilo que recebiam era insuficiente, isso era devido não à exploração capitalista, não à cupidez dos capitalistas, nem ao sistema capitalista de produção e de divisão dos bens produzidos, mas ao facto de não terem trabalhado o suficiente, de não terem despendido todos os esforços necessários para o bom andamento da produção.

Através desta política industrial praticada em relação aos operários, os capitalistas tentavam sugerir-lhes que a melhoria da sua situação podia ser obtida não através das greves, nem através da luta contra a exploração capitalista, mas *apenas* através do aumento do capital, da extensão da produção, do aumento constante do lucro.

Por isso, a maior parte dos sindicatos em Inglaterra e em toda uma série de outros países se transformaram, de organismos para a defesa dos interesses operários e de luta contra o capitalismo, em instrumentos para o estabelecimento do equilíbrio e da paz no domínio da produção capitalista e num meio para o capital nacional manter as massas operárias num estado de submissão, de escravatura, de os desviar da luta

de classe proletária, e até mesmo de os erguer contra a revolução libertadora dos operários.

E quando em meados do século passado, depois da fundação da Primeira Internacional Socialista ([28]) e do aparecimento do *Manifesto Comunista* de Marx e de Engels, o proletariado começou a organizar-se rapidamente *como classe* e quando, no movimento operário, se fazia sentir cada vez mais a influência do ponto de vista de Marx segundo o qual os sindicatos operários não se devem contentar com orientar uma guerra partidária contra os diversos capitalistas e não se devem limitar, como Sísifo, a podar as árvores sem atacar o próprio *tronco* da exploração capitalista, mas tornar-se *escolas do socialismo* para a liquidação do capitalismo e desempenhar, no momento da sua abolição, *um papel de primeiro plano* na *guerra civil* — a burguesia iniciou uma política sistemática de corrupção dos chefes sindicalistas e dos numerosos burocratas dos sindicatos operários, com o objectivo de ter assim o movimento sindical sob o seu domínio.

Lisonjeava nas colunas da imprensa os chefes sindicalistas a quem chamava representantes dos operários, dizendo que os considerava inteligentes e talentosos, convidando-os para os seus faustosos banquetes, *lisonjeando-os* de mil maneiras, concedendo-lhes vantagens de todas as espécies, auxiliando-os a tornarem-se deputados, tendo-os no fim de contas sob a sua obediência.

E é necessário constatar que na grande maioria dos casos, a burguesia atingiu o fim que se propunha, conseguindo manter sob a sua influência directa ou indirecta, uma grande parte dos sindicatos operários, facto de que se aproveitou grandemente, sobretudo durante a guerra mundial.

II. *OS SINDICATOS OPERÁRIOS DURANTE A GUERRA*

Uma vez adoptadas as posições do capital nacional, a maioria dos sindicatos ingleses — as mais antigas e importantes organizações operárias — tinham acolhido a guerra como o *único* meio para a Inglaterra de manter o seu papel dominante no mercado ameaçado pela escalada do capitalismo alemão

agressivo, de conservar as Índias e as suas outras ricas colónias, fornecedoras de matérias-primas e enormes escoamentos para as suas manufacturas.

Por isso os sindicatos operários ingleses se puseram inteiramente ao serviço da política imperialista e belicista da sua burguesia. Tentaram travar todas as greves, prorrogaram os contratos colectivos e mobilizaram todas as suas forças para o desenvolvimento da indústria de guerra. O seu meio forneceu um grande número de voluntários e criaram escritórios especiais para o recrutamento de voluntários para o exército inglês. E, quando o serviço militar obrigatório foi instituído na Inglaterra — coisa nunca vista até então neste país —, os sindicatos operários ingleses não só não se opuseram a isso, como aplaudiram com entusiasmo esta iniciativa de Lloyd George, como um «excelente» meio para esmagar definitivamente o «militarismo prussiano».

Por seu turno, os sindicatos alemães, dirigidos pelo bem conhecido social-traidor Leguine e pelo numeroso estado-maior da burocracia operária corrompida, anunciaram solenemente que a guerra do imperialismo alemão contra «a pérfida Albion» (a Inglaterra) é ao mesmo tempo uma guerra pela própria existência da classe operária na Alemanha, que se esta última viesse a ser vencida nesta guerra, se veria privada das poucas colónias que possuía em relação às vastas colónias da Inglaterra, e a indústria alemã seria privada das matérias-primas necessárias, perderia os seus escoamentos e encaminhar-se-ia deste modo para uma catástrofe total; finalmente a classe operária alemã seria lançada na extrema miséria e num pauperismo até então desconhecido. A Alemanha — como dizia Lénine — «em vez de exportar *mercadorias*, apenas exportaria *mão-de-obra*».

A comissão sindical geral ([29]) lançou um apelo ardente aos operários empenhados na produção e no exército para apoiarem por todos os meios «a guerra de defesa sagrada» do kaiser Guilherme ([30]) e dos imperialistas alemães e pediu aos sindicatos operários para impedirem os operários de fazerem greves, sejam quais forem, e sobretudo nos domínios da produção mineira e da indústria de guerra.

Deste modo, foi solenemente proclamada «a paz civil» entre a classe operária e a burguesia imperialista. E enquanto

os capitalistas alemães e as suas sociedades anónimas se apoderavam de milhões de lucros, enquanto a chuva de ouro caía nos seus cofres, os proletários alemães vertiam o seu sangue nos campos de batalha, ou trabalhavam dia e noite na indústria «para a defesa da pátria», enquanto os sindicatos *aplicaram* dezenas de milhões de quotizações operárias (reunidas durante dezenas de anos para a luta contra a exploração capitalista) em *empréstimos ao Estado para a orientação de uma guerra de traição.*

Fazendo-se o eco do raivoso hino dos imperialistas e dos militaristas alemães «Deutschland, Deutschland über alles» (*) os grandes chefes sindicais publicaram um livro especial, onde os secretários dos diversos sindicatos tentaram demonstrar, com o apoio dos algarismos, a necessidade que a Alemanha tinha de se aguentar até ao fim e de sair vitoriosa da guerra. Declararam orgulhosamente que isso ia acontecer infalivelmente, porque a guerra levada a cabo pela Alemanha era *uma guerra da classe operária feita para a sua existência e a sua felicidade futura.* Poliam com entusiasmo as brilhantes perspectivas que uma vitória militar ia oferecer aos operários alemães, que poderiam percorrer livremente todo o mundo, ganhando grandes salários e gozando um bem-estar supremo!...

Entretanto, a Federação do Trabalho ([31]) dirigida por Gompers, organizava uma das mais activas propagandas *a favor da entrada da América na guerra* e, quando esta se aliou à Entente, mobilizou todas as suas forças ao serviço da política dos milionários e dos «trusts» americanos.

Até mesmo os sindicatos franceses que, sob a influência do anarco-sindicalismo ([32]), eram considerados inimigos declarados e intransigentes do capitalismo, se colocaram, na sua grande maioria e sempre pelas mesmas considerações, ao serviço do capital financeiro francês na guerra, recuaram e adoptaram a política de «paz civil».

Sem falar da traição dos sindicatos operários dos outros países beligerantes, à excepção dos sindicatos russos, italianos, búlgaros, sérvios e romenos, que se mantiveram até ao fim fiéis à classe operária e à solidariedade proletária internacional,

(*) A Alemanha, a Alemanha acima de tudo.

pode-se hoje afirmar ousadamente que, se os capitalistas dos dois grupos beligerantes conseguiram atear o incêndio da guerra mundial e para ele arrastar os seus povos, e sobretudo se conseguiram dar provas, durante estes quatro anos, de tão gigantescas forças, isto deve-se antes de mais ao facto de terem sabido, na devida ocasião, atrair à sua causa imperialista os sindicatos operários que contam vários milhões de membros e pô-los ao serviço da sua política belicista de conquista.

O oportunismo do passado e o sindicalismo existente no movimento operário sindical, a política que apenas se limitava à luta pelo melhoramento da condição operária — no quadro do sistema capitalista — a estreiteza de espírito no campo profissional, a miopia e a corrupção da burocracia sindical, a educação das massas operárias nos sindicatos num espírito de pequenas vantagens efémeras de natureza social, obtidos através dos acordos feitos com os capitalistas — tudo isto se desenvolveu e se manifestou de modo brilhante durante a guerra sob a forma de um *imperialismo operário* que quebrou a solidariedade internacional do proletariado, fazendo dos operários dos diferentes países inimigos mortais que mutuamente se massacravam a favor da causa do *capital internacional,* seu inimigo comum.

Contudo, isto provou a bancarrota total da política oportunista que dominava o movimento sindical na maior parte dos países e mostrou com toda a clareza ao proletariado internacional e às suas organizações operárias a única via salutar, *a via da luta de classe intransigente,* na qual, felizmente, se embrenharam sem desvios os nossos sindicatos desde a sua fundação até à actualidade.

III. *RESULTADOS DA LUTA SINDICAL OBTIDOS ATÉ AOS NOSSOS DIAS*

Graças aos métodos de luta que os sindicatos operários empregaram nos diversos países, obtiveram-se resultados bastante substanciais. A arbitrariedade despótica do patrão em relação aos operários foi *reduzida* nas empresas. Os operários conquistaram o direito de participar, por intermédio dos

sindicatos, na regulamentação das relações entre o trabalho e o capital. Também se obteve uma elevação do nível *médio* dos salários operários, em relação à situação mais que miserável do passado, bem como a redução da duração do trabalho que os capitalistas anteriormente prolongavam deliberadamente até aos limites físicos extremos.

Além disso, as somas despendidas pelos sindicatos operários durante os períodos de desemprego, não só aliviam a penosa sorte dos desempregados, preservando as suas forças físicas e morais, como também contribuem para evitar a grande concorrência que os desempregados faziam aos operários empenhados na produção, não permitindo deste modo que o nível do salário operário baixasse e que as condições de trabalho, tal como no passado, se agravassem infinitamente.

É claro que as vantagens da luta sindical são normalmente o apanágio dos operários especializados ou semi-especializados, que têm nomeadamente a possibilidade de criar sindicatos poderosos, quando a massa de operários não-qualificados, os simples serventes muito pouco beneficiam disso.

O facto de nos países capitalistas mais desenvolvidos, como a Inglaterra, a Alemanha e a América, a importância dos salários dos operários anteriores à guerra se aproximar do mínimo necessário à existência dos operários, quando a duração do trabalho nos diferentes ramos da produção se elevava a dez horas e só a título excepcional a oito horas, prova claramente quão insignificantes são de um modo geral, apesar de tudo, os resultados obtidos pelos sindicatos operários depois de tantos esforços e lutas de grande alcance.

Mas as conquistas sociais das lutas sindicais não só são *insuficientes* no que diz respeito às necessidades materiais, culturais e espirituais da classe operária, são também e ao mesmo tempo *pouco duradouras*.

Os capitalistas dispõem de muitos meios para *reagir* contra os esforços dos sindicatos operários visando melhorar as condições de trabalho e para os *privar* dos frutos da sua luta sindical. A política do Estado bem como as condições do desenvolvimento da própria produção capitalista auxiliam-nos sob este aspecto.

Utilizam assim a possibilidade que, antes de mais, o progresso técnico lhes fornece, introduzindo e alargando a utilização de mão-de-obra feminina e infantil que, devido à sua fraca capacidade de resistência e a serem pouco dispostos a organizarem-se, se tornam muitas vezes os concorrentes dos operários adultos, contribuindo deste modo para agravar as condições de trabalho.

É sempre com a mesma finalidade que os capitalistas utilizam a mão-de-obra de um nível cultural pouco elevado das regiões e das províncias atrasadas, bem como os pequeno-burgueses das cidades e dos campos, impotentes e sem recursos, que pressionados por necessidades urgentes, estão dispostos a trabalhar em mais penosas condições do que as estabelecidas pelos sindicatos operários.

Obrigados a reduzir a duração do dia de trabalho, os capitalistas conseguiram, em contrapartida, extrair durante dias de trabalho reduzidos, uma quantidade de forças vitais igual à que anteriormente retiravam com o trabalho à peça ou com os diferentes sistemas que faziam render todos os *movimentos* que um operário fizesse durante o trabalho, como é o caso do famoso sistema americano Taylor que conduz inevitavelmente à degenerescência física rápida dos operários a quem priva de capacidades de trabalho duradouras.

Finalmente, aquilo que os sindicatos operários conseguem obter através da sua luta no campo profissional, pelo aumento dos salários, é-lhes imediatamente roubado na sua maior parte sob o efeito da política capitalista em geral, e muito especialmente pela introdução e o aumento dos impostos indirectos, das taxas que atingem as importações e toda uma série de outras medidas que tornam a vida mais cara.

Todas estas condições próprias à luta sindical sugerem desde há muito aos elementos de vanguarda e perspicazes da classe operária que esta luta não devia ser *isolada*, mas *coordenada* com a luta política geral do proletariado, que a *greve* na produção devia ser acompanhada por uma luta eleitoral e parlamentar, bem como por todas as formas da acção operária de massa, em resumo, que *a luta sindical deve manifestar-se e desenvolver-se enquanto parte integrante da luta de classe do proletariado*.

De facto, nos casos em que isto foi aplicado, o êxito da luta sindical foi mais importante e mais seguro. Mas, para nos mantermos fiéis à verdade histórica, devemos constatar que

mesmo na luta dos sindicatos operários orientada deste modo, *o seu campo de acção e as suas possibilidades de êxito* não se alteram. Também nestes casos, os resultados da luta sindical, embora mais importantes e mais seguros, continuam a *ser insuficientes e pouco duradouros*. Não criam para a classe operária, na sociedade capitalista, possibilidades de vida desafogada e civilizada, nem conseguem sequer atenuar a miséria material e social em que se encontra.

Todos os melhoramentos da condição operária, obtidos, por um lado, pelas *greves* e por outro pelas *leis de protecção do trabalho*, enquanto o poder estiver nas mãos da burguesia, não poderiam ultrapassar o quadro das normas que regem o lucro capitalista, porque sem este, a própria produção capitalista não pode existir.

Lançando um olhar retrospectivo sobre a história das lutas dos sindicatos operários, constataríamos que *o único resultado essencial e durável* consiste no facto de *os operários conseguirem opor-se ao esgotamento extremo das suas forças vitais e defender-se contra a degenerescência física e espiritual completa, para a qual os impele irremediavelmente o capitalismo.* Mas, os sindicatos não são capazes de impor melhoramentos *suficientes e duráveis,* que permitiriam às massas operárias assegurar por um *longo* período condições de vida civilizada e mais feliz.

IV. *AS NOVAS CONDIÇÕES DA LUTA SINDICAL*

A guerra mundial criou condições que tornam ainda mais difícil a luta dos sindicatos operários e diminuem mesmo numa grande medida as suas possibilidades de êxito prático anterior à guerra.

Destruiu em primeiro lugar uma grande parte dos melhoramentos trazidos às condições de trabalho, tanto nos países beligerantes como nos países neutros, adquiridos antes da guerra. Os salários operários já não correspondem em todos os países à enorme subida do custo de vida. Há um abismo entre o montante *nominal* do salário e o seu montante *real.* Nos países tanto dos vencidos como dos vencedores, a carestia da vida e a penúria de artigos de primeira necessidade atinge

proporções nunca antes atingidas, desconhecidas até ao presente, a crise da habitação é aguda, a miséria das massas operárias sem precedentes.

Além disso, a guerra desorganizou totalmente a vida económica. Durante quatro anos, em vez de produzir para a sociedade, cerca de quarenta e cinco milhões de homens aptos para o trabalho foram atrelados ao carro da guerra e da destruição. Mais de vinte milhões de operários e de camponeses caíram nos campos de batalha, ou ficaram inválidos, privados da sua anterior capacidade de trabalho. Foram devastadas regiões florescentes do globo. Todas as reservas de matérias-primas e de produtos alimentares foram devoradas pelo insaciável dragão da guerra. Ficaram incultas vastas superfícies de terras. Três quartos do gado arrendado foram destruídos. Os soldados operários que voltaram aos seus lares estão fisicamente esgotados e moralmente perturbados. O comércio está completamente desorganizado. As antigas trocas de matérias-primas, de artigos acabados entre diversas regiões económicas e industriais foram paralisadas. O material das comunicações (ferroviários, marítimos, fluviais e outros) está deteriorado.

Em consequência desta desorganização de toda a vida económica, estão actualmente paralisados uma série de ramos de produção, enquanto outros chegaram mesmo a deixar de funcionar. O desemprego, facto desconhecido até ao presente, reina em todos os países do mundo.

Também hoje, no período de liquidação da guerra mundial, que no fundo não é uma liquidação propriamente dita, mas uma *outra fase* da guerra — na fase de uma guerra imperialista contra a revolução proletária crescente o capitalismo revelou-se *incapaz* de garantir a paz entre os povos, de restabelecer a produção e de regular o mais elementar abastecimento das massas populares. Enfraquecido pelo peso das suas contradições internas insolúveis, tem hoje apenas a preocupação *única* de evitar a revolução, recorrendo para este fim à guerra civil, agravando ainda mais desta maneira o caos na produção e na vida económica, aumentando infinitamente os sofrimentos dos povos.

Por outro lado, a guerra mundial abriu para sempre a época da revolução proletária mundial. Os seus princípios estão

hoje assentes na Rússia Soviética. Os movimentos revolucionários que já começaram na Alemanha, na Áustria e na Hungria, bem como os surdos estrondos que de vez em quando nos chegam da Itália, da França e da Inglaterra, provam que, num futuro não muito longínquo, também chegará a vez dos outros países.

A anarquia económica, a desorganização da produção, o desemprego maciço e a miséria que os acompanha agravam-se ainda mais com a guerra civil da qual a burguesia tenta em vão aproveitar-se para manter o seu domínio abalado.

Não há nenhuma perspectiva de retorno à situação anterior à guerra. A própria guerra acelerou e denunciou a *falência total* do sistema capitalista de produção e de trocas, de organização social e de gestão do Estado.

A história levanta hoje à humanidade trabalhadora o seguinte dilema: passar às novas formas de produção e de organização social, ou então perecer sob o regime da barbárie imperialista. O restabelecimento da vida económica só se pode realizar actualmente com base nos *princípios socialistas,* ou seja, *sem* os capitalistas e *contra* eles.

Mas é precisamente nestas novas condições que os esforços dos sindicatos por melhorar a situação dos operários, mesmo à escala do nível anterior à guerra se revelam completamente *inúteis e ineficazes. No quadro* do sistema capitalista isto está *excluído.* A primeira condição para vencer é *quebrar e transpor esse quadro.*

De facto, como é que os sindicatos operários poderiam obter vantagens com a desordem económica actual e o desemprego maciço, face ao capital financeiro poderoso e teimoso, que a guerra, até mesmo no nosso pequeno país atrasado, elevou ao nível de senhor incontestado e de organizador da vida económica e que está disposto a considerar todo e qualquer movimento a favor de salários mais elevados e de uma duração de trabalho menos longa como uma *acção revolucionária* visando *directamente* derrubar o domínio capitalista? Que legislação operária, ao alargar e consolidar as conquistas da luta sindical poderia criar hoje o Estado burguês actual que se torce sob o peso dos milhares de dívidas de guerra e cujas finanças se desmoronaram.

Por isso estas condições particulares da luta sindical na actual fase imperialista apresentam sobretudo ao proletariado e muito especialmente aos seus sindicatos operários o seguinte objectivo imediato: *abolição do sistema capitalista e da exploração do trabalho que dele resulta.*

Chega-se a um momento em que, em vez de melhorar *lenta e gradualmente* a situação dos operários no *quadro* da produção capitalista pela luta sindical, a *própria* produção deve passar para as mãos do proletariado para servir não o lucro capitalista e uma minoria, como acontece actualmente, mas para satisfazer as necessidades da maioria dos trabalhadores e para o bem-estar geral daqueles que trabalham.

V. *A LUTA PELO PODER POLÍTICO*

Mas é precisamente por isso que no momento histórico actual, a luta pela tomada do poder político pelo proletariado está em *primeiro plano.* Nesta luta, todos os esforços e as tarefas das organizações operárias, incluindo os sindicatos, devem ser coordenadas. Porque a substituição de um sistema social e de produção por um outro está na razão directa do poder político. A liquidação da exploração capitalista que também constitui hoje o objectivo imediato dos sindicatos operários, só pode ser efectuada se se arrancar o poder das mãos da burguesia para instaurar em seguida a ditadura do proletariado, exercida pelos conselhos operários.

Contudo, se a *greve* representa a arma mais poderosa dos sindicatos operários para a conquista de melhores condições na produção, agora, quando se trata da tomada do poder político e da reorganização radical da produção e da sociedade, não é a *greve,* mesmo sob a sua forma política de massa, que resolverá rapidamente o problema, mas a *revolução proletária.*

Em vez de uma luta com *os braços cruzados,* por parte de um grupo ou da massa dos operários, desta vez é a luta revolucionária de todo o proletariado que adquire uma importância política decisiva, luta essa que terminará com *as armas na mão.*

Se querem manter-se fiéis aos interesses do proletariado e ao seu papel de organizações de classe proletárias, a *primeira tarefa actual* dos sindicatos operários é reunir as massas, educá-las e formá-las para essa luta, nomeadamente participando nela activamente, sob a direcção do Partido Comunista.

VI. *NEUTRALIDADE DOS SINDICATOS*

Será necessário demonstrar, sob esta incidência factual e histórica, que não há actualmente nenhum lugar para a chamada neutralidade política — neutralidade dos sindicatos em relação aos partidos políticos e às lutas políticas?

A neutralidade dos sindicatos foi sempre uma ideia puramente burguesa. Sob a capa da neutralidade política, a burguesia e os seus agentes no seio do movimento operário (socialistas de direita e todas as espécies de «amigos dos operários», bem como os sociais-reformadores) tentavam arrancar os sindicatos operários à luta de classe do proletariado e tentavam fazer dele um instrumento de perpetuação do domínio do capitalismo.

De facto, os sindicatos operários *nunca e em nenhum país* foram neutros. Toda a história do movimento operário disso é prova. Os sindicatos foram sempre ou fiéis à causa do proletariado lutando resolutamente contra o capitalismo, participando também de uma maneira ou de outra nas lutas políticas a favor do proletariado, ou, directamente ou não, sob uma forma ou outra, estiveram ao serviço da burguesia, deixando-se explorar pelos partidos burgueses em luta pelas vantagens do poder, e muitas vezes também na luta contra o movimento de libertação do proletariado.

Na realidade, a neutralidade dos sindicatos manifestou-se da melhor forma durante a guerra mundial, quando os sindicatos «neutros» e «livres» alemães, franceses, ingleses e americanos traíram a causa da libertação do proletariado, participando com toda a sua energia na política imperialista belicista das suas próprias classes capitalistas.

De facto, os sindicatos operários podem ser *neutros* na luta entre o trabalho e o capital, em que a sua própria natureza os embrenha tão directamente?

Actualmente, quando as contradições de classe atingem o paroxismo, quando a burguesia e o proletariado se erguem *classe contra classe*, quando a época da revolução proletária mundial está aberta, é ainda menos possível falar de neutralidade dos sindicatos operários.

Actualmente, sindicatos *neutros* em relação ao partido político da classe do proletariado, significa sindicatos de obediência burguesa e ao serviço de um dos seus partidos.

Sindicatos *neutros* em relação à revolução operária em vias de realização, significaria *auxiliar* a contra-revolução burguesa.

Ou com o trabalho *contra* o capital, ou com *o capital* contra *o trabalho*. Com *a revolução*, ou no campo da *contra-revolução*.

Não há via intermédia.

Também neste caso não é de modo algum *a forma* que conta, mas *a própria natureza* do problema. O facto de determinados sindicatos se declararem a favor *da forma, neutros e independentes* não significa nada, porque, na verdade, os sindicatos não podem ser neutros: mais tarde ou mais cedo aliar-se-ão, a um ou a outro lado, a um ou outro campo em luta.

O desenvolvimento histórico da luta proletária de classe não só reduz a nada todas as aberrações burguesas sobre a neutralidade e a independência dos sindicatos operários em relação à organização política e à luta do proletariado, como impõe actualmente *uma união ainda mais serrada* dos sindicatos operários e do Partido comunista, uma *unidade orgânica total* entre a luta sindical e política do proletariado *em nome da abolição do capitalismo, do estabelecimento da ditadura do proletariado e da edificação do comunismo.*

VII. *AS NOVAS TAREFAS DOS SINDICATOS OPERÁRIOS*

O exemplo que nos dá a Rússia Soviética, onde o proletariado já exerce a sua ditadura há um ano e meio e trabalha pela reorganização socialista, mostra claramente que os sindicatos operários não cessam de desempenhar o seu papel

histórico e de existir mesmo quando o proletariado tomou, pela revolução, o poder político. Pelo contrário, é precisamente durante este período de *transição* da ditadura do proletariado — desde o derrubar da burguesia até à edificação do comunismo — que os sindicatos operários devem desempenhar um papel não menos importante. Claro está que o seu papel neste caso se diferencia nitidamente da sua actividade durante o período de produção capitalista e de domínio da burguesia. Deixam de ser organismos de luta do proletariado contra a exploração capitalista, porque os capitalistas ou são afastados da produção, ou são tornados totalmente incapazes de prejudicar sob o regime da ditadura do proletariado.

Na verdade, também durante este período de transição, os sindicatos continuarão a defender os interesses dos operários, mas desta vez não pela *greve*, mas pela pressão exercida de maneira organizada pelo poder soviético. Juntamente com o proletariado, os *sindicatos operários*, por assim dizer, também *chegam ao poder*, isto é tornam-se *uma parte* do poder, *órgãos do poder dos sovietes.*

Em consequência, os sindicatos operários terão que organizar o controle e a repartição das forças produtoras nos diferentes ramos da produção e, em conformidade com o plano geral estabelecido pelo governo soviético, na economia de todo o país.

De acordo com os órgãos económicos soviéticos, os sindicatos operários resolverão os problemas referentes aos salários e à situação dos operários nas diferentes empresas, velarão pela disciplina no trabalho e pelo aumento da produtividade do trabalho.

A elaboração das leis, a regulamentação da duração do trabalho, dos salários, das condições de higiene do trabalho, das indemnizações para a invalidez, doença, velhice, etc., bem como a sua aplicação constituirão uma outra tarefa importante dos sindicatos operários.

Também caberá aos sindicatos operários a tarefa de velar pla instrução geral e profissional, pela formação de uma «intelligentsia» operária numerosa e com conhecimentos técnicos, sem a qual são inconcebíveis a preparação da produção e sobretudo da sua nacionalização e em seguida da sua organização com base em princípios socialistas.

O essencial é que os sindicatos operários terão como tarefa estabelecer um *controle operário* na produção, que existirá até que seja realizada a completa socialização, assumindo, enquanto órgãos do poder dos sovietes e em conjunto com os outros órgãos económicos, a organização e a gestão da produção e de toda a via económica do país.

É assim que os sindicatos operários, depois da tomada do poder político pelo proletariado, porão em realce a organização da vida económica. É também a eles que caberá a tarefa de preparar o proletariado para o papel de organizador da produção por ocasião da passagem do *monopólio capitalista privado a monopólio de Estado*, e *deste último à organização socialista de toda a via económica e à edificação do comunismo.*

E não será de modo algum exagerado afirmar que nem a conquista total e durável da revolução operária, nem a edificação do comunismo serão possíveis sem a realização destas tarefas excepcionalmente importantes da parte dos sindicatos operários.

VIII. *CONCLUSÕES*

As tarefas dos sindicatos operários — tão importantes e tão complexas — até à revolução, durante e depois da revolução, durante o período da ditadura do proletariado, obrigam os sindicatos e as uniões profissionais búlgaras a tornarem-se organizações *de massa* pela sua composição e suas ligações com as massas operárias, a restabelecer *a unidade total* do movimento sindical, a reunir as massas profundamente penetradas das ideias e do espírito do comunismo e formadas para a revolução comunista e a edificação da nova sociedade.

Na verdade, a nossa estrada não é plana. Erguem-se perante nós inúmeras e duras provas.

A grande causa a que nos dedicamos de nossa livre vontade, merece os maiores esforços e sacrifícios da nossa parte.

Façamo-los portanto sem hesitações, profundamente convencidos do triunfo inevitável da revolução proletária mundial e do brilho do comunismo sobre toda a humanidade trabalhadora. Já brilha um sol a Leste, muito perto de nós, sobre

os vastos territórios e milhões de habitantes da Rússia, com os seus magníficos raios vermelhos apelando para uma vida nova.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. V.
Edições do P. C. B.
1952, pp. 348-370.

O TERCEIRO ANIVERSÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA

No dia 7 de Novembro de 1917, os operários e camponeses russos, sob a direcção do Partido bolchevique, derrubaram o governo burguês de coligação, estabelecido após a revolução de Fevereiro e entregaram o governo da vasta Rússia, com milhões de habitantes, aos Sovietes operários e camponeses.

Era *a primeira* vitória do proletariado revolucionário internacional sobre o capitalismo e o imperialismo, o início da revolução mundial.

A grande obra do proletariado russo foi recebida pelos inimigos de revolução, tanto na Rússia como nos outros países, com profecias barulhentas que anunciavam o desmoronamento do poder dos Sovietes dentro de algumas semanas, uma vez que simples operários e camponeses eram incapazes de enfrentar *os problemas extremamente complexos* levantados pela vida económica e pela gestão do Estado num país tão grande como a Rússia.

Contudo, os imperialistas internacionais e os seus instrumentos — dos conservadores ultras até aos socialistas traidores da classe operária — perderam o tempo e o feitio. O poder soviético, apesar dos enormes obstáculos de natureza interna e externa, em vez de declinar, reforçava-se cada dia mais e procedia ousadamente a transformações fundiárias e à edificação do comunismo no país.

Vimos então sucederem-se sem cessar, contra o povo russo, livre e independente, os ataques desenfreados dos exércitos contra-revolucionários de Koltchak, de Yudenitch e de

Denikine, organizados e financiados pelo imperialismo da Entente. Ao mesmo tempo, era estabelecido o bloco económico.

Os imperialistas cantavam vitória e esperavam a qualquer momento o esmagamento deste foco — para eles tão perigoso — da revolução proletária mundial. Os agentes e a imprensa a soldo dos imperialistas clamavam por todo o mundo o desmoronamento iminente da Rússia bolchevista.

Seguiram-se meses duros e críticos para a República Socialista Soviética, meses de sangue, de privações e de sacrifícios. Contudo, os operários e os camponeses russos criaram o seu glorioso Exército Vermelho revolucionário, um exército como até então nunca se tinha visto, consciente de que não só lutava pela defesa da pátria socialista face às aves de rapina imperialistas como também aplanava o caminho para a libertação definitiva de toda a humanidade trabalhadora. Foi este exército que varreu e esmagou as hordas contra-revolucionárias de Koltchak, de Yudenitch e de Denikine.

Mas, precisamente no momento em que depois desta brilhante vitória, a Rússia Soviética fazia do seu Exército Vermelho um exército de trabalho e se preparava para se dedicar à reorganização interna e à edificação do novo sistema de governo, os imperialistas da Entente organizaram e equiparam o exército da Polónia ([33]) senhorial e lançaram-na perfidamente contra o povo russo.

No entanto, esta agressão pérfida, já há muito meditada e meticulosamente preparada, terminou não com o esmagamento do regime soviético, como os imperialistas esperavam, mas pela paz entre a Polónia e a Rússia Soviética.

Esta paz permite actualmente à Rússia Soviética dar cabo do último exército contra-revolucionário no território russo — o exército do barão Wrangel que ameaçava seriamente a Rússia do Sul, mas que hoje já se submete perante a força dos valorosos operários e camponeses russos.

Decorreram três anos em lutas sangrentas contra a contra-revolução desencadeada pelo imperialismo.

É conveniente sublinhar muito especialmente que a vitória da Rússia Soviética sobre o imperialismo também é em grande parte devida aos sindicatos operários russos. Depois da Revolução de Outubro (1917) o poder passou para as mãos dos

operários e dos camponeses. Desde então os sindicatos operários deixaram de ser organizações de luta contra a exploração capitalista à qual a revolução tinha aplicado um golpe mortal. Os sindicatos tornaram-se colaboradores activos do poder soviético e um apoio da ditadura do proletariado.

É certo que os sindicatos russos não só deram todas as suas forças à luta para sair da desorganização económica, pela socialização da grande indústria, pelo restabelecimento dos transportes desorganizados e pelo aumento máximo da produtividade do trabalho, como também tomaram e continuam a tomar uma parte activa no esmagamento da contra-revolução e na derrota da agressão dos exércitos contra-revolucionários imperialistas. Tiveram milhares de vítimas nos campos de batalha, não se pouparam a esforços para dotar o Exército Vermelho de todo o equipamento necessário à vitória.

Hoje, dia em que se celebra o terceiro aniversário da Grande Revolução russa, pode-se dizer afoitamente que a sua causa teria sido perdida sem a participação, digna de admiração, dos sindicatos operários.

Mas, ao servirem com todas as suas forças a revolução proletária, os sindicatos russos não se confinaram nas suas fronteiras nacionais. Profundamente impregnados pelas ideias do comunismo, também se sentiram obrigados a porem-se à frente do movimento sindical e revolucionário de todos os países, sob a bandeira da III Internacional e em nome da revolução comunista e da ditadura do proletariado mundial.

O Conselho Internacional dos Sindicatos, formado por iniciativa dos sindicatos operários russos que constitui o germe da Internacional Sindical Vermelha, ao contrário da Federação Sindical de Amsterdão, venal e traidora, reúne todos os dias em torno de si massas cada vez maiores de operários sindicalizados de todos os países. A minoria da Confederação Geral de Trabalho de França acaba de se lhe juntar, e esta minoria tornar-se-á num futuro próximo uma esmagadora maioria. O movimento operário revolucionário de Itália e de Inglaterra arrasta rapidamente os sindicatos para a Internacional Sindical Vermelha. A situação revolucionária geral em toda a Europa contribui para subtrair as organizações sindicais de massa à influência dos velhos dirigentes traidores e da Federação de Amsterdão e a alinhá-las na frente revolucionária prole-

tária internacional. Os sindicatos dos países balcânicos e danubianos reuniram-se já e sem reservas ao Conselho internacional dos sindicatos e constituem actualmente uma federação sindical balcânica e danubiana que faz parte da Internacional Sindical Vermelha.

Em apenas alguns meses (Julho-Outubro), o Conselho Internacional dos sindicatos de Moscovo conseguiu reunir em torno de si cerca de oito milhões de operários sindicalizados de diversos países.

O terceiro aniversário da revolução proletária russa coincide portanto com o rápido reagrupamento revolucionário das massas operárias em todos os países e anuncia a próxima extensão da revolução proletária mundial e o triunfo da ditadura proletária em todo o mundo.

Os proletários russos, com o sangue que abundantemente verteram, abriram o caminho para a libertação da humanidade trabalhadora. Ao celebrar a sua grande vitória histórica os proletários búlgaros preparam-se melhor para cumprir dignamente o seu dever — assegurar a vitória da revolução comunista no seu país.

Rabotnitcheski vestnik
N.° 100,
de 3 de Novembro de 1920.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. V.
Edições do P. C. B.
1952, pp. 495-499.

MOSCOVO E AMSTERDÃO

Até à grande guerra imperialista que eclodiu em Agosto de 1914, as Uniões sindicais gerais dos diversos países estavam unidas à escala internacional por intermédio da União sindical Internacional, com sede em Berlim e que era dirigida pelo social-patrioteiro Leguine, presidente dos sindicatos operários alemães, conhecido pelos operários búlgaros por ter visitado Sófia na Primavera de 1914, para nos fazer unir aos «socialistas» de direita.

Além disso os sindicatos nacionais possuíam os seus secretariados ou federações profissionais internacionais, que participam na composição da União sindical internacional. Mas o oportunismo dominava por completo tanto no seio da Segunda Internacional socialista como na Direcção da União sindical internacional. A solidariedade internacional, tão ruidosamente manifestada nos vários congressos e conferências internacionais, não passa na realidade de uma frase oca. A política dos sindicatos na maior parte dos países, tanto na Alemanha e na Áustria, como na Inglaterra, Itália, França e na América é uma realidade profundamente imbuída de egoísmo profissional e de social-chauvinismo, inteiramente submetida à política de conquista dos imperialistas desses países.

A grande guerra imperialista revelou em grande medida esse carácter da União sindical internacional e dos sindicatos de massas a ela ligados.

Em vez de exprimirem a solidariedade internacional dos operários organizados nos sindicatos de todo o mundo contra

a guerra imperialista, a União sindical internacional dividiu-se imediatamente a seguir ao início das hostilidades em dois campos opostos — um que representava os países da Entente, o outro as potências aliadas da Europa Central.

Tanto os sindicatos da Alemanha e da Áustria como os dos países de Entente se puseram inteiramente ao serviço dos imperialistas dos seus países para servir as finalidades da guerra. Proclamaram a «paz civil», intensificaram a produção de material e investiram somas líquidas dos sindicatos que se elevavam a milhões, que os operários tinham reunido durante vários anos para lutar contra o capitalismo, em Empréstimos de Estado interiores, para a exterminação mútua do proletariado nos campos de batalha.

Os dirigentes traidores do movimento sindical Leguine (Alemanha), Huber (Áustria), Jouhaux (França), Appleton (Ingraterra), e Gompers (América) foram os maiores propagadores da continuação da sangrenta carnificina, os mais fiéis agentes e colaboradores dos tubarões imperialistas nos seus países.

E podemos afoitamente afirmar que, se os imperialistas não tivessem conseguido, por intermédio dos chefes sindicais traidores, atrelar ao seu carro os sindicatos, a guerra não teria podido de modo algum tomar uma tal envergadura e durar tanto tempo.

Mas a guerra imperialista mundial inaugurou a época da revolução proletária mundial, cujo primeiro triunfo foi a Grande Revolução de Outubro e o estabelecimento da ditadura do proletariado na imensa Rússia, povoada por tantos milhões de habitantes.

Os imperialistas da Entente viram imediatamente que a sua vitória na guerra era uma vitória à maneira de Pirrus e que a revolução proletária em marcha ameaça seriamente o domínio do capitalismo e se torna, lenta mas seguramente, o seu coveiro.

E, do mesmo modo que, para levar a cabo uma guerra que durou quatro anos, os imperialistas utilizaram largamente os chefes operários traidores e os sindicatos de massas colocados sob a sua direcção, por verem neles um sólido apoio, também actualmente, perante o espectro da revolução, baseiam neles as suas esperanças de desviar o proletariado

da via da revolução proletária e de destruir o seu ninho — a Rússia Soviética.

Fundaram um Secretariado do Trabalho ([34]) especial junto da «Liga das Nações», enquanto os seus chefes sociais-patrioteiros tentam reconstruir a União sindical internacional, que faliu durante a guerra, transferindo a sua sede para Amsterdão, e a chamaram Federação Internacional dos Sindicatos de Amsterdão.

Actualmente, é precisamente essa federação que é o último apoio do imperialismo na sua luta contra a revolução proletária. Tenta manter as massas operárias sob a influência da democracia burguesa, isto é, dos imperialistas, e afastá-las da luta pela ditadura do proletariado. Esta federação «internacional» faz todos os esforços para colocar de novo o movimento sindical na antiga via da luta por reformas insignificantes e de o transformar numa alavanca da contra-revolução imperialista.

Mas em vão! Os sindicatos de todos os países passam rapidamente à etapa revolucionária e não só cerram fileiras resolutamente, pelo apoio que lhes dão, ao lado da Rússia Soviética e contra o imperialismo, mas cada vez mais se dão conta de que a única saída para a actual situação intolerável que existe nos seus próprios países é derrubar a burguesia pela força e estabelecer a ditadura do proletariado.

Moscovo vermelho e revolucionário, com a sua Internacional Comunista e o Conselho internacional dos sindicatos operários, ergue-se como um poderoso centro de união do proletariado de todo o mundo que combate, contra Amsterdão amarela, traidora e contra-revolucionária.

E enquanto todos os dias os sindicatos de massas escapam à influência de Amsterdão, apenas no espaço de cinco meses, depois da sua criação, o Conselho Internacional de Moscovo conta presentemente com cerca de 10 milhões de operários sindicalizados e reúne, todos os dias, novas massas operárias e organizações profissionais sob a sua bandeira revolucionária.

O proletariado de todos os países, organizado em sindicatos, é colocado perante o seguinte dilema: Moscovo ou Amsterdão o que por outras palavras significa: o trabalho ou o capital; a revolução ou a contra-revolução; o imperialismo criminoso ou o comunismo libertador!

Acaso se pode duvidar que o proletariado de todos os países escolherá Moscovo e se declarará contra Amsterdão? Só quem não conhecer a inevitável marcha histórica dos acontecimentos, só quem não acredita no futuro do proletariado, pode duvidar disso.

Moscovo vencerá infalivelmente Amsterdão. E essa vitória garantirá precisamente o triunfo definitivo da revolução proletária mundial sobre o capitalismo e o imperialismo. O proletariado búlgaro, unido no seio da União geral dos sindicatos operários e sob a bandeira do Partido Comunista, também trabalha pela sua mais rápida realização. É também neste mesmo sentido que cooperam as uniões sindicais dos outros países balcano-danubianos, que, juntamente com a União dos sindicatos búlgaros, já formaram em Sófia um secretariado geral, enquanto órgão do Conselho internacional dos sindicatos, sob a direcção da Terceira Internacional Comunista — estado-maior revolucionário geral da revolução proletária mundial.

Rabotnitcheski vestnik
N.° 108,
de 13 de Novembro de 1920.
Assinado: Jorge Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. V.
Edições do P. C. B.
1952, pp. 506-510.

UM GRANDE PASSO À FRENTE

As consequências económicas, sociais e políticas da guerra imperialista por um lado, e a revolução social em marcha por outro, estabeleceram como tarefa essencial do momento, para o proletariado de todo o mundo, a luta pela liquidação do capitalismo e da exploração dos assalariados pela instauração da ditadura do proletariado à escala internacional, pela revolução.

Dirigida contra o capital mundial bem organizado, que ainda dispõe de muitas forças, esta luta não se pode limitar aos estreitos quadros nacionais dos diversos países. O seu êxito só estará garantido quando for organizada e levada a cabo à escala internacional.

Aliás, a solidariedade internacional do proletariado, minada pelos imperialistas com o auxílio dos seus fiéis instrumentos, os sociais-traidores nos diversos países — devia ser restabelecida, e isto desde já, em novas e mais sólidas bases.

Enquanto antes da guerra imperialista a solidariedade proletária internacional, apoiada pela Segunda Internacional e pela União sindical internacional de Leguine, Gompers, Appleton e Jouhaux, se exprimia de um modo geral em ruidosos congressos e conferências que votavam resoluções tão elásticas como a borracha, que nem sequer eram obrigatórias para aqueles que as votavam, e que só muito raramente se manifestavam na prática, sobretudo por uma assistência material insignificante por ocasião das grandes greves, actualmente a união internacional do proletariado impõe-se *na razão directa* da orientação da luta de classe revolucionária, da luta pela ditadura do proletariado.

A Terceira Internacional Comunista nasceu das chamas da guerra civil e continua a desenvolver-se magnificamente sob os nossos olhos precisamente como uma organização internacional do proletariado para uma acção *revolucionária*, como um órgão dirigente da revolução proletária mundial.

Mas a Internacional não poderia desempenhar a sua grande missão histórica e a revolução social, à escala internacional, não teria sido possível, sem a união revolucionária dos sindicatos de todos os países, sem subtrair à influência da Federação de Amsterdão, por detrás da qual está e actua o próprio imperialismo, as enormes massas operárias organizadas.

Felizmente, a luta dos sindicatos nas condições recentemente criadas, devido à falência total da produção capitalista e de todo o sistema político, arrasta-os inevitavelmente para a via da revolução proletária e para Moscovo. A tarefa limitada de outrora, que consistia em combater por conquistas e reformas sociais insignificantes, no quadro do sistema capitalista, já não se põe: a sua época está ultrapassada. Tendo em conta os interesses vitais das massas operárias organizadas nas suas fileiras, estes sindicatos devem absolutamente participar na luta de classe revolucionária pela liquidação do próprio regime capitalista, que é incompatível com a política traidora e contra-revolucionária da Federação de Amsterdão.

Foi por isso também que a iniciativa dos sindicatos russos para a criação de um centro internacional do movimento sindical junto da Internacional Comunista, por intermédio do Conselho internacional dos sindicatos de Moscovo, foi tão rapidamente coroada de um brilhante sucesso. Mais de dez mil operários sindicalizados se colocam sob a sua bandeira. Nas organizações sindicais de todos os países filiados na Federação de Amsterdão prossegue actualmente e sem excepção, uma luta ideológica encarniçada: a favor de *Moscovo* ou a favor de *Amsterdão*. Cada novo dia nos traz a notícia do afastamento de mais sindicatos da Federação de Amsterdão e da sua união ao Conselho Internacional de Moscovo e à Internacional Comunista. E este progresso da orientação comunista dos sindicatos operários ocorre por toda a parte com muito mais rapidez e com mais êxito do que se poderia supor por ocasião

da criação do Conselho Internacional de Moscovo, no passado mês de Julho.

No entanto, paralelamente a esta união revolucionária internacional do proletariado, a situação *particular* nos países que constituem sob muitos aspectos regiões *unidas* e que terão que desempenhar um papel *especial* na revolução proletária internacoinal, como é o caso dos países balcânicos e danubianos, impôs a mais estreita aproximação e a mais completa unidade da organização e da luta do seu proletariado.

A constituição da Federação comunista balcano-danubiana, enquanto parte integrante da Internacional Comunista, representa o primeiro passo importante nesta via.

A *Conferência sindical dos países balcânicos e danubianos* que se realizou no início do corrente mês de Novembro em Sófia, por iniciativa da União sindical búlgara e por decisão do seu congresso que se realizou no mês de Setembro deste ano, representa um novo passo na mesma via.

Um representante do Conselho internacional dos sindicatos de Moscovo participa nesta *primeira* conferência das uniões sindicais dos países balcânicos e danubianos.

Por ocasião da participação dos delegados da Jugoslávia, da Roménia e da Bulgária e depois de dado o acordo formal da Confederação do Trabalho grega, cujos delegados foram impedidos de vir a Sófia pelas eleições legislativas fixadas para o mesmo período, a primeira Conferência sindical balcânica e danubiana analisou sob todos os aspectos o estado actual do movimento sindical mundial, e em especial dos países balcânicos e danubianos, constatou com satisfação que o social-patriotismo nos sindicatos dos países balcânicos fora esmagado e que a Federação de Amsterdão não tinha nesta região nenhum apoio por parte do proletariado e traçou, unicamente e dentro do espírito do programa do Conselho internacional e das teses da Internacional Comunista sobre o movimento sindical, as linhas de princípio da luta geral pela ditadura do proletariado dos sindicatos dos países balcânicos e danubianos no actual período histórico (*).

(*) As resoluções da Conferência serão publicadas nos próximos números do jornal.

A Conferência também estabeleceu as relações de organização indispensáveis ligadas à criação de um secretariado sindical provisório balcano-danubiano em Sófia, junto da Federação comunista balcânica e danubiana enquanto órgão do Conselho Internacional dos sindicatos. Este secretariado provisório cuja direcção foi directamente confiada à União sindical búlgara que assume as tarefas do Conselho internacional no que diz respeito aos países balcânicos e danubianos, contribuirá para a união revolucionária dos sindicatos destes países em nome da luta pela ditadura do proletariado.

O trabalho discreto da Conferência é de uma enorme importância para as iminentes lutas de classe revolucionárias do proletariado nos Balcãs. Este trabalho assenta em bases sólidas e apenas deve ser concluído e consolidado.

A frente proletária revolucionária *unida* une-se e consolida-se contra a união das classes burguesas dos países balcânicos e danubianos, que se efectua sob a égide do imperialismo aliado e com fins contra-revolucionários, por intermédio da chamada pequena «entente».

As massas operárias *da base* dão-se fraternalmente as mãos e lançam *uma ponte* sobre *o abismo* criado entre os povos balcânicos e danubianos pelas guerras nacionalistas e de conquista das suas classes burguesas e pelo imperialismo dos países capitalistas europeus.

Deste modo, deu-se de novo um grande passo em frente decisivo para a vitória definitiva da revolução proletária internacional.

Rabotnitcheski vestnik
N.° 126,
de 6 de Dezembro de 1920.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. V.
Edições do P. C. B.
1952, pp. 531-535.

OS SINDICATOS E A DITADURA DO PROLETARIADO

Os sindicatos operários surgiram e desenvolveram-se durante os anos de desenvolvimento do capitalismo como organizações para a defesa dos interesses operários na própria produção e no quadro do sistema capitalista.

Englobando apenas no início os operários especializados, os sindicatos exerceram durante o seu desenvolvimento uma influência tão forte sobre as massas operárias nos países capitalistas avançados, que se tornaram nos seus países um poderoso factor da produção capitalista.

Renegados e encarniçadamente perseguidos desde o seu aparecimento, com a continuação foram reconhecidos pela própria burguesia e pelos seus ideólogos como organizações *indispensáveis* para o bom desenvolvimento da produção, para a manutenção *da paz e da estabilidade* indispensáveis a essa produção e para as relações trabalho-capital, num sistema capitalista perpetuado e consolidado.

Por intermédio da burocracia sindical influente, limitada e muitas vezes venal, bem como por concessões e vantagens insignificantes, feitas aos operários, os capitalistas conseguiram pôr os grandes e poderosos sindicatos operários sob a direcção imediata da sua política de exploração; e ao assinar com eles contratos colectivos de trabalho a longo prazo, demovem-nos, garantindo deste modo durante muitos anos um funcionamento *normal* das empresas, escapando-se às greves frequentes e espontâneas tão prejudiciais para eles.

As coisas tomaram um tal aspecto que, muito antes da guerra imperialista, a maior parte dos sindicatos operários,

sobretudo na Inglaterra e na Alemanha, tinham perdido completamente o aspecto e o conteúdo de organizações proletárias de classe e se tinham transformado num instrumento para manter a *tranquilidade* dos capitalistas na produção, bem como para *garantir* as fontes dos seus lucros fabulosos.

Durante a guerra, enquanto resultado lógico deste estado de coisas, nos países capitalistas mais desenvolvidos — tanto aqueles que se achavam sob a influência dos sociais-reformistas burgueses (Alemanha e Áustria) como as organizações profissionais anarco-sindicalistas (França), se puseram inteiramente do lado dos seus patrões imperialistas, deram o seu mais activo apoio à sua política imperialista de conquista, deram ao mundo o espectáculo infame da exterminação recíproca durante 4 anos dessas mesmas massas proletárias, cuja «solidariedade internacional do proletariado do globo terrestre» os seus representantes proclamavam até não poderem mais, nos congressos e conferências internacionais.

Foi em vão que Marx, a partir de 1848, ao redigir o Manifesto Comunista e, por conseguinte, por ocasião da fundação da I Internacional, em 1864, mostrou a via da revolução aos sindicatos operários, sublinhou a sua tarefa como escolas do socialismo e comparou o seu papel para o proletariado ao papel das comunas urbanas de outrora para a burguesia revolucionária.

Também foi em vão que, antes e durante a guerra, os socialistas que se mantiveram fiéis ao socialismo revolucionário de Marx, alertaram constantemente para *a degenerescência e o emburguesamento dos sindicatos operários,* etc. A maior parte destes sindicatos estavam tão profundamente comprometidos no pântano do oportunismo, tão afastados da concepção da sua missão histórica de classe, que continuaram surdos a tudo isso, vendo apenas as minúsculas vantagens que poderiam obter com a vitória da política de conquista das classes burguesas nos seus próprios países, embora só fossem obtidas à custa da exterminação maciça das classes operárias e através da exploração e da opressão do proletariado dos outros países, e sobretudo das colónias.

Mas a guerra imperialista provocou alterações profundas na situação. Levou à catástrofe total da produção capitalista. Desorganizou-se a circulação fiduciária. A carestia da vida

atingiu dimensões fantásticas. O valor real dos salários operários foi reduzido a proporções irrisórias. As conquistas sociais e as reformas conquistadas à custa de esforços e de lutas de muitos anos, foram tragadas para sempre. As tentativas para, pelo menos, restabelecer a situação anterior à guerra revelaram-se ilusórias. A fraqueza e a impotência dos antigos sindicatos — esses grandes factores da produção no passado — fizeram-se sentir no mais alto grau.

Por outro lado, a revolução vitoriosa dos operários e camponeses russos inaugurou a época da revolução proletária mundial. Levanta-se um dilema inevitável ao proletariado de todos os países — ou perecer juntamente com o capitalismo moribundo, ou organizar, através da revolução e da ditadura do proletariado, a sua vida com base nos princípios comunistas, sem lucro capitalista e sem exploração do trabalho de outrem.

A antiga doutrina e prática sindical, segundo a qual era necessário garantir a boa existência dos operários no quadro do regime capitalista introduzindo neste reformas *graduais falhou completamente.* A sua época está totalmente ultrapassada. A vida impôs *novas* vias, isto é, vias ainda traçadas por Marx e já há muito tão persistentemente defendidas, especialmente pelos bolchevistas russos e pelos socialistas de esquerda búlgaros.

E actualmente são os esforços dos defensores do capitalismo e dos seus agentes sociais-patrioteiros para manter os sindicatos operários no seu estado de mendicidade e no seu papel de outrora e para os desviar da via da revolução proletária por intermédio da Federação Sindical Internacional de Amsterdão e do chamado Secretariado Internacional do Trabalho junto da Sociedade das Nações.

A Federação de Amsterdão, à semelhança da Sociedade das Nações, também ela imperialista, desagrega-se devido às contradições internas inultrapassáveis que dividem os imperialistas dos diferentes países e constitui em si uma cópia moderna da lenda da Torre da Babilónia e da confusão das línguas.

As massas operárias organizadas nos sindicatos embrenham-se cada vez mais na vida mostrada pelo proletariado russo vitorioso da luta para a liquidação do capitalismo pela

instauração da ditadura do proletariado. Unem-se rapidamente à Internacional Comunista e ao Conselho Internacional dos sindicatos operários de Moscovo e mobilizam as suas forças para o assalto decisivo contra o capitalismo.

Sem renunciar à defesa possível dos operários contra a exploração capitalista desenfreada, os sindicatos operários ligados a Moscovo ou prestes a isso aplicam *o peso* dos seus esforços e da sua actividade no domínio da luta de classe revolucionária e nos seus preparativos detalhados para a realização do seu importante papel histórico a desempenhar nas revoluções proletárias nos seus próprios países.

É claro que, sob este aspecto, em consequência *da natureza* do trabalho que as suas massas realizam, é às organizações do transporte que cabe uma tarefa não só pesada como importante.

Não é em vão que ultimamente um comunista americano disse: «No momento em que os sindicatos dos Transportes e dos Mineiros se tiverem posto definitivamente do lado da revolução, a ditadura do proletariado triunfará entre nós, nos Estados Unidos.»

Isto, embora em menor grau, também é válido para os países ainda não completamente desenvolvidos do ponto de vista industrial, como é também o caso do nosso país.

Não temos razões para julgar que o proletariado búlgaro dos transportes possa *faltar* ao seu papel crucial para a revolução proletária do nosso país. Pelo contrário, a amarga experiência dos acontecimentos de Janeiro e de Fevereiro de 1920 e os preciosos ensinamentos que dela tirou, são mais uma garantia de que estará nas primeiras filas da luta de classe revolucionária pela ditadura do proletariado entre nós.

A união do proletariado dos transportes que ocorre nas fileiras da união dos operários dos transportes e sob a bandeira do comunismo mostra mais claramente do que qualquer outra coisa que está perfeitamente consciente das grandes obrigações e responsabilidades que o actual momento histórico lhe impõe.

Transport,
N.° 1,
de 20 de Dezembro de 1920
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. V.
Edições do P. C. B.
1952, pp. 554-559.

ALOCUÇÃO EM NOME DO CONSELHO INTERNACIONAL DAS UNIÕES SINDICAIS VERMELHAS AO IV CONGRESSO DOS SINDICATOS DE TODA A RÚSSIA

17 DE MAIO DE 1921

Lamento muito não poder falar em russo, mas espero que compreendam a essência do que vos vou dizer em búlgaro. Sinto-me feliz ao dirigir-me a vós em nome do Conselho Internacional dos Sindicatos Vermelhos, pois posso simultaneamente saudar-vos em nome do proletariado revolucionário da Bulgária, organizado nos sindicatos, bem como no do proletariado dos outros países balcânicos.

Posso assegurar-vos, representantes do heróico proletariado russo, que os operários balcânicos, assim como os operários revolucionários da Europa e da América, seguem a via traçada pelo proletariado russo, a via da luta intransigente e impiedosa pelo estabelecimento da ditadura do proletariado à escala mundial. Apesar do horrível terror da burguesia e das cruéis perseguições do proletariado revolucionário em todos os países, este último reúne rapidamente as suas forças e prepara-se para fazer à sua burguesia o que o proletariado russo fez em Outubro de 1917.

Os sindicatos na Bulgária e nos outros países balcânicos são órgãos da luta de classe revolucionária do proletariado. Consideram que a época pacífica do combate sindical já foi definitivamente ultrapassada, que nas condições da crise profunda e inultrapassável que reina no mundo capitalista a tarefa essencial e imediata das uniões sindicais é lutar para conquistar o poder político e todos os meios de produção. O duelo entre Amsterdão e Moscovo, que actualmente se

desenrola no seio de todo o movimento sindical em todo o mundo, terminou na Bulgária e nos países balcânicos pela vitória total de Moscovo. O mesmo sucederá, inevitavelmente, num futuro próximo na Europa e na América.

A experiência russa ensina-nos que a nossa primeira tarefa consiste em liquidar definitivamente a influência dos mencheviques e dos sociais-traidores de toda a espécie e a sua fortaleza, a Federação de Amsterdão, porque o facto de na Inglaterra e na Alemanha, na França e na Itália, no país industrial mais desenvolvido, a América, o proletariado ainda se achar sob o jugo capitalista, só se explica pela política traidora dos chefes amarelos e pelo oportunismo da burocracia nos sindicatos. A burguesia e os mencheviques de todo o mundo dizem sempre que a Rússia é um país bárbaro, inculto e incapaz de seja o que for, mas, na realidade, o proletariado europeu civilizado deve aprender convosco — com o proletariado russo — o meio de se libertar do jugo do capital e deve começar a agir à maneira russa. Aliás nós inspiramo-nos constantemente na vossa imensa experiência. Esta experiência ensina-nos acima de tudo que, sem organizações sindicais profundamente impregnadas de espírito comunista, avançando lado a lado com o Partido Comunista, a vitória total da revolução proletária é impossível, uma ditadura real e verdadeira do proletariado seria impossível, a organização socialista da produção e a criação da sociedade comunista é impensável. Conhecemos perfeitamente os sindicatos enquanto organizações que não combatem a exploração capitalista — conhecemo-los pela doutrina dos nossos grandes mestres Marx e Engels, bem como pela nossa própria experiência. Mas, o que não encontramos nem no Manifesto Comunista, nem nas outras obras dos nossos mestres que, nas suas investigações teóricas, não puderam determinar com exactidão o papel e as tarefas dos sindicatos no período transitório da ditadura do proletariado, aprendemo-lo hoje com a vossa experiência, cujas formas concretas vocês elaboram na actividade prática dos sindicatos nesse período transitório. O proletariado russo conheceu e conhece sofrimentos inauditos, fez inúmeros sacrifícios não só pela sua própria causa, como também pela da revolução em todo o mundo. Os vossos sofrimentos e os vossos sacrifícios não serão em vão.

Os seus benéficos resultados já se manifestam no gigantesco combate que abala todo o mundo capitalista, de que uma das maiores manifestações é a luta colossal dos mineiros ingleses.

Moscovo é a estrela que guia a luta proletária em todo o mundo. Moscovo é o sol que dissipa as trevas da noite opaca do mundo capitalista. Moscovo encabeça com orgulho e com justiça a união internacional dos sindicatos, união que é a condição indispensável e inevitável do triunfo total da revolução proletária internacional. Ao mesmo tempo que prestamos homenagem à memória que nos é tão cara, da plêiade de militantes do proletariado russo caídos no cambate, dizemos:

«Viva o movimento sindical russo, vivam os seus dignos representantes no IV Congresso dos sindicatos, viva o Partido Comunista Russo, alma do movimento sindical na Rússia, viva a Internacional Comunista e o seu braço direito, a Internacional Vermelha dos Sindicatos.»

O IV Congresso dos sindicatos de toda a Rússia
Moscovo, Edição operária de toda a Rússia do Conselho Central dos Sindicatos, 1922, Bol. C. C. S. R.

Traduzido do texto de:
Jorge Dimitrov, *Obras*, t. VI, Edições do P. C. B. 1954, pp. 3-6.

O MOVIMENTO SINDICAL NOS BALCÃS

I

Devido à situação particular que os Balcãs ocupam como traço de união entre a Europa e a Ásia, tornaram-se desde há muito um campo de luta entre os dois grupos imperialistas europeus, dos quais um é chefiado pela Inglaterra, e o outro pela Alemanha.

Durante dezenas de anos, estes dois grupos esforçam-se por utilizar a península Balcânica para os fins da sua política imperialista, para colocar os seus capitais e as suas mercadorias, exportar matérias-primas e, sobretudo, ter nas mãos esse cómodo corredor entre o Leste e o Oeste.

Os diferentes Estados balcânicos — a Grécia, a Roménia, a Sérvia (hoje Jugoslávia) e a Bulgária foram criados durante essa luta e sob a sua influência directa. Separaram-se, um após outro, do antigo império otomano, mas continuam, tal como anteriormente, a representar do ponto de vista económico numa região comum, apesar das suas diferenças etnográficas e políticas.

Formalmente independentes, os Estados Balcânicos ainda se encontravam, de facto, no momento do seu aparecimento, completamente dependentes do capitalismo europeu, que acusava uma decisiva influência no seu desenvolvimento económico.

Inicialmente países de pequenas propriedades agrícolas, foram rapidamente arrastados pelo ritmo da produção capitalista e pelas suas leis. Com o auxílio do capital europeu (que em 1914 representava quase 60 por cento de todo o capital industrial dos países balcânicos) começou o processo relati-

vamente rápido da industrialização dos países balcânicos. É claro que o capital europeu só aqui admitia a criação de ramos de produção que em nada o podiam ameaçar, como por exemplo a indústria do açúcar, do tabaco, a exploração de minerais e da hulha, a do petróleo e toda uma série de outras, directamente ligadas à agricultura e que serviam para obter matérias-primas e semifabricadas, indispensáveis à indústria europeia. Um período particularmente típico do desenvolvimento da indústria nos Balcãs é a década 1900-1910, durante a qual o número de empresas industriais aumentou nas seguintes proporções: na Bulgária — 115 por cento, na Roménia — 100 por cento, na Sérvia — 90 por cento, na Grécia — 75 por cento. A guerra balcânica de 1912-1913 afrouxou este rápido processo de desenvolvimento capitalista dos Balcãs, e a guerra imperialista de 1914-1918 parou-o completamente e causou um rude e irreparável golpe à jovem indústria balcânica.

A crise económica geral que reina no mundo inteiro fez-se sentir com uma acuidade ainda maior nos Balcãs. Pouco desenvolvidos industrialmente, os países balcânicos são atingidos pelo mal de que todo o capitalismo sofre. A extensão do território da Sérvia e da Roménia que grandes regiões industriais do antigo império austro-húngaro exploram, não só não aliviou um pouco a sua triste condição, aliás, comum aos países balcânicos, como até complicou a sua própria situação tornando-a ainda mais difícil e crítica.

Após a guerra, milhões de dívidas oprimiram os Estados balcânicos incapazes de lhes fazer face. A sua produção está completamente desorganizada. Neles constatamos uma subida dos preços e uma desvalorização do dinheiro ainda maiores do que nos países capitalistas europeus. Em comparação com a situação anterior à guerra, o salário real baixou de 60-70 por cento. O desemprego aumenta sem cessar. A exploração do trabalho operário torna-se cada dia mais desavergonhada. Os capitais acumulados durante a guerra nos bancos, nas sociedades anónimas ou por determinados capitalistas são acima de tudo utilizados nas especulações com os géneros de primeira necessidade, porque semelhante actividade proporciona lucros consideráveis e rápidos à conta das massas trabalhadoras esfomeadas. Mas isso só serve para aumentar o

marasmo e aprofundar a crise económica em curso. Não pode haver esperanças de estabelecer a economia desorganizada, arruinada, dos países balcânicos, no quadro do antigo sistema capitalista.

II

O movimento sindical nos Balcãs é muito recente devido ao tardio desenvolvimento do capitalismo. Só há duas décadas existe como movimento de massa.

Os sindicatos dos países balcânicos foram criados no fogo da luta de classe do proletariado com a burguesia, sob a influência directa e a orientação dos Partidos socialistas e foram sempre considerados como órgãos da luta de classe do proletariado pela sua libertação. Desde os seus primeiros passos que os sindicatos tiveram a possibilidade de se servirem da experiência secular do proletariado europeu e de assim evitar um grande número de erros e processos habituais que se fazem notar no movimento sindical dos países europeus.

Além disso, precisamente devido ao desenvolvimento tardio do capitalismo e à existência de sindicatos sob a influência dos Partidos socialistas, não se pode criar uma aristocracia operária semelhante à aristocracia operária inglesa e americana, como também não se pode criar uma burocracia sindical conservadora e reaccionária, semelhantes às que encontramos nas antigas uniões sindicais da Europa e da América e que muito prejudica a causa revolucionária do proletariado.

Também isto explica o insucesso de todas as tentativas para criar sindicatos amarelos nos países balcânicos, o facto de todo o movimento sindical ser aí um factor na luta de classe do proletariado, e também, repito-o, o facto de os sindicatos balcânicos estarem ideológica e organizacionalmente ligados aos Partidos proletários e aceitarem a sua direcção política. O que pode igualmente explicar o facto de a anarquia e o sindicalismo não encontrarem nenhum terreno sério entre as massas operárias balcânicas.

Graças à longa luta intransigente contra o oportunismo e as outras tendências semelhantes no movimento operário — luta iniciada muito cedo e dirigida com uma grande perseverança primeiro na Bulgária e mais tarde também nos

outros países balcânicos, o movimento sindical dos Balcãs une actualmente vastas massas proletárias em nome da destruição do capitalismo e no da ditadura do proletariado. Liquidou os últimos restos dos sindicatos amarelos e neutros e tornou-se um movimento unido sob a direcção política dos Partidos comunistas.

Já não existem na Bulgária organizações sindicais sob influência estrangeira. Todo o proletariado organizado sindicalmente está unificado e avança sob a direcção experimentada do Partido Comunista Búlgaro.

Na Jugoslávia, sociais-patrioteiros que se tinham instalado nas organizações sindicais na Croácia e na Eslovénia, sofrem agora derrotas atrás de derrotas, e o processo de organização do movimento sindical num única união geral cerrada dos sindicatos sob a direcção do Partido Comunista da Jugoslávia está no fim.

Na Roménia, os sindicatos que, nas suas aspirações revolucionárias, foram muito mais longe do que o antigo Partido Socialista reticente, tomarão agora lugar com firmeza ao lado do Partido Comunista recentemente criado.

Na Grécia, a União geral dos sindicatos, a única organização sindical importante dos operários, avança sob a bandeira do Partido Comunista, e os sindicatos amarelos que a burguesia utilizava para os seus fins políticos, desagregaram-se definitivamente, e todos os elementos proletários sãos passam rapidamente para as fileiras da União Geral dos Sindicatos.

Existe actualmente nos Balcãs um exército de operários sindicalizados que conta cerca de 45 000 homens, que aumenta todos os dias, e pode-se afirmar que não é um obstáculo à causa da revolução proletária internacional, mas sim que combate nas suas primeiras filas, pois compreende que os sindicatos actualmente só têm uma tarefa: a de lutar pela ditadura do proletariado, pelo seu estabelecimento e pela sua consolidação e, deste modo, pelo advento do comunismo.

III

Desde o início da guerra, em 1914, que os Sindicatos dos países balcânicos romperam com a União Internacional dos

Sindicatos, actualmente chamada Federação de Amsterdão. Lutando resolutamente contra a guerra nos seus países, profundamente imbuídos de espírito de solidariedade proletária internacional, não só não testemunharam nenhuma simpatia pela traição sem precedentes do movimento sindical internacional na pessoa dos seus chefes Leguine, Jouhaux, Appleton, Gompers e outros, como consideraram seu dever iniciar um combate impiedoso contra esses lacaios da burguesia imperialista. E quando, em Moscovo, nasceu a iniciativa da criação de um novo centro internacional das organizações sindicais sob a bandeira da Internacional Comunista, os sindicatos dos países balcânicos viram nisso a expressão da sua própria vontade e das suas aspirações e foram os primeiros a reunirem-se ao Conselho Internacional dos Sindicatos que acabava de ser criado. Melhor ainda, para facilitar as tarefas do Conselho Internacional os sindicatos balcânicos, por ocasião da sua conferência em Sófia, em Novembro de 1920, confiaram ao seu Secretariado balcânico — criado junto da Federação comunista balcânica — a tarefa de ser o órgão do Conselho Internacional nos Balcãs.

A propaganda *contra Amsterdão e a favor de Moscovo* é tão poderosa nos Balcãs, a influência no seio das massas operárias é tão grande, que a filiação na federação de Amsterdão é considerada pelos operários como um *crime vergonhoso*. Ultimamente, grupos sindicais insignificantes que se achavam sob a influência dos socialistas de direita (mencheviques) na Bulgária e que mantinham relações com Amsterdão, romperam esse elo, condenaram a política de traição da Federação e passaram para as fileiras dos sindicatos ligados ao Partido Comunista. Na Jugoslávia e na Roménia, os poucos sindicatos que continuavam a manter algumas relações com os secretariados sindicais internacionais, filiados na federação de Amsterdão, também romperam essa ligação, embora na maior parte dos casos esta fosse apenas formal.

O proletariado sindical organizado dos Balcãs está inteira e resolutamente *a favor de Moscovo e contra Amsterdão*. Combate sob a bandeira da Internacional Comunista e considera que a época em que vivemos, época da revolução proletária internacional que começa, a nova união internacional dos sindicatos sob a palavra de ordem *a favor de Moscovo*

e contra Amsterdão pode ser realizada numa luta impiedosa tanto contra a traição como contra os nefastos desregramentos da anarquia e do sindicalismo no movimento sindical internacional.

Os sindicatos dos países balcânicos tomarão uma parte activa no próximo congresso internacional dos Sindicatos em Moscovo, totalmente persuadidos de que este congresso criará um verdadeiro centro revolucionário internacional unido dos sindicatos, que desempenham as suas tarefas *especiais, mas na base da luta pela ditadura do proletariado e sob a direcção política da Internacional Comunista, e de que esse centro se tornará um verdadeiro estado-maior da revolução proletária internacional.*

Observação: Os sindicatos na Bulgária têm 40 000 membros para uma população de 4 100 000 habitantes; na Grécia — 35 000 para 5 500 00 habitantes, na Jugoslávia — 180 000 para 13 000 000 de habitantes, e na Roménia — 175 000 para 14 000 000 de habitantes, *Mejdunarodnoe Rabocee Dvizenie, Moscovo, números 4-6, Abril-Junho 1921. Assinado: G. Dimitrov.*

Edição do P. C. B. 1953, pp. 2-27.

Tradução do texto de: J. Dimitrov, *Obras,* t. VI.

NAS VÉSPERAS DA SEMANA INTERNACIONAL SINDICAL VERMELHA

EXTRACTO DO DISCURSO PRONUNCIADO NUMA REUNIÃO REALIZADA NO TEATRO «RENASCENÇA» NO DIA 27 DE NOVEMBRO DE 1921

O acolhimento reservado, à sua entrada, ao chefe bem-amado do movimento operário foi de um entusiasmo impetuoso. Os operários levam-no em triunfo para o palco. A assistência, de vários milhares de homens, levanta-se e aclama-o demoradamente. A multidão entusiasta entoa a marcha do Exército Vermelho. O teatro está cheio do ruído do canto dos milhares de vozes.

Camaradas! Os sindicatos operários nos grandes Estados capitalistas, que tinham nascido e se tinham desenvolvido como organizações para defesa imediata dos interesses profissionais dos operários, foram, durante a guerra imperialista, transformados pelos sociais-patrioteiros e pelos burocratas sindicalistas em instrumentos para a continuação da guerra fratricida. A «paz civil» foi proclamada e quis-se fazer crer ao proletariado que a vitória da «sua pátria» também lhe oferecia brilhantes perspectivas de bem-estar.

A guerra imperialista terminou, mas o proletariado encontrou-se em todos os países perante *um marasmo económico*

sem precedentes e todas as suas consequências: uma alta constante do custo de vida, uma desvalorização catastrófica do dinheiro e um desemprego crescente. O pânico que se apoderou do mundo capitalista em 1918, depois do triunfo da revolução operária e camponesa russa, é compreensível. Toda a Europa tremia sob o peso das consequências da guerra e perante a força ameaçadora e a influência da Rússia Soviética. Nessa ocasião, a vitória da classe proletária teria sido possível com poucos esforços e sacrifícios. Na Alemanha e na Áustria, o poder encontrava-se de facto nas mãos do proletariado. Mas a burguesia foi salva pelos sociais-traidores e pelos burocratas sindicais que fizeram dos poderosos sindicatos operários, que tinham milhões de membros, um instrumento do estabelecimento do capitalismo em falência.

A burguesia recuperou as suas energias e preparou-se primeiro para resistir aos ataques do proletariado revolucionário e, depois, *para avançar contra o movimento operário revolucionário e contra a Rússia Soviética,* depositária da revolução internacional. Actualmente o capital passou por toda a parte à ofensiva. Encarniça-se em diminuir os salários operários, em aumentar a duração do dia de trabalho, combate todas as conquistas operárias do passado, as organizações que desejaria destruir assassinando os dirigentes e os militantes operários e proibindo as organizações operárias. Ora, ainda agora os sociais-patrioteiros, os burocratas sindicalistas, reunidos na Federação Sindical de Amsterdão, continuam a colaborar, ainda mais servilmente se possível, com a burguesia.

Nestas condições, o entusiasmo com que os operários revolucionários de todos os países acolheram *a iniciativa dos sindicatos russos para a criação da Internacional Vermelha* é compreensível, como também compreendemos porque é que este último conseguiu em apenas um ano atrair às suas fileiras cerca de 20 milhões de operários sindicalizados de todas as raças e de todas as partes do mundo onde o capitalismo existe.

A luta entre Amsterdão e Moscovo é, no movimento operário de todo o mundo, o facto mais significativo do ano de 1921. Amsterdão perde todos os dias os seus filiados por causa da sua traição e da vergonha de que a federação se cobriu, enquanto Moscovo, enquanto pátria da revolução proletária internacional, todos os dias ganha novos filiados.

O Primeiro Congresso da Internacional Sindical Vermelha estabelece o programa de acção dos militantes sindicais revolucionários de todos os países. Declarou-se firmemente partidário da adesão aos antigos sindicatos e do trabalho para os revolucionários, ergueu-se contra o separatismo nacionalista no seio do movimento sindical, contra a colaboração de classe e a reconciliação com a burguesia.

Lançou igualmente a palavra de ordem da internacionalização da própria luta dos sindicatos, para não permitir que o proletariado seja vencido separadamente; lançou a palavra de ordem para a criação de uma frente única do proletariado em todos os países para a defesa dos interesses operários e para a ltua contra o capitalismo. Hoje, quando a burguesia une todas as suas forças perante o perigo que a ameaça, são ainda os traidores da Federação de Amsterdão e da II Internacional que rompem a frente do proletariado ao expulsarem secções e uniões inteiras apenas por se terem declarado favoráveis a Moscovo. *A criação da frente única do proletariado* em todos os países e no mundo inteiro é o imperativo supremo do momento. Em 1918, a revolução russa não pode tomar a amplitude de uma revolução europeia, mas podemos afirmar ainda hoje que a Revolução se propaga na Europa, que ela é a única saída para a situação que o capitalismo criou no mundo inteiro. Actualmente o mundo capitalista é um caos. Assim, por exemplo, a depreciação do marco alemão, a mão-de-obra barata, e a exploração exagerada do operário alemão fazem da Alemanha um mercado onde se vende por baixo preço tudo o que representava o futuro da economia alemã. A crise também se intensificou nos países vencedores. A oferta de mercadorias alemãs a baixos preços aumenta o desemprego na Inglaterra, na América e noutros países. Os países de divisas fracas encontram-se na impossibilidade de fornecer matérias-primas à sua indústria e de comprar aquilo de que necessitam nos outros países; quanto aos países com divisas fortes, são sufocados pela falta de escoamento para as suas mercadorias demasiado caras. A necessidade sempre premente de assegurar escoamento arrasta os Estados imperialistas *para novos conflitos.* Seja para onde for que olhem, só verão actualmente no mundo pretextos para novas guerras. As grandes aves de rapina imperialistas estão outra vez dispostas a

arrepelarem-se. O mundo está, a todo o momento, ameaçado por uma catástrofe ainda mais terrível.

Mas, por muito desunida que seja nos seus interesses, a burguesia está unida contra o proletariado revolucionário dos seus países e contra a Rússia Soviética, pátria e apoio da revolução internacional. E observamos actualmente o facto de aqueles que foram tomados de pânico face às forças crescentes da revolução repetirem em altos brados que o bolchevismo, a sua política económica, faliram. A Rússia Soviética foi efectivamente obrigada a modificar a sua política económica sob a pressão do isolamento em que o povo russo se encontrava depois da revolução, devido ao atraso da revolução nos países capitalistas desenvolvidos de que são responsáveis os sociais-patrioteiros. Ora, na Rússia, já não é a burguesia que governa, mas sim os operários e os camponeses sob a direcção do poderoso, prudente e perspicaz Partido Comunista.

Na Rússia, está estabelecida a ditadura do proletariado.

O poder soviético dos operários e dos camponeses pobres detém o transporte, o comércio externo, a grande indústria e, finalmente, o poderoso exército do povo russo, o Exército Vermelho vitorioso. E assim chegamos a um facto aparentemente estranho na história: o proletariado, que tomou o poder nas suas mãos e exerce a sua ditadura, é obrigado, durante um período transitório, a pôr a burguesia ao serviço do proletariado — por oposição ao passado, em que durante séculos o proletariado trabalhou para a burguesia!

É verdade que o povo russo sofre actualmente, que sofre muito. O proletariado russo obteve a sua liberdade, mas, no actual período transitório, é obrigado a apertar o cinto, a sacrificar tudo pelo futuro do comunismo. É preciso ver os *operários sindicalizados russos* que efectivamente não comem o suficiente, mas orgulhosos senhores do seu país e do seu trabalho, aguardando firmemente a vitória do proletariado nos outros países; é preciso ver o *Partido Comunista Russo* onde todos, até ao último operário e operária ocupam sem desfalecimentos os seus postos, onde as dificuldades abundam; finalmente, é preciso ver o Exército Vermelho russo, que não tem igual na história, para se persuadirem de que a República Soviética Russa está firmemente erguida, para se convencerem

também de que é sobre a consciência do proletariado dos outros países, muito especialmente dos países desenvolvidos, que pesa a terrível responsabilidade dos grandes sofrimentos do proletariado russo.

Hoje, levanta-se perante o proletariado o problema supremo da criação de uma frente unida revolucionária, para que, não só possa repelir os ataques do capital, como também passar vitoriosamente ao *ataque*.

É esta precisamente a tarefa da *Semana Internacional Sindical Vermelha.*

Enquanto os grandes sindicatos dos países capitalistas desenvolvidos não tiverem reunido as bandeiras da revolução, o triunfo da revolução socialista e a criação de uma economia socialista nestes países são impossíveis. Neste aspecto, somos mais felizes. Na sua fracção mais consciente o proletariado búlgaro avança sob a bandeira da Revolução e do comunismo. *Mas as nossas uniões sindicais ainda não englobam as grandes massas dos trabalhadores búlgaros* para representarem essa poderosa força indispensável ao triunfo da revolução na Bulgária. Levemos por todo o lado aonde bate um coração operário, o vivo apelo de união de todos os operários nas fileiras dos sindicatos revolucionários, para a defesa dos interesses operários, para a salvação da humanidade ameaçada de perecer sob o fardo do capitalismo e para o triunfo do comunismo, para a felicidade de toda a humanidade trabalhadora. — *Tal é, na hora actual, o nosso dever supremo.*

Rabotnitcheski vestnik
N.° 124,
de 28 de Novembro de 1921.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 101-106.

EM DEFESA DA RÚSSIA SOVIÉTICA CONTRA O ACOLHIMENTO DOS EXÉRCITOS DE WRANGEL NA BULGÁRIA

DISCURSO PRONUNCIADO NO «MEETING» DO PROLETARIADO DE SÓFIA, CONVOCADO PELO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA BÚLGARO A 31 DE MARÇO DE 1922

Camaradas, durante quatro anos, Koltchak, Denikine e todos os outros mercenários do capital da Entente suportaram a força do punho de ferro do Exército Vermelho dos operários e dos camponeses. Vergonhosamente derrotado, Wrangel fugiu a bordo de navios da Entente e refugiou-se em Istambul.

Mas a Rússia Soviética ainda não é deixada em paz. Os capitalistas, os banqueiros e os milionários da Europa e da América preparam uma nova campanha contra a Rússia. Para a realizarem, não podem contar com os seus próprios povos que claramente declararam: Nós não nos queremos bater contra o povo russo! Mas querem verter o sangue dos povos pequenos, dos povos dos Balcãs e em especial o do povo búlgaro.

Camaradas, Sófia torna-se o quartel general do comandante-chefe do seu exército. Os seus tribunais militares julgam e pronunciam sentenças de morte. Este exército ocupou todos os pontos estratégicos da Bulgária. A Bulgária desarmada está ocupada, conquistada por um exército estrangeiro forte com cerca de 20 000 homens. O nosso governo gasta milhões para manter este exército. Enquanto 20 milhões de camponeses russos passam fome na bacia do Volga, o estado-maior de Wrangel compra na Bulgária provisões para

poderem combater os esfomeados da Rússia. Quando a cooperativa «Osvobojdénie» comprou alimentos para auxiliar a população sofredora, os partidos burgueses do nosso país lançaram gritos lancinantes. E agora, quando Wrangel se aprovisiona de víveres, onde é que estão os protestos? Pelo contrário, auxiliam-no. Os banqueiros e os ricaços narodniaquianos abraçam os generais fardados de negro e tramam, com eles, conspirações contra os povos russo e búlgaro. Também querem utilizar o exército de Wrangel na luta contra o bolchevismo búlgaro. Preparam um golpe de Estado, querem proclamar uma ditadura militar e lançar o povo búlgaro numa guerra contra os seus irmãos russos. Camaradas, podem estar certos de que, também desta vez, o Exército Vermelho esmagará Wrangel como ele o merece. Neste caso, é muito provável que a Bulgária se torne um campo de operações militares. Tanto pior para aqueles que tiverem provocado semelhante guerra. Nem um único operário ou camponês búlgaro atirará contra um operário ou camponês russo! É claro que saberá apontar a sua espingarda! O Partido Comunista Búlgaro e todo o povo trabalhador exigem do governo que Wrangel seja imediatamente expulso como um trapo e que as suas tropas sejam desarmadas! Que os soldados e os cossacos russos sejam enviados para a sua pátria que já lhes perdoou e que os espera para lhes permitir dedicarem-se a um trabalho calmo e benéfico.

O governo búlgaro é obrigado a submeter-se a esta imposição do povo trabalhador! Mente ao afirmar que as tropas de Wrangel não estão armadas! Talvez, exactamente neste momento, Wrangel se esconda em Sófia. Abaixo as aventuras criminosas dirigidas contra o povo irmão russo! Abaixo a reacção búlgara e russa! Viva a união fraterna entre os povos trabalhadores russo e búlgaro! Viva a grande Revolução Russa e o seu heróico Exército Vermelho!

Rabotnitcheski vestnik
N.° 227,
de 1 de Abril de 1922.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 179-181.

A OFENSIVA CAPITALISTA

Nos Estados capitalistas, a burguesia internacional conseguiu manter o seu domínio de classe contra a pressão impetuosa dos movimentos revolucionários do proletariado na Europa, consequência da Revolução Russa vitoriosa e da Grande Guerra, graças, sobretudo, à traição dos Partidos sociais-patrioteiros.

Depois de evitado o perigo imediato de uma revolução em 1918 e 1919, a burguesia internacional recompôs-se rapidamente, procurou reunir as suas forças de modo que, em 1920, passou do estado de *defesa à ofensiva* contra o proletariado. A burguesia não só recorreu à abolição das concessões que tinha sido obrigada a fazer ao proletariado durante o período crítico, como também tentou — facto que ainda hoje se mantém sob todas as suas relações — descarregar para cima das massas trabalhadoras as pesadas sequelas da guerra.

Esta ofensiva capitalista geral acha a sua expressão antes de mais no golpe dado nos *salários operários*. Enquanto que, nos países com divisas fortes, com moeda não desvalorizada ou pouco desvalorizada, como a América, a Inglaterra, a França, etc., a burguesia se esforça por *reduzir* os salários operários vigentes, nos países com divisas fracas, como a Alemanha, a Áustria, a Hungria, a Polónia, a Bulgária, etc., opõe-se resolutamente ao *aumento* dos salários proporcionalmente à inflação e à subida dos preços. Em ambos os casos, o objectivo é reduzir o salário real ao mínimo mais baixo que for possível.

Em segundo lugar, a ofensiva capitalista visa o *aumento do dia de trabalho*. O dia de trabalho de oito horas, solene-

mente sancionado por uma convenção internacional especial, quando a burguesia estava ameaçada de perder o poder, é hoje objecto de violações permanentes, sistemáticas e brutais por parte dos capitalistas.

A ofensiva capitalista também se exprime nas tentativas da burguesia transferir, das mais variadas maneiras, em especial pela excessiva majoração dos impostos indirectos, todos os *encargos fiscais* para cima do proletariado, e das massas trabalhadoras em geral.

Resumindo, o capitalismo procura sair do *impasse* em que se encontrou sobretudo depois da Grande Guerra e da crise mundial subsequente, pelo aumento excessivo e sem precedentes do total *de trabalho dos operários, pelo esgotamento das forças e pelo enfraquecimento da saúde das massas operárias, pela decadência física e cultural do proletariado, até ao ponto de o impelir para a barbárie.*

É conveniente revelar que, na ofensiva capitalista contra o proletariado, a burguesia internacional é *perfeitamente unânime.* No caso presente, a sua *frente única* manifesta-se a cada passo, *apesar da presença de contradições de ordem nacional económica,* etc. Os últimos «lock-out» empreendidos contra os operários da indústria metalúrgica na Inglaterra, na Alemanha, na Dinamarca, etc. constituem uma nova prova da existência da frente única dos capitalistas dos países vencedores, vencidos, bem como daqueles que se mantiveram neutros durante a guerra.

É indispensável, e vê-se bem porquê, que o proletariado, acima de tudo por instinto de conservação, erga contra esta ofensiva de *uma frente única burguesa-capitalista a sua própria frente única.*

Por isso a palavra de ordem, lançada pelo Komintern e pela Internacional dos Sindicatos Vermelhos a favor de uma frente proletária única e contra os ataques do capitalismo é, cada vez mais, adoptada pelas massas operárias de todos os países, como única saída, para o proletariado, da situação criada.

É verdade que os sociais-patrioteiros, em especial na Alemanha e na Inglaterra, se esforçam por fazer abortar a criação da frente única do proletariado, porque esta poria fim à causa comum daqueles com a burguesia. Espalham zelosamente, entre as massas operárias sob a sua influência, a calúnia de que a política da frente única seria ditada pela situação actual na República Soviética Russa, quando é evidente, mesmo para o último operário a sofrer os dolorosos golpes da ofensiva capitalista que são os *interesses vitais do proletariado do mundo inteiro que exigem a criação da frente única.*

Na Bulgária, onde não existe outro *Partido operário* além do Partido Comunista e onde, por isso mesmo, o problema da frente única contra a ofensiva capitalista reside na *acção comum* dos sindicatos comunistas e de algumas organizações neutras, sobretudo de empregados do Estado, e, *principalmente, na coesão das massas operárias não organizadas,* os sociais-patrioteiros também procuram, pelos mais sórdidos processos entravar a criação da frente proletária única.

Contudo a vida é mais forte do que os cálculos de conciliábulo das cliques sociais-patrioteiras nos diversos países. De uma ou de outra forma, por diversas vias, a frente única do proletariado *constituir-se-á infalivelmente.* Uma vez esta realizada, a *ofensiva do capitalismo ruirá,* terá então chegado a vez *da ofensiva do proletariado para um ajuste definitivo de contas com o capitalismo, para o triunfo total da revolução proletária internacional.*

Rabotnitcheski vestnik
de 1 de Maio de 1922.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido dos textos de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VI.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 184-187.

INTERVENÇÃO POR OCASIÃO DA X SESSÃO DO SEGUNDO CONGRESSO DO PROFINTERN

29 DE NOVEMBRO DE 1922

Estamos inteiramente de acordo com o essencial das teses apresentadas. É verdade que se impõem algumas modificações, mas seria preferível que fosse a própria comissão a realizá-las.

Contudo, a delegação búlgara considera que é indispensável revelar nessas teses de uma maneira ainda mais nítida, o facto de a transformação das uniões dos trabalhadores do circuito produtivo em secções da União Geral ser não só prematura, como também extremamente nociva no estádio actual do movimento sindical operário, quando ainda é necessário levar a cabo uma luta intensa pelas reivindicações parciais dos operários e para repelir (muitas vezes em condições muito diversas) a ofensiva capitalista em todos os sectores da produção, quando a tarefa principal e imediata consiste em dar coesão às massas por sectores de produção, a fim de organizar a resistência e de subtrair essas massas à influência e à direcção dos reformistas.

Em segundo lugar, é indispensável condenar ainda mais resolutamente o federalismo, enquanto forma de organização caduca do movimento sindical, inadaptada às condições actuais da luta de classes e às tarefas dos sindicatos.

É claro que, na França, na Itália e na Espanha, não é possível transformar, de uma só vez e com uma única resolução do congresso, o federalismo tradicional no centralismo. Ninguém tem essas ilusões. Mas é necessário despender uma grande actividade metódica a fim de realizar a centralização,

isto é, uma adaptação tanto quanto possível rápida das formas de organização do movimento sindical em todos os países nas condições e nas exigências actuais da luta revolucionária do proletariado.

Todos os partidários do Profintern já há muito tempo deveriam ter compreendido que, na época actual, o proletariado só poderia lutar com êxito contra o capital centralizado dispondo de uniões centralizadas e de massa dos trabalhadores do circuito produtivo.

As objecções do camarada italiano Vecchi em relação ao centralismo, têm, de facto, uma certa importância, mas apenas no que diz respeito ao centralismo mecânico e burocrático. Nenhum comunista aprovaria semelhante centralismo mecânico e burocrático. As objecções do camarada Vecchi não poderiam dizer respeito ao centralismo proletário que é uma necessidade histórica inevitável na fase actual da luta de classe do proletariado internacional, bem como uma condição importante para o triunfo deste último.

Em terceiro lugar, a delegação búlgara insiste em que o artigo incidindo sobre a informação e o contacto com as massas seja acabado de modo mais detalhado. Além disso, é necessário indicar de uma maneira concreta os órgãos e os meios indispensáveis ao Secretariado Executivo do Profintern com o auxílio dos quais poderia estar em estreito e permanente contacto com as organizações e os partidários do Profintern e dirigir eficazmente a actividade dos Sindicatos revolucionários e a sua luta à escala internacional.

Além disso, a delegação búlgara propõe que as teses sejam completadas com um parágrafo especialmente destinado aos Balcãs e redigido do seguinte modo:

É indispensável retomar a actividade para o restabelecimento da unidade do movimento sindical nos Balcãs, à excepção da Bulgária onde este está unificado e ligado ao Profintern. O restabelecimento dos sindicatos revolucionários, muito especialmente na Jugoslávia e na Roménia, desmantelados em 1920 e 1921, realizar-se-á em condições extremamente difíceis — no meio do terror, de uma reacção e de uma resistência desenfreada por parte dos reformistas. Quanto mais os sindicatos restabelecidos conseguirem unir estreitamente as massas operárias na base de uma luta enérgica para

os seus interesses vitais, tanto mais rapidamente e com maior êxito essas dificuldades serão ultrapassadas.

Na Grécia, onde a Confederação do Trabalho é, de facto, fiel à plataforma do Profintern, os partidários deste último têm como tarefa levar a cabo uma luta intensa contra a política traidora de um punhado de chefes nacionalistas amarelos que ainda mantêm a sua influência em certas organizações sindicais ainda suas alidas. É indispensável, antes de mais, arrancar das mãos destes chefes a organização dos estivadores e do pessoal marítimo e reintegrá-la na Confederação Geral do Trabalho.

Na Turquia, onde os operários estão sobretudo organizados em sindicatos nacionais à parte (turcos, gregos, arménios), a tarefa essencial dos partidários do Profintern consiste em despender uma actividade intensa para a união desses sindicatos em sindicatos gerais por sectores de produção, sem ter em conta a origem étnica, com base na luta de classes.

Devido à estreita interdependência económica e política dos países balcânicos, o êxito da luta do proletariado nos Balcãs depende sobretudo da acção conjunta dos sindicatos de todos os países balcânicos. Por isso, os partidários do Profintern nos Balcãs têm como principal tarefa assegurar a possibilidade de uma tal acção comum que, mais tarde, deverá tomar, do ponto de vista da organização, a forma de uma federação balcânica dos sindicatos filiados no Profintern.

Boletim do II Congresso da Internacional Vermelha dos Sindicatos.
Moscovo, 1922.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VI.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 409-412.

A FRENTE OPERÁRIA ÚNICA

Já antes da guerra europeia a unidade do proletariado dos principais países do mundo não estava completa. Pela sua política reformista, pela sua táctica de colaboração de classe e pela sua ideologia nacionalista, a Segunda Internacional Socialista e a União Internacional dos Sindicatos foram incapazes de criar uma Frente única operária contra o capitalismo, tanto nos diferentes países como no campo internacional.

Contudo, a ignominiosa traição cometida quando da declaração da guerra imperialista e durante essa guerra pelos estados-maiores e pelos principais chefes dessas duas organizações internacionais do proletariado, bem como dos Partidos e sindicatos nelas filiados, que proclamaram e defenderam a *paz* dita *civil*, ou seja, a sua união à burguesia dos seus próprios países e a colocação das organizações por eles dirigidas ao serviço da defesa da *pátria capitalista*, fizeram com que a fraca unidade das massas operárias anteriormente realizada desabasse definitivamente.

Mas, mesmo depois do fim da guerra, depois da gloriosa vitória da revolução proletária na Rússia, em vez de reconstituírem rapidamente a Frente única das massas operárias que tinham sofrido e se insurgiam para garantir a vitória da revolução em toda a Europa, os dirigentes socialistas e os burocratas sindicais traidores puseram-se de novo do lado da sua burguesia nacional, ajudaram-na a conservar o seu domínio de classe e a começar a restauração do capitalismo completamente abalado em consequência da guerra, à custa de uma exploração e de uma sujeição ainda maiores do proletariado esgotado, sangrado.

Os reformistas e os burocratas de Amsterdão já estão há cinco anos aliados (sob uma forma ou outra) com a burguesia dos seus próprios países também o estavam no momento em que esta se assenhoreava de novo da situação, mobilizava as suas forças e desencadeava uma raivosa campanha de aumento do horário de trabalho, de redução do salário real dos operários, de supressão de todas as conquistas operárias anteriores à guerra e começou a preparar novas aventuras imperialistas e militares. Estes heróis auxiliam a ofensiva do capital, com frases pomposas dirigidas contra o capitalismo e contra a guerra, abrem o caminho ao fascismo, justificam as acções de conquista do seu imperialismo nacional e entravam a criação da Frente Operária Única contra o capitalismo e o imperialismo, contra o fascismo e a guerra.

Votando longas resoluções e violentos protestos nos seus Congressos Internacionais, realizados em Roma, em Haia contra as intenções dos imperialistas franceses desejosos de ocupar a região industrial mais rica da Alemanha (o Ruhr) e a favor da salvaguarda da paz, chegando mesmo a ameaçar no caso de semelhante ocupação e de perigo de guerra organizar uma greve internacional geral, os dirigentes da Federação Sindical de Amsterdão não contribuíram de modo algum para criar a condição principal indispensável ao êxito de uma tal acção, ou seja, a Frente Única, mas, pelo contrário, provocaram a cisão da Confederação Geral do Trabalho em França, bem como da União Geral dos Sindicatos na Checoslováquia e preparam sistematicamente a cisão no seio da União Sindical Alemã, perseguindo e excluindo das uniões sindicais os elementos e as secções de oposição.

Ao mesmo tempo, rejeitaram obstinadamente todas as propostas da Internacional Sindical Vermelha e da Internacional Comunista feitas com o objectivo de convocar uma Conferência Geral Internacional, ou um Congresso Operário Internacional com a participação de representantes de todos os Partidos e sindicatos operários para a organização com êxito da acção contra a ocupação do Ruhr, contra a ofensiva do capital, contra o fascismo e a nova guerra imperialista que ameaçava o mundo.

Sob todos os pontos de vista e em todos os países, os reformistas e os dirigentes de Amsterdão actuam, com um

zelo digno de uma causa mais elevada, contra a unidade do proletariado, contra a criação da Frente Operária Única, sempre com o fito de prosseguirem o seu conluio com a burguesia.

Os heróis da Segunda Internacional Socialista e da Federação Internacional de Amsterdão estão prontos a formar uma frente única com Mussolini e os seus bandos fascistas na Itália, com Poincaré em França, com o governo de Couno-Stinnes na Alemanha, com a reacção burguesa na Checoslováquia, com a burguesia sérvia que exerce a sua hegemonia na Jugoslávia e com a sua polícia, com o bloco dos industriais, dos banqueiros e dos especuladores na Búlgária (figurando nas mesmas listas eleitorais que os ricaços «Narodniak» e os democratas, como ainda há bem pouco tempo sucedeu), etc., mas não aceitam de modo algum a Frente Única com o proletariado comunista e revolucionário, contra o capitalismo, contra a guerra e a favor da paz.

Quando as tropas do imperialismo francês invadiram o Ruhr e a Europa se encontrou perante a ameaça de uma nova guerra, quando por conseguinte, devia proceder à realização das resoluções barulhentas com vista a uma greve internacional geral, os filiados da Federação de Amsterdão, membros dos países da Entente, cerraram fileiras, ao lado dos ocupantes e dos opressores franceses, enquanto o secretário da Federação Sindical de Amsterdão Edo Fimen declarou aos olhos do mundo e num tom lacrimejante que a Federação era *impotente* para realizar as suas resoluções, e *disso acusou,* com um cinismo sem igual *as próprias massas operárias que, a seu ver, estavam indiferentes, absorvidas pelos seus interesses quotidianos egoístas e de modo algum desejosos de combater por uma causa importante.*

Para além dos interesses *mais imediatos* do proletariado de todos os países — de salvaguardar a autodefesa, de repelir a furiosa ofensiva do capital, de pão quotidiano, de habitação e de liberdade — também o seu grande interesse de classe — libertar-se definitivamente das cadeias de exploração capitalista — *impõem imperiosamente a criação o mais rápido possível de uma Frente Única na luta sindical e política, à escala nacional e internacional.*

A história levanta ao proletariado de todos os países e do mundo inteiro o seguinte dilema: ou reconstituir apesar de tudo a sua frente única de luta contra a ofensiva do capital, ou, se não estiver em situação de o fazer, entregar-se, absolutamente indefeso, nas mãos do bando feroz e demente dos capitalistas e dos imperialistas, a fim de se tornar, ainda por algumas décadas, num animal de carga.

Seria precisamente a segunda alternativa que se realizaria inevitavelmente se o são instinto de classe faltasse ao proletariado, se este último estivesse privado da capacidade de extrair ensinamentos da amarga e sangreta experiência até agora adquirida, se não existisse a Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha, bem como os Partidos comunistas e as uniões profissionais revolucionárias, ou então as correntes de oposição no seio dos sindicatos reformistas que actuam intensamente, com dedicação e zelo, para criar uma frente operária única.

De facto, é necessário constatar que, no que diz respeito a isto, também se registaram todos os dias consideráveis êxitos.

Já se formam no seio dos próprios Partidos sociais-democratas e dos sindicatos poderosas correntes operárias de oposição que se declaram resolutamente a favor da Frente Única. Na base, as massas dão-se as mãos fraternalmente, sem distinção de orientações políticas ou de organizações a que pertencem, para uma luta comum através dos conselhos de fábrica na Alemanha e na França, na Itália e na Checoslováquia, bem com em toda uma série de outros países.

Realizou-se uma conferência operária internacional em Francforte (Alemanha) em Março deste ano. Foi convocada para organizar uma acção internacional unida do proletariado, contra a ocupação do Ruhr, contra fascismo e contra a nova guerra imperialista fomentada. Um grande êxito da ideia da Frente Operária Única foi posto em evidência nessa Conferência que foi de novo boicotada pelos estados-maiores da Segunda Internacional e da Federação Sindical de Amsterdão, mas na qual também tomaram parte paralelamente aos representantes da Internacional Comunista, da Internacional Sindical Vermelha, bem como dos Partidos comunistas e dos sindicatos revolucionários dos diferentes países, representantes

dos Conselhos de Fábrica na Alemanha, na França, na Inglaterra, etc., incluindo muitos sociais-democratas filiados da Federação de Amsterdão.

A ruptura da coligação do Partido Social-Democrata com a burguesia no Saxe, bem como a constituição de um governo socialista ([36]) com o apoio dos comunistas e com um programa operário elaborado pelos Conselhos de Fábrica saxões também provaram que todos os dias a Frente Única se torna cada vez mais *um facto real* factor essencial do desenvolvimento político da Alemanha que avança rapidamente para a cisão definitiva da união entre sociais-democratas e Partidos burgueses e para a criação de um *governo operário*, o único capaz de acabar com a terrível crise que o povo alemão sofre precisamente por culpa da burguesia e dos estados-maiores reformistas depois da ocupação do Ruhr pelas tropas do imperialismo francês.

No momento actual, pode-se ousadamente afirmar que não existe ideia mais popular no seio do proletariado internacional do que a da Frente Operária Única, porque as massas operárias compreendem cada vez melhor que *a chave* da solução de todos os problemas que dizem respeito ao pão, à paz, à liberdade e ao futuro da humanidade trabalhadora se *encontra precisamente na realização da Frente Única do Proletariado em cada país da Europa e no mundo inteiro.*

Sem a *Frente Operária Única*, sem a acção comum de todos os proletários e de todos os trabalhadores das cidades e dos campos, contra o capitalismo, não é possível reter o avanço insolente do capital, nem suprir o brutal fascismo, nem evitar uma nova guerra imperialista, nem finalmente, fazer triunfar a revolução proletária libertadora.

Eis em suma, porque é que a primeira grande palavra de ordem histórica das manifestações do Primeiro de Maio será este ano, em todos os países, a Frente Operária Única.

Por seu lado, o proletariado búlgaro que, sob a direcção do Partido Comunista e da União Geral dos Sindicatos Operários, aplica ousada e consequentemente a táctica da Frente Operária Única em todos os domínios da sua luta e que todos os dias edifica a sua unidade indestrutível com as outras massas trabalhadoras das cidades e dos campos, repelirá uma vez mais e com desprezo, no Primeiro de Maio, todas as tentativas

cisionistas da burguesia ideológica e politicamente falida, dos demagogos e opressores agrários enraivecidos, dos oportunistas socialistas de direita totalmente vendidos à burguesia e do punhado de elementos anarquistas dispersos. Manifestará poderosamente a sua firme e inabalável vontade de ser uno, de estar em aliança — uma boa e durável aliança com as massas de pequenos proprietários das cidades e dos campos — na luta contra a burguesia urbana e rural, a favor da sua salvaguarda e da sua autodefesa, bem como a favor da constituição de um governo operário e camponês — único verdadeiro poder do povo trabalhador na Bulgária.

Rabotnitcheski vestnik
N.º 259,
de 1 de Maio de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Ed. do P. C. B.,
1953, pp. 95-101.

QUE VIA ESCOLHER?

Houve um tempo em que, a maioria daqueles que trabalhavam no domínio da arte (pintura, actores, músicos, etc.), se podiam considerar, devido ao carácter particular do seu trabalho e às perspectivas de uma brilhante carreira pessoal como uma espécie de aristocracia do trabalho intelectual, à margem do proletariado, da sua luta pela existência e do seu movimento de libertação.

Nessa altura tinham tendência para se considerarem como fazendo parte da classe no poder, como seus filhos preferidos, felizes eleitos escolhidos pelo destino e não tendo nada em comum com os explorados e os oprimidos da sociedade actual, não sentindo a necessidade de se organizar e de lutar para defender os seus interesses e os seus direitos, porque tinham o direito de contar com o seu talento e com a protecção dos fortes nessa ocasião e dos diversos mecenas.

Profundamente impregnados de individualismo burguês e de psicologia de super-homens, exagerando a importância da sua superioridade intelectual, sentindo-se solidamente instalados no seu Parnaso, manifestavam frequentemente uma atitude desdenhosa em relação àqueles que vivem do trabalho físico e intelectual vulgar e (tal como os antigos doutores de lei e os fariseus) agradeciam a Deus por não os ter criado à imagem desses «pobres de espírito» escravos do capital.

Isto sucedia outrora.

Hoje, no entanto, quem é que não vê ou não sente que essa época está irremediavelmente terminada, tanto nos outros países como no nosso?

Depois de se ter apoderado de toda a produção material, o capitalismo também deitou a sua mão pesada ao teatro, à música, à criação artística, a toda a arte. O princípio capitalista — assegurar tanto quanto possível a maior quantidade de benefícios — também venceu no domínio dos valores morais e espirituais.

Os trabalhadores do domínio da arte foram proletarizados, sujeitos à exploração capitalista, criando lucros. Caíram dos «fofos» píncaros do Parnaso para se encontrarem na miséria e na lama da dura realidade contemporânea.

A sorte daqueles que aparecem em cena não só está ligada ao ponto invisível, ao público, como também o está à dos elementos do coro dos músicos da orquestra, à do pessoal técnico e de todos os outros operários da empresa teatral capitalista. A sorte dos elementos da orquestra está ligada, nos restaurantes, à dos criados que servem o público. A sorte dos pintores, nos seus estúdios ou nos de litografia ou de zincografia, numa ou noutra empresa, está ligada à do pessoal auxiliar e dos outros operários, etc.

A sorte da «aristocracia do trabalho» de outrora no domínio das artes está, de um modo geral, cada vez mais e mais estreitamente ligada à sorte de todo o proletariado do país.

E é necessário constatar que as destruições que a Grande Guerra ocasionou, bem como as consequências desastrosas da crise económica profunda que esta guerra provocou, não só apagam, em grande medida, as diferenças que outrora existiam entre a situação material e social dos pioneiros das artes e a dos outros representantes do trabalho intelectual, como chegam mesmo a precipitá-los numa miséria material e social mais grave e numa instabilidade do amanhã ainda maior em relação a toda uma série de categorias de operários especializados.

Se considerarmos o facto de que aqueles que trabalham no domínio da arte, pela própria natureza do seu esforço, não efectuam um trabalho mecânico, mas são obrigados a pôr nele o sentimento, o coração e a sua alma, a sublimar-se, compreender-se-á facilmente que, para além das privações materiais, sintam sofrimentos morais num grau que o operário e o intelectual comum desconhecem.

Ocorre portanto uma alteração profunda na situação da por assim dizer aristocracia que trabalha no domínio das artes. Naturalmente, esta modificação exige uma subordinação do seu individualismo à necessidade vital de acção colectiva para a autodefesa geral.

A nova situação e os novos tempos também exigem *novos meios, novas vias* que mostram imperativamente aos «eleitos do destino», que outrora pensavam não ter nenhuma necessidade de organização e de luta, a via da organização e da luta.

É uma velha verdade que é o modo de vida que determina a maneira de pensar. A experiência prova, no entanto, que as alterações na maneira de pensar ocorrem sempre com um certo atraso em relação às modificações ocorridas no modo de vida.

O modo de vida dos artistas, dos músicos, dos pintores, etc. modificou-se consideravelmente, mas a sua maneira de pensar, na maior parte dos casos, continuou a ser *a mesma*. Sentem-se sempre, por assim dizer, ligados pelo seu cordão umbilical à burguesia parasita e continuam a ser estranhos às massas trabalhadoras. Libertam-se lentamente da ideologia burguesa, mas continuam sob a sua alçada, aceitando sempre as sugestões do individualismo. Saciando-se da psicologia dos super-homens, continuando a procurar meios para garantir a sua existência e reter os duros golpes da vida.

Embora *travados* pelas suas ideias caducas, *a vida* chicoteia-os, obrigando-os *a avançar*. Os preconceitos e as superstições burguesas impedem-nos de adoptar *a nova orientação* que lhes é imposta pela modificação das condições.

Assim, encontram-se actualmente numa encruzilhada entre duas vias: *a antiga*, de humilde submissão ao capital na expectativa da sua esmola, e *a nova*, a da luta organizada contra a exploração capitalista, da união de todos os trabalhadores do domínio da arte e da sua marcha ao lado do proletariado que lúta pela liberdade e pela felicidade.

A maior parte daqueles que trabalham no domínio das artes e se encontram nesta encruzilhada, sofrem de estrabismo, situação para eles pouco invejável. Com o seu *olho direito* fitam, cheios de esperança, o antigo ídolo — *o capital*, enquanto que com o *olhos esquerdo* deitam olhares hesitantes

em direcção ao povo trabalhador que avança ousadamente no caminho da libertação dos proletários.

— *Que caminho escolher?* — eis o problema crucial que se levanta hoje com toda a acuidade a todos os artistas, músicos, pintores, a todos os proletários artistas.

E actualmente a grande tarefa do jornal *Artista* é precisamente auxiliar as massas dos trabalhadores do domínio da arte a *conhecerem-se enquanto proletários*; a acelerar o processo que visa adaptar a sua óptica à sua nova condição; a cultivar, em vez de um *individualismo intelectual demasiado conhecido, o sentimento de solidariedade* e a ideia *de acção comum*; a ajudá-los a escolherem todos, o mais depressa possível, *a via da organização e da luta por um Sindicato geral dos trabalhadores do domínio da arte, a via da unidade com os trabalhadores que manejam o martelo, a foice ou a caneta, com os operários da produção e com aqueles que trabalham no plano intelectual, a via da libertação de toda a humanidade trabalhadora e das próprias artes, do regime capitalista em decomposição.*

É verdade que é uma tarefa muito difícil e complexa. *Mas uma tarefa digna dos esforços dos maiores talentos e das ambições dos mais nobres.*

E deve ser realizada — *para salvar os milhares de trabalhadores do domínio da arte que ainda não estão orientados, para salvar a própria arte e para fazer triunfar a grande causa da libertação do mundo trabalhador no nosso país.*

Jornal *Artista*
N.° 2,
de 4 de Julho de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 136-140.

A FRENTE ÚNICA E A OFENSIVA DO CAPITAL

A ideia de uma frente única das massas trabalhadoras ultrapassa já o domínio das explicações teóricas e da simples propaganda política para entrar na fase da sua realização prática próxima.

E aquilo que actualmente implica a necessidade da formação dessa frente única imediata e imperiosa, é, antes de mais a ofensiva reforçada do Capital. A alteração política de 9 de Junho ([37]), seja qual for a maneira como for apresentada, desencadeou indiscutivelmente e de um modo flagrante esta ofensiva nefasta. Nas diversas esferas da sua actividade de exploradores, os capitalistas sentiram-se completamente livres: na indústria e no comércio, nos bancos e nas sociedades por acções, nas especulações, com os géneros de primeira necessidade, como proprietários de imóveis para alugar ou de grandes explorações. Trabalham febrilmente para derrubar todos os obstáculos, legais e outros, que podiam encontrar no seu caminho e prepararam-se activamente para lançar definitivamente o fardo dos impostos e das indemnizações da guerra para cima das massas trabalhadoras das cidades e dos campos.

E os primeiros resultados da ofensiva reforçada do Capital, da sua total liberdade de movimento, são visíveis. Quando o custo de vida aumenta, o salário real dos operários diminui. São lançados à rua sem trabalho e sem pão operários búlgaros, enquanto as empresas são invadidas por um número cada vez maior de elementos estrangeiros vindos sobretudo do exército de Wrangel, que foi posto em debandada. O dia de trabalho é arbitrariamente prolongado e a legislação operária em vigor

é desprezada sem vergonha. Prejudica-se a liberdade dos pequenos comerciantes e dos vendedores ambulantes e passa-se para segundo plano o auxílio aos pequenos artesãos; por outro lado, chegam-se mesmo a abolir as mais ínfimas restrições em matéria de comércio a retalho e de especulação na bolsa. Retiram-se as terras aos camponeses que as tinham recebido em partilha, enquanto, apesar da lei em vigor sobre a propriedade fundiária ([38]), se oferece aos grandes proprietários fundiários a possibilidade de deitar a mão às gavelas dos camponeses, que se cansaram, com o suor no rosto, sobre as terras que lhe tinham sido dadas. Em vez de corrigir e de estender a lei sobre a crise de habitação a favor da população trabalhadora e dos pequenos proprietários, fez-se tudo para preparar a sua revogação. O monopólio capitalista dos produtos alimentares, dos materiais para confecção de vestuário e de calçado e dos combustíveis, exercido pelos bancos, pelas sociedades por acções e pelos capitalistas privados, tece uma teia sobre todo o país, sem ser de modo nenhum incomodado, para que durante o Inverno os preços já elevados destes artigos de primeira necessidade para as massas ainda subam mais. A exploração dos produtos alimentares e a política alfandegária estão orientadas não para a reedificação económica do país e para a constituição de reservas para o consumo interno, mas apenas para proporcionar grandes lucros rapidamente realizáveis às firmas exportadoras e aos especuladores interessados.

Aliás, e actualmente mais do que nunca, a simples subsistência, a existência e o futuro do trabalhador búlgaro, de todos os intelectuais trabalhadores e de todos os elementos não capitalistas do país estão ameaçados, e isto devido aos interesses egoístas e à avidez de uma minoria capitalista.

Nesta situação, poderá a enorme maioria reduzida à miséria ficar de braços cruzados e contemplar com indiferença e passivamente a sua sorte? Será necessário que devido às diferenças de programas, de política e de táctica se torne uma presa privada de vontade nas mãos dos capitalistas e uma vítima da sua ofensiva enfurecida? Que verdadeiro chefe popular se poderia permitir a ligeireza de o recomendar?

É verdade que as massas trabalhadoras e os intelectuais daí procedentes não estão organizados e unidos no seio do seu

próprio partido político unificado. Para além de uma grande parte agrupada nas fileiras do Partido Comunista e que avança sob o seu estandarte, uma outra parte apreciável adere à União Agrária; uma terceira — ao Partido Social-Democrata; uma quarta, embora muito pequena, constitui indiscutivelmente a maioria do Partido Radical.

Pelos seus objectivos e pelas reivindicações que figuram nos seus programas a longo prazo, pelas suas concepções gerais, bem como pela sua táctica política, estes Partidos diferenciam-se uns dos outros e muito especialmente do Partido Comunista; daí as lutas que se separam. As contradições irredutíveis entre eles, como Partidos das massas trabalhadoras, relacionam-se, no entanto, com os seus objectivos últimos e em vias que permitem atingi-los enquanto que, entre todos estes Partidos e o Partido do capital existe um abismo insuperável — o abismo que separa os interesses profundamente opostos do proletariado e da pequena burguesia, por um lado, e os da burguesia capitalista, por outro; é o abismo que separa o explorado do seu explorador, o escravo do seu senhor.

Eis o motivo pelo qual as massas trabalhadoras, uma vez que desejam manter-se fiéis aos interesses dessas massas não podem deixar de estar em oposição irredutível aos Partidos capitalistas e de não procurar pontos comuns entre si para um trabalho e uma luta comuns.

Quem é que hoje se arriscaria a negar seriamente que, quando as massas trabalhadoras e todos os intelectuais que delas provieram se acham numa posição tão lamentável e expostos a provas tão duras, a perigos terríveis, os seus Partidos não podem unir-se com vista a uma luta comum, para se encontrarem numa mesma frente contra a ofensiva do capital, em nome de um programa único e concreto sobre as questões vitais dos salários, da duração do trabalho, da alimentação, da terra, da crise da habitação, dos impostos, de indemnizações de guerra, etc.

Os diferentes objectivos e reivindicações dos programas a longo prazo dos Partidos das massas trabalhadoras não são, nem poderiam ser de natureza a tornar impossível a sua luta comum; a sua frente única para a salvaguarda das massas trabalhadoras nos momentos decisivos que vivemos. Basta para isso que os outros Partidos, à semelhança do Partidc Comu-

nista sejam verdadeiramente dirigidos pelos interesses dessas massas e que sacrifiquem a sua coligação antipopular com os Partidos capitalistas — a união democrática e os nacionais-liberais.

O Partido Comunista, sem abandonar nenhuma das finalidades que figuram no programa pelo qual luta, sem prejudicar a sua independência como Partido independente e sem exigir aos Partidos dos sociais-democratas, dos agrários e dos radicais que abandonem os objectivos dos seus programas, está profundamente convencido, ao propor uma frente única, que neste momento é esse o meio mais seguro para repelir a ofensiva do Capital, para salvar as massas trabalhadoras das calamidades e dos perigos a que estão expostos e para fazer sair o país do impasse em que a burguesia capitalista o colocou.

A frente única não significa de modo algum o abandono dos princípios gerais próprios destes Partidos nem a dissolução da sua personalidade, apenas significa a adopção de uma plataforma anticapitalista concreta e comum, para a defesa das massas trabalhadoras e uma luta conjugada pela realização desta plataforma.

Antes do 9 de Junho, quando a União Agrária estava totalmente nas mãos da burguesia rural no poder e levava a cabo uma violenta luta contra as massas trabalhadoras das cidades e dos campos, é claro que a formação de uma frente única do trabalho era irrealizável. Contudo, hoje, esse obstáculo, tal como uma série de outros obstáculos, está ultrapassado. Depois do que se passou, a União Agrária não poderia de modo algum ser o instrumento da burguesia rural, ela avançará inevitavelmente com as massas trabalhadoras; e no caso de não ser capaz de o fazer, desapareceria definitivamente e para sempre.

A via da frente única está aplanada. E esta frente única do trabalho contra o Capital será formada, porque as exigências da vida e da vontade das massas o impõe imperiosamente.

Desgraçados dos Partidos e dos chefes de Partido que desejarem representar o povo búlgaro trabalhador, mas que por cálculos e considerações pessoais e de Partido fossem suficientemente insensatos para manterem a sua coligação com

os capitalistas, para se declararem hostis à frente única do trabalho.

Eles próprios pronunciariam deste modo a sua sentença de morte política!

Rabotnitcheski vestnik
N.° 67,
de 22 de Agosto de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 200-207.

A FRENTE ÚNICA E A REACÇÃO BURGUESA

É notório que os capitalistas constituem no nosso país uma minoria insignificante. Incluindo os ideólogos do capital e todas as outras pessoas e grupos com um interesse directo na prática de uma política puramente capitalista e na existência do capitalismo não ultrapassariam em nenhum caso o *quarto* de toda a população do nosso país.

Mas é precisamente essa minoria capitalista que quer actualmente governar, dirigir os destinos do povo e do país e consolidar o seu domínio de classe sobre a esmagadora maioria do povo trabalhador.

Considerando que depois das guerras e das catástrofes suportadas, depois dos golpes sangrentos sofridos pelo país, depois da falência total dos Partidos burgueses no passado é hoje manifestamente impossível para uma minoria capitalista arrastar atrás de si grandes massas populares em nome de um programa nacional comum; esta vê como único apoio ao seu poder a violência e o terror no interior do país e a cega submissão ao imperialismo e aos conquistadores estrangeiros no exterior.

A fusão cómica de alguns dos Partidos burgueses no *Demokratitcheski Zgovor (Unidade Democrática)*, é claro que não altera em nada esta relação. Apenas revelou ainda mais claramente aos olhos do povo as intenções reaccionárias da minoria capitalista.

Nestas condições, o regime parlamentar surge como um grande inconveniente para os capitalistas, como um obstáculo à ofensiva do capital e da política de exploração, de espoliação

e de sujeição para com a maioria do povo. A legalidade sufoca-as e mata-as. São contra os princípios democráticos de governo já proclamados pela Grande Revolução burguesa francesa. São contra o parlamentarismo e as liberdades constitucionais. São contra a legalidade. São a favor da ditadura burguesa do capital. O jornal dos sacerdotes russos *Pravda* cuja fraqueza vai até ao cinismo, já prega abertamente que o governo do país deve pertencer não à «maioria popular ignorante», não «às multidões», mas à minoria capitalista «inteligente».

Tal como nos outros países, também já entre nós os capitalistas e os seus Partidos recorrem ao *último* meio que lhes resta para salvaguardar o seu domínio de classe e conservar o poder de Estado nas suas mãos — o *fascismo*, que é uma negação total de todo o democratismo e de todos os direitos e liberdades das massas populares.

O «novo poder» dos capitalistas búlgaros sabendo perfeitamente que se se realizassem, por exemplo, eleições inteiramente livres, teriam incontestavelmente como resultado a formação de um parlamento onde a esmagadora maioria seria constituída por representantes das massas trabalhadoras, esforça-se por organizar os quadros fascistas e começa as suas exigências sobre os trabalhadores do país. As ferocidades inqualificáveis em Tirnovo, em Berkovitza, em Bratzigovo, em Peruchtitza, etc., o tratamento desumano e as sentenças cruéis em relação aos acusados nos acontecimentos ligados ao 9 de Junho não há dúvida de que são apenas, o *início* do avanço fascista dos nossos capitalistas. E aqueles que pensam que o fascismo é apenas dirigido contra o chamado perigo «comunista» enganam-se amargamente. Pagarão muito caro o seu erro e a sua miopia política.

O fascismo não é de modo algum. apenas *anticomunista* também é *antipopular*. O seu objectivo sob o aspecto político é assegurar o sucesso da ofensiva do capital, da exploração e da pilhagem das massas populares pela maioria capitalista e consolidar o domínio dessa minoria sobre a maioria do povo.

No caso do fascismo conseguir consolidar-se entre nós e vencer o «perigo comunista», os seus golpes ferozes também atingirão do modo mais sensível todos os outros Partidos políticos, e organizações económicas que tomariam, de uma ou de

outra maneira, sob uma ou outra forma, a defesa dos interesses e dos direitos das massas trabalhadoras. Nem os sociais-democratas, nem os radicais seriam capazes de evitar esses golpes, se não consentissem em ser os instrumentos cegos dos capitalistas búlgaros.

O exemplo da Itália (o país clássico do fascismo) é a melhor prova disto. Os golpes do fascismo italiano chovem hoje sobre as cabeças dos socialistas e dos outros elementos radicais de uma maneira não menos feroz do que sobre os comunistas.

Por conseguinte, o interesse vital comum das massas trabalhadoras e dos intelectuais saídos do povo, bem como dos seus Partidos políticos e organizações económicas, é hoje salvaguardar, através do esforço comum, as suas liberdades, os seus direitos, a sua felicidade e a sua vida, amordaçando desde o início a reacção burguesa crescente e a sua manifestação mais típica — o fascismo.

Acaso as divergências existentes entre os Partidos dos trabalhadores do país no que respeita ao programa, etc., podem constituir um obstáculo à realização dessa tarefa tão urgente? Acaso podem e devem, devido a divergências e discussões, por exemplo, sobre o problema da socialização e da propriedade social ou sobre o problema das futuras formas de governo popular, deixar esmagar o povo trabalhador pelo fascismo da minoria capitalista, acaso podem deixá-lo submetido à degenerescência física e espiritual, acaso podem deixar lançar o país na anarquia ou abandoná-lo nas mãos dos conquistadores estrangeiros, para dar prazer aos capitalistas ávidos de fortuna ou aos seus ideólogos e defensores?

Qual é o chefe agrário, social-democrata ou radical que não tivesse quebrado os seus elos com o povo, que teria a coragem de apoiar uma tese tão destituída de fundamentos, tão insensata?

Acaso compreenderão os outros Partidos das massas trabalhadoras e sobretudo os sociais-democratas e os radicais que, estando aliados aos Partidos capitalistas, contribuem para o reforço da reacção burguesa e para a formação e a organização do fascismo, qual é o supremo imperativo do momento, quando o Partido Comunista propõe a frente única do trabalho?

Acaso compreenderão que os interesses vitais das massas trabalhadoras lhes impõem que ponham fim à sua coligação antipopular com os Partidos capitalistas — União democrática e nacionais-liberais, que deixam de desempenhar o papel pouco invejável de parras cobrindo a nudez impudica da reacção burguesa e do fascismo e adoptem a ideia da frente única salutar proposta pelo Partido Comunista?

O futuro próximo deverá fornecer-nos a resposta a estas perguntas.

Contudo, facto claramente visível para aqueles que conhecem de perto e acompanham a nossa actualidade política: o mundo trabalhador — dos operários, camponeses, artesãos, pequenos comerciantes, empregados, aos médicos, advogados, engenheiros, professores, oficiais de reserva e até mesmo generais, que vivem do seu próprio trabalho — sentem instintivamente o perigo que os ameaça e ao país e procuram a salvação na luta conjugada, na autodefesa comum contra o inimigo comum.

Além disso, em consequência e em razão da ofensiva do capital, a frente única do trabalho impõe-se imperiosamente. Quem hoje se declarar contra a frente única é contra os interesses, os direitos e a segurança da vida do povo trabalhador, é contra a liberdade e a independência do país, não passa de um miserável instrumento da reacção e do fascismo, da minoria capitalista face à esmagadora maioria do povo.

Rabotnitcheski vestnik
N.º 68,
de 23 de Agosto de 1923.
Assina: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. VII.
Edições do P. C. B.,
1953, pp. 208-212.

A FRENTE ÚNICA E A CRISE POLÍTICA

O golpe de Estado de 9 de Junho abriu uma crise política profunda cujo início tínhamos observado logo após a catástrofe de Setembro de 1918, mas que incubava temporariamente, brasas sob as cinzas, durante o regime da União Agrária para se voltar agora a inflamar.

A grande questão que esta crise política, que se agrava cada vez mais, coloca em primeiro plano e que necessita de resolução imediata, é a *questão do poder.* A quem é que o poder deve pertencer neste país: à *minoria capitalista* ou *à esmagadora maioria do povo trabalhador?* Por outras palavras, quem é que deve presidir aos destinos do povo e do país e dirigir a evolução da sociedade: *a classe capitalista ou o povo trabalhador?*

É claro que esta questão crucial não pode ser solucionada nem como alguns desses senhores generais estão habituados a resolver os seus problemas nas casernas, nem como alguns desses senhores professores organizam as suas aulas de exercícios práticos na Universidade. A solução dos problemas políticos e dos problemas sociais depende, em última instância, das necessidades reais da vida e da relação real das forças sociais em luta no momento em questão.

Há duas soluções possíveis para a crise política existente. Uma é a *solução capitalista,* a outra é a *solução popular,* ou seja a solução que as massas trabalhadoras indicam. Não existe actualmente solução *intermediária* e não pode existir.

Mas qual é a solução que a minoria capitalista procura dar à crise política? É suficientemente visível nos próprios actos do actual governo. A solução capitalista da crise é exclusivamente ditada pelo desejo dos capitalistas de conservar a todo o preço o poder nas suas mãos sem ter em conta as necessidades das massas populares e do país. Os capitalistas só se interessam pelos seus lucros e pela sua fortuna, pela consolidação do seu domínio de classe e pela possibilidade, por meio do poder, de explorar e de espoliar sem obstáculos o mundo trabalhador. Querem no país um poder de Estado, que seja totalmente dirigido pelos balcões bancários e pelas sociedades por acções, pela Bolsa e pelos escritórios da União Industrial, pela sociedade «Balkan», pela União dos comerciantes e dos exportadores de tabaco e muitas outras firmas capitalistas. Procuram, por meio do poder, submeter a vida económica, cultural e política do país aos interesses do capital.

E, considerando que a esmagadora maioria do povo é manifestamente oposta a uma tal solução da crise política aberta, os capitalistas búlgaros e os seus Partidos, que tomaram o poder por meios extra-parlamentares, também não contam actualmente com os meios parlamentares para o conservar.

Eis que já se passaram cerca de três meses depois do golpe de Estado e aqueles que «salvaram» o povo da tirania «agrária» continuam a não se decidir a fixar eleições legislativas mas continuam a usurpar o poder. Fazem tudo para evitar a participação nas futuras eleições da União Agrária, até mesmo — se chegarem a isso — a do Partido Comunista — os dois Partidos políticos populares mais importantes do país. Têm a intenção de fazer as eleições não proporcionalmente, mas de acordo com a sua grosseira falsificação «agrária». Preparam febrilmente a máquina eleitoral e organizam desde já o terror pré-eleitoral contra as massas, para fazer eleições que não permitam a livre expressão da vontade popular mas que possam assegurar a todo o custo uma maioria parlamentar à minoria capitalista actualmente no poder no país.

Por conseguinte, a solução capitalista da crise política conduz inevitavelmente à *ditadura militar ou fascista* com numerosos males para o povo e o país e os perigos do exterior para a sua liberdade e para a sua independência e para a paz.

A outra, a solução *popular* da crise política, significa a passagem do poder para as mãos das massas trabalhadoras, da esmagadora maioria popular que é a única a ter o direito de se governar, de governar o país e de dispor dos seus destinos. Esta solução também conduzirá a vida económica, cultural e política do país, bem como o desenvolvimento social para a satisfação das necessidades, para a garantia dos direitos, das liberdades, da vida, do bem-estar e da paz do povo trabalhador, submetendo a esta grande finalidade os interesses egoístas do capital e da minoria capitalista.

E é esta a única solução justa para a crise política existente do ponto de vista dos interesses e do futuro das massas trabalhadoras, de todos os intelectuais saídos do povo e de todos os elementos não capitalistas, bem como do ponto de vista da independência nacional do país, da libertação das populações escravizadas nos Balcãs e das relações duráveis, seguras e pacíficas, com os povos e os países vizinhos.

Contudo, nas condições actuais, esta solução salutar para o povo e para o país da crise política só é possível com a frente única do trabalho proposta pelo Partido Comunista, frente única das massas trabalhadoras, dos seus Partidos políticos e organizações económicas — partindo dos comunistas e indo até aos radicais que não se entregaram à Unidade democrática.

Aos Partidos Social-Democrata e Radical que ainda continuam a fazer parte do mesmo governo com os Partidos dos capitalistas, cabe agora tomarem posições e escolherem uma das duas soluções possíveis para a crise política, — a que leva inevitavelmente, através da sua coligação com a União democrática e os nacionais-liberais, à ditadura militar ou fascista, ou a outra solução, que assegurará ao país através da frente única do trabalho um poder verdadeiramente popular, um governo operário e camponês.

Qual será a solução que os sociais-democratas e os radicais escolherão — vê-lo-emos em breve.

Contudo, o que é desde hoje indiscutível, é que todo o povo trabalhador, incluindo a massa dos partidários dos Partidos Social-Democrata e Radical, se erguerá unanimemente ao lado da frente única do trabalho, e essa frente, apesar de

toda a oposição, venha ela de onde vier e seja qual for a sua natureza, acabará por se realizar para o bem do povo e do país.

Rabotnitcheski vestnik
N.° 69,
de 25 de Agosto de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 213-216.

O MEDO DA FRENTE ÚNICA DO TRABALHO

A nossa proposta de frente única do trabalho dirigida ao Partido Social-Democrata, provocou um grande alarme nos estados-maiores dos Partidos burgueses e nas suas redacções.

Somos actualmente testemunhas dos mais diversos e mesmo cómicos vaticínios acerca das intenções que o Partido Comunista pretende atingir com a sua proposta. Para revelar estas intenções, tanto as velhas videntes políticas como os jovens profectas das redacções burguesas continuam ainda a torturar os seus cérebros que já não são particularmente sólidos.

Uns declaram que a proposta comunista não é sincera, que é uma «hábil manobra de bons tácticos», que tem como objectivo espalhar a confusão no Partido Social-Democrata e desorganizar as suas fileiras.

Outros procuram nessa proposta provas de um abandono dos princípios fundamentais até agora defendidos pelos comunistas, do seu programa máximo e do seu método «bolchevista», recuo que os comunistas teriam feito para preservar o seu Partido da «decomposição» e salvar «as suas cabeças e as suas peles».

Outros, como Liaptchev ([39]), o retardado especialista em questões financeiras dos democratas, chegaram mesmo a descobrir na proposta do Partido Comunista, a «decadência moral» do comunismo búlgaro.

Daí resultou um quadro espantosamente estranho e alegre. Os inimigos mortais do Partido Comunista, que incansavelmente organizam conjuras para o destruir, exprimem o seu desgosto profundo por verem a «decadência moral» do comu-

nismo e dos seus representantes em consequência da táctica de frente única do trabalho por eles defendida!

Ao mesmo tempo, os ideólogos e os porta-vozes do capitalismo búlgaro nas redacções dos doze jornais burgueses arregaçaram as mangas e entregaram-se com todas as suas forças à «salvação» do Partido Social-Democrata, para que, com grande desgosto deles, aquele não se deixasse de algum modo apanhar na «armadilha comunista» e perecer, ou seja, deixar de desempenhar o papel de auxiliar e de cúmplice nos crimes e nos massacres da classe capitalista em relação ao povo trabalhador búlgaro.

Não é por acaso que o órgão do Partido Democrático, que acaba de se dissolver, *Priaporetz*, há duas semanas ao analisar o papel até agora desempenhado pelo Partido Social-Democrata na nossa vida política e revelando os serviços preciosos que este Partido tem prestado à burguesia no passado e durante os acontecimentos de 9 de Junho, declarava «prudentemente» que mesmo se o Partido Social-Democrata não existisse entre nós, a *própria burguesia, no seu próprio interesse, deveria tê-lo criado.*

É claro que o actual alarme dos meios burgueses é absolutamente compreensível. A frente única do trabalho constitui uma arma mortal contra as tentativas reaccionárias e contra o domínio de classe da burguesia, arma que ela sente bem apontada ao seu coração. Na verdade, a frente única constitui um tremendo perigo para os capitalistas, para os banqueiros, e para os especuladores, para os grandes possuidores de propriedades locativas e para os grandes proprietários fundiários, para todos aqueles que querem viver e enriquecer como parasitas dos frutos do trabalho da esmagadora maioria do povo.

Contudo os vaticínios das velhas videntes políticas e dos jovens profetas do Capital acerca das intenções que o Partido Comunista pretende atingir com a sua táctica de frente única, são totalmente supérfluos, porque estas intenções não são e não podem ser um segredo para ninguém.

A questão, senhores sábios e professores, é muito simples e clara, mais simples do que o mais simples.

A frente única do trabalho é indispensável para assegurar o pão, a vida, os direitos, as liberdades e o futuro do povo

trabalhador. A frente única é indispensável para preservar as massas trabalhadoras, todos os intelectuais saídos do povo e todos os elementos não capitalistas da exploração, da espoliação e da opressão da minoria capitalista, para colocar em situação crítica a ditadura militar ou fascista projectada por aquela e para criar o seu próprio poder verdadeiramente popular. A frente única é indispensável para prevenir as aventuras e os perigos militares possíveis e para garantir a liberdade política, a independência nacional e a paz no país, assim como as relações fraternas com os povos vizinhos. Finalmente, a frente única das massas trabalhadoras é indispensável para levar avante o desenvolvimento social para a libertação total do povo do país do jugo do capitalismo.

A partir de então o Partido Comunista que é actualmente o Partido mais importante e verdadeiramente popular no país e a vanguarda do povo trabalhador búlgaro, apenas correspondeu à sua tarefa histórica, quando foi o primeiro a tomar a iniciativa e a trabalhar tão incansavelmente e com tanta dedicação pela realização da frente única do trabalho, pela reunião de todos os Partidos políticos e organizações económicas das massas trabalhadoras no nosso país, numa única falange que se erga contra o capital e a reacção.

O Partido Comunista enquanto Partido das massas populares, não sente nenhuma necessidade de actuar nos bastidores, nas trevas e em pequenos esconderijos nas costas do povo, como actualmente o fazem os estados-maiores falidos dos velhos Partidos burgueses, odiados pelas massas trabalhadoras, e enfeitados com o seu novo mandato — a União democrática.

O Partido Comunista propõe a frente única do trabalho abertamente, e nesse sentido trabalha sob os olhos do mundo inteiro, porque não executa nenhum trabalho obscuro e antipopular como o fazem, por medo do povo, os «zgovoritas» (*) e os seus confrades do Partido Nacional-Liberal, reunidos à força sob o mesmo tecto.

Portanto, como se pode pôr em causa a falta de sinceridade do Partido Comunista quando as suas palavras e os seus actos correspondem sempre?

(*) Aderentes do «Demokratitcheski Zgovor» (União Democrática).

As necessidades das massas trabalhadoras e os interesses do seu movimento de libertação são a lei suprema do Partido Comunista. São precisamente estas necessidades e estes interesses que encontraram a sua expressão teórica e a sua encarnação política nos seus princípios fundamentais, no seu programa mínimo e máximo; estes continuam sempre e invariavelmente a estar na base da sua táctica de que constituem o conteúdo. Só as formas da táctica comunista variam em função da situação política que se modifica e das novas condições da luta.

São precisamente os clamores da burguesia capitalista contra a frente única do trabalho e o seu pânico da sua realização prática, que são a melhor prova da justeza da táctica do Partido Comunista e da oportunidade da proposta por ele feita sobre a frente única.

Outrora Bebel, o inesquecível chefe do proletariado alemão, disse que o proletariado podia avaliar a justeza da via que seguia a partir daquilo que dele e da sua linha de conduta dizem os seus inimigos de classe.

Também actualmente o Partido Comunista pode constatar com satisfação que a sua táctica de frente única do trabalho é justa, ao ver a atitude negativa e extremamente alarmada que assumem perante ela os capitalistas, os seus Partidos, os seus ideólogos, professores e advogados.

A frente única do trabalho há-de realizar-se apesar dos seus numerosos inimigos, porque é imposta pela própria vida.

Rabotnitcheski vestnik
N.° 71,
de 27 de Agosto de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 217-221.

FRENTE ÚNICA OU COLABORAÇÃO DE CLASSE

Depois das amargas decepções e das derrotas sofridas no passado, os bem conhecidos ideólogos e apóstolos da colaboração de classe entre o proletariado e a burguesia entre nós triunfam actualmente e desejam provar perante o mundo com rara satisfação que a proposta comunista de uma frente única do trabalho confirmaria precisamente a justeza da táctica da colaboração de classe e seria mesmo de natureza a apagar todos os prejuízos por eles causados aos interesses das massas trabalhadoras, graças à sua acção comum com os Partidos burgueses.

Triunfo vão e demasiado prematuro de homens políticos superficiais que, como é evidente, não aprenderam nada de novo com a vida e não esqueceram nada da sua velha tese favorita de acção comum!

É evidente que, no caso presente, as conclusões destes senhores assentam numa confusão e numa identificação inadmissível entre a frente única dos trabalhadores proposta pelo Partido Comunista e a táctica da colaboração de classe.

Contudo, não pode haver maior erro, nem deturpação mais grosseira da ideia da frente única, porque — sublinhemo-lo desde já — não só a *frente única* e a *colaboração de classes* não são coisas idênticas, como, muito pelo contrário, se revelam como duas tácticas *diametralmente opostas, absolutamente incompatíveis e excluindo-se reciprocamente.*

De facto, a frente única dos trabalhadores representa em si um trabalho em comum das massas trabalhadoras e dos seus Partidos políticos e organizações económicas para fins e rei-

vindicações concretas e determinadas, cuja realização só é possível pela luta contra a burguesia, o capitalismo e os seus Partidos, e não por nenhuma espécie de colaboração com estes.

Por seu lado, mesmo sob o seu melhor aspecto, a colaboração de classe, entre nós, assim denominada acção comum, não passa de subordinação das necessidades e dos interesses das massas trabalhadoras aos interesses e à finalidade de classe, bem como à política de classe da burguesia em troca de compensações passageiras e mínimas da parte de certos Partidos, grupos ou mesmo apenas de certas pessoas.

Enquanto a frente única do trabalho tem como fim unificar os esforços do proletariado e de todos os outros grupos, massas e elementos trabalhadores na sociedade capitalista actual, para a salvaguarda dos seus direitos e interesses vitais idênticos num determinado momento contra a burguesia capitalista e os seus meios reaccionários, a colaboração de classe desorganiza as massas trabalhadoras, facilita à burguesia a realização dos seus planos de exploração e de opressão e assegura o seu domínio de classe sobre a esmagadora maioria do povo trabalhador.

A frente única do trabalho cria-se em nome de uma plataforma concreta para assegurar o pão, a vida, os direitos, as liberdades e o futuro do povo trabalhador, enquanto a colaboração de classe leva à utilização das massas como moeda de troca para a realização de interesses e de finalidades que lhe são estranhos.

A frente única do trabalho liberta as grandes massas trabalhadoras da influência política e da dependência da burguesia capitalista, leva ao completo isolamento do capital e dos seus Partidos e, por isso mesmo, abre o caminho para a libertação definitiva do trabalho do jugo do capitalismo.

Enquanto a colaboração de classe subordina as massas trabalhadoras à burguesia capitalista, consolida as suas posições de classe e a tira da situação crítica em que ela se encontra num determinado momento em consequência do descontentamento da maioria popular, para lhe dar a possibilidade de prosseguir com forças e uma brutalidade proporcionalmente maiores a sua política de exploração, de espoliação e de opressão.

Na prática, a colaboração de classe significa em todas as condições vender em troca de um «prato de lentilhas» os interesses vitais, a independência do proletariado e das massas pouco afortunadas das cidades e dos campos, em benefício dos fins da burguesia e do capitalismo.

Também entre nós, tal como nos outros países, a prática da colaboração de classe demonstra de modo incontestável que os governos de coligação entre os Partidos burgueses e o Partido Social-Democrata ou outros Partidos pequeno-burgueses foram sempre governos provisórios *de defesa e salvaguarda da burguesia* contra movimentos populares que num determinado momento a ameaçavam.

É precisamente deste modo que a própria burguesia considerou e considera por toda a parte a táctica social-democrata de colaboração de classe, a que só recorre quando se acha em má situação e tem necessidade de afastar e paralisar os movimentos dirigidos contra a sua política de exploração e de opressão e contra o seu domínio de classe.

Uma vez vencidas as dificuldades e os perigos, depois de ter novamente conseguido postar-se com firmeza nos seus pés, a burguesia renuncia imediatamente à colaboração do Partido Social-Democrata e, depois de ter tecido o seu pano, deita fora sem nenhuma cerimónia o tear que lhe é a partir de então inútil.

Sob este aspecto, os exemplos nacionais e estrangeiros são tão numerosos e tão conhecidos que é absolutamente inútil citá-los aqui.

A frente única do trabalho, proposta pelo Partido Comunista, revela-se portanto uma negação completa da táctica da colaboração de classe praticada com uma tal obstinação da parte do Partido Social-Democrata e não tem absolutamente nada em comum nem com os compromissos eleitorais, nem com as coligações governamentais dos Partidos burgueses e do Partido Social-Democrata. Além disso, a primeira condição de realização de uma frente única do Partido Comunista e das outras organizações e Partidos operários ou de pequenos proprietários rurais, é que estes últimos rompam as suas relações com a burguesia e os seus Partidos e renunciem a colaborar com eles.

Não é a ideia de uma colaboração de classe com a burguesia que está na base da frente única do trabalho, mas a *intransigência* das massas trabalhadoras para com a burguesia capitalista e o capital, intransigência que essas massas manifestam na sua vida quotidiana em relação a todos os grandes problemas que dizem respeito ao pão, ao vestuário e à habitação, aos impostos e às indemnizações, aos direitos e às liberdades políticas, à paz ou à guerra.

E é por isso que a frente única do trabalho não só não se acha em contradição com a luta de classes intransigente entre o trabalho e o capital, mas, na realidade, se revela como uma das formas pelas quais essa luta se manifesta em determinadas condições.

Frente única do trabalho contra o capital e os seus Partidos e não colaboração de classe com a burguesia — eis actualmente o imperativo supremo do momento e dos interesses vitais das massas trabalhadoras! E é precisamente para poder realizar essa frente única que a primeira e inevitável condição consiste em *rejeitar resolutamente a táctica da colaboração de classe com a burguesia e romper resolutamente a coligação governamental com a União democrática e o Partido Nacional-Liberal.*

Não há dúvidas de que aqueles que não a podem ou não desejam compreender e não têm interesses em a adoptar continuam a ser adversários da frente única, se esforçarão por a sabotar e tentarão entravar por todos os meios a sua realização prática.

É esse precisamente o motivo por que o Partido Social-Democrata se acha actualmente numa encruzilhada e é vítima das dificuldades de um desmoronamento interior, porque tem que escolher entre a sua actual posição táctica burguesa de colaboração de classe e a nova táctica de frente única do trabalho.

Talvez seja muito cómodo para certos chefes do Partido Social-Democrata limitarem-se à táctica de colaboração com os Partidos burgueses, realizarem nos bastidores negociatas a propósito de pastas ministeriais ou de mandatos de deputados, aproveitarem-se do dote «proporcional» eleitoral por ocasião das próximas eleições, como cinicamente os aconselha o jornal narodniaquiano *Mir*, mas para a massa do Partido, que até ao presente sofreu mais de uma vez as vilanias e a vergonha dessa táctica, não será de modo nenhum difícil compreender a profunda diferença entre a frente única e a colaboração de classe e adoptar a única táctica salutar da frente única do trabalho, que assenta na luta de classe intransigente contra a burguesia capitalista.

Por ocasião da solução destes problemas capitais para as massas trabalhadoras, existe algo de mais forte do que os desejos, as concepções e os interesses pessoais dos chefes — são *as necessidades e o imperativo das massas populares.*

O Partido Comunista, ao avançar a sua proposta de frente única do trabalho e ao dedicar todas as suas forças à sua realização, conta acima de tudo e precisamente com o seu grande aliado na ocorrência — *a vida palpitante, inexorável e incorruptível.*

Rabotnitcheski vestnik
N.° 72,
de 29 de Agosto de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 222-227.

FRENTE ÚNICA OU ESPECULAÇÃO POLÍTICA

Na sua proposta ao Comité Central do Partido Social--Democrata, o Comité Central do Partido Comunista, embora explique a necessidade de uma frente única das massas trabalhadoras, exige do Comité Central social-democrata, no caso deste também reconhecer esta necessidade e estar disposto a adoptar como princípio a proposta que lhe foi feita, *que designe os seus representantes para que eles se possam encontrar com os do Partido Comunista, para a elaboração de um programa detalhado de luta comum.* (Ver a própria proposta, publicada nos jornais *Rabotnitcheski vestnik*, n.° 62, e *Narod* [40], n.° 186.)

Isto deu-se a 16 de Agosto. Já passaram duas semanas e o Comité Central do Partido Social-Democrata ainda continua a discussão da proposta comunista entre as quatro paredes dos seus escritórios durante sessões intencionalmente espaçadas de vários dias, sem contudo tomar até ao presente uma decisão a este respeito e sem designar os seus representantes, que devem encontrar os do Partido Comunista com vista à elaboração do programa detalhado de luta comum de que se tratou.

Ora, ao mesmo tempo, o Comité Central social-democrata dedica-se a ter conversações com o governo a propósito da distribuição dos cargos ministeriais no caso de uma alteração eventual do gabinete e a propósito da distribuição dos mandatos de deputados à futura Assembleia Nacional, aproveitando-se precisamente, durante essas conversações, da proposta comunista de uma frente única e da sua longa «discussão» com o Comité Central.

Os artigos dos chefes sociais-democratas Pastukhov, Sakazov e Djidrov nos jornais *Narod* e *Epoka* (41), cheios de enigmas vagos e de insinuações insidiosas e que não aborda o fundo da questão da frente única, têm claramente o fim de influenciar as negociatas nos bastidores com o governo sugerindo-lhes que no fim de contas o Partido Social-Democrata também poderia decidir-se a aceitar a proposta comunista de uma frente única, no caso de as suas pretensões não poderem ser tomadas em consideração.

Traduzida de novo em linguagem clara e compreensível, toda a conduta dos chefes sociais-democratas na ocorrência apenas significa: «ou também nos dão uma pasta ministerial afastando os nacionais-liberais do gabinete e assegurando-nos um igual número de lugares na Assembleia Nacional e outras concessões e lucros do poder, ou iremos com os comunistas!»

As massas trabalhadoras, que esperam com impaciência a realização da frente única, estão portanto neste momento em presença de *uma indigna especulação política com a proposta do Partido Comunista a propósito da frente única.*

Não é de modo algum a frente única das massas trabalhadoras para a salvaguarda dos seus direitos e dos seus interesses vitais, mas preocupações totalmente diferentes que preocupam os chefes sociais-democratas autorizados, os quais não deixam de fingir que, no fim de contas, não têm nada contra a frente única e que não insistem muito na sua participação no poder ao lado dos Partidos burgueses.

No seu número de 27 de Agosto último, o jornal *Narod*, órgão oficial do Partido Social-Democrata, que dá provas de um grande zelo para preparar psicologicamente as massas do Partido para a recusa da proposta comunista, conduzindo uma ignóbil campanha de calúnias, de intrigas e de incitações contra o Partido Comunista, escreve expressamente a propósito das conversações entre os representantes sociais-democratas e o governo:

> «E voltamos aqui ao *problema fundamental.* O actual governo deve resolver com quem pretende avançar: com os sociais-democratas ou com os nacionais-liberais. E é necessário que se saiba que se não se libertar dos nacionais-liberais, não terá os sociais-democratas como colaboradores. Ora, para além de qualquer outra consideração, pensamos que isto é de uma grande importância para o próximo congresso dos radicais e para a futura participação tanto no governo como no Zgovor.»

Pomos de lado o facto de não se achar um único membro sensato do Partido Social-Democrata que não possa compreender porque é que os sociais-democratas se recusariam a participar no futuro no governo de acordo com os nacionais-liberais, quando estão dispostos, por exemplo, a avançar de mão dada com os banqueiros, os especuladores e os ricaços do Partido narodniaquiano e os industriais e os comerciantes democratas que, como se sabe, não são nem menos reaccionários nem mais condescendentes para com os interesses e os direitos dos operários e das massas trabalhadoras, nem «mais limpos» do que os nacionais-liberais.

O que importa neste momento é que, quando as massas trabalhadoras suportam as duras dificuldades da carestia da vida e da especulação, da falta de habitação e do fardo dos impostos, quando se acham sob um regime onde a arbitrariedade política, as violências e as crueldades, os veredictos desumanos e os assassínios políticos dominam, quando a sua existência mais elementar, os seus direitos e as suas liberdades, a sua vida e o seu futuro se acham tão ameaçados e quando têm tendência para criar a sua própria frente única contra o capital, a reacção e o fascismo, para se poderem defender e salvar — neste momento preciso o *problema fundamental* para os chefes do Partido Social-Democrata, que estão em conversações com o governo, resume-se à expulsão dos nacionais-liberais do gabinete, para que ainda lhes seja possível obter um posto ministerial e tornar mais fáceis os seus acordos eleitorais com o Demokratitcheski Zgovor.

No caso de o governo decidir separar-se dos nacionais-liberais e, deste modo, liquidar o problema fundamental favoravelmente aos chefes sociais-democratas, o Partido Social-Democrata não abandonaria o gabinete e continuaria a «colaborar» para a concentração burguesa e capitalista em vias de formação na pessoa do Demokratitcheski Zgovor, *fazendo*

deste modo frente única com o capital, a reacção e o fascismo, contra a frente única das massas trabalhadoras.

E quando Pastukhov, a propósito dos nossos artigos sobre a frente única, exclama hipocritamente na *Epoka* (de 29 de Agosto) «mais clara a questão...», os chefes sociais-democratas, com as suas atitudes, fazem eles próprios, perante os operários, os artesãos e os camponeses, perante a maioria trabalhadora do Partido Social-Democrata, a grande pergunta: não com quem iria o governo (com os sociais-democratas ou com os nacionais-liberais), mas em que via se devia embrenhar o seu próprio Partido — na via das negociatas de bastidores com o governo e os representantes da concentração burguesa e capitalista para a obtenção de postos ministeriais e de mandatos de deputados ou na via da criação de uma frente única do trabalho, em consequência de uma franca discussão pública do problema, pela adopção por princípio da proposta comunista e por conversações sérias e concretas entre representantes dos Partidos Social-Democrata e Comunista visando a elaboração do indispensável programa concreto e detalhado com vistas à sua luta comum para a defesa das massas trabalhadoras.

O governo actual fixou definitivamente a sua *via.* Apenas os militantes ingénuos não podem ainda talvez aperceber-se disso.

Agora a palavra pertence aos operários, aos artesãos, e aos camponeses, aos trabalhadores filiados no Partido Social-Democrata, que sentem manifestamente a necessidade da realização da frente única.

O seu dever é precisamente salvar o seu Partido, pôr fim à indigna especulação política com a proposta comunista e impor a orientação do seu Partido na via da rápida realização da frente única das massas trabalhadoras contra a concentração burguesa e capitalista.

Rabotnitcheski vestnik
N.° 73,
de 30 de Agosto de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 228-232.

A SUA FRENTE

Ao experimentarem um sentimento insuperável de hostilidade e de terror para com a luta independente das massas trabalhadoras, os chefes sociais-democratas procuram substituir a necessidade de uma frente única do trabalho por uma frente *intermediária* por eles imaginada, que se situasse entre a *reacção de direita* encarnada pelos nacionais-liberais e a *reacção de esquerda* de que os comunistas seriam, supostamente, os portadores.

No seu número de 29 de Agosto de 1923, o jornal *Narod* definiu essa frente do seguinte modo:

> «Não nos conseguirão conquistar como aliados da *reacção de direita nem de esquerda.* Não procuramos, neste momento, a felicidade do nosso país numa ofensiva quer do capital contra o trabalho, quer do trabalho contra o capital... Pelo contrário, procuramos actualmente, *um compromisso vantajoso para as duas partes entre o trabalho e o capital,* que nos permita sair do turbilhão da guerra civil e dar a possibilidade de um desenvolvimento das forças produtivas da economia nacional através de um trabalho tranquilo. Deste modo, criar-se-ão novas riquezas sociais, elevar-se-á o bem-estar geral e preparar-se-á um terreno mais favorável ao socialismo. *Estamos prontos a colaborar nessa frente com todas as correntes moderadas da democracia que não destruam, mesmo em nome de uma grande ilusão, mas que construam, embora lentamente.*»

Pomos de lado a linguagem ininteligível — para não usar uma expressão mais forte — que é esta posição no plano teórico e o seu absurdo histórico.

Neste caso, o facto essencial é que os chefes do Partido Social-Democrata que pretendem ser, na sociedade actual, os representantes de uma classe explorada e oprimida, se declarem contra a frente única das massas trabalhadoras para a defesa dos seus interesses imediatos e vitais e dos seus direitos, apenas para assegurarem, no futuro, a sua coligação com a União democrática — esta nova concentração política da burguesia capitalista no nosso país.

Uma frente única com os *duzentos mil* operários, camponeses e outros trabalhadores que avançam na vanguarda sob a bandeira do Partido Comunista? *Impossível!...* — Porque isso representaria a «reacção de esquerda», mas com os capitalistas, com os banqueiros e com os especuladores, com os usurpadores dos direitos, das liberdades e do poder do povo trabalhador, com os opressores e os carrascos do povo da União Democrática, claro está que *é possível!*

Aliança com o Partido mais importante da maioria trabalhadora do país? *Não se pode e não se deve fazê-lo*, mas com o Partido da minoria capitalista — *pode-se e deve-se fazê-lo*, para sair — como diz o jornal *Narod* — do turbilhão da guerra civil, para criar novas riquezas sociais, para elevar o bem-estar e para preparar um terreno mais favorável ao socialismo...

Não com o povo trabalhador que cria precisamente todas as riquezas sociais e que, objectivamente, é o verdadeiro portador do socialismo, mas com os capitalistas, com os banqueiros e com os especuladores que, de uma ou de outra forma, se apropriam das riquezas criadas pelo povo! — Eis a *sua frente*, a frente do «*compromisso* vantajoso, para ambas as partes, entre o trabalho e o capital».

É claro que esta frente dos chefes sociais-democratas, que eles têm o descaramento de recomendar — oh, ironia! — em *nome do socialismo* não constitui nada de novo. É a velha frente bem conhecida entre nós do bloco com os Partidos burgueses, que foi sempre realizada em prejuízo dos interesses e dos direitos das massas trabalhadoras.

Será necessário revolver o passado para recordar, por exemplo, o ano de 1908, em que precisamente nessa frente os socialistas de direita abriram o caminho à «democracia», ou seja, a chegada ao poder do Partido Democrata, ou o ano de 1919 quando era necessário poupar ao tribunal popular os Partidos burgueses falidos devido aos seus numerosos crimes, guerras e catástrofes que por sua causa o país suporta?

O significado prático desta frente de «compromisso» entre o trabalho e o capital, é ainda mais eloquentemente demonstrado pelos factos mais recentes.

Eis o quadro que a frente dos chefes sociais-democratas nos apresenta à luz destes factos!

— Quando se organizou a exportação dos cereais, do queijo, dos ovos, dos tabacos, etc. — e as massas trabalhadoras ficam sujeitas à penúria — para assegurar enormes lucros a um banco e a duas ou três dezenas de grandes exportadores — os ministros sociais-democratas deixam-se ficar impassíveis nas suas poltronas no Conselho de Ministros, no interesse... «do aumento das riquezas sociais, da elevação do bem-estar geral e da preparação de um terreno mais favorável para o socialismo».

— Quando é suprimido o dia de trabalho de oito horas e a legislação operária é esmagada — os ministros sociais-democratas mantêm um silêncio prudente para permitir «o desenvolvimento das forças produtivas da economia nacional».

— Quando os impostos indirectos são aumentados e se sobrecarregam as massas com novos encargos fiscais — os ministros sociais-democratas guardam para a ocasião mais favorável o programa fiscal do seu Partido para não prejudicar o «compromisso» entre o trabalho e o Capital.

— Quando a lei sobre a crise da habitação é contornada ou definitivamente suspensa, e se dá pulso livre aos grandes proprietários de imóveis para que possam explorar e aterrorizar os locatários — os ministros sociais-democratas consideram isso como um «mal inevitável» que permite salvaguardar «o compromisso vantajoso» entre o trabalho e o Capital.

— Quando injustamente se privam os camponeses pobres das terras que lhes tinham sido concedidas e se revoga a lei sobre a propriedade fundiária — os ministros sociais-de-

mocratas reconhecem o direito à inviolabilidade da propriedade privada dos grandes proprietários de terras.

— Quando as eleições se realizam não segundo o método proporcional, mas de acordo com a lei eleitoral reaccionária do antigo governo agrário — os ministros sociais-democratas consideram que isto não é de *natureza bastante importante* para que o Partido Social-Democrata renuncie à grande causa do «compromisso» entre o trabalho e o Capital.

— E, finalmente, quando se utiliza a violência, quando se cometem atrocidades e assassínios políticos entre as massas trabalhadoras e os seus militantes, quando se pronunciam sentenças desumanas, bárbaras e totalmente arbitrárias em relação a operários e camponeses, comunistas e agrários, quando se proíbem as reuniões e se confiscam os jornais dos Partidos das massas trabalhadoras e se constituem organizações armadas burguesas clandestinas, bandos fascistas, etc. — os ministros sociais-democratas aprovam-no, e falam de «exageros comunistas, invenções e mentiras», porque «os interesses supremos da Pátria exigem» que «a reacção de esquerda» seja esmagada por todos os meios da violência e com desprezo da lei.

Ao mesmo tempo, tudo isto é acompanhado e disfarçado com promessas e atitudes demagógicas barulhentas relativamente às massas trabalhadoras por parte do governo e do seu biombo — o Partido Social-Democrata.

Na verdade, não nada a dizer — *um compromisso singularmente vantajoso para ambas as partes* (isto é, para as massas trabalhadoras também!) entre o trabalho e o Capital, segundo o qual na melhor das hipóteses, *o ovo cabe ao Capital e a casca ao trabalho!*

Não «beneficia» o país há precisamente três meses de um tal «compromisso vantajoso»?

Acaso haverá um homem tão ingénuo, mesmo no seio do Partido Social-Democrata, que possa acreditar que se os sociais-democratas participassem não com *um* mas com *dois* ou mesmo *três* ministros no gabinete da concentração burguesa capitalista, o seu papel seria diferente desde que se sentassem ao lado de representantes do Capital, três vezes mais numerosos, e que o governo continuaria infalivelmente uma política capitalista?

A frente que os chefes sociais-democratas recomendam ao seu Partido no futuro também é, por conseguinte, *a sua frente actual* que apenas significa, *contributo, estímulo, apoio ao capital e à reacção e traição inqualificável em relação aos interesses das massas trabalhadoras e do próprio socialismo.*

Rabotnitcheski vestnik
N.º 75,
de 1 de Setembro de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 236-240.

O QUE É QUE É MELHOR?

Os chefes sociais-democratas querem mostrar ao seu Partido e às massas trabalhadoras que a sua participação no governo burguês de coligação é um vulgar problema de oportunidade política e prática. E perguntam: *não é melhor* para os trabalhadores, *não convém mais aos seus interesses* manter e reforçar a posição *conquistada* (a participação, actualmente, no gabinete com um ministro) em vez de recuar e talvez agravar as condições de luta?

> «Este ponto merece actualmente — diz o Comité Central do Partido Social-Democrata — toda a atenção das massas trabalhadoras e daqueles que as dirigem. *O progresso político e económico do povo trabalhador, na sua aspiração à liberdade e ao bem-estar, depende precisamente do esclarecimento deste ponto.*»

É sabido que, para os chefes sociais-democratas, o esclarecimento na sua justa luta deste ponto significa continuação da participação do seu Partido no governo burguês de coligação, com o risco de fazer abortar a Frente única do trabalho, mas na condição de os representantes do Partido nacional-liberal saírem do gabinete.

Ponhamos de parte o facto de a participação dos Partidos operários no governo, sob a direcção da burguesia não ser de modo algum, apenas um problema de oportunidade, política e prática, mas, pelo contrário, representar um dos problemas fundamentais e decisivos da luta de classes e do movimento

proletário de libertação, problema já há muito solucionado — negativamente — pela teoria marxista e suficientemente esclarecidos pelas práticas dos Partidos sociais-democratas.

Admitamos por um momento que só se trata, na ocorrência, de uma questão de oportunidade, *daquilo que actualmente é melhor* para as massas trabalhadoras.

Estamos dispostos a reconhecer imediatamente que a participação do Partido Social-Democrata no actual governo lhe garante certas vantagens, bem como aos seus chefes, a uma parte dos seus intelectuais, a indivíduos ou grupos. Mais ainda: o ministro social-democrata dos Caminhos de Ferro e dos Correios poderia prestar muitos serviços aos ferroviários e empregados dos correios das suas relações e do seu Partido no que diz respeito à sua posição pessoal no serviço. Também poderia fazer algumas concessões, de menor importância, no plano do trabalho, e ser aquele que aos olhos da coligação burguesa no poder desempenhasse o papel de *pára-raios* que desvia os golpes do descontentamento popular, ou então serviria aos olhos das massas populares de *capa* da política capitalista de exploração, de pilhagem e de ditadura burguesa.

No entanto, é evidente que, na ocorrência o problema não diz respeito às vantagens de um carácter. Estas podem interessar muitíssimo um Kr. Pastukhov e os seus confrades que procuram, especialmente neste domínio, um sucesso de carreira política. Mas, para as massas trabalhadoras e mesmo para uma parte de entre elas que se encontram nas fileiras do Partido Social-Democrata, não valem mais, por exemplo, do que selos falsificados.

Trata-se, neste caso, de vantagens reais no que diz respeito ao «progresso político e económico do povo trabalhador na sua aspiração à liberdade e ao bem-estar» — como se exprime o Comité Central do Partido Social-Democrata.

Ora, é aqui que se fazem as seguintes perguntas prévias: quem ignora que o Partido Social-Democrata foi obrigado a participar no actual governo não por representar uma grande força política sob o aspecto do número ou da sua influência entre as classes, nem mesmo por possuir um considerável estado-maior de intelectuais mas porque, desde o 9 de Junho até agora, a burguesia é obrigada a disfarçar o verdadeiro carácter do seu governo saído do golpe de Estado, a enganar

a opinião pública quanto à essência da sua política capitalista, a tomar medidas de precaução para não permitir que as massas se unam (unam todas as suas forças organizadas disponíveis), a dividi-las ainda mais e a enfraquecê-las para mais facilmente as poder pôr a reboque da sua política de exploração e de opressão?

Acaso os operários, os camponeses, os artesãos e os intelectuais honestos, membros do Partido Social-Democrata, não vêem que a burguesia atribui precisamente essa tarefa ao Partido Social-Democrata no momento da sua participação no actual gabinete de coligação?

Acaso não o lêem todos os dias, abertamente ou nas entrelinhas dos diários burgueses *Slovo, Mir* e *Priaporetz*?

Acaso não se perguntam porque é que o governo já há três meses que adia as eleições legislativas, cuja data ainda não fixou, para prévia e definitivamente se assegurar do *apoio sem reservas* dos sociais-democratas e dos radicais na campanha eleitoral contra as massas trabalhadoras?

Para além disso, os grandes problemas que são de um interesse vital para as massas trabalhadoras — os problemas da alimentação, da carestia da vida, da especulação, da habitação, dos impostos, dos direitos e das liberdades políticas, da paz e das relações com os outros povos e países — nunca foram solucionados, e não podem sê-lo a favor destas massas com negociatas de chancelaria ou nos corredores dos parlamentos.

Acaso os chefes sociais-democratas ignoram esta velha verdade política e histórica segundo a qual, por um lado, a solução desses grandes problemas resultou, sempre e antes de mais, da relação real das principais forças sociais em luta — o proletariado e as outras massas trabalhadoras contra a burguesia, e que, por outro lado, é do grau *da pressão* que as massas são capazes de exercer que depende o grau das concessões que a burguesia é obrigada a fazer neste campo.

Mas é precisamente a participação do Partido Social-Democrata no governo burguês de coligação, a sua responsabilidade solidária quanto à política antinacional deste último e a camuflagem da sua essência às massas populares que se apresenta como *um grande obstáculo* à união de todos os trabalhadores, à expressão política da sua força, e que leva à sua desorga-

nização, à discórdia e às lutas no seu interior, ao enfraquecimento e à paralisia da sua luta, à diminuição da sua pressão sobre os capitalistas, os banqueiros, os comerciantes e os especuladores, aumentando deste modo, directamente ou não, as suas forças, consolidando as posições e prolongando o domínio da minoria capitalista no país.

É assim que em vez «de um progresso político e económico do povo trabalhador na sua aspiração à liberdade e ao bem-estar», se obtém na prática com o auxílio do Partido Social-Democrata, *um progresso político e económico da burguesia* — para uma exploração e uma tirania maiores, exercidas em relação ao povo trabalhador.

Mas ainda há mais. Não se faz de caras a pergunta: a quem deve pertencer o poder — *à minoria capitalista*, açambarcadora dos bens da sociedade, ou à *maioria popular dos trabalhadores*, que são quem cria esses bens?

E precisamente quando é necessário resolver *este problema dos problemas para o povo e o país*, a participação do Partido Social-Democrata no governo burguês de coligação, os seus compromissos ao lado da burguesia, da sua política e do seu regime, *obstruem* o acesso das massas trabalhadores à tomada do poder, enquanto maioria popular, à instauração *de um governo operário e camponês — conquista de uma das mais importantes e mais fortes posições*, e contribuem para a consolidação *do poder usurpador* da minoria capitalista, bem como para a sua legalização parlamentar, através de eleições legislativas falsificadas e despóticas.

Não será, portanto, evidente para todos os operários, artesãos ou camponeses imparciais, para todos os socialistas honestos, que na ocorrência só existem duas vias nas quais nos podemos empenhar — ou com a maioria popular dos trabalhadores e criar a frente única do trabalho proposta pelo Partido Comunista, ou com a minoria capitalista, e então manter a participação do Partido Social-Democrata na coligação burguesa e no seu governo?

No primeiro caso, o Partido Social-Democrata cumpriria o seu dever, enquanto organização política de uma parte dos trabalhadores, mas no segundo caso, desempenharia o papel pouco invejável do animal «obediente» convidado para o copo-d'água para levar água e lenha aos convidados burgueses,

traindo deste modo não só o povo trabalhador, mas também as próprias massas do Partido, bem como o socialismo em nome do qual pretende existir enquanto Partido político.

O que é que é mais oportuno, *melhor para as massas trabalhadoras* — eis o problema imediato, concreto que os chefes sociais-democratas levantam como problema *central* nas discussões que dizem respeito à Frente única.

Haverá outra solução justa para este problema, que não a que consiste em romper com a *coligação burguesa, não a servir e proceder, através da Frente única do trabalho, à criação de um governo operário e camponês que trabalhe realmente para o progresso político e económico do povo trabalhador na sua aspiração à liberdade e ao bem-estar?*

E isto precisamente porque se trata não de vantagens pessoais e da carreira política dos chefes sociais-democratas, mas dos interesses, dos direitos e do futuro de três quartos do povo búlgaro.

Rabotnitcheski vestnik
N.° 78,
de 5 de Setembro de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 243-248.

AGORA OU NUNCA

É este o sentido da campanha ultimamente empreendida pela imprensa burguesa reaccionária para pôr fora da lei o Partido Comunista e para o impedir de participar na actividade do futuro parlamento.

Um dos mais zelosos apóstolos desta causa obscurantista assina, sob o pseudónimo de «Séiatch» (O Semeador), no *Mir*, o jornal dos narodniaquianos. Apesar da grande bravura de querer dar provas contra «o comunismo em declínio», a sua audácia e a sua excepcional insolência, não ousou — à semelhança do seu digno confrade «Oratgha» (O Lavrador) do jornal dos curas *Pravda* — revelar o seu nome ao povo que está a salvar do terrível flagelo comunista. Este pérfido bizantino sabe perfeitamente que «a vida é uma roda» e não tem coragem de tomar publicamente a sua responsabilidade pelas *tempestades* que com tanto zelo *semeia.*

Este corajoso e patriótico «Semeador» dá provas de uma grande impaciência que, aliás, também tem atingido os círculos de banqueiros e de especuladores. Para eles e em seu próprio nome, exige que o Partido Comunista seja *imediatamente* proibido, para que não possa participar nas futuras eleições legislativas, porque, caso contrário, *nunca* voltaria a haver oportunidade para tal.

> «O comunismo na Bulgária deve ser liquidado precisamente no momento actual — diz «O Semeador» (Jornal *Mir* de 7 de Setembro de 1923). — Se se deixar passar o actual momento favorável, cometer-se-á um erro imperdoável e que talvez venha a ser expiado à custa de grandes sacrifícios.»

E concluiu:

> «Para não perecer, a democracia búlgara deve ser defendida [...] mas para o fazer é necessário proclamar que [...] os comunistas não são dignos e não têm o direito de figurar no parlamento.»

Fiel à sua hipocrisia bizantina «O Semeador» começa o seu artigo provocador nestes termos:

> «Quando insistimos que os comunistas não devem ter acesso ao parlamento, somos guiados não por um sentimento de ódio, a que somos completamente estranhos, *mas pelos interesses superiores do Estado e da Sociedade.*»

Assim, para preservar «os interessse superiores do Estado e da sociedade» e salvar «a democracia búlgara» da sua ruína, é necessário proclamar imediatamente que os comunistas (e com eles também os agrários, em relação aos quais «O Semeador» considera, certamente, que é assunto arrumado) «não são dignos e não têm o direito de figurar no parlamento».

«Os interesses superiores do Estado e da sociedade» e os interesses «da democracia búlgara», determinam, por conseguinte, que se prive três quartos do povo búlgaro dos direitos político e eleitoral, que se privem mais de 700 000 eleitores — operários, pequenos camponeses e artesãos, funcionários e outros trabalhadores do direito de participar nas eleições e no parlamento.

Contudo, haverá actualmente pessoas tão ingénuas em política que não sejam capazes de ver e compreender que os «interesses superiores do Estado e da sociedade» em que estão não passam dos interesses egoístas, de pilhagem e de opressão brutais, dos capitalistas e dos banqueiros, dos comerciantes e dos especuladores, dos fornecedores e dos grandes proprietários fundiários e de imóveis urbanos, e que esta «democracia búlgara», com cuja sorte «O Semeador» se preocupa, não passa da reacção burguesa-fascista crescente entre nós?

São precisamente os interesses dessa minoria capitalista que usurpou o poder popular com o golpe de Estado de 9 de

Junho e que sabe muito bem que no final de eleições legislativas normais, seria afastada da cena política como um lamentável resíduo pela verdadeira vontade do povo, que actualmente exigem a criação de um «parlamento» sem a participação da maioria popular dos trabalhadores, contra a vontade desta última, contra a liberdade e a independência do povo e contra o desenvolvimento social do país.

Mas acaso os políticos burgueses na falência, depois de terem perdido a bússola devido ao medo das massas populares, se dão *exactamente conta* das consequências que isso acarretaria?

Porque, de facto, que significa, na prática, não permitir às duas maiores organizações políticas populares — o Partido Comunista e a União Agrária — serem representadas no parlamento?

Fechai as portas do parlamento a três quartos dos eleitores búlgaros, e tereis não um parlamento no sentido da democracia burguesa, mas um encontro marcado dos representantes dos capitalistas, dos banqueiros, dos comerciantes, dos especuladores, dos fornecedores e dos grandes proprietários de terras e de imóveis urbanos, ou uma reunião política vulgar dos chefes da União Democrática (Demokratitcheski Zgovor) e do Partido Nacional-Liberal.

Que restaria então da *força legal,* da autoridade e da aplicação das decisões de um tal parlamento?

Se o parlamento burguês ainda hoje dá à burguesia, embora esta só represente uma minoria, a possibilidade de governar, é precisamente porque ainda existe a *ficção* do carácter *popular* do parlamento e, ainda por cima, o governo parlamentar assegura *um mínimo* de condições para a intensificação das lutas de classe.

Acabai também definitivamente com esta *ficção,* acabai com este *mínimo* de condições para conduzir com pouca liberdade a luta de classes não permitindo aos Partidos populares participar no parlamento, retirai ao povo trabalhador a possibilidade de eleger os representantes que ele quer e que apenas eles, gozam da sua confiança, e será então que o vosso malfadado «parlamento» ficará em desordem com todo o poder burguês. Cortareis precisamente por aí *o ramo* em que ainda vos equilibrais para tombar de cabeça para

baixo, e para sempre no abismo que escavastes para os vossos adversários.

Os gregos antigos diziam: «Quando os deuses querem a ruína de alguém, começam por o privar da razão.»

Há todos os indícios de que os chefes da burguesia búlgara tendo perdido a razão se encontrem nessa situação. A história que lançou a sua classe na ruína, procura de mais privá-los da razão.

Ao tentar salvar o poder usurpador da burguesia com receitas da Idade Média obscurantista, os reaccionários burgueses fazem lembrar o demente que se esforça por fazer parar com as suas mãos a torrente impetuosa que vem da montanha e que acabará por o arrastar no turbilhão das suas águas.

E, de facto, neste «momento mais favorável» para expulsar os comunistas do parlamento e para liquidar o comunismo, ninguém será capaz de melhor e de uma maneira tão catastrófica *acelerar* a queda do poder burguês usurpador do que os próprios reaccionários burgueses, os diversos «Semeadores» e «Lavradores» dos jornais narodniaquianos *Mir* e dos curas *Pravda* e as outras redacções burguesas que, na sua demência e no seu desespero, aconselham a burguesia a abandonar *definitivamente* os princípios da sua constituição, do próprio parlamentarismo e da legalidade.

E se não fosse a preocupação de preservar o povo e o país do terror de uma guerra civil, cujo tição é agitado pelos reaccionários burgueses, privados de razão, poderíamos desejar-lhes com absoluta tranquilidade boa sorte!

Os povos nunca perecem mesmo sob os regimes da maior tirania. O povo trabalhador búlgaro também encontrará os meios de autodefesa contra os usurpadores e os opressores e os meios para finalmente se tornar o senhor incontestado de seu destino.

Desgraçada da burguesia se não aprendeu nada com as lições da história!

Rabotnitcheski vestnik
N.° 82,
de 10 de Setembro de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 259-263.

CARTA ABERTA AOS OPERÁRIOS E CAMPONESES BÚLGAROS

Caros camaradas,

Depois dos grandes combates revolucionários que, por agora, terminaram com o insucesso das massas populares, fomos forçados, bem como um grande número de outros militantes, a abandonar o país para continuar a servir a grande causa do nosso povo. Provisoriamente afastados de vós, o papel que temos de desempenhar nesta luta obriga-nos a dirigirmo-nos a vós por meio desta carta aberta. A nossa primeira palavra é:

> «Corações ao alto! A sangrenta vingança da ralé dos guardas brancos que receiam perder o seu poder não conseguirá enfraquecer o espírito combativo da Bulgária trabalhadora! A derrota ensinar-nos-á o caminho da vitória. Apesar de tudo e contra tudo, a Bulgária terá o seu governo operário e camponês!»

São precisamente os Partidos capitalistas e dos «tchorbadji», que falam a quem os quer ouvir «de ordem e de legalidade», que realizaram a 9 de Junho *um golpe de Estado armado* desencadeando deste modo a *guerra civil* de que os acontecimentos de Setembro *apenas* são *um episódio* de peso e que só poderia terminar com a *vitória definitiva do povo trabalhador* sobre os seus sangrentos opressores, exploradores e espoliadores.

Os camponeses trabalhadores e os operários búlgaros tinham duas grandes organizações políticas para defender os seus interesses vitais: a União Agrária e o Partido Comunista Búlgaro.

O governo dos guardas brancos aproveitou-se da sua vitória relativamente fácil de 9 de Junho para dar um rude golpe na União Agrária. Os seus militantes mais destacados das cidades e dos campos foram presos, de entre estes um grande número — cobarde e ferozmente massacrados, milhares de operários e de camponeses, qualificados de rebeldes — foi submetido a torturas atrozes, lançados nas prisões ou entregues à vingança de classe dos tribunais. A União Agrária — o Partido mais numeroso na Bulgária — foi dissolvida, os seus jornais suspensos, os seus bens selados e toda a sua actividade política proibida.

Considerando que o perigo proveniente da União Agrária já não era de recear, o governo dos banqueiros e dos generais voltou a sua atenção para a outra organização do povo trabalhador — o Partido Comunista Búlgaro. Já depois do 9 de Junho, prendem um grande número de comunistas por terem lutado contra o golpe de Estado e infligem-lhes uma sorte ainda mais dura do que aos agrários. Através das suas ligas de oficiais e dos seus bandos de conspiradores continuava sem cessar as suas agressões contra os comunistas. Assim uma noite, as autoridades de Tirnovo apoderaram-se de todos os comunistas da cidade, levaram-nos para as casernas onde oficiais mascarados os espancaram selvaticamente. Sabe-se também da agressão cometida em Berkovitza por um bando fascista que, sob o olhar benevolente das autoridades, aterrorizou durante uma semana os comunistas da cidade e dos arredores. Houve um grande número de agressões análogas noutras localidades. Toda a população trabalhadora que não se queria resignar a aceitar este regime de violência, vivia em constante sobressalto, sob a ameaça da arbitrariedade. Nenhuma aldeia estava a salvo, nenhum operário estava seguro da sua vida.

Ao mesmo tempo, os agentes da burguesia insaciável e rapace levantaram a cabeça. Utilizaram o poder para realizarem extorsões. *Os grandes proprietários fundiários* julgaram

que tinha chegado o momento para voltarem a tomar posse das suas terras expropriadas; os *possuidores* da grande propriedade locativa recompuseram-se por seu turno e recomeçaram a espoliar os locatários necessitados; os grandes comerciantes e exportadores pilharam os depósitos para melhor espoliarem os operários e os camponeses pobres. A exploração do trabalho tornou-se cada vez mais feroz. Numa palavra, os capitalistas das cidades e os «tchorbadji» do campo tornaram-se os senhores incontestados do povo e do país. Tudo isto aumentava ainda mais o descontentamento do povo contra o novo governo. A indignação popular era grande, em especial contra a política estrangeira deste governo *constituído por* antigos Partidos e elementos nacionalizados belicosos que por *duas vezes tinham arrastado o povo para guerras catastróficas.* Os conflitos incessantes com a Rússia Soviética e os países vizinhos fizeram recear *que a Bulgária fosse a qualquer momento arrastada para uma nova guerra ainda mais catastrófica.*

Era nesta conjuntura que a burguesia, unida em torno do poder, devia realizar eleições para «legitimar» a sua situação. *Não tinha nenhumas esperanças* de ganhar a confiança da maioria do povo enquanto o Partido Comunista continuasse no seu posto e defendesse corajosamente os interesses e os direitos de todos os trabalhadores da Bulgária. O Partido Comunista tornava-se tanto mais perigoso na medida em que, ao proclamar a Frente única dos trabalhadores das cidades e dos campos, estendia uma mão fraterna aos agrários e os ajudava a reconstruir as suas organizações dizimadas, realizando deste modo na prática a aliança dos trabalhadores das cidades e dos campos. Os interesses comuns e a miséria comum do povo trabalhador das cidades e dos campos *criaram de facto uma aliança real entre a União Agrária e o Partido Comunista.* Foi então que o governo dos generais, dos banqueiros e dos professores decidiu organizar uma provocação contra o Partido Comunista para, tal como já tinha feito com a União Agrária, ajustar contas com eles. Para este efeito, o governo lançou *uma acusação mentirosa,* segundo a qual o Partido Comunista prepararia um golpe de Estado para o dia 16 de Setembro e a partir do dia 12 de Setembro realizou *prisões em massa,* segundo diziam, para impedir o golpe de Estado.

Nós, que ocupamos os postos de direcção e de responsabilidade no Partido Comunista, declaramos, neste momento histórico, que *o Partido Comunista não tinha marcado nenhuma acção armada, parcial ou geral, para o dia 16 ou 17 de Setembro ou para mais tarde.* Pelo contrário, o Partido Comunista preparava-se activamente para a campanha eleitoral, porque era notório que se as eleições eram livres, a maioria do povo trabalhador, com a União Agrária e o Partido Comunista à frente, venceriam o governo usurpador e instauraria o seu poder operário e camponês. O governo, que se apoderou de todos os arquivos do Partido, não pôde encontrar provas de semelhante decisão e nunca as encontrará — porque não existem — a não ser que as inventem. Mas o governo queria um pretexto para acabar com o Partido Comunista. Por isso recorreu *a um pretexto falso, sem se dar conta das consequências desastrosas que a sua provocação poderia ter para todo o povo.*

O golpe dado no Partido Comunista, a prisão de milhares dos seus militantes das cidades e dos campos, o acto de selar clubes, sindicatos e cooperativas, a apreensão dos seus arquivos, a suspensão de toda a imprensa comunista e operária, a proibição de toda a propaganda comunista e de qualquer deslocação de comunistas e de operários ao campo, tudo isso fez com que os trabalhadores perdessem a paciência. *Todos se deram conta de que o governo não toleraria nenhuma luta legal. Não só os comunistas como também grandes massas trabalhadoras se sentiram atingidas e ameaçadas.* Um grande número de comunistas do campo procurados para serem presos e torturados, fugiram para as montanhas, seguidos por um grande número de simpatizantes. O governo dos guardas brancos não hesitou em os declarar fora da lei e enviou tropas para os perseguir e exterminar.

O Partido Comunista Búlgaro decidiu responder a este golpe com uma greve de protesto de 24 horas nas cidades e com reuniões de massa em todo o país. Mas o governo mobilizou todas as suas forças para sufocar este protesto. Em Sófia e noutros locais deram-se incidentes sangrentos, provocados pela brutalidade das autoridades. O terror sem precedentes que se abateu sobre a Bulgária fazia aumentar incessantemente a indignação geral e multiplicou os recontros

sangrentos. Estes últimos tomavam a forma de levantamento popular contra o governo desenfreado que tinha declarado guerra a toda a população trabalhadora.

Nestes momentos críticos em que o governo sufocou todas as possibilidades de luta legal, *as massas populares sublevaram-se espontaneamente em vários locais.* O Partido Comunista foi posto à prova: *devia abandonar as massas que seriam esporadicamente derrotadas ou colocar-se a seu lado e tentar generalizar o movimento, unificá-lo e dar-lhe uma direcção política e organização?* O Partido Comunista tinha consciência das dificuldades da luta e dos seus defeitos de organização. Contudo, *o Partido do povo trabalhador* só podia abraçar a causa do povo e, apesar das condições extremamente difíceis, lançar *a palavra de ordem de uma acção comum com a União Agrária em todo o país para o dia 23 de Setembro.*

Qual foi a palavra de ordem? Todo o povo sabe qual foi: derrubar o governo usurpador e terrorista saído do golpe de Estado e substituí-lo por um governo operário e camponês. *Contrariamente às mentiras voluntárias do governo, a luta tinha como fim não o estabelecimento de uma ditadura e a instauração de um governo de sovietes na Bulgária, mas a queda da ditadura militar desenfreada e a formação de um grande governo democrático saído da imensa maioria do povo búlgaro — da sua maioria trabalhadora. De facto, nos casos em que durante a luta, o povo se apoderou do poder, instaurou-se não um poder de sovietes, como o governo o queria fazer crer, mas comités revolucionários comuns, órgãos do poder operário e camponês.*

Foi o Partido Comunista que lançou a palavra de ordem, mas esta última será retomada não só pelas massas que seguem o Partido como pelos camponeses que seguem a União Agrária e por toda a população trabalhadora. O povo trabalhador ergueu-se como um só homem e com um entusiasmo sem precedentes para conquistar as suas liberdades políticas, para defender os seus interesses vitais e estabelecer um governo próprio.

As lutas revolucionárias de Setembro eram, na plena acepção da palavra, *um movimento popular geral.* Tinham os seus traços específicos. O povo que aspirava à realização de um ideal, *não se entregou em nenhum sítio a excessos, a pilha-*

gens e a vinganças pessoais. Os bancos foram rigorosamente guardados, os bens de todos foram protegidos. Em certos locais alguns contra-revolucionários foram presos em pequeno número, mas não foram de modo algum maltratados ou massacrados — ninguém sofreu com isso. *O comité de excepção e as sentenças de morte não passaram de invenções caluniosas.* Os prisioneiros tinham as vidas a salvo; os feridos de ambos os lados eram tratados com especiais cuidados; até a vida dos bandidos de Wrangel capturados que o governo tinha lançado contra o povo insurrecto, foi generosamente poupada.

Após uma luta épica de duas semanas, a insurreição popular foi esmagada pela artilharia e pelas metralhadoras do governo que tinha conseguido mobilizar muitos bandos de oficiais, de sub-oficiais de reserva e milhares de contra-revolucionários de Wrangel, quando o povo insurrecto só dispunha de um armamento absolutamente insuficiente.

Uma vez senhora da situação, a burguesia mortalmente aterrorizada, deu livre curso ao ódio terrível pelo povo trabalhador que tinha ousado abalar os alicerces do seu domínio.

Os seus bandos furiosos empreenderam sob os nossos olhos o massacre do povo insurrecto. Nem sequer pouparam os feridos, a população tranquila, as mulheres e as crianças. Atacaram as aldeias e pilharam os bens dos trabalhadores nas regiões insurrectas.

Não queremos alongar-nos sobre a sangrenta vingança dos guardas brancos que hoje triunfam. Vós, que gemeis sob os seus golpes, sabeis mais acerca disso do que nós. Esta vingança será cruel, bárbara e feroz, ultrapassará em horror as atrocidades cometidas pelos guardas brancos em todos os outros países. Mas, por isso mesmo, escavará ainda mais profundamente *o fosso sangrento* entre a classe dos opressores e dos exploradores por um lado e o povo trabalhador por outro.

Nunca mais haverá paz entre eles!

Só a queda do governo sangrento dos banqueiros e dos generais monárquicos e o advento de um governo operário darão satisfação e trarão a calma às massas populares do país.

Caros Camaradas,

Lutamos juntos por uma grande causa popular. Hoje estamos derrotados. Mas a luta não terminou e a vitória final está mais próxima do que os nossos inimigos julgam. O povo búlgaro trabalhador nunca se resignará ao domínio de um governo de guardas brancos, de uma minoria ínfima, rapace e terrorista, sejam quais forem as belas frases com que ele se enfeitar, sejam quais forem as reformas «democráticas» de que se vangloriar. Tiraremos ensinamentos da nossa derrota e amanhã seremos mais fortes do que ontem, enquanto os nossos inimigos perdem cada vez mais terreno.

Animados por uma fé profunda na nossa causa que é uma *causa popular sagrada,* todos nós e todos os trabalhadores do país suportaremos heroicamente as dores e os sofrimentos da derrota, serviremos a causa do povo com uma energia e um entusiasmo redobrados, dedicar-nos-emos de novo à causa popular e só pararemos quando estivermos vitoriosos.

Voltaremos a cerrar as nossas fileiras desbastadas e desorganizadas. Curaremos rapidamente as feridas que nos foram feitas.

Com esforços e sacrifícios comuns, auxiliaremos as viúvas e os órfãos, as famílias necessitadas e os nossos camaradas expulsos para o estrangeiro.

Não dispersemos as nossas forças em actos terroristas isolados, uma vez que sabemos perfeitamente que só venceremos pela luta organizada do povo trabalhador e que a mais cruel vingança para os carrascos do povo será a queda do governo dos guardas brancos e a vitória final do governo operário e camponês.

Manteremos e reforçaremos, antes de mais, a aliança *de todos os trabalhadores das cidades e dos campos* que foi firmada durante as lutas de Setembro com o sangue vertido em comum por milhares de militantes caídos pela causa do povo.

Não há lugar para o desânimo, para o desespero e para a cobardia.

Erguei as cabeças, combatentes gloriosos!
Viva o governo operário e camponês!
Viva a Bulgária trabalhadora!

Outubro de 1923.

VASSIL KOLAROV e JORGE DIMITROV

Traduzido segundo o texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 266-276.

DEPOIS DA INSURREIÇÃO

A insurreição de Setembro das massas trabalhadoras na Bulgária foi sufocada e afogada em fogo e em sangue. O povo que se tinha insurgido contra o poder burguês e fascista usurpador, a favor de um governo operário-camponês foi provisoriamente derrotado, sobretudo porque não tinha conseguido concentrar rapidamente as suas forças e porque foi obrigado a lutar quase sem armas, quando o governo de Tzankov — depois de ter agrupado à sua volta todos os obscuros elementos antipopulares do interior do país e do exterior — dos banqueiros e especulações aos generais e professores contra-revolucionários, dos partidários de Wrangel e velhos soldados macedónicos, aos socialistas da direita, cobardes e carreiristas — tinha à sua disposição toda a força armada do país.

Cinco mil comunistas, agrários e valentes filhos do povo, selvaticamente massacrados; quinze mil operários, camponeses, professores primários, padres e outros intelectuais ao serviço do povo, presos, maltratados e ignominiosamente mutilados; milhares de famílias arruinadas e enlutadas; um grande número de mulheres e jovens vergonhosamente violadas; muitas cidades e aldeias desvastadas; todo o país, desde Bourgas e Stara Zagora a Ferdinand e Berkovitza — inundado de sangue e lágrimas; crueldades e atrocidades, que o povo búlgaro, nem sequer durante o jugo otomano de cinco séculos, suportou em tão grande escala — eis o resumido mas tão aterrador e odioso balanço da bárbara vingança da clique enraivecida dos banqueiros e dos especuladores, dos militares e dos monárquicos no poder na Bulgária!

Todavia, o aniquilamento da insurreição, bem como as crueldades e os assassínios em massas, levados a cabo contra a fracção mais esclarecida e mais activa do povo búlgaro *não consolidaram de modo algum* a situação do poder usurpador, *não solucionaram, nem sequer eliminaram* a crise política que o país sofreu.

Muito pelo contrário. É precisamente por causa do sangue vertido no mês de Setembro que as posições do governo de Tzankov estão tão abaladas sob o peso da enorme derrota moral que a sua política terrorista e antinacional sofreu. O carro da sua «União Democrática», corroído pelas divergências internas e pelos conciliábulos, range demasiado. O Partido Social-Democrata, que está ao serviço deste governo para mascarar a sua vergonhosa nudez, está minado por uma crise aguda e dolorosa. A diversão eleitoral a que o governo recorre, lançando o país num estado de guerra e num terror inaudito, volta a provar mais uma vez a liquidação total dos últimos vestígios do parlamento burguês e o estabelecimento definitivo de uma ditadura militar e fascista declarada, *incapaz de solucionar as suas contradições internas e os seus problemas vitais relacionados com a existência, a liberdade, a paz e a independência do povo e do país.*

Ainda por cima, a situação criada depois da insurreição no interior do país é insustentável e não poderia de modo algum durar muito mais tempo. A Bulgária está pura e simplesmente transformada em domínio familiar de um punhado de banqueiros, de especuladores e de exportadores, *bárbara masmorra* onde apodrecem as melhores forças do povo e cujas portas estão constantemente abertas para tragar *centenas e milhares de fiéis* filhos do povo.

O desenfreado poder fascista pôs a ferro e fogo regiões inteiras do país que hoje parecem cemitérios. Não existe absolutamente nenhuma segurança não só no que diz respeito à liberdade, como também no que respeita à honra, aos bens e à vida de todos aqueles que se opõem à clique dos banqueiros e dos especuladores, dos militares e dos monárquicos no poder. O sistema dos assassínios políticos é praticado por toda a parte no país. Já é aplicado não só em relação aos comunistas e aos agrários, como também em relação aos adversários burgueses dos dirigentes arrogantes, como é o caso do assassínio político recentemente perpetrado contra a pessoa do Dr. Guenadiev ([12]). *A pata sangrenta da reacção enraivecida abateu-se pesadamente sobre toda a vida económica, social e política do país.*

É claro que nesta conjuntura de regime de insegurança pessoal, civil e política, a crise económica que persiste depois da guerra, torna-se cada vez mais aguda e penosa para a maioria do povo trabalhador e para o país. Ninguém poderia pensar seriamente em aumentar a produção e em desenvolver as forças produtivas, quando o factor vivo da vida económica — os operários, os camponeses e todos os trabalhadores — estão sujeitos à ruína e à exterminação impiedosa; quando a sua vontade de fornecer um trabalho intenso e produtivo está paralisada; quando milhares e milhares de trabalhadores, em vez de trabalharem nas fábricas, nas oficinas e nos campos, estão amontoados nas prisões ou banidos na clandestinidade ou no estrangeiro; quando a economia nacional está privada de uma enorme parte dos seus homens aptos para trabalhar, mortos, torturados ou mutilados, e quando centenas de aldeias foram saqueadas, pilhadas, privadas de alimentos, de sementes e de «cheptel» (*) vivo ou morto.

Só a especulação com os artigos de primeira necessidade, o monopólio dos banqueiros e dos exportadores, a pilhagem das massas operárias e dos pequenos produtores rurais e urbanos podem prosperar nesta noite opaca da pilhagem.

E os resultados de tudo isto aí estão. Enquanto os camponeses entregam os seus cereais ao Estado a preços desumanamente baixos, o preço do pão para a massa dos consumidores das cidades e das aldeias aumenta constantemente. Os preços sobem rapidamente. A exploração do trabalho dos operários aumenta pela diminuição dos salários e pelo aumento arbitrário da duração do trabalho. Prepara-se um novo acréscimo do fardo dos impostos.

Os especuladores, os capitalistas, e os grandes proprietários de imóveis causam desordem. A vida dos operários, dos camponeses, dos empregados e dos intelectuais saídos do povo torna-se intolerável como nunca na Bulgária.

(*) Forma de arrendamento do gado em que os lucros são divididos entre o arrendatário e o criador — *(N. do T.)*

A situação da Bulgária no domínio da política externa e internacional, também se traduz por uma instabilidade total e encerra surpresas cheias de perigo para o povo búlgaro. Depois de ter afastado as massas trabalhadoras e os seus Partidos de massa (o Partido Comunista e a União Agrária) da *participação aberta* na vida política do país, este último não só se tornou *uma presa* nas mãos dos banqueiros e dos especuladores, dos aventureiros militares e monárquicos no poder, como também se transformou *num instrumento dócil* dos imperialistas ocidentais e conquistadores muito conhecidos da Península balcânica. O governo de Tzankov, que opôs às massas populares os canhões e as metralhadoras cavou com o sangue que fez correr em Setembro um abismo entre si e o povo. Como, actualmente, no interior do país, só conta com o apoio de um punhado de fascistas burgueses e dos bandos de Wrangel e dos homens de mão macedónios, o governo de Tzankov torna-se um joguete lamentável nas mãos desses imperialistas e conquistadores, e para se manter no poder, contra a vontade do povo, faz-se «mais calmo do que a água e mais baixo do que a erva», fazendo-lhes todas as vontades e satisfazendo-lhes todos os caprichos.

Não é por acaso que é precisamente no momento em que o sangue do povo ainda não secou e que os coveiros governamentais ainda não conseguiram reunir todos os cadáveres das pessoas abatidas pelos bandos dos guardas brancos e em que o ministro dos Negócios Estrangeiros regressa de uma longa viagem às capitais europeias declarando solenemente que «toda a Europa» tinha actualmente total confiança na Bulgária que conseguiu acabar com o «bolchevismo» no seu próprio país — *é precisamente neste momento que a Comissão Central das indemnizações ordena à Bulgária que pague uma enorme quantia, avaliada em mais de um milhão de leva, a título de despesas de ocupação não previstas no Tratado de Paz e no Acordo sobre indemnizações, confiscando o último pagamento búlgaro a título de reparações para cobrir estas despesas.*

A imprensa governamental protesta em vão contra o que considera um castigo que o governo búlgaro não merece de modo algum. Não, senhores! O comportamento da Comissão Geral das indemnizações é uma *consequência natural do aniquilamento em sangue do movimento popular.* Ele mostra claramente ao povo búlgaro aquilo que este deve doravante esperar da parte dos imperialistas ocidentais, sob o regime sanguinário do actual governo usurpador! Os conquistadores estrangeiros sabem perfeitamente que, depois do triunfo temporário da reacção burguesa na Bulgária, podem impor sem obstáculos ao povo e ao país aquilo que muito bem lhes aprouver, por intermédio dos seus *dóceis lacaios,* chamados — oh ironia! — *governo búlgaro.*

A clique dos banqueiros e dos especuladores, dos militares e dos monárquicos, ávidos de riqueza e de poder, arrastou, por conseguinte, o país para um *impasse* e empurrou o povo búlgaro para a beira *do abismo,* da ruína no plano interno, e da sujeição económica e política no plano externo.

Para evitar este *impasse* e este *abismo* escancarado, é preciso libertar, o mais depressa possível, o país e o povo do bando reaccionário, cujas mãos estão manchadas de sangue, de aventureiros e de bandidos e *estabelecer o poder da maioria dos trabalhadores.*

Deste modo, o problema do poder — *quem deve ser o senhor do país: a maioria popular dos trabalhadores, ou a minoria dos exploradores capitalistas?* — continua a ser tão actual como antes do 9 de Junho e durante a insurreição de Setembro e espera, hoje de novo, a sua rápida solução.

E apesar dos numerosos e dolorosos sacrifícios impostos às suas fileiras, apesar do sangue que correu em borbotões, aproveitando muito das lições tiradas da sua derrota provisória em Setembro, reunido numa união fraterna, sólida e indestrutível, dos operários, dos camponeses e de todos os trabalhadores, o povo trabalhador búlgaro saberá encontrar as forças que lhe são necessárias para resolver o grande problema que as necessidades da vida e a história lhe apresentam. *Criará, finalmente, o governo operário e camponês na Bulgária!*

Rabotnicheski vestnik
N.º 2,
de 7 de Novembro de 1923.
Assinado J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 277-282.

DOIS APELOS LANÇADOS ÀS MASSAS TRABALHADORAS DE TODO O MUNDO

Os dois apelos que se seguem são dirigidos às respectivas organizações internacionais e já publicados na imprensa operária comunista, socialista, agrária e outra, europeia e balcânica, simpatizante com a insurreição popular na Bulgária.

O Secretário da Federação
Internacional Sindical em Amsterdão

O Departamento Executivo
da Internacional Sindical Vermelha
em Moscovo

Caros Camaradas,

O governo usurpador, estabelecido pelo golpe de Estado de 9 de Junho na Bulgária organizou, para se consolidar, uma monstruosa campanha reaccionária contra todo o povo trabalhador e em especial contra o movimento operário do país.

Esta campanha atingiu o seu ponto culminante no dia 12 de Setembro de 1923, no momento em que, sob o pretexto completamente forjado segundo o qual os comunistas fomentariam um golpe de Estado para o dia 17 de Setembro, o governo prendeu mais de 2000 militantes operários e camponeses e tentou prender outros tantos que tinham conseguido

esconder-se depois das primeiras prisões, fechou os clubes operários, mandou dissolver as organizações operárias e proibiu a imprensa operária.

A greve de protesto de 24 horas, desencadeada nessa ocasião foi afogada em sangue e as reuniões e os «meetings» de protesto foram objecto da mesma brutalidade por parte das autoridades. Todas as vias de luta legal e de autodefesa das massas operárias foram fechadas e utilizou-se uma violência brutal nas cidades e campos de todo o país.

Foi assim que se provocou e se tornou uma necessidade a Insurreição de Setembro do povo trabalhador contra o governo usurpador e tirânico por um verdadeiro governo popular operário e camponês.

Apesar da rara unanimidade e do entusiasmo extraordinariamente grande do povo insurrecto, apesar do seu zelo sem igual em lutar até ao fim pela liberdade, foi vencida pelos bandos governamentais, sobretudo devido ao seu armamento insuficiente, quando o governo dispunha de artilharia e de metralhadoras em abundância e se servia dos dez mil oficiais e soldados russos de Wrangel que se encontravam em território búlgaro, bem como de uma parte da organização macedónia armada.

Esmagando deste modo a insurreição popular, o governo vinga-se agora de maneira bárbara atacando a população desarmada. Cerca de 15 000 operários e camponeses enchem as prisões. Os presos são ignominiosamente maltratados. Alguns de entre eles são fuzilados sem nenhuma forma de processo. As famílias de muitos dos insurrectos são exterminadas, não se poupando sequer os velhos, as mulheres e as crianças. Aldeias inteiras são bombardeadas pela artilharia e incendiadas. A população que foge para os montes Balcãs para escapar aos ferozes bandos governamentais é apanhada pelo fogo da artilharia e pelo tiro das metralhadoras. Todos os ferroviários, bem como outros operários e empregados, membros dos nossos sindicatos, foram despedidos, foi-lhes proibida a residência e lançados, com as suas famílias, à fome.

As atrocidades e os crimes monstruosos do governo dos banqueiros e dos generais não podem ser descritos. Para justificar parcialmente as suas crueldades e os seus crimes, o

governo espalha actualmente as mais fantásticas mentiras, segundo as quais o povo insurrecto teria cometido assassínios, actos de violência e de pilhagem durante o levantamento. A verdade é muito diferente. As autoridades revolucionárias não cometeram assassínios, actos de violência e de pilhagem, como também não realizaram actos de vingança pessoal. Nem um cabelo caiu das cabeças dos poucos prisioneiros inimigos da insurreição e representantes do poder governamental; os bancos e os bens do estado, bem como todos os outros bens foram cuidadosamente poupados, assim como a vida dos oficiais de Wrangel capturados magnanimemente poupada, porque o povo que lutava pela liberdade queria evitar toda a espécie de mancha à sua causa sagrada.

Em nome de todo o proletariado búlgaro e dos milhares de vítimas de carrascos dirigentes, dirigimos à Federação Internacional Sindical de Amsterdão e à Internacional Sindical Vermelha em Moscovo, bem como a todas as organizações sindicais filiadas, em Inglaterra e em França, na Alemanha e na Áustria, na Bélgica, na Suíça e na Checoslováquia, nos Países Escandinavos e na Rússia, na Jugoslávia, na Grécia e na Roménia, como noutros países, um apelo urgente e ardente, para elevarem as suas vozes num protesto contra o vandalismo sem precedentes do governo contra-revolucionário e fascista búlgaro, para auxiliarem tanto quanto puderem, o proletariado búlgaro nestes momentos para ele tão duros, bem como dos milhares de operários e de camponeses insurrectos que procuraram refúgio na Jugoslávia, na Roménia, na Grécia e na Turquia.

Estamos certos de que todos os sindicatos operários, independentemente das suas tendências políticas, não tardarão a manifestar a sua solidariedade proletária internacional para com os seus irmãos da Bulgária que actualmente sofrem as atrocidades do mais feroz terror branco, e aos quais darão rapidamente todo o seu apoio moral e material.

Fortalecido por este apoio precioso, o proletariado búlgaro recompor-se-á mais facilmente dos duros golpes dados pela burguesia enraivecida, curará mais rapidamente as feridas causadas pela sua derrota, recompor-se-á e reduzirá o árduo

caminho da sua vitória definitiva sobre a reacção e o capitalismo.

5 de Outubro de 1923.

O secretário da União Geral
dos Sindicatos Operários na Bulgária
J. Dimitrov.

Rabotnitcheski vestnik
N.° 3,
de 11 de Novembro de 1923.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 283-286.

ÀS MASSAS TRABALHADORAS DE TODO O MUNDO E AOS OPERÁRIOS E CAMPONESES DOS PAÍSES BALCÂNICOS

Após o aniquilamento provisório da insurreição popular na Bulgária contra a clique militar, monárquica e dos banqueiros, que detém o poder, um grande número de revolucionários operários e camponeses, perseguidos pela sangrenta vingança dos bandos ferozes do exército branco, foram obrigados a procurar auxílio nos países vizinhos.

Na Jugoslávia já se encontram cerca de 1000 refugiados e o seu número não pára de aumentar. Um número ainda maior deles passou para o território grego e turco, e alguns deles conseguiram provavelmente penetrar na Roménia, ou noutros Estados mais afastados.

Os revolucionários refugiados no estrangeiro não se sentem vencidos, porque a causa do povo trabalhador que defendem de armas na mão nunca poderá ser vencida; esperam servir essa mesma causa lá fora, embora estejam expostos a dois grandes perigos, conhecidos por todos os combatentes da liberdade e para a eliminação dos quais só podem contar com os seus irmãos de sorte e de ideal — os operários e os camponeses dos outros países e, em primeiro lugar, os dos países balcânicos.

O primeiro e maior perigo tem origem na solidariedade internacional das classes no poder. Quando a burguesia se acha em confronto com as massas trabalhadoras insurrectas, despreza as disposições do direito internacional, esquece as suas tradições liberais de séculos e torna-se cúmplice dos carrascos sanguinários do povo. Os emigrados búlgaros no estrangeiro não estarão, aí também, expostos ao perigo de serem entregues nas mãos dos seus carrascos?

Por agora o governo jugoslavo mostra-se hospitaleiro e tolerante para com os revolucionários refugiados na Sérvia. Mas acaso existe alguma garantia de que, manterá esta atitude até ao fim e não se aproveitará em troca de certas concessões feitas pelo governo de Tzankov?

Ainda não sabemos como foram acolhidos os refugiados búlgaros na Turquia e na Grécia, mas, no que respeita ao governo romeno, sabemos que fechou as suas fronteiras aos revolucionários búlgaros. Todavia, apesar desta proibição, alguns deles conseguiram penetrar no território romeno; acaso não correm as suas cabeças, a cada instante, o maior dos perigos?

O direito de asilo, consagrado não só pela lei como pela tradição de todos os Estados civilizados, só pode ser garantido aos revolucionários búlgaros se as massas trabalhadoras dos outros países os protegerem. Ao dirigir-lhes um apelo caloroso para solicitar o seu auxílio e a sua assistência fraternas, os emigrados búlgaros contam, nestes momentos penosos, conciliar a consciência pública representada pelas organizações operárias e democráticas do mundo inteiro.

Mas o seu apelo tem um alcance ainda maior. O mundo civilizado deve saber que na Bulgária o poder se encontra nas mãos de um governo fascista e dos guardas brancos, manchado pelo sangue de numerosas vítimas e que, sedento de vingança, não dará tréguas aos seus adversários no estrangeiro. Depois do golpe de 9 de Junho, assassinou à traição Stamboliiski e toda uma série de outros militantes agrários detidos nas prisões, suprimiu cruelmente Khalatchev, chefe dos comunistas de Plevene, e levou em seguida o seu cinismo até ao ponto de condenar o seu cadáver à morte; enviou ao estrangeiro assassinos pagos para matar os chefes agrários que aí se tinham refugiado, de entre os quais as primeiras vítimas, foram o antigo ministro Daskalov ([43]) em Praga e o deputado Matov em Constantinopla.

Depois de ter organizado, por ocasião da repressão da Insurreição de Setembro, uma carnificina sem nome, pela qual passaram milhares de prisioneiros e de feridos, depois de se ter entregue às maiores crueldades e monstruosidades em relação a outros milhares de detidos, envia agora os seus sicários para perseguir os poucos chefes do movimento revolucionário — comunistas e agrários — que fugiram para o estrangeiro. Segundo informações de fontes seguras, enquanto certos governos, fiéis aos seus fins egoístas e imperialistas, dão o seu apoio ao governo de Tzankov fechando os olhos para as sangrentas perseguições contra a Bulgária trabalhadora, os filhos desta esperam que as massas operárias e camponesas do mundo inteiro ergam com indignação a sua voz contra o sangrento regime que reina na Bulgária e que consigam impor o isolamento moral e político dos seus cobardes e ferozes acólitos.

Mas os emigrantes búlgaros também se encontram sob os golpes da miséria. Os combatentes refugiados, cuja enorme maioria é constituída por operários e camponeses pobres, já sofreu grandes privações. Até que consigam encontrar trabalho, o que devido à crise económica e ao desemprego que aflige todos os países balcânicos, só dificilmente se consegue, também terão necessidade do auxílio material dos seus irmãos estrangeiros. As suas famílias, as suas mulheres e os seus filhos, abandonados na Bulgária sem meios de existência e cercados pelo ódio de classe e pela insaciável sede de vingança dos bandos fascistas, também têm necessidade de ser auxiliados. Solicitam este auxílio urgente e estão certos de o obter.

Deste modo, ao conceder a sua protecção política aos revolucionários búlgaros exilados no estrangeiro e ao dar, a eles e às suas famílias, um auxílio material, as massas trabalhadoras de todo o mundo darão uma resposta digna aos jesuítas e aos carrascos de Sófia que, espalhando a morte, o terror e a ruína através deste desgraçado país, procuram em primeiro lugar denegrir aqueles que lutam com dignidade e abnegação pela sua liberdade e prosperidade e em seguida suprimir fisicamente os seus chefes por meio de agentes pagos.

8 de Outubro de 1923.

Vassil Kolarov, Jorge Dimitrov.
Rabotnitcheski vestnik
N.º 3,
de 11 de Novembro de 1923.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 287-290.

QUEM GOVERNA NA BULGÁRIA?

A partir do golpe de Estado, o nosso país tem na realidade dois governos. O governo oficial do professor Tzankov não passa de uma capa para encobrir aos olhos do povo e do estrangeiro o outro governo, o de facto.

Este governo é «a convenção dos dez», constituída por pessoas fiéis à liga militar «Kubrate» (⁴⁴) e que agem de acordo e com o auxílio da direita autonomista de Todor Alexandrov. Esta «convenção» aparece de certa maneira como *o órgão de combate* do grande capital no país contra as massas trabalhadoras e os seus partidos e organizações políticas e está estreitamente ligada aos mesmos grandes bancos e casas de exportação que *financiaram* a preparação e a execução do golpe de Estado de 9 de Junho, sobretudo à associação de exportadores de tabaco — a organização capitalista mais poderosa do país.

«A convenção dos dez» tem o controle directo do Ministério do *Interior* por intermédio do general Russev, do do Exército — por intermédio do general Valkov, e do *dos Negócios Estrangeiros* — por intermédio do coronel Kalfov — *os três ministérios-chave* de qualquer governo. Além disso, já há muito tempo que conquistou o próprio primeiro-ministro Tzankov, homem de confiança dos meios bancários.

Em todos os casos importantes o Conselho de Ministros é posto perante *factos consumados* e apenas tem um papel de simples *registador* das decisões da «convenção».

Quando determinados ministros tentam por sua própria iniciativa tomar nos seus ministérios medidas que não são

do gosto dos bancos e das firmas de exportação, são obrigados a renunciar às suas iniciativas. A este propósito os decretos sobre a *exportação* e as *especulações na bolsa* publicados pouco depois do golpe de Estado pelo ministro radical das Finanças, constituem um caso particularmente característico: esses decretos foram logo no dia seguinte ou *anulados*, ou revistos e *corrigidos* em benefício dos grandes capitalistas e especuladores por «erro de impressão» no Jornal Oficial...

É precisamente esta «convenção dos dez», inspirada e largamente financiada pelo grande capital — búlgaro e estrangeiro — cuidadosamente dissimulado nos bastidores, que *comanda* a política e os actos do governo e *dispõe da liberdade, da honra e da vida dos cidadãos e do destino do país.*

A fusão já conhecida, muito original e assegurada pela coacção, dos Partidos dos narodniaquianos, dos democratas e dos radicais numa «União Democrática» (Demokratitcheski zgovor), *é obra sua.* Dos antigos chefes dos Partidos aqueles que, como se sabe, tentaram opor-se a esta fusão pela coacção, em breve renunciaram a qualquer oposição neste sentido em consequência das ameaças de morte de que foram objecto.

As desavenças relacionadas com a distribuição dos mandatos de deputados entre os Partidos da coligação governamental e os seus dirigentes também foram solucionados em consequência da intervenção terrorista da «convenção». Logo no dia seguinte a ter rompido as suas negociações com a «União Democrática» acerca da distribuição dos mandatos de deputados governamentais, o Comité Central do Partido Social-Democrata apressou-se a *reatar* as negociações e *renunciou, sob a sua pressão, às suas pretensões exageradas.*

O golpe dado no passado dia 12 de Setembro ao Partido Comunista foi decidido e organizado pela «convenção dos dez» por intermédio do seu ministro do Interior, o general Russev; só depois é que foi sancionado pelo Conselho de Ministros.

A grande quantidade de assassínios políticos desde 9 de Junho até ao presente e em especial durante os acontecimentos de Setembro, bem como o assassínio do Guenadiev, são também da responsabilidade desta «convenção». Segundo informações de fontes seguras é notório, sobretudo em relação ao assassínio de Guenadiev, que a «convenção» se aproveitou

de uma antiga «condenação» do estado-maior de Todor Alexandrov que, como não tinha podido ser executada de 1920 a 1921, tinha acabado por ser abandonada devido à nova situação política, sem no entanto ter sido anulada...

A fim de, também no futuro, assegurar a sua situação de governo de *facto,* a «convenção dos dez» tenta agora impor aos candidatos governamentais às eleições *declarações especiais de fidelidade* para com a «União Democrática», em virtude das quais os deputados governamentais, que não se acomodassem à «União Democrática» na próxima câmara, poderiam ser *privados dos seus mandatos de deputados.*

Eis o que representa o *verdadeiro* governo da Bulgária que, dissimulando-se nas trevas e exercendo o seu poder nos bastidores do governo oficial, cujos enfeites coloridos são os Partidos «de esquerda» dos sociais-democratas e dos radicais, *dirige o actual regime da reacção burguesa e fascista.*

É claro que a existência de semelhante *governo actuando nos bastidores* e que, devemos constatá-lo, se tem tornado ultimamente, cada vez mais incómodo mesmo para determinados meios burgueses que, eles próprios, sentem a pressão da clique bancária e especuladora, *não liberta ninguém da responsabilidade, nem diminui, de modo algum, a responsabilidade constitucional e de facto do governo oficial e de todos os seus membros em relação aos crimes até agora cometidos contra o povo trabalhador, em relação à mais sombria reacção que neste momento ataca o interior do país.*

Muito pelo contrário. *A responsabilidade* do gabinete de Tzankov, de todos os seus membros e dos Partidos que o apoiaram, *só aumenta,* porque aceitam ser os seus promotores e servir de capa a semelhante governo terrorista e conspirativo, tão intolerável e perigoso para o povo e o país.

A existência da «convenção dos dez» demonstra que na Bulgária, em vez de um governo normal, que se apoie nas mais vastas camadas sociais, apenas se encontra uma clique bancária e especuladora que governa graças a um poder escondido nas trevas, que não é obrigada a responder perante ninguém e, por isso mesmo, *capaz de todas as aventuras e de todos os crimes possíveis.*

Os eleitores-trabalhadores das cidades e das aldeias e de todo o país terão tudo isso em conta no momento em que a

coligação governamental, suprimindo todas as possibilidades de livre propaganda e de luta eleitoral, tenta actualmente legalizar através das próximas eleições legislativas o governo da «convenção» dos banqueiros e dos especuladores gerada pelo golpe de Estado de 9 de Junho, e continuarão a lutar pela libertação do povo e do país da intolerável situação actual, cheia de perigos internos e externos, pela criação de um verdadeiro poder popular — por um *governo operário e camponês na Bulgária* — com uma energia, com uma resistência e com uma pertinácia ainda maiores.

Rabotnitcheski vestnik
N.° 3,
de 11 de Novembro de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 291-295.

O QUE É PRECISO FAZER

São numerosas e grandes, para as massas trabalhadoras e, muito especialmente, para as suas organizações políticas — o Partido Comunista e a União Agrária —, as lições que se tiram da Insurreição de Setembro.

Todas estas lições muito preciosas se podem resumir em poucas palavras nos seguintes pontos principais:

Primeiro — a Insurreição de Setembro demonstrou que para derrubar o poder dos banqueiros e especuladores usurpadores e criar um governo operário e camponês, é, antes de mais, necessário empreender uma luta unânime e comum do povo trabalhador e assegurar a realização total da Frente Única entre o proletariado urbano e as massas camponesas trabalhadoras, bem como entre as suas organizações políticas e, em especial, entre o Partido Comunista e a União Agrária.

Segundo — a experiência da Insurreição de Setembro também demonstrou que a vitória do povo trabalhador sobre um poder que dispõe do aparelho de Estado e de todo o armamento do país só pode ser assegurada pelo número, pela unanimidade e pelo espírito de sacrifício das massas insurrectas; é preciso terem também a possibilidade de se armarem rápida e maciçamente e de isolar o governo a um tal ponto que este já não seja capaz de se servir, contra o povo, da massa do exército e de outras forças armadas consideráveis, como foi o caso dos destacamentos de Wrangel e das companhias macedónias durante os acontecimentos de Setembro.

Terceiro — a Insurreição de Setembro demonstrou claramente que a luta armada das massas pode ser coroada de êxito

em presença das duas primeiras condições, mas apenas se houver uma direcção política única da luta em todo o país, uma coesão sólida, uma compreensão total e uma confiança recíproca entre os Partidos políticos que dirigem o movimento popular.

Quarto — a Insurreição demonstrou que o momento de proceder a uma acção decisiva das massas e os métodos de luta pela destruição do poder dos usurpadores e dos tiranos não são normalmente determinados pela vontade dos Partidos populares, por muito importantes que estes sejam, mas pela clique governativa que detém o poder, pelas condições que esta gera; é por isso que os Partidos que chefiam o movimento revolucionário devem estar sempre preparados para aceitar a luta decisiva quando ela se revela inevitável e serem capazes de passar rapidamente de um método para outro, de acordo com as alterações ocorridas nas necessidades e nas condições da luta e de acordo com as acções do poder dos usurpadores.

São precisamente estas as principais lições, tão preciosas, de Setembro, que infelizmente custaram tantos sacrifícios ao povo e tanto sangue, de que devemos agora fazer com que as massas trabalhadoras, os seus dois Partidos políticos e em especial, o Partido Comunista, beneficiem plenamente, com vistas à preparação da vitória popular definitiva.

Porque hoje ninguém pode permitir-se a ter ilusão de que o povo trabalhador búlgaro se poderá libertar do actual regime usurpador e bárbaro por meio de eleições e pelos meios parlamentares que tão bem conhecemos, e ainda menos por meio de «eleições» semelhantes àquelas que se realizaram no dia 18 de Novembro. No actual período de completa liquidação do parlamentarismo, a que a burguesia de todos os países recorre, isso está completamente posto de lado. Até mesmo num país tão democrático como a República da Áustria, o seu primeiro-ministro Seipel não fez cerimónia em afirmar na véspera das últimas eleições legislativas que se o seu governo burguês de banqueiros não obtivesse a maioria parlamentar indispensável, não entregaria o poder a outro governo e seria obrigado a governar pela ditadura.

E também no nosso país, depois de tudo o que os usurpadores que governam fizeram desde o dia 9 de Junho até ao presente e sobretudo durante os acontecimentos de Setembro, para poderem a todo o custo conservar o poder, será possível que se encontre uma pessoa tão ingénua que possa acreditar que, no caso de, em consequência de algum milagre, as massas trabalhadoras obterem uma maioria parlamentar nas eleições em curso, o governo de Tzankov e a «convenção dos dez», escondida nos bastidores, se submeteriam à vontade popular admitindo a criação de um governo realmente popular?

O actual poder usurpador e de violência, que sem escrúpulos viola a constituição e as leis, que não se preocupa absolutamente nada com os mais elementares princípios e exigências do parlamentarismo, que voluntariamente levanta obstáculos a todas as vias e a todas as possibilidades de luta parlamentar e legal, que governa o país a ferro e sangue e aponta canhões e metralhadoras contra o povo, que recorre às maiores violências e aos assassínios políticos em massa, só pode ser derrubado por uma força popular de massa, cuja expressão através do boletim de voto nas condições vigentes se revela impossível ou pelo menos absolutamente insuficiente. Nunca a sabedoria popular «Uma cunha expulsa a outra», teve uma aplicação prática e uma justificação mais brilhante.

A utilização das preciosas lições da Insurreição de Setembro para a libertação do povo e do país do intolerável poder usurpador e tirânico dependerá antes de mais do Partido Comunista. Esta realizar-se-á tanto mais rapidamente quanto mais rápida for a restauração da organização do Partido, quanto mais rapidamente forem reorganizadas as suas abaladas fileiras e quanto mais firme for a unidade do próprio Partido, da sua direcção, da sua actividade e da sua luta.

Compreendemos perfeitamente que, em consequência dos acontecimentos de Setembro, a confusão ocorrida na unidade do Partido seja um fenómeno inevitável. Não só é compreensível, como também absolutamente obrigatório reconsiderar todos os valores do Partido depois desses acontecimentos. As divergências de opinião e as divergências em relação à táctica do Partido são, neste caso, um facto que se compreende.

Contudo, os interesses supremos do movimento das massas trabalhadoras, bem como o futuro do comunismo na Bulgária implicam a necessidade de superar rapidamente tudo isso no âmbito do Partido, respeitando estritamente a disciplina

de Partido. Através de uma autocrítica no âmbito do Partido e da camaradagem, pondo de lado os problemas secundários e pessoais e tendo apenas em vista os grandes interesses da luta pela libertação do povo e do país do poder dos usurpadores e da reacção cruel, por um governo operário e camponês, o Partido deve orientar unanimemente toda a sua táctica e toda a sua actividade de acordo com as lições históricas da Insurreição de Setembro.

É precisamente aqui que se encontra a chave da solução do problema búlgaro actual.

Quanto ao resto — os nossos inimigos, com os seus enormes crimes e as suas incomensuráveis loucuras para com os trabalhadores búlgaros e o país, trabalham eles próprios para isso, mais do que seria necessário.

Rabotnitcheski vestnik
N.° 4,
de 18 de Novembro de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 301-305.

A FRENTE ÚNICA

Uma das grandes conquistas do povo trabalhador búlgaro durante os últimos meses foi, sem dúvida alguma, a criação da *Frente Única* entre o proletariado das cidades e as massas camponesas e, muito especialmente, entre as duas organizações políticas de massa — a União Agrária e o Partido Comunista.

A necessidade vital e a enorme importância da Frente Única do trabalho revelaram-se particularmente claras e incontestáveis não só por ocasião do golpe de Estado de 9 de Junho como também por ocasião da Insurreição de Setembro.

É preciso sublinhar de modo absolutamente claro que o golpe de Estado de 9 de Junho só pôde ser organizado e vencer porque o governo de Stamboliiski e a direcção da União Agrária sabotavam de todas as maneiras a Frente Única entre a cidade e a aldeia, entre o proletariado das cidades e as massas trabalhadoras dos campos, aplanando deste modo *eles próprios*, sem o quererem, a via e facilitando o trabalho à clique de banqueiros e especuladores que cooperaram no golpe de Estado e dos seus acólitos militares e macedónios.

Também é preciso constatar que a grande razão *política* da derrota da Insurreição de Setembro reside no facto de ter sido suscitada e imposta antes de o processo iniciado depois do 9 de Junho com vista à edificação de uma Frente Única do trabalho e de uma aliança fraterna entre o Partido Comunista e a União Agrária estar *definitivamente* acabado.

Mas à custa de milhares de vítimas queridas e do sangue abundantemente vertido, a Insurreição de Setembro consagrou

e *selou para sempre* a Frente Única entre o proletariado e as massas camponesas e o avanço conjunto do Partido Comunista e da União Agrária na luta contra a reacção burguesa e fascista e para um governo operário e camponês.

Por seu lado, as eleições de 18 de Novembro demonstraram de maneira resplandecente *a força* da Frente Única das massas trabalhadoras e *o grande progresso* que tinha conseguido realizar durante um período relativamente curto.

A via da Frente Única está doravante claramente traçada. A edificação da Frente Única, englobando todas as outras organizações de operários, de empregados e de artesãos, atinge rapidamente o seu fim e levará inevitavelmente à vitória definitiva do povo sobre a desenfreada reacção burguesa e fascista, à criação de um governo operário e camponês.

É precisamente por isso que os inimigos do povo, os carrascos e os assassinos no seio da coligação governamental são tomados de *um terror mortal* sobretudo depois das eleições, suscitado pela Frente Única das massas trabalhadoras. E fazem actualmente esforços sobre-humanos para a *destruir*, para separar os operários e os camponeses que lutam em conjunto e sobretudo para afastar a União Agrária e *opô-la* ao Partido Comunista, uma vez que sabem perfeitamente que para dominar o povo é necessário, antes de mais, *dividi-lo, para melhor o derrotar.*

Para isso, a coligação burguesa-socialista e os numerosos «salvadores» do povo e as «pessoas bem intencionadas» que o aterrorizavam de modo desumano e o exterminava em massa durante as jornadas de Setembro e de Outubro, recorrem agora não só a meios de violência e da mais obscurantista reacção como também aos métodos de corrupção política e de demagogia vulgar.

Para realizar os seus tenebrosos planos, concentram actualmente a sua atenção essencialmente sobre a utilização dos mesmos elementos de direita da União Agrária que, até 9 de Junho, se faziam os promotores da política da burguesia campesina no seio da U. A. e do governo e sabotavam a Frente Única do Trabalho — política que punha o governo agrário e a direcção da U. A. em conflito permanente com as próprias massas trabalhadoras das cidades e dos campos e portanto, com o Partido Comunista.

Será possível que haja hoje em dia um único militante agrário, cheio de franqueza e de bom senso, que não reconheça que foi precisamente pela dissolução forçada das *comunas* (conselhos municipais comunistas) nas cidades que o governo agrário pôs, ele próprio, os centros urbanos nas mãos dos conspiradores e consolidou as posições da burguesia pela desorganização da União dos mineiros e dos ferroviários e as perseguições de que o proletariado foi vítima, facilitando deste modo o golpe de Estado de 9 de Junho e a derrota da Insurreição de Setembro?

É a esta política errónea e fatal ao povo trabalhador, que os seus promotores pagaram com as suas próprias cabeças, que a União Agrária pretende agora ligar-se?

Acaso se podem esquecer tão rapidamente as duras e sangrentas lições dos acontecimentos de Junho e de Setembro?

Acaso não é evidente, mesmo para o último operário ou camponês na Bulgária, que depois de tudo o que se passou no país durante os últimos seis meses, *repetir os antigos erros fatais e auxiliar, seja de que modo for os inimigos do povo no seu desejo de destruir a Frente Única das massas trabalhadoras e a aliança fraterna entre comunistas e agrários equivaleria a uma imensa loucura e a um inqualificável atentado contra os interesses vitais e supremos do povo búlgaro?*

Não, os escassos apóstolos da burguesia campesina, amigos e secretamente adeptos da coligação burguesa-socialista, nas fileiras da União Agrária, cometem um enorme erro se julgam poder voltar a encaminhar a U. A. e as massas camponesas para as antigas vias, tão perigosas e tão catastróficas.

O povo trabalhador das cidades e dos campos, bem como a sua vanguarda, reunida nas fileiras *do Partido Comunista* e da União Agrária, defenderá contra tudo a sua Frente Única *como a menina* dos seus olhos, porque a partir de agora compreendeu claramente que *só assim poderá libertar-se do regime bárbaro dos carrascos e dos assassinos do povo e tornar-se senhor do seu trabalho, da sua vida e do seu destino.*

Rabotnitcheski vestnik
N.° 7,
de 12 de Dezembro de 1923.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 321-324.

LÉNINE E O MOVIMENTO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO NOS BALCÃS

O movimento operário nos países balcânicos, e sobretudo na Bulgária, Sérvia e Roménia, encontrava-se desde o seu aparecimento sob a influência do movimento revolucionário da Rússia. Os primeiros organizadores, os primeiros dirigentes da classe operária destes países eram alunos directamente formados pelos marxistas russos. Os melhores quadros dos intelectuais da classe operária eram educados e formados sob a influência da literatura marxista russa, por um lado, e sob a influência da luta heróica dos revolucionários russos contra o czarismo, a burguesia e o oportunismo, por outro.

Mas o movimento operário dos países balcânicos deve o seu carácter revolucionário, claro e definido, antes de mais a Lénine e aos seus discípulos. A luta do proletariado balcânico durante os últimos anos está directamente ligada ao nome e à grande obra de Lénine.

Desde o início da guerra imperialista que Lénine conquistou os corações dos operários balcânicos em luta, pelo seu combate intransigente contra o imperialismo e seus ajudantes sociais-chauvinistas. O seu apelo profético e corajoso para salvar a humanidade trabalhadora pela ditadura do proletariado encontrou um eco profundo no seio das grandes massas operárias dos países balcânicos.

Quando, em Maio de 1917, Lénine proclamou a histórica palavra de ordem: «Todo o poder aos Sovietes» o proletariado búlgaro viu imediatamente o seu guia.

Depois da Revolução de Outubro, de que o próprio Lénine foi a encarnação viva, o seu nome tornou-se a bandeira da luta de libertação dos operários e camponeses balcânicos.

Os seus livros clássicos *O Estado e a Revolução* e *O Imperialismo, Estádio Supremo do Capitalismo* tornaram-se livros de cabeceira dos operários balcânicos em luta.

A grande ideia de Lénine sobre a aliança dos operários e dos camponeses que teve a sua encarnação total na revolução russa e assegurou a vitória da primeira revolução operária e camponesa no mundo era e continua a ser uma feliz revelação para as massas trabalhadoras balcânicas. Iluminou como um farol a via que o proletariado dos países balcânicos deve seguir para atingir a vitória na sua luta de libertação.

Foi precisamente nesta ideia que as massas trabalhadoras na Bulgária se inspiraram quando, em Setembro de 1923, se levantaram numa insurreição armada contra a reacção burguesa e fascista no poder, lutando pelo advento de um governo operário e camponês. A insurreição foi reprimida devido à superioridade das forças armadas do adversário, mas a aliança das massas operárias e camponesas consolidou-se para sempre; foi selada pelo sangue dos milhares de militantes que morreram e, actualmente, é o penhor da vitória próxima e definitiva dos trabalhadores búlgaros.

Em parte alguma o problema nacional foi tão confuso e complicado como nos Balcãs onde as diferentes nacionalidades estão misturadas e entrelaçadas nos limites de um território a ponto de constituírem um verdadeiro mosaico. O problema nacional é o problema fundamental da política balcânica. As classes e as dinastias burguesas nos países balcânicos, tal como nos grandes Estados imperialistas, utilizaram sempre e continuam a utilizar as contradições nacionais existentes para os seus fins de conquista, atiçando o ódio nacional nesses países e opondo-os uns aos outros.

Lénine deu uma solução justa e clara para o problema nacional que teve a sua expressão prática na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. A ideia do direito dos povos a disporem de si mesmo — lançada por Lénine — direito esse que, para as nacionalidades mais importantes, ia até à separação e à constituição de um Estado, lançou uma luz resplandecente sobre o complicado problema nacional dos Balcãs. As massas trabalhadoras dos países balcânicos viram com clareza que o problema é absolutamente solucionável e que a sua solução é possível não num terreno caro à burguesia

e às dinastias balcânicas — a partilha dos Balcãs — mas apenas pela livre reunificação de todas as nacionalidades que povoam a península dos Balcãs numa união federal que lhes pudesse assegurar a plena liberdade e o direito a dispor de si mesmas.

Graças à doutrina de Lénine, os operários em luta dos países balcânicos têm actualmente uma ideia mais clara da necessidade da unidade na sua luta política e económica. E graças também a essa doutrina, o movimento sindical nos países balcânicos não se tornou um instrumento dos diferentes Partidos burgueses. Possui um carácter revolucionário de classe em que os interesses de grupo e os diferentes interesses temporários são submetidos aos interesses, às tarefas e às finalidades comuns da classe operária.

E, se no movimento operário dos países balcânicos, o oportunismo tem um papel tão insignificante e exerce uma influência tão fraca como em nenhuma outra parte do mundo — à excepção da Rússia — sobre as massas trabalhadoras, isto explica-se pelo facto de seguir a via traçada pelo nosso grande educador e guia Vladimir Ilitch Lénine.

Actualmente, quando todos os operários, todos os camponeses dos países balcânicos choram a morte de Lénine, as suas ideias difundiram-se por toda a península dos Balcãs. São a estrela que os guia na noite escura da reacção burguesa e fascista que domina e ataca ferozmente por toda a parte, e anunciam a vitória próxima da União das Repúblicas operárias e camponesas balcânicas.

Krasnii Internacional dos Sindicatos n.º 1-4, 1924. Assinado: J. Dimitrov.	Traduzido do texto de: J. Dimitrov, *Obras*, t. VII. Edições do P. C. B. 1953, pp. 341-344.

UMA CONFERÊNCIA SOCIALISTA BALCÂNICA

O Comité Executivo da Internacional operária socialista decidiu, por ocasião da sua sessão de 17 de Fevereiro no Luxemburgo, convocar uma conferência dos Partidos socialistas dos países balcânicos. Esta conferência realizou-se em Bucareste nos dias 12 e 13 de Março. Além dos representantes dos Partidos Socialistas búlgaro, jugoslavo e romeno, Friedrich Adler ([45]) e Tseretéli ([46]) também participaram nesta conferência como representantes da Internacional operária socialista. O jornal vienense *Arbeiter Zeitung* de 18 de Março publica um comunicado oficial sobre esta conferência socialista balcânica. Consta desse comunicado que a conferência se reuniu para examinar as pesadas acusações feitas contra o Partido Social-Democrata búlgaro acerca da sua participação no golpe de Estado burguês e fascista de 9 de Junho do ano passado e na sangrenta repressão da Insurreição popular de Setembro, bem como do monstruoso massacre de alguns milhares de comunistas e de agrários. De acordo com este inquérito, a conferência também devia examinar a situação nos Balcãs.

Esta conferência «sui generis» não chegou a nenhuma conclusão sobre estes problemas. Em relação às acusações feitas contra o Partido Social-Democrata búlgaro e que foram objecto de deliberação durante dois dias, a delegação búlgara fez uma explicação oral e apresentou uma declaração escrita. Nesta declaração, de uma hipocrisia, e de um cinismo inauditos, os delegados do Partido Social-Democrata búlgaro defendiam a participação do seu Partido no golpe de Estado de Junho e no governo burguês e fascista para defesa dos «inte-

resses da democracia». Defendiam o governo de Tzankov contra a acusação de ser um governo fascista e declararam que este governo não era responsável pelas crueldades cometidas e pelos assassínios em massa durante as jornadas de Setembro, e que essas crueldades tinham sido cometidas por «comissários irresponsáveis», pelos quais não se poderiam considerar responsáveis nem o governo de Tzankov, nem o Partido Social-Democrata que nessa ocasião participava no governo. Finalmente, a delegação búlgara declarou que o Partido Social-Democrata búlgaro teria lutado e lutaria pela vitória da democracia.

É inútil sublinhar que estas declarações estão totalmente em contradição com os factos indiscutivelmente estabelecidos.

1. Actualmente, até mesmo para os representantes da Internacional Operária Socialista, já não é um segredo que o golpe de Estado de 9 de Junho não foi realizado para instaurar um regime democrático, *mas para devolver o poder às mãos da burguesia búlgara e, muito especialmente, às do capital bancário e financeiro, e isto contra a vontade das massas populares.*

2. O governo burguês e socialista formado depois do golpe de Estado não só não instaurou uma democracia, como introduziu no país um dos mais desenfreados regimes de reacção política e social, deu pulso livre ao capital bancário e especulador para pilhar as massas trabalhadoras, empreendeu perseguições descaradas contra as massas como nunca até ao presente tinha havido no país. *Este governo arrastou conscientemente as massas à autodefesa armada, para afogar em sangue os dois partidos populares mais importantes — o Partido Comunista e a União Agrária.*

3. O cobarde massacre de milhares de comunistas e de agrários foi realizado sob a *direcção do governo burguês e socialista pelos órgãos do Estado, pelos empregados* do Estado *e pelos oficiais de reserva mobilizados pelo governo, pelos destacamentos de Wrangel e os bandos da organização macedónia autonomista, com cujo apoio se realizou o golpe de Estado e nos quais o governo saído desse golpe de Estado se apoia.* Nove décimos dos comunistas e agrários massacrados não foram liquidados durante a insurreição mas sim mais tarde — *depois de terem sido presos por órgãos oficiais do governo, por decisão dos «comités civis», formados por adeptos do governo.*

4. Depois de 9 de Junho, o Partido Socialista procedeu a uma furiosa perseguição do Partido Comunista e da União Agrária, apoiou as provocações governamentais e as prisões em massa de militantes comunistas no dia 12 de Setembro. Nessa ocasião, enquanto milhares de filhos do povo eram massacrados e 15 000 outros comunistas e agrários desapareciam nas prisões, o Partido Social-Democrata *não só não protestou contra os «Comissários irresponsáveis» que cometiam essas crueldades, não só não abandonou o governo, como continuou cinicamente a sua campanha e declarou na imprensa e através dos seus ministros no governo que os comunistas e os agrários só tinham tido o que mereciam.* Enquanto o sangue dos presos assassinados à traição corria aos borbotões, o social-democrata Sakazov dizia que *tanto ele como o Partido Socialista aprovavam inteiramente e apoiavam as medidas tomadas pelo governo para restaurar a calma no país.*

5. Quando, após a sangrenta marcha vitoriosa contra o povo trabalhador, os Partidos governamentais dividiram entre si os mandatos por ocasião das eleições parlamentares, o Partido Socialista, *com o objectivo de obter um maior número de mandatos, invocou os seus grandes méritos na derrota da Insurreição de Setembro e na destruição dos «perigos inimigos intestinos» — o Partido Comunista e a União Agrária.*

6. E agora, depois de o Partido Socialista, doravante inútil para a burguesia, ter sido obrigado a abandonar a coligação governamental, continua a aprovar as perseguições contra os comunistas e os agrários. *Solidariza-se totalmente com a tentativa do governo para forçar o Supremo Tribunal a pronunciar, em virtude da lei draconiana sobre «a defesa do Estado»; uma decisão segundo a qual não só o Partido Comunista, mas também outras organizações da classe operária, como a União sindical geral dos operários, a cooperativa operária «Osvobojdénie»* (47) *e o Partido do Trabalho* (48) *recentemente criados, deveriam ser dissolvidos.*

E depois de tudo isto a conferência socialista balcânica, que examinou a atitude do Partido Socialista Búlgaro, *recusou-se a tomar qualquer espécie de decisão.* Limitou-se a

constatar que os representantes da Internacional operária socialista tiveram a possibilidade de apresentar um relatório ao Comité Executivo da Internacional.

O facto de os socialistas balcânicos e os representantes da Internacional operária socialista terem evitado condenar a vergonhosa e traidora política do Partido Socialista apenas significa uma *solidariedade tácita com o papel fascista dos socialistas búlgaros.* Isso constitui simultaneamente uma prova de que a Internacional operária socialista, actualmente chefiada por Friedrich Adler, *continua a ser uma organização de traidores à classe operária e ao socialismo.*

No que diz respeito à situação extremamente séria nos Balcãs e em relação ao problema macedónio, o problema mais complicado, mais importante e mais actual para os povos balcânicos, a conferência socialista limitou-se a uma «troca de impressões». Os representantes dos três Partidos socialistas, que participaram directamente na política nacionalista da burguesia nos seus próprios países, acusaram-se mutuamente de nacionalismo e de chauvinismo, sem chegar a um ponto de vista comum sobre as tarefas dos Partidos socialistas nos Balcãs neste momento e sobre a questão nacional.

A linha geral desta «troca de impressões» sobre estes problemas resume-se praticamente ao apoio do «statu quo» nos Balcãs — da situação criada pelos tratados de paz — embora visando, nesta base, resolver pacificamente os problemas nacionais existentes. Nem uma palavra a favor dos movimentos de libertação nacional dos povos oprimidos nos Balcãs; nem uma palavra a favor do direito de autodeterminação nacional; nem uma palavra contra a política de conquista da burguesia balcânica em relação à Macedónia, à Albânia, à Trácia e à Dobrudja; nem uma palavra contra a política de assimilação e de violência que a burguesia sérvia prossegue na Macedónia, na Croácia e na Eslovénia, a burguesia romena na Dobrudja, na Transilvânia, na Bucovina, na Bessarábia, etc., e, finalmente, nem uma palavra sobre a livre união dos povos balcânicos numa república federal balcânica que seria a única a poder traçar a via para a solução dos problemas nacionais tão complicados nos Balcãs e assegurar a liberdade e a independência nacionais dos povos balcânicos. Nem uma palavra sobre tudo isto!

A conferência socialista balcânica de Bucareste que, pela sua natureza, não era de modo algum uma conferência balcânica, demonstrou uma vez mais que os Partidos socialistas nos países balcânicos estão muito afastados das massas trabalhadoras, que se aliam à política nacionalista de conquista das suas burguesias e que são *impotentes para apontar a saída para a actual situação intolerável nos Balcãs e para solucionar os problemas nacionais.*

Os Partidos comunistas dos Balcãs, unidos na sua federação balcânica, agindo sempre em total acordo com a Internacional Comunista, continuam a ser os únicos fiéis defensores e os únicos dirigentes das lutas de libertação nacional e social das massas trabalhadoras dos Balcãs.

Inprekor
N.° 43,
de 8 de Abril de 1924.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras,* t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 353-358.

O PROBLEMA BÚLGARO E O KOMINTERN

I

O Partido Comunista Búlgaro (anteriormente chamado Partido Social-Democrata dos socialistas de esquerda) cresceu e desenvolveu-se durante uma longa e incessante luta contra o «menchevismo» e as outras tendências estranhas ao movimento operário na Bulgária. Seguindo sem desvios a via do marxismo revolucionário sofreu, em 1903, uma cisão dolorosa dos socialistas de direita (os mencheviques búlgaros) que arvoravam o estandarte da colaboração de classes e queriam transformar o Partido do proletariado num simples Partido reformista pequeno-burguês. Também passou por duas graves crises internas: em 1905 e em 1907, que tiveram como resultado a expulsão das suas fileiras dos «liberais» (1905) e dos «progressistas» (1907) que se declararam contra o carácter centralista do Partido e contra a sua férrea disciplina proletária.

Depois de se ter desembaraçado dos elementos reformistas, o Partido dos socialistas de esquerda obteve a simpatia e o apoio das vastas camadas das massas trabalhadoras na Bulgária pela sua luta intransigente contra a política nacionalista de conquista da burguesia búlgara durante a guerra balcânica (1912-1913) e viria a aumentar imenso o seu prestígio perante as massas pela sua luta corajosa contra a guerra imperialista.

Graças à sua perfeita organização, graças ao seu trabalho sistemático de agitação e de propaganda no seio dos operários das cidades e das massas trabalhadoras nos campos, graças

à hábil coordenação da luta pelos interesses imediatos e a luta comum do proletariado contra o capitalismo depois da Grande Guerra, o P. C. B. alargou e reforçou ainda mais a sua influência e tornou-se um verdadeiro Partido de massas, no pleno sentido da palavra. Num país cuja população não ultrapassava os 5 milhões, o Partido tinha, em 1922-1923, quase 40 000 membros, admitidos de maneira relativamente estrita. As suas estreitas ligações com as massas camponesas eram tão grandes que *dois terços dos seus membros eram camponeses trabalhadores.*

Apesar das severas perseguições, conseguiu, nas eleições, unir em torno dos seus candidatos, sob o estandarte do programa revolucionário, *mais de duzentos mil eleitores* (num total de 900 000 sufrágios). Todo o movimento sindical operário e o conjunto da luta reivindicativa no país encontrava-se por inteiro sob a sua direcção e a sua influência. Criou a cooperativa operária que, em três anos, conseguiu 70 000 membros. A sua imprensa e a sua literatura marxista ultrapassavam de longe, pelo seu número e qualidade, a imprensa e a literatura de todos os outros Partidos Comunistas, à excepção, evidentemente, do Partido Comunista Russo.

Defendendo invariavelmente os interesses das massas trabalhadoras, unindo a sua luta diária ao combate por um poder dos sovietes, o P. C. B. começou em 1922 a alargar ainda mais a sua influência entre as massas camponesas e a uni-las ao proletariado das cidades. Este reforço do Partido e a sua influência sempre crescente no seio dos camponeses trabalhadores provocaram uma profunda perturbação nos meios do governo agrário de Stamboliiski, que, de facto, se afastava cada vez mais das massas camponesas. O governo reforçou as perseguições contra o Partido Comunista e o movimento operário, perseguições que atingiram o seu paroxismo por ocasião das eleições legislativas durante a primeira metade de 1923. A vitória do governo Stamboliiski foi sem precedentes, a derrota dos Partidos burgueses — catastrófica. O Partido Comunista conservou toda a sua força e a sua importância. Stamboliiski julgou ter conseguido derrotar definitivamente a burguesia e que o único inimigo do seu poder, que restava para destruir, continuava a ser o P. C. B. O Governo preparou um projecto de lei sobre as «comunas agrícolas», prevendo a

confiscação dos bens de todos os camponeses comunistas que não quisessem renunciar ao Partido Comunista. Empreendeu uma campanha desenfreada contra os sindicatos operários, organizando simultaneamente os seus próprios sindicatos. O problema da proibição da cooperativa operária *Osvobojdénie* também foi levantado. As prisões estavam cheias de comunistas perseguidos. O poder dedicava-se a desarmar as massas. O governo chegou mesmo a apreender as armas anteriormente distribuídas pelos partidários da União Agrária. Entretanto, o governo de Stamboliiski deixava de facto o exército e a polícia, bem como o aparelho administrativo, nas mãos de oficiais fiéis à burguesia.

Deste modo foram criados o momento psicológico favorável e as condições materiais indispensáveis ao golpe de Estado militar-burguês de 9 de Junho de 1923.

Na resistência que opunha à política anti-operária do governo agrário e contra as perseguições brutais, o P. C. B., embora não esquecesse o perigo proveniente da burguesia especuladora e financeira, *enfraquecia, sem disso se aperceber a frente contra a própria burguesia.* Depois das eleições legislativas da Primavera de 1923, em que os Partidos burgueses apenas obtiveram 20 lugares, os dirigentes do Partido Comunista ficaram de tal modo espantados com a vitória eleitoral de Stamboliiski que julgaram afastado por muito tempo o perigo de um golpe de Estado burguês, e concentraram todos os seus esforços na luta contra o governo de Stamboliiski, considerando-o como definitivamente tornado um governo da burguesia camponesa.

Independentemente do facto de, devido à sua *vigilância,* o P. C. B., por duas vezes, ter conseguido em 1922, levantar a tempo as massas e conjurar as tentativas de golpe de Estado militar-burguês, quando o próprio golpe de Estado foi perpetrado, *este acontecimento era totalmente inesperado para os seus dirigentes.*

Em 1922, o P. C. B. adoptou uma posição justa no que diz respeito ao golpe de Estado em preparação. Apesar da atitude hostil do governo agrário para com a classe operária, estava disposto a aliar-se com a União Agrária e até mesmo com o governo agrário de Stamboliiski para se opor pelas armas a um eventual golpe de Estado da parte da burguesia.

O Partido também teve razão em dois casos: quando, em 1922, a liga militar da burguesia, com o auxílio dos wrangelistas, embora tendo chegado mesmo a fixar o dia do golpe de Estado, foi obrigada à última hora a abandonar a sua intenção. Mas depois da grande vitória parlamentar de Stamboliiski na Primavera de 1923, o Partido Comunista *subestimou* a importância e a força da União Agrária, ao explicar esta vitória antes de mais como obra do aparelho administrativo do governo, também *subestimou* as ligações do governo de Stamboliiski com as massas camponesas. Não fez tudo o que era indispensável para criar uma Frente única com as massas da União Agrária e ignorou totalmente o Partido Social--Democrata que, apesar de tudo, tinha uma certa influência entre os funcionários e a «intelligentsia» trabalhadora, bem como no seio de uma parte da pequena burguesia. Também não tomou a tempo uma posição clara determinada acerca do problema macedónio — pela defesa de uma Macedónia independente e unida — e permitiu à Organização autonomista macedónia cair nas mãos da burguesia e tornar-se o seu instrumento na realização do golpe de Estado.

Em vez de mobilizar todas as suas forças, em conjunto com a União Agrária e até mesmo com o seu governo, na luta contra a burguesia, *a direcção do Partido intensificou a luta do Partido contra o governo de Stamboliiski e contra a União Agrária.*

Com esta táctica errada, nós, dirigentes do P. C. B., *contribuímos em grande parte para o reforço das condições favoráveis ao golpe de Estado.*

Assim, o golpe de Estado de 9 de Junho foi para os dirigentes do Partido como que um trovão num céu claro *precisamente no momento em que menos o esperavam.*

Em vez de levantar imediatamente as massas do Partido que se encontravam sobre a sua influência juntamente com as da União Agrária, para paralisar o golpe de Estado, *a direcção do Partido adoptou uma posição passiva e abandonou os camponeses insurrectos aos caprichos do destino.*

Sob a influência da política anti-operária de Stamboliiski, a direcção do Partido *não viu a floresta por detrás das árvores.* Por detrás do facto da existência de um governo agrário comprometido aos olhos da classe operária, não compreendeu

e subestimou o facto histórico de maior importância — *o combate decisivo pelo poder entre os trabalhadores por um lado, e a burguesia por outro.*

Um Partido revolucionário como o P. C. B. o é, que ainda não conseguiu ultrapassar a herança do seu passado social--democrata e falho de uma suficiente experiência revolucionária, não cumpriu no momento decisivo o seu supremo dever revolucionário — *estar sempre e por toda a parte à cabeça das massas trabalhadoras que lutam contra a burguesia.*

A atitude passiva do P. C. B. em 9 de Junho foi *um erro fatal* que teve consequências funestas tanto para o próprio Partido como para o conjunto do povo trabalhador búlgaro.

Este erro foi *pago por ocasião dos acontecimentos de Junho e sobretudo pelos de Setembro, com milhares de vítimas queridas à humanidade e com borbotões de sangue operário e camponês.*

II

Logo que teve conhecimento das primeiras notícias sobre a posição errónea e fatal do P. C. B., o Comité Executivo do Komintern interveio e condenou-a severamente. Nessa ocasião, essa condenação por parte do Komintern foi considerada pelos círculos dirigentes do Partido e pela sua maioria como *injusta,* como o resultado de *um insuficiente conhecimento* da situação real das coisas na Bulgária por parte do Comité Executivo.

Mas esta condenação categórica auxiliou o Partido a modificar a sua táctica única para com a União Agrária e a concentrar as suas forças na preparação da luta decisiva para destruição do regime estabelecido a 9 de Junho. Deram-se passos decisivos para a criação de uma Frente única com a União Agrária e com a fracção da pequena burguesia e da «intelligentsia» trabalhadora que se achava sob a influência do Partido Social-Democrata. Fizeram-se todos os esforços para esclarecer a posição do Partido acerca do problema nacional (em especial a questão macedónia), para arrancar à influência da burguesia os milhares de macedónios emigrados e para desligar o governo de Tzankov a Organização armada autonomista macedónia de Todor Alexandrov. As massas preparavam-se febrilmente e em todos os campos para a luta armada

inevitável e iminente. *Os olhos de todo o povo trabalhador estavam postos no Partido Comunista.*

Mas depois de se ter apoderado do aparelho de Estado, a burguesia mobilizou rapidamente as suas forças e lançou-se ao ataque do Partido Comunista e das massas trabalhadoras. No dia 12 de Setembro, foi lançado um ataque contra-revolucionário, e em todo o país foi dado um golpe no Partido com a prisão inesperada dos seus dirigentes, tanto centrais como regionais, com o encerramento dos seus clubes, com a proibição da sua imprensa e, finalmente, com as mais brutais perseguições contra os seus membros, nas cidades e nos campos. A resposta inevitável por parte das massas trabalhadoras, dirigidas pelo Partido Comunista, foi *a Insurreição de Setembro.* Mas o ataque governamental provocou a insurreição das massas antes de estar terminada a indispensável preparação elementar.

Ao contrário do que sucedeu a 9 de Junho, o Partido Comunista tomou corajosa e resolutamente a direcção da insurreição e deu-lhe uma finalidade política positiva — *derrubar o governo dos banqueiros e dos exploradores saído do golpe de Estado de Junho, e estabelecimento do poder operário e camponês na Bulgária.* Ora, apesar do imenso heroísmo e da abnegação dos insurrectos, *a Insurreição de Setembro foi sufocada num mar de sangue.*

Deste modo, os próprios acontecimentos iluminaram com fogos de Bengala o erro histórico do Partido, cometido a 9 de Junho, *que confirmava sem margens para dúvidas a crítica feita pelo Komintern.*

Em Janeiro último, o Comité Executivo do Komintern voltou a examinar minuciosamente os acontecimentos de Junho e Setembro relacionados com a nova situação na Bulgária e com as tarefas do P. C. B. O Comité Executivo confirmou a sua posição anterior acerca de 9 de Junho, aprovou a táctica do Partido durante a Insurreição de Setembro e constatou que o Partido, ao conseguir passar da agitação e da propaganda à acção revolucionária que se impunha, tinha ultrapassado a sua herança social-democrata.

Após a derrota de Junho-Setembro, o próprio Partido passou por um longo período de renascimento interior. Foram claramente compreendidos os erros cometidos, foram bem

aprendidas as lições dos acontecimentos de Junho e Setembro, foi totalmente corrigida a táctica sobre a questão camponesa, a Frente única e o problema nacional. Numa palavra, o Partido Comunista no seu todo aceitou *unanimemente* uma justa orientação revolucionária. Os membros do C. C. do Partido no período anterior aos acontecimentos de Junho e Setembro reconheceram, *todos sem excepção,* a justeza do ponto de vista do Komintern. O Partido expurgou as suas fileiras dos elementos liquidadores e renegados e, apesar das extraordinárias dificuldades do trabalho ilegal realizado nestas condições excepcionais, mobilizou e preparou simultaneamente as massas e os elementos revolucionários da União Agrária para derrubarem inevitavelmente pela força a ditadura burguesa-fascista e estabelecerem no país o poder operário e camponês.

Na sua última conferência, o P. C. B. (49) adoptou por unanimidade uma resolução sobre os acontecimentos de Junho e Setembro, onde se afirma:

> «Depois de ter examinado a resolução do Comité Executivo do Komintern sobre o problema búlgaro, e nomeadamente sobre o golpe de Estado de Junho, a Insurreição de Setembro, as divergências no Partido, o problema da Frente única e o do governo operário e camponês, a conferência do P. C. B. tomou a seguinte resolução: solidarizar-se plenamente e em toda a consciência com a apreciação do Comité Executivo do Komintern sobre os acontecimentos e sobre a táctica do Partido durante o período analisado na dita resolução.
>
> A Conferência declara que o Partido, incluindo todos os membros do C. C. que se encontram na Bulgária e fora do país, reconhece inteiramente: 1. que, até 9 de Junho, o Partido tolerou sérios erros na aplicação da táctica da Frente única e, 2. que, no dia 9 de Junho, cometeu por culpa do C. C. um erro histórico fatal: em vez de tomar resolutamente posição ao lado dos camponeses insurrectos, adoptando a palavra de ordem para um governo operário e camponês, adoptou a táctica da passividade na guerra civil desencadeada

e permitiu deste modo, que a burguesia se apoderasse do poder. Mesmo que fosse evidente que o resultado da participação na frente armada do trabalho só poderia ser o restabelecimento do governo de Stamboliiski, o Partido não devia, apesar disso, manter-se inactivo, mas sim intervir. Isso teria permitido conservar posições incomparavelmente mais favoráveis para o proletariado e para o povo trabalhador.

A conferência considera que a orientação adoptada pelo Partido, em relação à insurreição armada, no início do mês de Agosto, é absolutamente correcta, mas condena a táctica de 9 de Junho, obstinadamente defendida pela maioria do C. C. e do Conselho do Partido até Setembro e mesmo depois, apesar da posição diametralmente oposta que o Comité Executivo do Komintern acerca dela tinha: a justificação da posição errónea do C. C. prejudicou bastante a orientação consciente do Partido para a insurreição armada.

A conferência considera justa e orgulha-se pelo facto de, durante a insurreição armada que foi desencadeada por iniciativa das massas populares em resposta ao golpe decisivo preparado pelo poder fascista para destruir o P. C. B., o Partido ter tomado a direcção da insurreição e ter definido a sua finalidade — um governo operário e camponês; de apesar das condições terrivelmente difíceis do momento, ter tentado organizar a insurreição, unificá-la e alargá-la. O Partido não só demonstrou que era capaz de passar da propaganda e da agitação revolucionárias à acção revolucionária, como também que é um verdadeiro Partido Comunista que realiza com honra as tarefas que lhe são devidas: preparar e orientar os trabalhadores para uma nova insurreição armada, pelo estabelecimento de um governo operário e camponês e de uma ditadura proletária de classe.

A conferência constata que o Partido já provou com toda a sua acção de conjunto que aprendeu uma lição com o passado e que se mantém firme na linha adoptada em Setembro.

A conferência declara que a táctica da Frente

única aplicada por toda a Internacional Comunista é absolutamente justa. Isto também é demonstrado pela sua aplicação no nosso país. Acima de tudo, a Frente única com as massas e também com as organizações dos camponeses com o fim de criar um governo operário e camponês, também se revela, nas nossas condições pequeno-burguesas, a única táctica justa que o P. C. B. deve sempre, consequente e habilmente, seguir, para conduzir o proletariado e os trabalhadores para a vitória final.

Olhando para o passado, a conferência considera que o Partido tem absoluta necessidade de um contacto muito estreito e de uma harmonia total com a Internacional Comunista. Por isso, estabelece como obrigação do C. C. velar rigorosamente pela escrupulosa aplicação das decisões da Internacional Comunista e do Comité Executivo do Komintern, e, por intermédio da sua representação no estrangeiro, do Presidium do C. C. do P. C. B., e do seu representante no Comité Executivo do Komintern, estabelecer com eles relações contínuas e regulares.»

Convém constatar que o P. C. B. enveredou actualmente, não só verbalmente mas também por actos, pela única via revolucionária justa, sem recear as imensas dificuldades nem os enormes sacrifícios que acompanham a sua luta.

Assim, pode-se considerar que, com o auxílio do precioso apoio do Komintern, o *problema búlgaro* sobre o movimento Comunista na Bulgária está *praticamente esgotado.*

O V Congresso do Komintern [59] esgotou-o definitivamente ao confirmar a justeza das decisões do Comité Executivo do Komintern sobre o problema búlgaro e ao aprovar e apoiar a actual orientação do P. C. B., recomendando a todos os Partidos irmãos, filiados no Komintern, que utilizassem o mais possível a *lição búlgara,* que tão caro custou aos operários e camponeses búlgaros.

Komunistitcheski Internacional
N.° 7-8, 1924.
Assinado: J. Dimitrov.

Traduzido do texto de:
J. Dimitrov, *Obras*, t. VII.
Edições do P. C. B.
1953, pp. 1-11

NOTAS

(1) Ao falar de «política social» Jorge Dimitrov subentende a política de duplicidade do II regime stambolovista de 1903 a 1908. Sob a pressão do crescente movimento operário, este regime, dirigido pelo Partido Social-Democrata, foi obrigado a fazer certas concessões à classe operária, criando, por um lado, a lei sobre o trabalho das mulheres e das crianças, a lei sobre a assistência concedida aos assalariados do Estado no caso de invalidez, e, por outro lado, calcava brutalmente a liberdade e os direitos elementares da classe operária, criando uma série de leis anti-operárias.

(2) «Zubatovchtina» — do nome do coronel Zubatov da real polícia política (okhrana) russa. Este mesmo Zubatov tinha tentado criar no início do nosso século organizações operárias legais, filiadas na polícia, em oposição às organizações operárias de classe.

(3) A União das Indústrias Búlgaras foi fundada em 17 de Março de 1903.

(4) No dia 29 de Junho de 1901, por iniciativa do Comité Central das associações artesanais, reuniu-se em Sófia o I Congresso Industrial-Artesanal, que fundou a União Industrial-Artesanal. Entre os delegados ao Congresso havia comerciantes, industriais e artesãos.

(5) O início do nosso século viu desenhar-se nitidamente duas correntes no seio do Partido Social-Democrata búlgaro — a corrente revolucionária e a corrente oportunista, que se opunham no plano dos problemas de princípio, de táctica e de organização. A corrente revolucionária chefiada por Dimitre Blagoëv, Guéorgui Kirkov, Gavril Guerguiev, Jorge Dimitrov e outros, combateu pela salvaguarda dos princípios do marxismo, pela defesa do carácter de classe do Partido, pela criação de um Partido realmente proletário, ideologicamente unido, combativo, capaz de orientar lutas revolucionárias. A corrente oportunista, era chefiada por Ianko Sakazov, partidário da «causa comum» (obchtodeltsi), da colaboração de

classe com a burguesia; esta corrente representava o revisionismo, o «bernsteinismo» no solo búlgaro. Depois da cisão do Partido em 1903, isto é, após a purga dos elementos sociais-reformistas e da eliminação da corrente dos «obchtodeltsi», o Partido tomou definitivamente o aspecto de um Partido marxista da classe operária. Em seguida, adoptou a doutrina de Lénine sobre o Partido e desenvolveu-se como Partido de um tipo novo. Por ocasião da cisão do Partido, os «obchtodeltsi» foram seguidos por organizações sindicais em que a pequena burguesia e a «intelligentsia» burguesa dominavam, enquanto as organizações das principais cidades em que predominava o elemento operário se reuniram ao Partido socialista de esquerda.

(6) No dia 18 de Junho de 1906, os operários das minas de Pernik, sob a direcção directa de Jorge Dimitrov, declararam uma greve geral. A principal reivindicação dos grevistas era obter o direito de formar um sindicato. Os grevistas foram apoiados por todos os operários da Bulgária, que organizaram «meetings» e reuniões e recolheram fundos de socorro. Em Sófia, realizou-se uma manifestação de solidariedade operária. A greve durou 35 dias. Não conseguiu impor ao governo todas as reivindicações dos operários, mas obteve a satisfação das mais importantes e os mineiros fundaram um sindicato dos operários das minas. Esta greve contribuiu consideravelmente para a expansão do movimento operário na Bulgária.

(7) No dia 20 de Dezembro de 1906 foi declarada uma greve geral dos ferroviários, que, até ao momento presente, continua a ser a mais importante de Bulgária. Antes de entrarem em greve, os ferroviários tinham enviado à Assembleia Nacional uma petição, assinada por mais de 3000 operários e empregados. O presidente do Conselho, D. Petkov, recusou-se a receber a sua delegação. Em resposta a esta petição, o governo votou à pressa uma lei que recusava aos assalariados do Estado o direito a participarem em greves, uma lei que punia com a privação do direito à reforma os assalariados do Estado que participassem numa greve, uma lei que proibia os operários e os funcionários de fundar sindicatos e de editar jornais operários. A oposição burguesa tentou servir-se desta greve para provocar a queda do governo de D. Petkov. O sindicato operário dos ferroviários, sob a direcção do Partido, participou na greve, mas não na sua orientação e publicou um apelo dirigido aos ferroviários desmascarando a política demagógica dos Partidos burgueses na oposição. A greve geral dos ferroviários durou 42 dias.

(8) Vários jornais burgueses (Fevereiro, 1907) anunciaram sob o título «União de luta contra as greves» que as organizações dos industriais, dos comerciantes e dos artesãos estão em conversações para formar um bloco que combata por todos os meios as greves. Foi formado um comité constituído por destacados membros das organizações atrás citadas, para dirigir essa luta.

(9) Trata-se da libertação nacional da Bulgária pelos exércitos russos vitoriosos da guerra russo-turca em 1877-1878.

(10) Ver nota 7.

(11) As condições de vida excepcionalmente difíceis dos ferroviários na linha da Companhia Oriental Belovo-Plovdiv-Svilengrado-Constantinopla, na sua maioria estrangeiros, estiveram na origem de uma greve começada na Turquia e propagada quase simultaneamente à Bulgária, no dia 5 de Setembro de 1908. Os grevistas reivindicaram um aumento de salários, uma diminuição do dia de trabalho, o estatuto das relações entre administração da companhia e os empregados dos caminhos de ferro.

(12) No início de 1907, os Partidos burgueses e pequeno-burgueses na oposição — narodniaquianos, tzankovistas, democratas, radicais e obchtodeltsi coligaram-se sob o nome de «bloco patriótico» para, em conjunto, lutarem contra o governo stambolovista. Para marcar a sua política de conciliábulos, o «bloco» apresentou-se como adversário do «regime pessoal». O «bloco patriótico» desconjuntou-se nos fins de Maio do mesmo ano, quando se tornou evidente que a posição dos stambolovistas estava comprometida e que o rei Fernando tinha a intenção de chamar ao governo um dos partidos do Bloco.

(13) O governo dos democratas, aproveitando-se da crise na Turquia depois do golpe de Estado jovem-turco em 1908, proclamou, em 22 de Setembro, em Tirnovo, a independência do reino búlgaro e deu ao príncipe Fernando o título de «Czar dos Búlgaros». Em 1911, foi convocada a Quinta Assembleia Constituinte para proceder a uma alteração da Constituição. A mais importante decisão desta Assembleia diz respeito ao artigo 17, em virtude do qual o rei obtinha o direito de realizar tratados políticos sem consultar a Assembleia.

(14) *A Federação de Trabalho Americana* (American Federation of Labour) — organização sindical dos Estados Unidos, fundada em 1881, que reunia sobretudo «a aristocracia operária» e era, até 1925, dirigida por uma venal clique de dirigentes reaccionários como Gompers (que Lénine compara a Zubatov), Green e Cary, etc. Só reunia 10 a 12 por cento do proletariado americano. A burocracia da A. F. L. tomou uma posição claramente hostil em relação à Revolução Socialista de Outubro. Não só recusou aderir à Federação Mundial dos Sindicatos, como lutou para provocar a cisão do movimento sindical mundial.

(15) O delegado da União Sindical Búlgara participou na *Conferência Sindical Internacional de Paris* (17 e 18 de Agosto de 1909) com voz consultiva, visto que a União ainda não tinha definido as suas relações com o Secretariado Internacional. Foi decidido que fosse empreendido pelo Secretariado Inter-

nacional dos Sindicatos e pelo Secretariado Internacional Socialista uma acção comum sobre o problema central da conferência — «As medidas arbitrárias do governo prussiano contra os operários estrangeiros». Os delegados americanos e ingleses propuseram que fossem tomadas medidas contra a passagem de fura-greves de um país para outro. Foi chamada a atenção do Secretariado para a necessidade de entrar em relações com os sindicatos russos que, nessa ocasião, eram objecto de grandes repressões por parte do governo czarista.

A conferência recebeu um telegrama dos grevistas da fábrica de fósforos de Kostenets, pedindo ao secretariado para usar toda a sua influência para impedir o governo búlgaro de receber fósforos de outro país.

([16]) *Jouhaux, Léon* (nascido em 1878) — militante do Movimento Sindical Reformista Francês, uma das figuras marcantes da Internacional Sindical de Amsterdão. Anarquista e antimilitarista até à Primeira Guerra Mundial, depois, após a declaração de guerra, um dos mais encarniçados defensores da «paz civil». Lénine considerava-o como um dos mais repugnantes socialistas partidários dos compromissos. Jouhaux fez todos os esforços possíveis para cindir a C. G. T. em França, sem o conseguir. Organizou a «Force Ouvrière», organização sindical muito pouco influente em França.

([17]) De 1895 a 1921, a *Confederação Geral do Trabalho* foi o centro directo do movimento sindical em França. Durante a Grande Guerra e depois desta, a C. G. T. adoptou a via do compromisso com o capitalismo facto que, por volta do fim de 1921, levou à cisão, à exclusão dos elementos revolucionários que vieram a formar a Confederação Geral do Trabalho (Unitário). Depois da cisão, a C. G. T. tornou-se o pilar da Internacional de Amsterdão. Durante os primeiros anos da sua existência, a C. G. T. (U.) caracterizou-se pelas tentativas dos anarco-sindicalistas para imporem a sua influência. Em 1924, os anarco-sindicalistas abandonaram a C. G. T. (U.) quando viram que a massa dos seus membros era a favor da táctica revolucionária e dos princípios do Profintern. Actualmente, a C. G. T. é membro da F. M. C. e toma uma parte activa na luta pela paz. O órgão da C. G. T. é *A Vida Operária.*

([18]) *Karl Leguine* (1861-1920) — militante do Movimento Sindical Alemão, um social-democrata de extrema direita, membro do Reichstag a partir de 1893, presidente da União dos Sindicatos Alemães a partir de 1890, e secretário do Secretariado Internacional dos Sindicatos de que se torna presidente em 1913. Durante a guerra, Leguine foi um chauvinista encarniçado que contribuiu para a sujeição dos sindicatos aos interesses militaristas. Depois da revolução alemã de 1918, foi o organizador da por assim dizer «colaboração eficiente» dos empreiteiros com os sindicatos.

([19]) Federação Balcânica Democrática — A ideia desta Federação foi pela primeira vez lançada por ocasião da primeira

Conferência Socialista Balcânica, em Belgrado, em 1910, devido ao perigo crescente de uma agressão imperialista nos Balcãs. Os Partidos socialistas balcânicos lutavam pela harmonia fraterna e a união dos povos balcânicos, para que pudessem defender a sua liberdade e a sua independência nacional contra a cobiça das potências imperialistas. A finalidade da Federação também era «facilitar a solução de todos os problemas nacionais em litígio nos Balcãs, incluindo o problema macedónio. No âmbito desta Federação Balcânica Democrata, a Macedónia, dividida em três partes devia figurar como Estado macedónio unificado, igual em direitos» (Jorge Dimitrov).

A Federação Comunista Balcânica, fundada em 1919 e que existiu até 1939, lutou energicamente contra as tentativas dos imperialistas para fazer dos Balcãs uma praça de armas na guerra contra a União Soviética e despendeu uma grande actividade para a propaganda da verdade sobre o país dos Sovietes, por uma amizade fraterna com os povos soviéticos.

([20]) *O Secretariado Internacional Socialista* é o órgão executivo da II Internacional, criado depois do Congresso de Paris (1900) com sede em Bruxelas. Depois da ocupação da Bélgica pelos alemães durante a Primeira Guerra Mundial, este Secretariado deixou, de facto, de existir.

([21]) «*Paz civil*» — «Burgfrieden» na Alemanha, «União sagrada» na França, «Paz na indústria» na Inglaterra — palavra de ordem lançada pela burguesia durante a Primeira Guerra Mundial e retomada pela II Internacional. A sua essência consiste numa cessação da luta das classes durante a guerra. O Partido dos Socialistas de Esquerda, ao contrário dos oportunistas búlgaros, continua a orientar a luta contra a burguesia e a guerra, votando na Assembleia Nacional contra os créditos militares.

([22]) *Luxemburg, Rosa* (1871-1919) — Eminente revolucionária, um dos chefes do proletariado polonês e alemão e organizadora do Partido Comunista Alemão. Nos Congressos Internacionais de Paris (1900) e de Amsterdão (1903), com Lénine, revela-se como um dos representantes da ala esquerda da II Internacional. No Congresso de Stuttgart (1907) Lénine e Rosa Luxemburg adicionam à resolução sobre a luta contra a guerra a memorável adenda para a transformação da guerra imperialista em civil. Durante quase toda a guerra imperialista, R. Luxemburg está na prisão. Durante a insurreição de Janeiro de 1919, R. Luxemburg e K. Liebknecht são selvaticamente assassinados.

([23]) *Liebknecht, Karl* (1871-1919) — Um dos chefes do proletariado alemão, tribuno da revolução alemã. Em 1907, toma parte activa nos trabalhos da Conferência da Juventude em Stuttgart, que assenta as bases da organização política da juventude operária alemã. Depois da primeira revolução russa, insiste ardentemente para que os métodos que nela foram pra-

ticados — a greve política geral — sejam aplicados na Alemanha. A 2 de Dezembro de 1914 é o único deputado do Reichstag a votar contra os créditos militares. A partir dessa altura, Liebknecht torna-se o porta-bandeira do Internacionalismo e da luta revolucionária contra a guerra. Em 1915, Liebknecht escreve o célebre panfleto «O principal inimigo está no próprio país» e lança o «slogan» «Não à paz civil — sim à guerra civil!». No 1.° de Maio de 1916, fala no «meeting» da praça Potsdammer em Berlim, distribuindo proclamações com as palavras de ordem «Abaixo a guerra!», «Abaixo o governo!» Preso durante o «meeting», é condenado a 4 anos de trabalhos forçados. Em 1917 e 1918, da prisão, K. Liebknecht dirige aos operários alemães apelos ardentes para salvaguardarem a Grande Revolução de Outubro. A 30 de Dezembro de 1918, com Rosa Luxemburg, dirige a Conferência da União dos Spartaquistas, transformando a conferência em Congresso Constitutivo do Partido Comunista Alemão. Como dirigente da insurreição de Janeiro de 1919 em Berlim, K. Liebknecht e R. Luxemburg são selvaticamente assassinados no dia 19 de Janeiro de 1919 pelos esbirros dos social-democratas Ebert e Scheidman.

(24) Trata-se da Entente, na qual participavam a França, a Rússia, e a Inglaterra e à qual a Itália que até à guerra tinha sido membro da Tripla Aliança, se juntou em 1915.

(25) *Asquith, Herbert Henry* (1852-1928) — Homem de Estado inglês, chefe do Partido Liberal, advogado. De 1892 a 1895 foi ministro do Interior no gabinete de Gladstone. É por sua ordem que a polícia atira sobre os mineiros em greve de Federston. Primeiro-ministro de 1908 a 1916. Nas vésperas da guerra, submete à aprovação do parlamento a lei do Home Rule que concede um governo autónomo à Irlanda e que é por duas vezes rejeitada pela Câmara dos Lordes. Substituído por Lloyd George em 1916; depois de ter recebido o título de lorde, Asquith deixa de desempenhar um papel activo.

(26) A 23 de Abril de 1916, os operários revolucionários e os nacionalistas, organizados no seio de um exército civil irlandês e de destacamentos de voluntários (que mais tarde viriam a formar o Exército Republicano Irlandês), ocupam Dublin e proclamam a República da Irlanda. Dublin consegue resistir cinco dias, mas as esperanças numa insurreição geral revelam-se enganadoras, em consequência da traição da burguesia nacional e a insurreição é cruelmente reprimida, todos os seus chefes são executados. Esta insurreição é conhecida pelo nome de «Páscoa sangrenta». Segundo Lénine, a infelicidade dos irlandeses reside no facto de se insurgirem quando a insurreição europeia ainda não atingiu a maturidade.

(27) O *Manifesto do Partido Comunista* foi escrito por Marx e Engels a pedido da União dos Comunistas — a primeira organização internacional do proletariado revolucionário, fundada em 1847 em Londres. «Este pequeno livro tem o valor

de volumes. Até agora, todo o proletariado organizado e combatente do mundo civilizado viu e progrediu graças ao seu espírito» (Lénine, tomo II, pp. 10-11 da edição do Partido Comunista Búlgaro).

(28) *A Internacional* ou Sociedade Internacional dos Operários dirigida por Karl Marx, foi fundada em 1864.

Na declaração dos princípios, que se intitula *Manifesto Constitutivo*, Marx desenvolve ideias já expostas no *Manifesto Comunista*. Marx considera que a nova organização tem como principal tarefa tornar-se uma organização de classe do proletariado, totalmente independente das outras classes. Atribui como objectivo último à luta de classes do proletariado a vitória do socialismo e, como meio, a conquista do poder político pelo proletariado.

(29) Depois da revogação das leis de execução dirigidas contra os socialistas, foi convocado um congresso nacional alemão dos sindicatos (em Malberstadt, de 14 a 18 de Março de 1892). Nele é eleito uma comissão sindical geral, que tem como presidente Karl Leguine. Esta comissão sindical não só se torna o centro da federação de todo o movimento sindical alemão, como também do oportunismo entre o movimento operário. Os sindicatos alemães seguem a táctica da «neutralidade» e têm o nome de sindicatos «livres».

(30) *Guilherme II* (1859-1941) — Último imperador alemão e rei da Prússia. Político medíocre e limitado, Guilherme II é conhecido pelos seus discursos grandiloquentes e pomposos, expressando a agressiva política externa do imperialismo alemão. A Revolução de Novembro na Alemanha obrigou Guilherme II a abandonar o seu trono e a fugir para os Países-Baixos (9 de Novembro de 1918). Solidarizou-se com os hitlerianos em 1940 e saudou a invasão dos Países-Baixos pelas tropas nazis.

(31) Veja nota 14.

(32) *O anarco-sindicalismo* ou auto-sindicalismo aparece durante os anos oitenta do século XIX, como variedade do anarquismo. Os anarco-sindicalistas partem do princípio de que só os sindicatos seriam uma pura organização de classe, que só a greve seria uma forma natural da luta das classes, em consequência do que têm uma atitude negativa para com as lutas políticas do proletariado e da ditadura do proletariado. Subestimam a importância da greve geral e são hostis à insurreição armada. Antigamente, o anarco-sindicalismo estava bastante desenvolvido em França, na Itália e na Espanha. Depois da Grande Revolução de Outubro, o anarco-sindicalismo como movimento no seio da classe operária internacional foi liquidado.

(33) Depois da derrota de Koltchak de Denikine, a Entente decidiu recorrer, por um lado, ao reaccionário burguês e, de facto, chefe de Estado polaco — Pilsudski, e por outro — ao general Wrangel. Em Abril de 1920, as tropas polacas pene-

traram na Ucrânia e apoderaram-se de Kiev, enquanto Wrangel avança do Sul e ameaça a bacia do Don. Os exércitos vermelhos passam a uma contra-ofensiva e aproximam-se de Varsóvia. A Polónia assina a paz com os Sovietes (20 de Outubro de 1920).

([34]) *A Organização Internacional do Trabalho* é fundada em 1919 junto da Sociedade das Nações. É necessário assinalar de entre as suas tarefas: o estatuto internacional da legislação social, a investigação científica e a troca de informações sobre as condições de trabalho. Toda a sua actividade está ao serviço dos capitalistas. O Secretariado Internacional do Trabalho é o aparelho executivo da Organização Internacional do Trabalho; o Secretariado está subordinado ao Conselho Administrativo. A Organização Internacional do Trabalho é subsidiada pela Sociedade das Nações e trabalha em estreito contacto com a Internacional de Amsterdão.

([35]) *O II Congresso do Profintern* realizou-se em Moscovo de 19 a 22 de Dezembro de 1922. Desenrola-se sob o signo da luta pela formação de uma frente única. O período entre o primeiro e o segundo congressos caracteriza-se por uma ofensiva do capitalismo à escala internacional. Em numerosos países, o dia de trabalho de 8 horas é revogado; por quase toda a parte, os salários são diminuídos. A partir de 1921, o Profintern dirige-se por três vezes à Internacional de Amsterdão, com propostas de acção comum de luta contra a ofensiva do capital, de combate contra a reacção na Espanha e na Jugoslávia; contudo não obtém nenhuma resposta.

Na sua resolução, o Congresso sublinha a necessidade de criar uma frente única.

O problema de organização também foi objecto de um exame da parte do II Congresso; sobre este ponto realizaram-se animadas discussões, em que J. Dimitrov tomou parte.

([36]) *O governo operário saxão* foi formado a 11 de Outubro de 1923 em virtude do movimento revolucionário das massas que se estende a toda a Alemanha, em conexão com a ocupação do Ruhr pelas tropas franco-belgas. O governo tem cinco sociais-democratas e dois comunistas. Os comunistas no seio do governo saxão seguem uma política de capitulação e os socialistas ditos «de esquerda» impedem o proletariado de se armar durante o desenvolvimento da revolução na Alemanha. A 30 de Outubro de 1923 as tropas do Reich expulsam o governo operário saxão.

([37]) Sob a direcção da «*União Popular*» e da Liga Militar, com o apoio do exército e dos destacamentos armados macedónios, é perpetrado um golpe de Estado fascista durante a noite de 8 para 9 de Junho. Na província, em muitos distritos, as massas populares revoltam-se espontaneamente, de armas na mão, contra o golpe de Estado. À cabeça dos insurrectos encontram-se comunistas e agrários. Contudo, o «putsch» fascista é bem sucedido. A principal causa disso reside na ausência de unidade de acção entre a União Popular Agrária Búlgara e o Partido Comunista bem como na decisão do Partido Comunista de não agir, partindo do ponto de vista de que a luta iniciada diz respeito a duas facções da burguesia.

([38]) *A lei sobre a propriedade fundiária explorada pelos trabalhadores*, adoptada a 25 de Abril de 1921 pela XIX Assembleia Nacional, prevê a criação de um fundo fundiário para a expropriação dos grandes proprietários rurais das terras na sua posse que excedam os 30 hectares. Este fundo serve para fornecer terras aos camponeses que as não possuam; o pagamento efectua-se em 20 anos.

([39]) *Liaptchev, Andrei* (1866-1933) — Homem político burguês, um dos dirigentes do Partido Democrático. Depois da Primeira Guerra Mundial, Liaptchev é um dos chefes do «Bloco Constitucional» e depois do golpe de Estado de 9 de Junho de 1923 da «União Democrática».

([40]) *Narod* — Diário, órgão do Partido dos «Obchtodeltsi» (isto é, da causa comum com a burguesia). É publicado de 15 de Novembro de 1911 até 30 de Junho de 1934 e distingue-se pelo seu chauvinismo e as suas calúnias anti-soviéticas.

([41]) *Epokha* — Diário social-democrata sob a redacção de Grigor Tchechmedjiev, é publicado em Sófia de 1923 a 1925.

([42]) *Guenadiev, Nicolas* (1866-1923) — Homem político e jornalista burguês. Ministro da Justiça, depois do Comércio e da Agricultura nos gabinetes dos liberais (1903-1908). Ministro dos Negócios Estrangeiros no gabinete de Radoslavov de 1913 a 1915.

([43]) *Daskalov, Raiko* (1886-1923) — Um dos chefes da União Popular Agrária Búlgara e ministro no governo de A. Stamboliiski, fuzilado em 1923 pelos fascistas, depois do golpe de Estado fascista de 9 de Junho.

([44]) Liga Militar «Kubrat» — Organização fascista ilegal, fundada em 1922. Os seus estatutos são elaborados no espírito do Partido fascista italiano.

([45]) *Adler, Friedrich* — Um dos dirigentes do Partido Social-Democrata Austríaco e da II Internacional.

([46]) *Tseretéli, I. G.* — Social-democrata russo, menchevique, um dos mais activos inimigos da União Soviética.

([47]) Sociedade Cooperativa Operária «Osvobojdénie» — Fundada em 1919. Conta vários departamentos. O das construções efectua trabalhos de construção para o Partido e os sindicatos em todo o país. O departamento de produção dá provas de uma actividade tão ampla como variada no domínio da importação e da exportação de mercadorias de consumo corrente. A sociedade organiza a colecta, a armazenagem, o transporte e sobretudo a exportação de cereais colectados pelos trabalhadores com vistas a auxiliar a população na União Soviética, atingida pela má colheita de 1921. O departamento das edições e a tipografia desempenham um papel muito importante ao encarregarem-se do financiamento da edição de

todas as publicações do Partido: jornais, revistas, brochuras e obras traduzidas.

([48]) Algum tempo após o 9 de Junho de 1923, o Partido Comunista não foi formalmente dissolvido mas de facto trabalha em plena clandestinidade. Em Fevereiro de 1934 o Congresso Constitutivo decide a formação de um Partido legal sob o nome de «Partido de Trabalho» como emanação legal do Partido Comunista. Este Partido tem o seu órgão — *Znamé na Truda (Bandeira do Trabalho).*

([49]) Trata-se da Conferência de Vitocha do Partido Comunista Búlgaro, que se realizou nos dias 17 e 18 de Maio de 1924.

([50]) O V Congresso da Internacional Comunista realizou-se em Moscovo, de 17 de Junho a 8 de Julho de 1924.

Título: Obras Escolhidas — I
Autor: Jorge Dimitrov
Editor: Editorial Estampa, Lda.
Oficinas: Guide - Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 5200 ex.
Acabou de se imprimir: Em 29 de Janeiro de 1976